

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

DANIELA KETZER MILANO

UMA VILA OPERÁRIA NA COLÔNIA ITALIANA
O CASO GALÓPOLIS
(1906 - 1941)

Porto Alegre

2010

DANIELA KETZER MILANO

UMA VILA OPERÁRIA NA COLÔNIA ITALIANA
O CASO GALÓPOLIS
(1906 - 1941)

Dissertação apresentada como requisito
para a obtenção de grau de Mestre pelo
Programa de Pós-Graduação em História
pela Pontifícia Universidade Católica do
Rio Grande do Sul

Prof^ª. Orientadora: Dr^ª. Núncia Santoro de Constantino

Porto Alegre

2010

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

M637v

Milano, Daniela Ketzer

Uma vila operária na colônia italiana: o caso Galópolis (1906-1941) /
Daniela Ketzer Milano. – Porto Alegre, 2010.
184 f. : il.

Diss. (Mestrado) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Programa
de Pós-Graduação em História, PUCRS, 2010.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Núncia Santoro de Constantino.

1. História. 2. História e Arquitetura. 3. Arquitetura Popular. 4. Habitação
Popular. 5. Urbanismo. 6. Imigração Italiana. 7. Vilas Operárias. I.
Constantino, Núcia Santoro de. II. Título.

CDD: 981.65

Alessandra Pinto Fagundes
Bibliotecária
CRB10/1244

DANIELA KETZER MILANO

UMA VILA OPERÁRIA NA COLÔNIA ITALIANA
O CASO GALÓPOLIS
(1906 - 1940)

Dissertação apresentada como requisito
para a obtenção de grau de Mestre pelo
Programa de Pós-Graduação em História
pela Pontifícia Universidade Católica do
Rio Grande do Sul

Aprovada em _____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA:

Prof^ª. Dr^ª. Núncia Santoro de Constantino – PUCRS

Prof^ª. Dr^ª. Raquel Rodrigues Lima – PUCRS

Prof^ª. Dr^ª. Vania Beatriz Merlotti Herédia – UCS

AGRADECIMENTOS

Agradeço em especial ao Programa de Pós-Graduação em História, da PUCRS, que confiou a História a uma arquiteta, e à Prof. Dr^a Núncia Santoro de Constantino, pela excelente orientação.

Ao CNPQ, pela Bolsa concedida.

Aos meus professores da Especialização em Arquitetura e Patrimônio Histórico no Brasil da Faculdade de Arquitetura - FAUPUCRS -, que me incentivaram e que me recomendaram ao Mestrado, Prof^ª Dra. Nara Helena N. Machado, Prof. Dr. Günter Weimer e Prof. Ms. Renato Menegotto.

Aos responsáveis pelos acervos pesquisados: Arquivo Municipal João Spadari Adami; Setor de Arquivo do Iphan RS; Biblioteca da PUCRS, Biblioteca da UCS; Acervo de Arquitetura da Biblioteca da UniRitter; Acervo Sehbe S.A; Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de Galópolis e a Paróquia da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário de Galópolis.

Ao Presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de Galópolis, Renato Dall’Agnol, pelo contato dos depoentes e pelo fornecimento de material.

À Prof. Dr^a Vania Beatriz Merlotti Herédia, que tão prestativamente me forneceu material e informações para a pesquisa.

À Rosa Diligenti, da Cootegal, pela fundamental cooperação no fornecimento de fontes.

Aos depoentes, que abriram as portas de suas casas para contar a sua História, esperando a pesquisadora com fotos e com documentos para ajudar na pesquisa. Alguns foram além dos depoimentos, visitando com a autora os prédios de interesse deste estudo, por exemplo: Agostino Fontana; Dorvalino Mincato e Dilá Mincato; Edelfina Furlanetto Pinto; Renato Dall’Agnol; Talita Moschen; Walter Marchioro e Maria Lourdes Vial Marchioro.

À minha família e a Rogério Pinto Dias de Oliveira, pelo companheirismo e pela paciência.

Aos amigos Letíssia Crestani, pela ajuda nas transcrições das entrevistas, e a Luciano Amaro e Luciana Vega Barcelos, que me acompanharam em viagens.

À Família Pedron, pelas dicas fundamentais que contribuíram com a pesquisa.

À Domenica Felicita Trentin Bertolozzo, Elzira Maria Sirena e Ivone N. Rigon, que mostraram ou que me relataram sobre as casas da vila operária.



*Descendo a Serra em direção
à Nova Petrópolis um grupo
de telhados pontiagudos
chama a atenção.*

Que Arquitetura é aquela?

RESUMO

A vila operária de Galópolis, localizada em Caxias do Sul, surgiu a partir da formação de uma cooperativa de imigrantes italianos originários do antigo Lanificio Rossi, da cidade de Schio, Itália, que faziam parte do programa oficial de imigração italiana financiado pelo Governo brasileiro para ocupar e para colonizar aquelas terras. Inicialmente, ocuparam os lotes rurais, exercendo atividades agrícolas, porém nunca abandonaram o ofício da tecelagem.

Anos mais tarde alguns desses imigrantes construíram um barracão para abrigar uma cooperativa têxtil, chamada Società Tevere e Novità. A partir do seu crescimento, a tecelagem transformou-se em lanifício. Com o ingresso de Hércules Galló na sociedade, foram construídas as habitações para os trabalhadores da fábrica, inicialmente construídas em madeira, sendo substituídas gradualmente pelas unidades de alvenaria de tijolos.

O Lanificio adquiriu diversos imóveis na localidade; contudo, os exemplares mais significativos e que são alvo deste estudo fazem parte do conjunto ao redor da *atual praça*. Dito de outra maneira, um grupo de edifícios de serviços que foram sendo construídos com a função de aporte a esses funcionários, bem como pelas casas que se desenvolveram na nova malha urbana fomentaram a vila operária de Galópolis.

A escolha do objeto de estudo se dá em razão de ser um dos últimos exemplares de vila operária ainda edificada no Brasil. Além da relevada importância como patrimônio histórico a ser preservado, representa uma formação atípica de um conjunto habitacional fabril dentro da colônia italiana. A pesquisa vai além das análises dos conceitos da Arquitetura, relatando o histórico da evolução das moradias dos funcionários e as contribuições que os imigrantes e que os seus descendentes incorporaram às edificações em relação aos seus costumes e aos modos de morar.

Palavras-chave: Galópolis, habitação operária, imigração italiana, costumes, modos de morar, urbanização, Arquitetura popular.

ABSTRACT

The workers' village of Galópolis, located in Caxias do Sul, arose from the formation of a cooperative of Italian immigrants from the former Wool Rossi, in the city of Schio, Italy, who were part of the official program of Italian immigration financed by the Brazilian government to occupy and colonize those lands. Initially, they occupied rural lots, exercising agricultural activities, but never abandoned the craft of weaving.

Years later some of these immigrants built a shed to house a textile cooperative called Società Tevere and Novità. From its growth, weaving became wool manufacturer. With the entry of Hercules Gallo in society, the houses were built for workers of the factory, originally built in wood, being gradually replaced by brick masonry units.

The Wool manufacturer acquired several properties in the locality, however, the copies which are the most significant aim of this study are the ones which are part of the set around the current square. In other words, a group of service buildings that were built with a support function to these officials, as well as the houses that were built up within the new urban fabric and formed the workers' village of Galópolis.

The choice for the present study is based on the grounds that they consist in one of the last examples of workers' village still standing in Brazil. Besides its importance as historical heritage to be preserved, they represent an unusual formation of a housing factory in the Italian colony. The research goes beyond the analysis of architecture concepts, describing the historical evolution of housing officials as well as the contributions that the immigrants and their descendants brought forth to the building from their customs and ways of living.

Keywords: Galópolis, worker's housing, italian immigration, customs, ways of living, urbanization, popular Architecture.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
 CAPÍTULO 1	
QUESTÃO HABITACIONAL OPERÁRIA NA EUROPA	17
1.1 O SURGIMENTO DA CIDADE INDUSTRIAL.....	17
1.2 PROBLEMAS E SOLUÇÕES DA MORADIA OPERÁRIA.....	21
1.3 A CIDADE INDUSTRIAL DE SCHIO: LANIFÍCIO ROSSI.....	33
 CAPÍTULO 2	
FORMAÇÃO DE GALÓPOLIS	51
2.1 MOVIMENTO OPERÁRIO NO VÊNETO E EMIGRAÇÃO PARA O BRASIL.....	51
2.2 IMIGRANTE ITALIANO NO LOTE COLONIAL.....	55
2.2.1 Adaptação ao lote e subsistência.....	55
2.2.2 Arquitetura vernacular e costumes trazidos da Itália.....	62
2.3 INDÚSTRIA TÊXTIL E PRIMEIRAS HABITAÇÕES DO LANIFÍCIO.....	74
 CAPÍTULO 3	
EVOLUÇÃO DA VILA OPERÁRIA	87
3.1 CASAS PARA FUNCIONÁRIOS NO CONTEXTO HISTÓRICO DO LANIFÍCIO...87	
3.2 ADAPTAÇÕES NA CASA OPERÁRIA.....	97
3.3 CONFORMAÇÃO URBANA: FÁBRICA, SERVIÇOS E HABITAÇÕES.....	102
3.3.1 Implantação do conjunto.....	102
3.3.2 Desenvolvimento do Lanifício.....	105
3.3.3 Casas de Hércules Galló.....	108
3.3.4 Prédios construídos a partir dos Chaves Barcellos.....	110
3.3.5 Edificações ao redor da praça.....	114
 CAPÍTULO 4	
A VILA OPERÁRIA E SUA ARQUITETURA	
4.1 PARTIDOS FORMAIS DAS CASAS OPERÁRIAS DE ALVENARIA.....	121

4.1.1 Características gerais.....	121
4.1.2 Habitações de tijolos.....	122
4.1.3 Casas de primeira e de segunda ordem.....	125
4.1.4 Casas de terceira ordem.....	133
4.1.5 Materiais de acabamento interno das casas de tijolos.....	139
4.1.6 Casas de quarta ordem.....	140
4.2 ANÁLISE DA ARQUITETURA DA VILA OPERÁRIA EM RELAÇÃO A OUTROS MODELOS.....	143
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	168
REFERÊNCIAS.....	174

INTRODUÇÃO

O tema proposto aborda a problemática da habitação popular da vila operária e seu surgimento como medida para sanar as precárias formas de moradia dos operários europeus a partir da Revolução Industrial e as repercussões que tais medidas tiveram no Lanificio Rossi na cidade de Schio, ao norte da Itália, até a implantação da vila operária de Galópolis.

O distrito de Galópolis¹ é uma povoação de colonização italiana situada em Caxias do Sul, no nordeste do Estado do Rio Grande do Sul. Está localizado na extremidade sul da quinta légua², vizinha à nordeste da terceira légua e a noroeste da quarta légua.

Esta localidade inicialmente foi denominada pelos primeiros colonizadores de *Profondo*, devido à sua conformação geográfica, isto é, estar em um vale montanhoso. Recebeu a sua denominação atual a partir de uma homenagem a Hércules Galló³, fundador da referida vila.

A idéia da pesquisa sobre a vila operária de Galópolis nasce com o Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em Arquitetura e Patrimônio Histórico no Brasil, da PUCRS, orientado pelo Prof. Dr. Günter Weimer, iniciado em 2006. Porque o assunto suscitou novas hipóteses e porque o material apresentava grande potencial, o estudo evoluiu para esta Dissertação de Mestrado.

O presente trabalho é fruto da constatação da escassez de bibliografia sobre a questão da Arquitetura Habitacional Operária no Rio Grande do Sul; ainda, dentro do viés da imigração italiana, o assunto é inédito. Em relação à abordagem da vila operária de Galópolis, existem trabalhos em outras áreas do conhecimento, porém com o olhar arquitetônico, nada foi encontrado.

Esta pesquisa vem elucidar a importância para o conhecimento acerca das questões da habitação operária, da sua inserção no contexto histórico, social e econômico do Brasil, visto que a maior parte dos exemplares de vila operárias no País, do mesmo período ou anteriores a este, encontram-se em péssimas condições ou desativadas. Embora as casas da vila operária de Galópolis estejam em ótimas condições de conservação, estas estão passando por um processo de descaracterização.

¹ Atualmente é Terceiro Distrito da cidade de Caxias do Sul.

² Denominação dada aos territórios destinados à colonização italiana.

³ Informações de janeiro de 1937, coletadas do *Livro do Tombo* da Paróquia da Igreja Matriz de Galópolis. p. 1.

O conjunto de moradias de madeira, já demolidas, que faziam parte do complexo da tecelagem, nunca havia sido abordado como tema de pesquisa. Portanto, a presente dissertação pretende ser, também, um documento de registro tanto da Arquitetura que ainda persiste quanto da que se perdeu materialmente.

A escolha pelo estudo da vila operária de Galópolis deu-se em razão da hipótese de que este conjunto habitacional fabril se conforma a partir de uma Arquitetura com características atípicas dentro dos conceitos de implantação de uma Colônia italiana.

O questionamento sobre os motivos que levaram à formação desta vila e quais foram os modelos arquitetônicos seguidos para a construção das habitações operárias, foram os fatores que nortearam a elaboração deste texto.

Desta forma, o objetivo principal é analisar se a vila operária de Galópolis sofreu influência do modelo do bairro operário de Lanificio Rossi de Schio e da Arquitetura das casas da colônia italiana.

Como objetivos específicos identificar quais são os hábitos e costumes que os imigrantes e que os seus descendentes adaptaram às moradias operárias.

Outro objetivo foi desenvolver a pesquisa dentro dos conceitos da História da longa duração, analisar os problemas e as soluções para a moradia operária desde a Revolução Industrial, bem como acompanhar o movimento migratório dos trabalhadores do Lanerossi⁴ de Schio até a implantação e a evolução das casas para trabalhadores do Lanificio São Pedro Galópolis.

Um fator importante a considerar é que o presente estudo, além de abordar duas áreas pouco exploradas dentro do campo da Arquitetura, a saber, a Arquitetura popular da imigração italiana no Rio Grande do Sul⁵ e a das vilas operárias, fornece material historiográfico e iconográfico para ambos os temas.

O primeiro passo, a fim de adquirir as fontes primárias foi a busca das plantas originais das casas da vila operária de Galópolis. Com este material em mãos, seria possível

⁴ Nomenclatura presente na bibliografia pesquisada, pela qual também era denominado o Lanificio Rossi de Schio.

⁵ “Um estudo dentro da Arquitetura popular é de grande contribuição para o nosso País, posto que a matéria ainda não encontrou seu devido lugar nos tratados de Arquitetura”. Ver: WEIMER, Günter. **A Arquitetura popular da imigração alemã**: um estudo sobre a adaptação da Arquitetura centro-européia ao meio rural do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado do Curso de Pós-Graduação em História da Cultura. Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul, 1980. p. 13.

Na presente dissertação, o conjunto de casas da vila operária de Galópolis foi classificado como Arquitetura popular, por se tratar de uma Arquitetura construída em série pelos próprios fundadores e funcionários do Lanificio. O conjunto foi edificado provavelmente sem um profissional habilitado; assim sendo, nasce a partir da experiência de seus construtores dentro do conceito de Arquitetura vernacular, ou seja, com materiais e com técnicas construtivas que eram disponíveis no local.

precisar a origem, a data e a autoria dos projetos bem como facilitar a análise de sua Arquitetura. Depois de incessantes buscas, foi realizado um levantamento das habitações e desenho das mesmas, visto que o projeto original da vila operária não existia ou encontrava-se extraviado, de acordo com as informações do IPHAN⁶.

Vale a pena referir também que o trabalho se desenvolveu através de ampla pesquisa de campo, guiada a partir das informações fornecidas informalmente ou em depoimentos. Nas viagens a Galópolis, o tempo foi dividido entre o levantamento fotográfico, a coleta dos depoimentos, a busca das plantas originais; além disso, desenvolveu-se a pesquisa nos Acervos Municipal João Spadari Adami, do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Têxtil de Galópolis, da Paróquia da Igreja Nossa Senhora do Rosário e da Cia. Sehbe S.A.⁷.

Enriqueceu a pesquisa a disponibilidade dos depoentes e dos moradores em fornecer material e informações sobre o assunto estudado - fotografias de família, documentos, livros, cartas, entre outros, compõem um material coeso de estudo. Estas descobertas ultrapassaram as expectativas, pois pessoas se dispuseram a percorrer Galópolis para o levantamento fotográfico das casas da vila operária, das casas da Colônia e para a coleta de material no acervo da fábrica.

Como metodologia principal, foram utilizados os princípios interdisciplinares da Nova História, no que diz respeito à utilização das fontes, que proporcionaram estudos de caso qualitativo e crítico-comparativo. De acordo com as idéias de Le Goff:

(...) a multiplicidade de documentos: escritos de toda espécie, documentos figurados, produtos das buscas arqueológicas, documentos orais, estatística, uma fotografia, um filme, uma ferramenta, são, para a História Nova, documentos de primeira ordem⁸.

Ainda, o presente estudo baseou-se na multidisciplinaridade, conceito básico da Escola dos Annales, cujas idéias estão de acordo com a Historiografia dinâmica e com a utilização das “ciências vizinhas”.

Entre as diversas fontes, a oralidade que surge concretamente nas entrevistas, adquiriu destaque e objetividade dentro da pesquisa. Para tanto, desenvolveu-se um projeto de entrevistas denominado *descendentes italianos de Galópolis*. Em relação aos depoimentos de imigrantes, Constantino comenta que:

⁶ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

⁷ Empresa que comprou o Lanifício em 1979 da antiga proprietária, a família Chaves Barcellos.

⁸ LE GOFF, Jacques. **A História nova**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 27.

Independentemente de modelos, os depoimentos registrados são ricos de indícios que remetem ao cotidiano dos imigrantes e de suas famílias, ao trabalho que desenvolveram, à cidade européia que ficou para trás, à cidade brasileira que se transformou e que é lembrada pelo olhar desacostumado e distante daquele que foi um estrangeiro. Complexidade do fenômeno da imigração, não mais um contingente sem rosto⁹.

A História Oral proporcionou, juntamente com o levantamento fotográfico das casas, da fábrica e da Colônia, a investigação dos modos de vida dos descendentes dos imigrantes italianos. Os depoimentos empregados como fonte de estudo, conforme destaca Bom Meihy, (...) serviram como caminho adicional para atingir um objetivo que, por sua vez, depende de outros fatores complementares que podem ou não ser qualificados como História Oral¹⁰.

O conjunto de entrevistas¹¹ forneceu elementos suficientes para se efetuar o cruzamento entre os depoimentos e as fontes primárias, a fim de recompor o projeto original das casas, tanto das de alvenaria quanto das de madeira. Da mesma forma, também estabeleceu conceitos crítico-comparativos entre a tipologia da habitação operária do Lanifício São Pedro com outros modelos de vilas operárias.

Para estabelecer as datas aproximadas da construção das edificações, foi necessário inseri-las no contexto histórico das várias administrações no desenrolar do desenvolvimento do Lanifício. Este processo foi complexo, porque, além das fontes já mencionadas, foi necessário sobrepor os recursos disponíveis: a análise das ampliações fotográficas da época da sua construção, comparando-as com as datas de outras fontes primárias, como atas, certidões, levantamentos urbanísticos e arquitetônicos¹² e mapas¹³.

⁹ CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Nas entrelinhas da narrativa: vozes de mulheres imigrantes. **Estudos Ibero-Americanos**, Revista do Pós-Graduação em História da PUCRS, Porto Alegre, v. 32, n. 1, p. 73, 2006.

¹⁰ BOM MEIHY, José Carlos Sebe. **Manual de História Oral**. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996. p. 20.

¹¹ Durante as entrevistas, também foram obtidas informações espontâneas dos depoentes, que provavelmente não se encontrariam em outras fontes, a saber, como era realizado o fornecimento de água, de luz e de saneamento das casas, como era a vida do operário fabril; a trajetória de suas vidas e de seus antepassados na Itália e aqui no Brasil; com quem casaram; aonde foram morar e como era a sua casa; como era a relação de trabalho no Lanifício; quais as atividades comunitárias que exerciam nos períodos de folga; como adaptaram o cultivo da horta e a criação de pequenos animais no novo lote semi-urbano.

¹² Na ausência das plantas originais para a análise arquitetônica foram utilizadas as plantas e mapas dos seguintes levantamentos: Levantamento Arquitetônico do Conjunto Residencial de Galópolis de Juarez Settin em 1980. Acervo: Cia. Sehbe S.A. e Levantamento arquitetônico do Trabalho de Preservação e Valorização da Paisagem Urbana em Núcleos de Colonização Italiana e Alemã. Executores: MEC; SEC; SPHAN; Fundação Nacional Pró-Memória; Secretaria do Interior; Desenvolvimento Regional e Obras Públicas – SDO/ Superintendência do Desenvolvimento Urbano e Administrativo Municipal – Surbam; Instituto Gaúcho de Tradições – IGTF. Colaboradores: Prefeitura Municipal de Caxias do Sul/ Gabinete Municipal de Administração e Planejamento – Gamaplan/ Setor de Patrimônio Histórico. Supervisão: Arq. Julio N. B. Curtis. Responsáveis Técnicos: Ana Lúcia Meira, Beatriz Polidoro, Marilice Costi. Assessoramento da proposta urbanística: Arq. Glenda Pereira da Luz. Colaboração: Acad. Maria Cristina Hofer e Sérgio Mojen Marques. 1984.

A presente fonte foi fornecida e faz parte do Acervo do Setor de arquivo do IPHAN.

¹³ É possível classificar nesta categoria outros documentos iconográficos do gênero, tais como os esquemas de implantação urbana, as fotografias e as plantas arquitetônicas.

Tais utilizações se justificam nas palavras de Le Goff: “(...) a importância da Cartografia para a História Nova, grande produtora e consumidora de mapas, não de simples mapas de orientação ou de ilustração, mas de mapas de pesquisa e de explicação, justificados pelo desejo da longa duração¹⁴”.

A discussão teórica a respeito do objeto de estudo também teve como bases fundamentais as idéias da Nova História de Lucien Febvre e Marc Bloch, que refere aos preceitos da longa duração.

Os dados da análise sobre o problema da habitação operária foram discutidos à luz dos conceitos de Leonardo Benevolo e Lewis Mumford, teóricos da Arquitetura e do Urbanismo. De acordo com estes autores, as primeiras e mais importantes contribuições sobre a questão da habitação operária são as descrições de Friedrich Engels¹⁵, descritas em suas principais obras bibliográficas.

A situação de emergência vivida pelos trabalhadores durante a Revolução Industrial foi denunciada através das comissões de inquérito do jornalismo, dos relatórios médico-sanitaristas, das produções literárias e iconográficas que serviram como referência para as elaborações de reformas urbanas e para os programas de habitação social. Estes problemas foram retratados por John Tagg em *El peso de la Representación*.

Sob o olhar do Urbanismo, com ênfase nas medidas para sanar os problemas das habitações operárias, pós-Revolução Industrial, destacam-se os autores como Françoise Choay na obra *O Urbanismo* e as idéias de Fernando Chueca Goitia em *Breve histórico do Urbanismo*.

Para o estudo sobre o modelo arquitetônico utilizado pelo Arquiteto Antonio Caregaro Negrin para a criação do Novo Quarteirão, o bairro operário do Lanificio Rossi de Schio, de onde partiram os emigrantes-operários italianos em direção a Galópolis, foram utilizadas as bibliografias de Elisa e Leonardo Travi, Giovanni Luigi Fontana¹⁶ e Antônio Folquito Verona¹⁷.

A inevitável comparação entre o modelo de vila operária do Lanificio Rossi com as idéias da cidade-jardim de Ebenezer Howard foi realizada de forma sucinta, porém com bases nos conceitos do autor em sua importante obra, *Cidades-jardins de amanhã*.

¹⁴ LE GOFF, 1998, op.cit., p. 27.

¹⁵ Além das descrições de Engels sobre a habitação operária durante a Revolução Industrial, outras formas de analisar as condições de vida dos trabalhadores foram através das litogravuras de Gustave Doré, que retratavam o modo como estas pessoas moravam e como interagem fora do ambiente da fábrica.

¹⁶ Docente do Departamento de História da Faculdade da Università di Padova, estuda os campos do patrimônio industrial e desenvolvimento local e História Econômica.

¹⁷ Prof. Dr. em História Econômica pela USP. Coordena o grupo de pesquisa CNPQ: **A imigração de operários têxteis de Schio, Vicenza, Itália**.

A inserção da indústria têxtil no panorama denominado *tardio* da Revolução Industrial italiana e os motivos que levaram os operários a emigrarem do Lanificio Rossi na Itália para a região de Galópolis foram tratados através de Emilio Franzina. Entre as principais referências bibliográficas do autor, destacam-se: *A grande emigração*. Outro estudo que foi consultado dentro do assunto foi *Italianos do Brasil*, de Franco Cenni.

As considerações sobre a imigração italiana, sobre a colonização do Rio Grande do Sul e sobre a ocupação dos lotes coloniais¹⁸ foram elaboradas, seguindo Angelo Trento, Olívio Manfroi, Núncia Santoro de Constantino e Franco Cenni.

Embora se tenha comentado sobre os aspectos históricos e econômicos dos imigrantes, a ênfase do assunto esteve no tipo de habitação e ao seu modo de morar no novo terreno rural. No campo da Arquitetura popular, o assunto ainda é pouco explorado; contudo, para contextualizar a Arquitetura e os costumes da colonização italiana no Rio Grande do Sul, foram utilizadas as imagens e os conceitos definidos por Júlio Posenato e Rovílio Costa. Também fizeram parte das exemplificações deste tipo de Arquitetura os estudos de Günter Weimer, Paulo Iroquez Bertussi e Nestor Goulart Filho.

Anteriormente ao aprofundamento sobre o surgimento e sobre o desenvolvimento da vila operária de Galópolis e do Lanificio São Pedro, foi necessário contextualizá-los de forma breve em relação às questões da industrialização no Estado. Para tanto, foram utilizados os conceitos de Sandra Jatay Pesavento em *História da indústria no sul-rio-grandense*.

Das obras, *Processos de industrialização da zona colonial italiana e Hércules Galló: vida e obra de um empreendedor*, de Vania Merlotti Herédia, foram extraídos os conceitos iniciais de exploração sobre a formação de Galópolis e sobre a Historiografia do Lanificio.

Na análise crítico-comparativa entre a arquitetura da vila operária em estudo e os outros modelos, além das fontes iconográficas, foram utilizados os conceitos de Arquitetura de Francis Ching, Nabil Bonduki e Luciano Patetta; como também os já citados autores Günter Weimer, Rovílio Costa e Paulo Iroquez Bertussi.

Para que fosse possível entender o raro exemplar da vila operária de Galópolis, foi realizado um estudo retrospectivo, abordando a problemática e as soluções desde o surgimento das primeiras habitações para trabalhadores na Inglaterra e a sua evolução. Segue, pois, um estudo da implantação da tecelagem e do conjunto arquitetônico para os funcionários do Lanificio Rossi em Schio, retratando os fatos que levaram os seus operários a emigrar para a região de Galópolis.

¹⁸ Terras que posteriormente constituíram o povoado de Galópolis.

Desta forma, no primeiro capítulo, a pesquisa propõe uma retomada do contexto do surgimento da Revolução Industrial na Europa, a partir do início do século XIX, que desencadeou um processo de transformação da estrutura da sociedade, gerando grande explosão demográfica nas cidades, assim como uma exacerbada falta de moradia.

Também foram apresentadas algumas formas de solução para o problema da habitação na Europa e o estudo da implantação e da Arquitetura do Novo Quarteirão do Lanifício de Schio.

O segundo capítulo tratou sobre os motivos que levaram os operários do Lanifício Rossi a emigrarem através do programa oficial de imigração financiado pelo Governo brasileiro que tinha como finalidade ocupar e colonizar terras, instalando-se em lotes coloniais que posteriormente constituíram o povoado de Galópolis.

Logo após, foram abordados os modos de adaptação e de subsistência da família imigrante no lote colonial. Também foram descritas as principais soluções arquitetônicas utilizadas para as primeiras moradias de acordo com os costumes trazidos da Itália.

Entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX, aconteceram sucessivos fatos que acompanharam o surgimento e o desenvolvimento do Lanifício na região ítalo-brasileira bem como a evolução do conjunto de casas para funcionários que formaram a vila operária de Galópolis. No seu entorno, criou-se uma malha urbana composta por residências e por edifícios de aporte à fábrica.

A primeira fase de Galópolis compreendeu o início da povoação instalada na localidade em 1876. A cooperativa têxtil, que se chamou Società Tevere e Novità foi formada na última década do século XIX e durou até a entrada de Hércules Galló na Sociedade em 1906.

A partir desta data, inicia-se a construção das primeiras casas de madeira que ocorreu em meados de 1912, data em que a antiga cooperativa de Hércules Galló se funde com a Casa Comercial Chaves & Almeida. A partir de então, os antigos cooperativados tornam-se funcionários. Este momento dura de 1912 a 1928, chamado neste estudo de segunda fase.

Entre 1912 e 1918 foram construídas as primeiras casas de alvenaria de tijolos; contudo, até a morte de Galló, em 1921, este conjunto ainda não havia sido terminado.

O terceiro capítulo expõe o desenvolvimento da vila operária do Lanifício São Pedro. A terceira fase da construção das casas foi compreendida a partir da compra de todas as ações da família de Galló, em 1928, pela família Chaves Barcellos. O Lanifício e a vila operária passam a ser gerenciados, exclusivamente por Orestes Manfro. Com o seu falecimento em 1934, João Lanner Spinato assume o mesmo cargo. Em sua administração, foram concluídas

as obras de construção das moradias operária bem como a criação de outros modelos em madeira sem valor arquitetônico. Este último ainda foi protagonista de uma série de inovações em Galópolis e responsável pela implementação de vários prédios de aporte aos moradores locais.

A administração da família Chaves Barcellos durou entre 1928 e 1979 e representou um período de grande expansão da indústria têxtil na região colonial. À medida que o Lanificio crescia, incorporava outras atividades econômicas presentes na vila, porém sem perder o perfil da população local e a continuidade da cultura italiana.

A quarta fase é marcada pela síntese do assunto, pois não faz parte do recorte de tempo; optou-se por descrever o percurso e o destino da vila operária e do Lanificio desde a década de 1970 até os dias atuais. Após o reflexo da crise econômica sofrida por muitas indústrias no Rio Grande do Sul em 1979, a sociedade é vendida para o grupo Kalil Sehbe, a qual se uniu o Lanificio à Cia. Sehbe Indústria e Exportação em 1983. Nesta transição, as moradias da vila operária foram oferecidas aos funcionários que quisessem comprá-las.

Depois da falência do grupo, o Lanificio retornou à origem inicial, isto é, ao cooperativismo. Foi adquirida por ex-funcionários, muitos deles descendentes dos seus antigos fundadores, que a estão administrando pelo nome de Cootegal Cooperativa Têxtil Galópolis Ltda.

Portanto, no terceiro capítulo além de descrever o desenvolvimento do Lanificio São Pedro, coube também, o processo investigativo arquitetônico do conjunto de casas e edifícios complementares pertencentes ao conjunto operário de Galópolis.

O quarto capítulo esclarece sobre as questões formais¹⁹, finalizando essa trajetória com a análise crítico-comparativa entre a habitação do imigrante italiano no Rio Grande do Sul, a implantação das casas do bairro operário do Lanificio Rossi e a tipologia da vila operária de Galópolis. Também foram feitas pequenas menções às moradias para trabalhadores inglesas e paulistas como parâmetro comparativo, porém sem adentrar nas peculiaridades de tais vilas.

Neste momento, novamente os conceitos da Nova História se fazem presentes a partir de Marc Bloch e da Escola dos Annales, quando se enfatiza que: “(...) a importância do estudo chamado de *História comparativa*²⁰”.

¹⁹ Análise quanto à tipologia arquitetônica, uso de materiais construtivos, setorização e usos dos ambientes, conceitos de hierarquia e linearidade e inovações construtivas.

²⁰ BURKE, Peter. **A revolução francesa da Historiografia**: a Escola dos Annales (1929-1989). 3. ed. 2. reimp. São Paulo: Editora da UNESP, 1991. p. 30.

CAPÍTULO 1

QUESTÃO HABITACIONAL OPERÁRIA NA EUROPA

1.1 O SURGIMENTO DA CIDADE INDUSTRIAL

A Revolução Industrial ocorrida na Inglaterra integra o conjunto das “Revoluções Burguesas” do século XVIII, responsáveis pela crise da passagem do capitalismo comercial para o industrial. Os outros dois movimentos que a acompanham são a Independência dos Estados Unidos (1776) e a Revolução Francesa (1789), sob a influência dos princípios iluministas. Em seu sentido mais pragmático, a Revolução Industrial significou a substituição da ferramenta pela máquina e contribuiu para consolidar o capitalismo como modo de produção dominante. Esse momento revolucionário, de passagem da energia humana para a motriz, é o ponto culminante de uma evolução tecnológica, social e econômica, que vinha se processando na Europa.

Dentre as transformações de que o homem já sofreu, talvez este período tenha sido um dos mais significativos na História, pois não foi marcado apenas por fenômenos ocorridos na esfera industrial. Foi também um período que transformou diretamente vários setores da sociedade, causando uma revolução no Urbanismo, na agricultura, nos meios sociais e de transporte, na saúde e na Economia.

O primeiro cenário do fenômeno chamado industrialismo deu-se na Inglaterra, seguida por países como a França e a Alemanha; posteriormente, atinge todo o continente Europeu, tendo papel fundamental na indústria têxtil.

Cabe referir agora que o processo de manufatura artesanal em meados do século XVIII, desenvolvido pelos camponeses na unidade habitacional, é substituído pelo tear mecânico e pela subdivisão do trabalho industrial. A divisão de tarefas, executada antes por uma só pessoa, além de desenvolver a técnica, aumentou enormemente o número de peças de produção.

As transformações da forma de produção, de acordo com o que afirma Benevolo, acarretaram a migração da população agrícola “para onde existe força motriz, para os

estabelecimentos industriais²¹”. Neste sentido, a procura de novas fontes de energia fez com que a manufatura têxtil tradicional abandonasse a sua base predominantemente rural e concentrasse mão-de-obra e instalações primeiramente junto aos cursos d’água e, depois, perto dos depósitos de carvão²².

O aumento da produção e da procura pela diversificação de bens exigiu a concentração das fábricas, principalmente, próximas de centros urbanos; como resultado, aumentou o número de mão de obra disponível que pudesse atender ao aumento da demanda de consumo. De acordo com Goitia:

Não se deve perder de vista que um dos fatores importantes, exigido pelo novo sistema de produção em massa, era o fornecimento de trabalho humano, tratado quase como uma mercadoria nessa primeira época do industrialismo, áspera e seca. Era necessário ter à disposição um grande *stock* humano, quanto mais desprotegido e miserável melhor, visto que o seu trabalho podia ser contratado em condições mais favoráveis para o patrão²³.

Mediante tais transformações e com o crescimento do número de operários, foi possível adquirir um desenvolvimento qualitativo da produção e alcançou-se o progresso do industrialismo, através da busca de novos dispositivos e de melhorias substanciais na execução de operações mecânicas. A busca de matérias-primas e de formas de distribuição da produção ao mercado consumidor fez surgir novos meios de transporte para a distribuição dos produtos manufaturados. No entanto, o fator humano de produção não evoluía juntamente com o desenvolvimento fabril, fator este que rebaixava as condições de trabalho a subumanas.

O grande contingente de trabalhadores fez crescer o operariado. Para atender à grande demanda de moradia dessa nova classe de trabalhadores vinda do campo, formaram-se bairros na periferia dos grandes centros²⁴. De acordo com Choay: “Finalmente, a suburbanização assume uma importância crescente: a indústria implanta-se nos arrabaldes, as classes média e operária deslocam-se para os subúrbios e a cidade deixa de ser uma entidade espacial bem delimitada²⁵”.

Nas cidades européias, os primeiros bairros possuíam precárias condições para a vida humana, apresentando grande densidade demográfica, intenso aproveitamento do terreno e ausência de espaços livres e pátios.

²¹ BENEVOLO, Leonardo. **História da cidade**. 3. ed. 2. reimp. São Paulo: Perspectiva, 2003. p. 551.

²² Este processo se acelerou depois da descoberta da máquina a vapor por Watt em 1775.

²³ GOITIA, Fernando Chueca. **Breve História do Urbanismo**. 7. ed. Lisboa: Editorial Presença, 2008. p. 147.

²⁴ Criou-se, assim, um modelo de complexo urbano, em que a fábrica era seu núcleo principal formador juntamente a um conjunto de estabelecimentos que davam aporte à vida dos moradores.

²⁵ CHOAY, Françoise. **O Urbanismo: utopias e realidades, uma antologia**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 4.

Na primeira metade do século XIX, os problemas da cidade industrial aparecem de forma grave e intolerável aos seus cidadãos. Além da insalubridade, o congestionamento do tráfego passou a ameaçar os moradores da cidade.

Vale frisar, porém, que o mundo industrial não era composto apenas por proletários: cidades como Londres também abrigavam camponeses desempregados que compunham o grande exército industrial de reserva e um número considerável de viúvas e de órfãos completava o quadro de miséria dos centros urbanos. Havia também um número cada vez maior de intelectuais, cientistas, médicos, advogados e arquitetos; ainda, a aristocracia decadente desfrutava de certa bancada no Parlamento. Para os habitantes dos núcleos urbanos, crescia a preocupação com a propagação de pestes, decorrentes da falta de salubridade das áreas de alta densidade demográfica.

Algumas cidades, como Leeds, possuíam um plano urbanístico segregacionista, já que os bairros operários eram situados distantes do centro da cidade e, muitas vezes, sem acesso à locomoção, à pavimentação e ao saneamento básico, formando-se deste modo verdadeiras ilhas isoladas no contexto urbano, como afirma Tagg:

Nos anos 1850 foi-se impondo em Leeds uma segregação muito mais rígida, à medida que as classes médias escapam por cima da fumaça, nos subúrbios do norte, deixando para trás de si os trabalhadores, nas zonas industriais que estavam atados pelo emprego ocasional, às largas horas de trabalho e a ausência de transporte público barato²⁶.

A especulação imobiliária reconhecia nessas habitações uma forma de explorar ainda mais os trabalhadores através da construção de casas (de um ou de no máximo dois cômodos) para abrigar essa “massa de miseráveis”.

A ausência de planejamento urbano, as precárias condições de higiene, a falta de ventilação e de luz solar nas estreitas ruelas na zona de Quarry Hill, bairro operário da referida cidade, foram descritos na obra *El Peso de la Representación*, de John Tagg, como um dos locais que mais gerou preocupação pública quanto ao alto índice de mortalidade, devido às péssimas condições de vida da classe proletária. Desta forma, o amontoamento das áreas insalubres, as más condições de trabalho, a fumaça (Figura 01) e os detritos das fábricas tornaram-se foco de proliferação de doenças, como, por exemplo, a cólera, a tuberculose, o

²⁶ TAGG, John. **El peso de la representación**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1988. p. 170.

tifo, e a disenteria²⁷. Assim, salienta o jornal inglês *Leeds Mercury*, “A cidade inteira poderia ter passado por um terremoto aos olhos de um arquiteto²⁸”.

Além do desenfreado fluxo da população rural para as cidades, o interesse dos especuladores imobiliários em ter o máximo aproveitamento do lucro nos aluguéis agravava a crise do alojamento, aumentando ainda as precárias habitações para os trabalhadores. Estes fatores contribuíram para que a crise da habitação não ficasse limitada à classe operária, mas atingisse igualmente à pequena burguesia. A respeito disso, Engels refere:

Os bons alojamentos são tão caros que é absolutamente impossível serem habitados pela grande maioria de operários. O grande capital receia arriscar-se nas habitações destinadas às classes trabalhadoras, que, levadas pela necessidade de residir, caem nas garras da especulação²⁹.



Figura 01: Postcardcollection of Maggie. Fumaça ao redor da indústria, no bairro operário de Quarry Hill
Fonte: Disponível em: <<http://www.maggielblanck.com>>. Acesso: junho de 2008.

Os problemas e o perigo do alastramento de doenças causadas pelas más condições das habitações ameaçavam as classes sociais mais favorecidas, porque as fábricas, segundo Goitia, desenvolveram-se não só em bairros isolados dos centros das cidades mas também nas “próprias cidades antigas, as grandes capitais do período barroco, pois era nelas que precisamente se encontrava aquele excedente de população miserável, tão útil ao fabricante em determinadas ocasiões³⁰”.

²⁷ Estes problemas geraram uma série de investigações governamentais e privadas, que classificaram a cidade de Leeds na Inglaterra como a pior em qualidade de vida já vista até então.

²⁸ Jornal de Leeds que denunciava as más condições pelas quais os operários fabris vinham passando. Ver: TAGG, 2005, op. cit., p. 161.

²⁹ ENGELS, Friedrich. **A questão da habitação**. Belo Horizonte: Aldeia Global, 1979. p. 25.

³⁰ GOITIA, 1982, op. cit., p. 148.

Os centros das cidades, onde estavam localizados os principais monumentos históricos, acabaram sendo abandonados pela população mais abastada, visto que o seu sistema viário não atendia mais ao desenvolvimento dos meios de transporte e não comportava a nova exigência de moradias mais amplas. Os grandes prédios públicos, como conventos e palácios, foram abandonados para abrigar uma nova função: passaram a ser “divididos em pequenas moradias improvisadas, os jardins por trás das casas em fileira, os jardins maiores dos palácios, os hortos, foram ocupados por novas construções, casas e barracões industriais³¹”.

Já na periferia industrial não era comum a homogeneidade funcional dos edifícios, encontrada na cidade antiga. O poder da barganha adquiriu vulto, através das representações arquitetônicas do lote e da população que nele habitava. A ocupação das áreas caracterizou-se em partes, a saber, em bairros de luxo, construções de grande porte soltas no lote; em áreas de indústria e bairros pobres, utilizando o máximo aproveitamento do solo.

Os fenômenos da transição urbana – como a multiplicação dos centros urbanos, a transformação das aldeias em cidades e das cidades em metrópoles. Entretanto ocasionaram boa parte do deslocamento da população européia para outros continentes. Mumford explica que “a urbanização aumentou quase em proporção direta à industrialização³²”. Entretanto, os problemas e os questionamentos sobre a habitação não acompanharam o crescimento no mesmo ritmo, de tal forma que estas questões foram tema de inúmeros debates e tentativas de soluções por profissionais de várias áreas do conhecimento para sanar tal crise.

1.2 PROBLEMAS E SOLUÇÕES DA MORADIA OPERÁRIA

As transformações, ocasionadas pelo desenvolvimento da Revolução Industrial, fizeram surgir uma grande demanda de trabalhadores que precisaram trocar as suas casas no campo, a produção manual agrícola e artesã, pelas grandes cidades em busca de novas oportunidades de emprego.

Essas alterações na forma de trabalho ocasionaram a troca do sistema de moradia do ex-camponês, o abandono da propriedade rural, da casa e da horta. Na cidade, o novo trabalhador fabril se transforma de proprietário a locatário. Sobre isso, Engels afirma: “É

³¹ BENEVOLO, 2003, op. cit., p. 565.

³² MUMFORD, Lewis. **A cidade na História**: suas origens, transformações e perspectivas. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1982. p. 490.

assim que o cultivo da horta e do campo pelos velhos tecelões rurais, foi causa de tão longa resistência da tecelagem manual ao tear mecânico³³”.

Com os avanços da indústria, o tear manual acabou trocado pelo tear mecânico, assim como na agricultura a exploração de grandes terras eliminou a pequena cultura; ainda, o trabalho individual e manual foi substituído pela produção do trabalho coletivo. Dentro destas novas realidades, e sem opção de escolha, o produtor camponês se aloja precariamente nas grandes cidades.

Surgem inúmeras descrições sobre a precariedade das habitações para abrigar o contingente da nova classe proletária, porém a unanimidade destes relatos se refere ao máximo aproveitamento do solo, “pois onde quer que houvesse um pedacinho de espaço entre as construções da época precedente, continuou-se a construir e a remendar, até tirar de entre as casas a última polegada de terra livre ainda suscetível de ser utilizada³⁴”.

O caos é representado em duas formas de morar para o operário fabril: na primeira, nos edifícios do centro das cidades barrocas, constituídos em um núcleo já estruturado na Idade Média ou na Idade Moderna; na segunda, em casas enfileiradas na periferia ou em moradas sobrepostas em edifícios de muitos andares.

A respeito disso, Benevolo comenta a moradia operária da grande cidade: “a casa, por sua vez, pode ser melhor do que a cabana onde a mesma família morava no campo: os muros são de tijolos em vez de madeira, a cobertura é de ardósia e não de palha, a mobília e os serviços são primitivos ou não existem³⁵”. Apesar de a habitação urbana aparentemente apresentar uma evolução no uso dos materiais de construção e na sua organização tipológica, ela perde em termos de ocupação, porque a casa rural, embora seja marcada pela simplicidade, era habitada por uma única família e possuía muito espaço ao redor, onde os dejetos podiam ser descartados com facilidade.

Já nos novos bairros operários, o esgoto corre a céu aberto, os animais e seus excrementos se acumulam em meio às pessoas. As casas são habitadas por várias famílias onde não há distinção entre cômodos para filhos e pais, pessoas seminuas dormem no mesmo ambiente, sem distinção de idade ou sexo. Os sótãos, bem como os porões, são úmidos e insalubres, ocupados por vários indivíduos ainda mais pobres. Como descreve Goitia:

³³ ENGELS, 1979, op. cit., Prefácio XIII.

³⁴ Benevolo comenta a respeito das transformações sofridas pela cidade industrial, utilizando para caracterizá-las a famosa descrição de Engels sobre o centro de Manchester em 1845.

³⁵ BENEVOLO, 2003, op. cit., p. 566.

Ao princípio os bairros operários, a que os anglo-saxões chamavam de *slums* (...) tomaram formas e características diferentes nos vários países, mas todos tinham em comum uma regularidade fria e atroz, e uma grande densidade no que se refere ao aproveitamento do terreno. Com o critério do mais seco utilitarismo, tirava-se o maior partido do solo prescindindo-se de espaços livres e pátios³⁶.

As imagens de Gustave Doré (Figuras 02 e 03) ilustram bem o estado de pobreza dos *slums*, como eram chamados os primeiros bairros operários. O referido artista apresenta o amontoamento de casas e de pessoas em ambientes restritos, situação completamente oposta ao ambiente campestre.

Na maioria dos casos, a ventilação das primeiras casas operárias nos bairros periféricos era realizada através de pátios quadrados, com pequenas variações na sua forma, que se localizavam no meio dos quarteirões e que ficavam dispostos entre duas ruas (Figura 04). O acesso à rua era feito através de ruelas estreitas geralmente cobertas; ainda, a proximidade das casas, a fumaça caseira e a das fábricas agravavam a falta de ar e de ventilação das habitações. Neste sentido Benevolo observa: “O ar não pode absolutamente sair daí; as próprias chaminés das casas, enquanto o fogo é mantido aceso, constituem a única via de saída para o ar viciado dos pátios³⁷”.



DUDLEY STREET, SEVEN DIALS.

Figura 02: Uma rua de um bairro pobre de Londres (Dudley Street). Gravura de Gustavo Doré de 1872
 Fonte: BENEVOLO, Leonardo. **Diseño de la ciudad** - el ambiente de la Revolución Industrial. 3. ed. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1982. p. 17

³⁶ GOITIA, 1982, op. cit., p. 150.

³⁷ BENEVOLO, 2003, op. cit., p. 566.

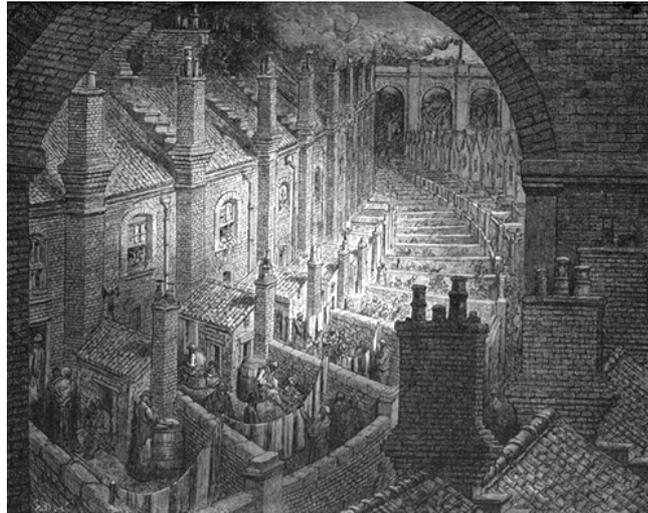


Figura 03: Os bairros pobres de Londres. Gravura de Gustavo Doré de 1872
 Fonte: BENEVOLO, 1982, op. cit., p. 16.

A seguir, adotou-se um outro modo de construir casas destinadas aos trabalhadores: empresários passaram a edificar conjunto de habitações em série para aluguel que compunham os primeiros bairros operários ingleses. Desta maneira, Engels descreve as moradias operárias:

Estas são então dispostas da seguinte maneira: um lado é constituído pelas casas da primeira fileira, que são tão afortunadas por ter uma porta posterior e um pequeno pátio, e pelas quais é pedido um aluguel dos mais altos. Por trás do muro dos pátios destas casas há uma viela apertada, a rua secundária, que é obstruída por construções nas duas extremidades e na qual desemboca lateralmente um estreito beco ou uma passagem coberta. As casas que dão para este beco pagam um aluguel menor que os outros, geralmente são as mais desleixadas. Elas têm o muro posterior em comum com a terceira fileira de casas, que olham do lado oposto para a rua, e pagam um aluguel inferior ao da primeira fileira, mas superior ao da segunda³⁸ (Figura 05).

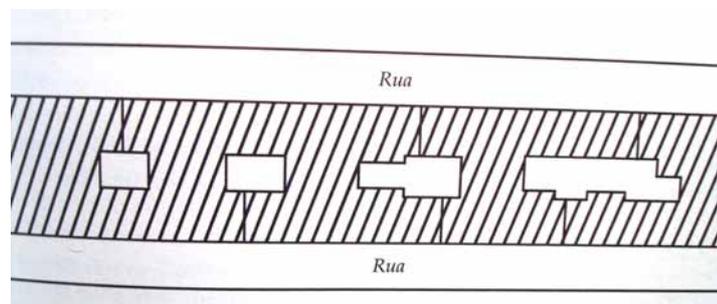


Figura 04: Detalhe dos primeiros bairros de Manchester. Os vazios no meio da hachura eram os pátios internos
 Fonte: ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Global, 1985. p. 97.

³⁸ ENGELS, 1985, op. cit., p. 68.

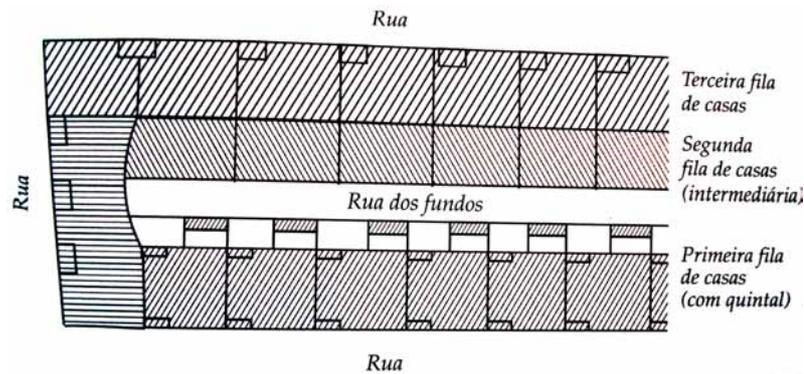


Figura 05: Detalhe do segundo exemplo de Bairro de Manchester
 Fonte: ENGELS, 1985, op. cit. p. 99

Para amenizar o desconforto pela falta de ar e de iluminação natural das habitações dos primeiros bairros operários de Manchester (Figura 04) foi proposto o modelo de construção da Figura 05, no qual as primeiras fileiras passaram a apresentar um sistema de ventilação mais eficaz, em relação ao antigo. Contudo a fileira central e a segunda fileira de casas eram mal iluminadas, mal ventiladas e sujas.

Vale a pena referir que esse modelo se caracterizou principalmente pela hierarquização do espaço, da forma e da organização do conjunto e pela distribuição das unidades ao longo de uma fita. Primeiramente se implantou nos novos focos populacionais em que a Revolução Industrial se consolidava; todavia com o passar do tempo, esses agrupamentos habitacionais, embriões das futuras vilas operárias, expandiram-se pelo mundo industrial.

As áreas centrais de Paris também sofrem críticas em relação ao intenso aglomerado de pessoas, tematizando questões relativas à habitabilidade e à higiene. Conforme descrição publicada em 1848 – pouco antes das intervenções promovidas por Haussmann –, sobre esta questão Chevalier relata:

(...) quase todas as ruas nessa maravilhosa Paris não são nada mais do que ruelas sujas continuamente inundadas por águas fétidas. Uma multidão esfarrapada e com aspecto doentio perpetuamente ocupa essas ruelas, com seus pés na sarjeta, seus narizes infectados, seus olhos revoltados com o mais repulsivo lixo em cada esquina. O trabalhador melhor pago mora nessas ruas. Essas são ruelas, também, em que duas pessoas não podem caminhar lado a lado, esgoto de esterco e lama, no qual o explorado e sucumbido habitante diariamente respira a morte. Essas são as ruas da velha Paris, ainda intactas. A cólera castigou tão dolorosamente no que passou que esperou que eles não estivessem mais lá se ela voltasse; mas a maioria continua lá, continuam no mesmo estado, e a cólera talvez retorne³⁹.

³⁹ CHEVALIER, Louis. **Labouring classes and dangerous classes in Paris during the first half of the nineteenth century**. Trad. de F. Jellinek. New Jersey: Princeton University Press, 1973. p. 155-156. Tradução livre da autora.

Com a expansão das pestes que vinham atingindo principalmente a classe operária, ao favorecer deste modo a proliferação de doenças infecto-contagiosas e o risco de epidemia em toda Europa entre as décadas de 1830 e 1840, foram necessárias reformas emergenciais de cunho sanitário e a criação de uma legislação que tratasse da construção e da manutenção das densas conurbações.

Estas mudanças começam a ser traçadas a partir das críticas de dois grupos: de um lado, o grupo de inspiração humanitária, médicos-sanitaristas, urbanistas e políticos, entre outros; por outro lado, os pensadores políticos, “de espíritos mais diversos e por vezes opostos, como Matthew Arnold e Fourier, Proudhon e Carlyle, Engels e Ruskin, que se reuniram para denunciar a higiene física deplorável das grandes cidades industriais⁴⁰”.

Através da análise destas descrições, formaram-se grupos para julgar medidas urbanísticas e de saúde, com a finalidade de sanar a grave situação de deteriorização física e moral em que vivia o proletariado industrial:

Publicaram séries de artigos em jornais e revistas, particularmente na Inglaterra, onde a situação é mais aguda; é sob a influência deles que, nesse país, serão nomeadas as célebres Comissões Reais de pesquisa sobre a higiene, cujos trabalhos, publicados sob forma de Relatórios ao Parlamento, forneceram uma soma insubstituível de informações sobre as grandes cidades dessa época e contribuíram para a criação da legislação inglesa do trabalho e da habitação⁴¹.

Paralelamente ao desenvolvimento da cidade liberal, surgiram modelos de cidades ideais, porém utópicas, como solução para o problema da habitação, como o Falanstério (Figura 06) de Charles Fourier (1772-1837) e a Icária de Victor Considérant (1808-1893). Foram, pois, propostas consideradas impossíveis na primeira metade do século XIX e ultrapassadas na segunda metade do século XX.

Na tentativa de solucionar os problemas acima citados, a indústria procurou diversas alternativas, entre elas a criação da fábrica modelo e a criação das vilas ferroviárias e operárias. Uma das maneiras encontradas para estes assentamentos foi a construção de edifícios denominados *casa-quartel* e *fábrica-internato*, na maioria das vezes com vários andares de dormitórios e com um refeitório comunitário, considerados austeros pelos críticos.

⁴⁰ CHOAY, 2007, op. cit., p. 6.

⁴¹ Ibid., p. 5.

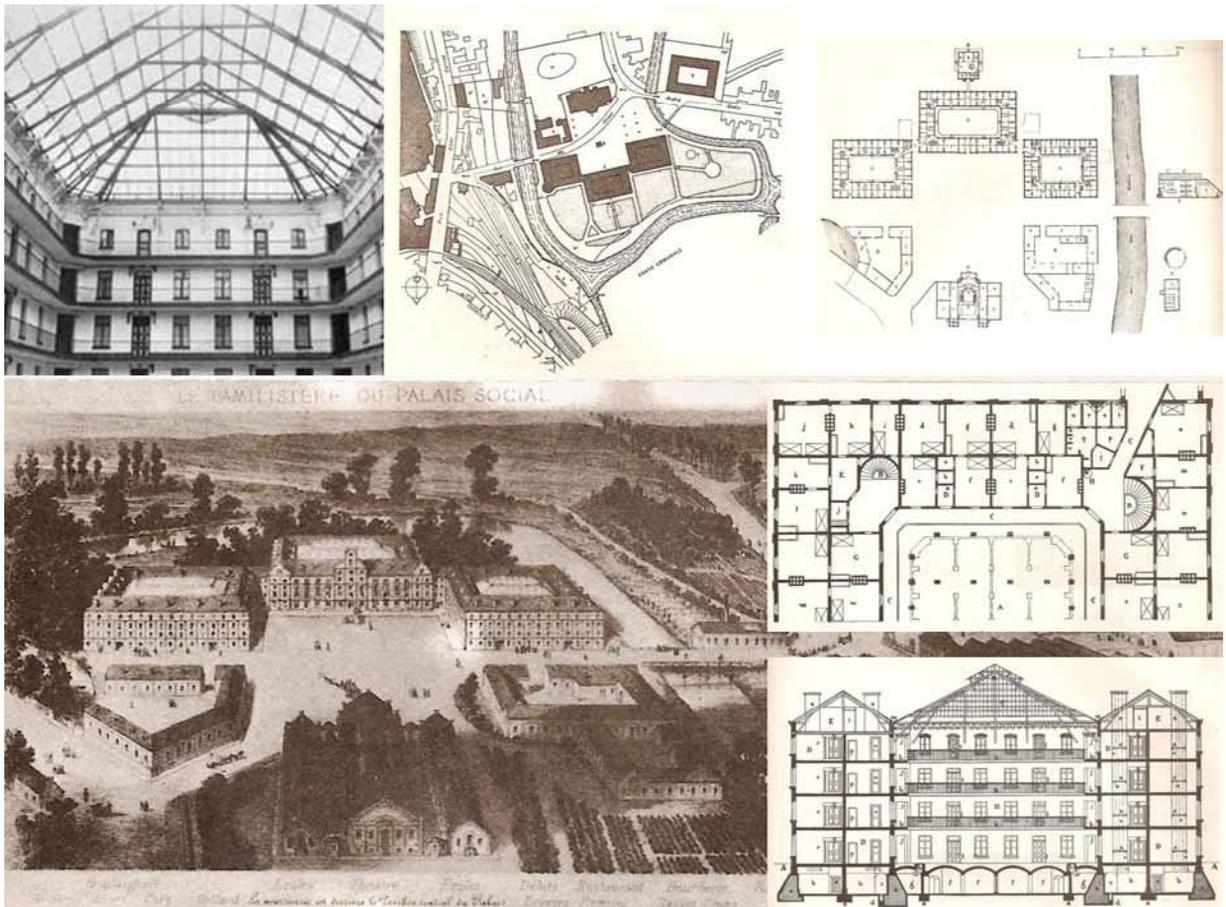


Figura 06: Falanstério de Fourier. Vista do *Palácio Social*, apresentando complexo programa de atividades urbanas em edifício.

Fonte: Disponível em: <<http://morarcoletivo.blogspot.com/2007/05/familistrio.html>>. Acesso: agosto de 2008.

Outras medidas para tentar solucionar o problema da habitação operária foi a proposta de redução da jornada de trabalho, o melhoramento do habitat social e das máquinas. A prática da escolaridade e a criação de maternais também se destacam como medidas importantes para sanar as más condições de vida dos operários.

Vale ressaltar agora que a *Sociedade para a Melhoria das Condições da Classe Operária* patrocinou em 1844, em Londres, a construção dos primeiros apartamentos para operários; ainda, entre 1848-1850, um protótipo de casa operária de dois andares e de quatro apartamentos para a Exposição Internacional de 1851. Todavia, o marco inicial da longa trajetória francesa na execução de edificações para abrigar a classe operária, foi a criação da *Société des Ouvriers de Paris*, com o propósito da construção das vilas operárias. A primeira realização dessa comissão foi a *Cité de la Rue Rochechouart*, batizada de *Cité Napoléon*.

Em 1850, na Inglaterra, nas proximidades de Brandford, o industrial Titus Salt, produtor da indústria têxtil de lã, contratou os arquitetos Lockwood e Mawson para “construir

o primeiro conjunto residencial do mundo, com 820 casas em uma área dominada pela fábrica⁴²” (Figura 07).

O projeto inovador “foi fundado em 1851⁴³”, visando propiciar qualidade de vida inigualável para operários, até o momento. O conjunto, além da fábrica, abrigava casas e apartamentos de dois ou três dormitórios e um complexo de prédios para atividades complementares à vida do operário junto à fábrica, tais como hospitais, escolas, banheiros públicos e, até mesmo, um parque.



Figura 07: À esquerda, fábrica; e à direita, a vila operária de saltaire

Fonte: Disponível em: <<http://www.flickr.com/photos/spss354177349500x324-104k-jpg>>. Acesso: agosto de 2008.

Além das mudanças em relação ao sistema de saneamento, a “nova cidade” do século XIX conta com mudanças estruturais, conforme expõe Benevolo:

Para fins residenciais, os terrenos podem ser explorados de duas maneiras economicamente quase que equivalentes: com baixa densidade para as casas dispendiosas (as pequenas *villas* destinadas às classes abastadas) e com alta densidade para as casas mais econômicas (os edifícios de muitos andares na linha da rua, destinados às classes mais modestas)⁴⁴.

⁴² PEVNER, Nikolaus. **Origens da Arquitetura moderna e do Design**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 194.

⁴³ BENEVOLO, 2003, op. cit., p. 582.

⁴⁴ Ibid., p. 576.

Entretanto, especificamente, as habitações para trabalhadores de Saltaire, foram uma solução intermediária entre as casas burguesas da periferia e as habitações sociais em fita, pois possuem um pequeno jardim (Figura 09), e a caixa de rua⁴⁵ apresenta um distanciamento maior em relação às casas do lado oposto. As moradias possuem ventilação e insolação adequada, o seu tamanho e o número de quartos estão compatíveis para uma família. Os edifícios também estão agrupados linearmente, porém dispostos em blocos (Figura 07), o que garante um espaço confortável entre estes.



Figura 08: Fachada frontal das casas de Saltaire

Fonte: Disponível em: <<http://www.heritageexplorer.org.uk>>.

Acesso: agosto de 2008.

⁴⁵ Termo utilizado que se refere à largura de toda a rua, incluindo a parte por onde passam os veículos e as calçadas de ambos os lados.



Figura 09: Rua central das casas da vila operária de *Saltire*. Pequeno jardim e distanciamento entre as casas
 Fonte: Disponível em: <<http://www.heritageexplorer.org.uk>>.
 Acesso: abril de 2008.

A iniciativa de seu empreendedor Titus Salt se adiantou à Lei de 1875 e às ações saneadoras posteriores à sua construção, principalmente no que diz respeito à rigidez e à ordem da regulação da disposição das residências fabris (Figuras 10 e 11). Sobre a cronologia destes regulamentos, Howard comenta:

Em 1848 aparece na Inglaterra a primeira lei reguladora introduzindo um método de controle da construção das edificações e das ruas. Esta lei é complementada pela de 1851, 1858 e 1875, esta última dando poderes às autoridades locais para elaborarem regulamentos de controle de construção de casas e os espaços entre elas. São as leis sanitárias os primeiros instrumentos práticos do Urbanismo moderno. Como todas as leis urbanísticas, irão produzir um novo espaço urbano⁴⁶.

⁴⁶ HOWARD, Ebenezer. **Cidades-jardins de amanhã**. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 2002. p. 24.

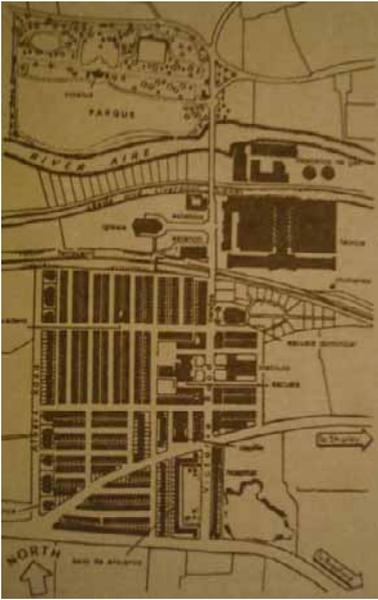


Figura 10: Zoneamento da cidade de Saltaire. Habitações e infra estrutura separadas da fábrica pela ferrovia
 Fonte: HOWARD, 2002, op. cit., p. 26

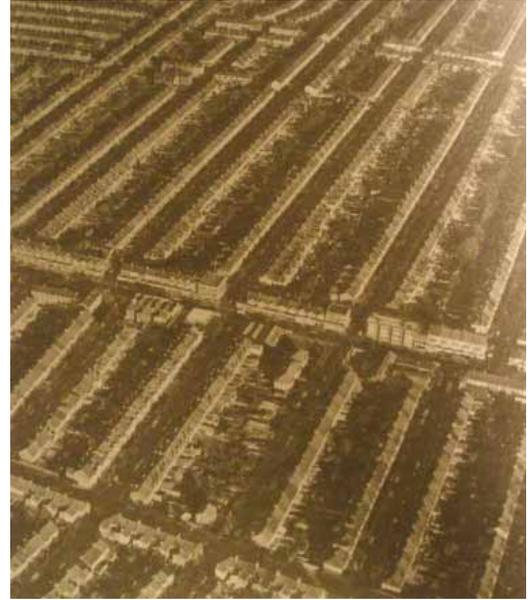


Figura 11: *Houses By Law*, Ilford, Londres
 Desenvolvimento em traçado regular ditado pelas normas de 1875.
 Fonte: HOWARD, loc. cit .



Figura 12: Aldeia operária construída pela Artisans, Labourers and General Dwellings Co, em Shaftesbury Park, Londres. Iniciativa privada de construção para aliviar a falta de alojamento na cidade, visando ao lucro dos aluguéis.
 Fonte: Disponível em: <<http://www.edinphoto.org.uk>>. Acesso: abril de 2008

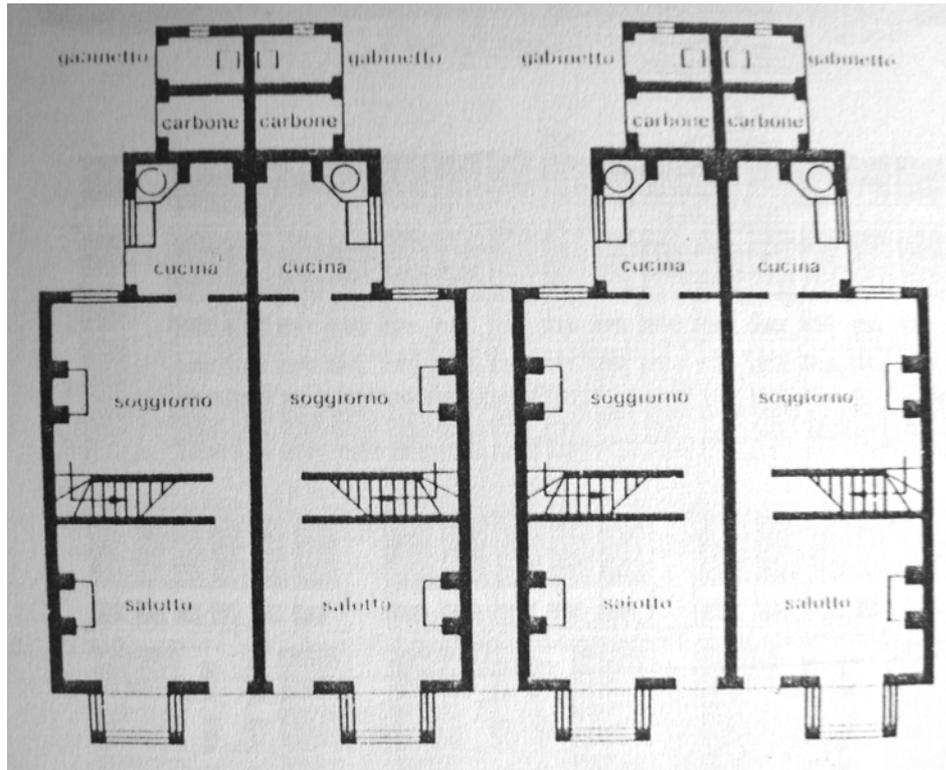


Figura 13: Plantas baixas do primeiro pavimento de casas em fileira inglesa, conforme os regulamentos de 1875
 Fonte: BENEVOLO, Leonardo. *A cidade na História da Europa*. Lisboa: Editorial Presença, 1995. p. 578

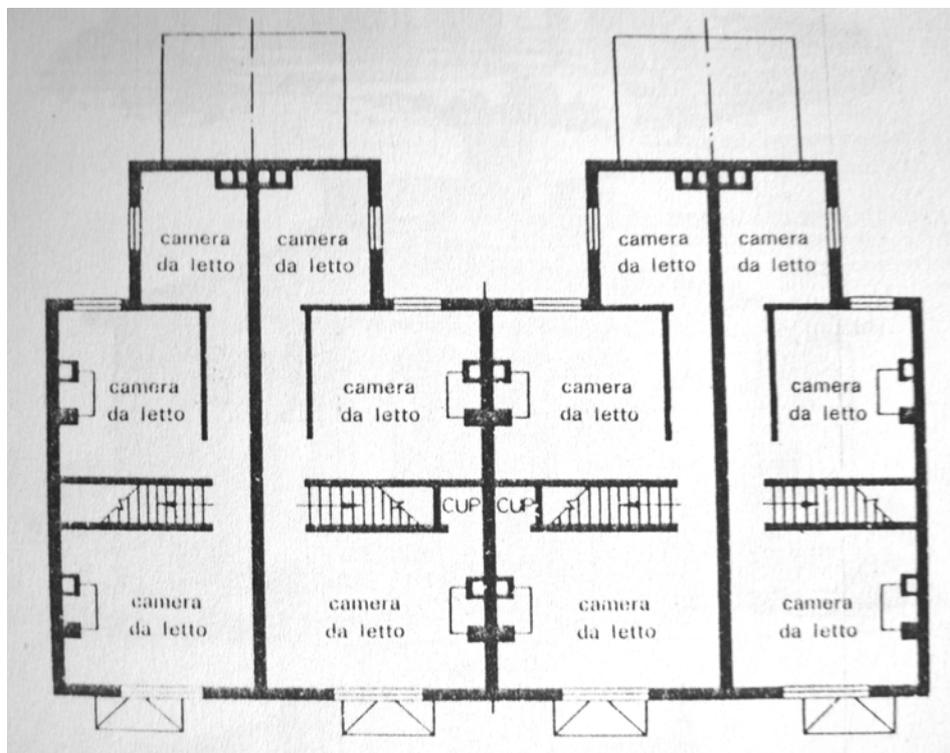


Figura 14: Plantas baixas do segundo pavimento de casas em fileira inglesa, conforme os regulamentos de 1875
 Fonte: BENEVOLO, loc. cit.

Empreendedores de outras indústrias começaram a refletir sobre a implantação de residências junto às fábricas, fora ou dentro das cidades. Estes conjuntos habitacionais passaram, na maioria das vezes, a contar com um complexo de serviços de apoio, em que os funcionários da indústria não precisariam percorrer longas distâncias.

Sendo ou não um mecanismo de controle da empresa em relação ao empregado, a disseminação de vilas operárias se expande por vários países da Europa e do mundo. Algumas fábricas passam a se preocupar com a implantação de áreas verdes no projeto, dentro do novo conceito que estava surgindo na virada para o século XX, a exemplo das vilas operárias na Itália, particularmente, para o presente estudo, do Lanifício Rossi de Schio.

1.3 A CIDADE INDUSTRIAL DE SCHIO: LANIFÍCIO ROSSI

A formação das cidades industriais na Itália é mais recente em relação ao restante da Europa, data da segunda metade do século XIX, porém aconteceu de maneira semelhante aos países em que se iniciou a Revolução Industrial. Assim, um grande contingente de trabalhadores do campo migrou como força de trabalho para as indústrias têxteis que se formavam, buscando trabalho nos períodos de inverno, quando a produção agrícola era inviável.

A recém-formada Itália passava por sérias mudanças sociais e econômicas, o que ocasionou uma grande corrente migratória do campo para as cidades, principalmente no norte, em que os conflitos agrários se tornavam mais graves.

Como a região de Schio, no Vêneto, é montanhosa e possui invernos muito rigorosos, dificultava-se a produção agrícola, racionando a alimentação nos períodos de entressafra. Os moradores desta região rural precisaram sempre contar com um meio secundário de produção, a saber, a fiação têxtil caseira (atividade já tradicional na região, desde a dominação romana), reconhecida como um trabalho feminino obrigatório para as horas de folga inverniais. Através do desenvolvimento desta cultura, a região tornou-se uma grande produtora de lã e a população local pôde obter um novo espaço na Economia regional, através do emprego operário temporário.

Um intenso esforço para a fixação da mão de obra foi desenvolvido: as indústrias valeram-se de certas táticas que incentivassem a classe trabalhadora a permanecer durante

todo ano no local de trabalho, e não só nos período de estiagem da produção agrícola. Entre estas táticas, segundo Verona, estavam “(...) a melhoria nos salários dos mais assíduos; organização de jogos e festas, acompanhados de refeições gratuitas aos operários e a criação de um horário de trabalho semelhante à zona rural, mais adequado às variações sazonais do clima local⁴⁷”.

Inicialmente não havia projetos adequados para alojar essa grande leva de trabalhadores que, movidos pelos benefícios oferecidos pela nova indústria e pelo medo de perder o emprego temporário, voltando às condições vividas no campo, deslocavam-se para as regiões da periferia das indústrias. Sobre as características das casas e dos bairros superlotados que se formaram para alojar os operários, Verona expõe:

Várias famílias, dos avôs aos netos e até mesmo agregados, moravam numa única residência. A cidade praticamente se mantivera ainda dentro do perímetro medieval e continuava a receber, num fluxo regular, novos contingentes de força de trabalho, sobretudo na década de 1870. As construções eram feitas de pedra e argamassa. Os cômodos eram pequenos. As paredes eram largas e as janelas estreitas para evitar a penetração do vento e do frio. A umidade e o cheiro correspondente eram grandes e a temperatura invernal em seu interior era bastante baixa. Era necessário manter-se o fogo aceso ou lançar mão do fogareiro à brasa. A água para consumo devia ser buscada nas bicas e bebedouros públicos. Não havia qualquer instalação sanitária interna. Até a era rossiana⁴⁸ não houve nenhum investimento, por parte do Estado ou das empresas, na construção de moradias operárias. Isso significa que os trabalhadores vindos de fora tiveram que se submeter às condições insalubres de moradia que lhes eram oferecidas⁴⁹.

Dentro do contexto capitalista industrial, surgem as já conhecidas medidas para melhorar as condições materiais dos trabalhadores, como a formação das cidades industriais, as chamadas vilas operárias, em franco desenvolvimento em outros países da Europa. Na pequena cidade industrial de Schio, ao norte da província italiana de Vicenza, região do Vêneto, nasce a primeira iniciativa neste sentido.

Nesta cidade as iniciativas dos empresários da segunda metade do século XIX mudaram definitivamente a paisagem italiana e marcaram o início de uma configuração

⁴⁷ VERONA, Antônio Folquito. A indústria têxtil de Schio e a emigração operária: a quebra do contrato social pelos operários do Lanificio Rossi, de Schio (Itália), numa leitura crítica dos fatos ocorridos entre 1873 e 1891. In: SULIANI, Antônio (org.). **Etnias e carisma**: poliantéia em homenagem a Rovílio Costa. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 142.

⁴⁸ O termo *rossiano* vem do sobrenome Rossi, que diz respeito ao legado do fundador do Lanificio Rossi em Schio.

⁴⁹ VERONA, 2001, op. cit., p. 149.

urbana e social que surgirá a partir destas novas formações; dito de outro modo, “A nova face industrial em substituição àquela rural⁵⁰”.



Figuras 15 e 16: Localização de Schio no mapa do Vêneto, Itália
 Fonte: **Grande Atlas Universal Ilustrado Reader's Digest**. Trad. de Helena Mollo. Rio de Janeiro: Reader's Digest Brasil, 1999

O Lanificio Rossi, de Schio, foi fundado em 1817 por Francesco Rossi, como pequena atividade artesanal. Em 1849, a administração passou ao filho Alessandro Rossi, que o transformou em uma das principais indústrias nacionais, referência em torno da qual giravam

⁵⁰ TRAVI, Elisa Mariani; TRAVI, Leonardo Mariani. **Il paesaggio italiano della Rivoluzione Industriale: Crespi d'Adda e Schio**. Bari: Dédalo Libri; Universale di Architettura Diretta da Bruno Zevi, 1979. p. 5. Tradução livre da autora.

todas as atividades econômicas da região. Em 1861, já com oitocentos operários foi considerada a maior indústria da Península Itálica.

Dentro do pensamento *rossiano*, havia duas preocupações que impulsionaram as atitudes em direção à criação da vila operária e às suas instituições de aporte: a habitabilidade e a moralidade, que não estavam compatíveis com a idéia inicial de alocar a nova população proveniente do êxodo rural na malha residencial da cidade de Schio.

Para resolver a questão habitacional da primeira demanda dos trabalhadores vindos das outras regiões, Alessandro Rossi traça um plano global de política socioeconômica. Na primeira fase de sua reestruturação, constrói um edifício residencial para os seus trabalhadores em uma área adjacente à fábrica. Essa nova edificação passa a ser chamada de *Palazzone* (Figura 17) e foi inspirada no modelo social do falanstério. Apesar do mínimo custo da construção e da máxima utilização do espaço habitável, os novos moradores oriundos do campo não se adaptaram a esta tipologia.



Figura 17: *Palazzone*, edifício de habitações coletivas, demolido em 1965

Fonte: Disponível em: <<http://www.schioindustrialheritage.it>>. Acesso: dezembro, 2008

Através da observação dos modelos de cidades industriais inglesas, francesas e belgas, considerados negativos por Alessandro Rossi, este último criou o seu próprio modelo. Em

1862 constrói a Fábrica Alta⁵¹ (Figura 19) e depois de outros investimentos para o seu desenvolvimento. Em 1872 o arquiteto Antonio Caregaro Negrin, que já havia projetado a Igreja de Santo Antonio e o Teatro Jacquard (Figuras 20 e 21), prédios estes que faziam parte do complexo fabril, foi contratado para projetar o quarteirão das casas operárias, com um complexo de serviços⁵² de apoio aos moradores (Figura 22).

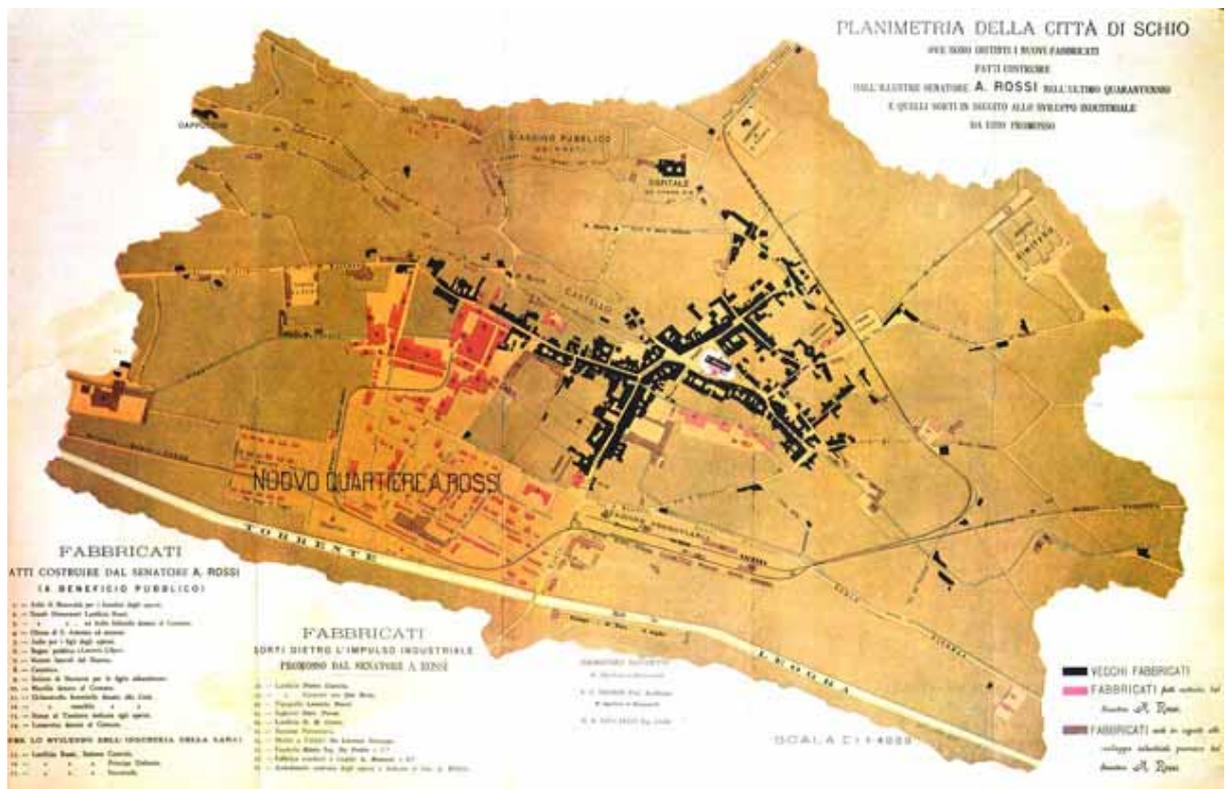


Figura 18: Localização de Schio no mapa do Vêneto, na Itália. Em preto, a malha urbana existente; em rosa, acima, a fábrica; abaixo, o Novo Quarteirão; em roxo, à direita, o *Palazzone*
 Fonte: Disponível em: <<http://www.schioindustrialheritage.it>>. Acesso: dezembro de 2008

⁵¹ O núcleo da Fábrica Alta e o seu edifício industrial anexo datam de 1862; portanto, é pré-existente ao novo quarteirão. Representou a partir de sua construção um marco importante do desenvolvimento do Lanificio Rossi. O edifício é considerado atualmente um Monumento Nacional da Itália.

⁵² Faziam parte deste complexo, além do teatro e da igreja, a estrada e a estação férrea, o lavatório público, a taberna, o jardim de infância e a escola elementar masculina e feminina, entre outros.



Figuras 19: Fabbrica Alta, construída toda em tijolos dentro da linguagem da Arquitetura Industrial
 Fonte: Disponível em: <<http://www.panoramio.com/photos/original/6136342.jpg>>. Acesso: janeiro de 2010



Figura 20: Teatro Jacquard em meio à área paisagística
 Fonte: Disponível em: <<http://www.schioindustrialheritage.it>>. Acesso: julho de 2009

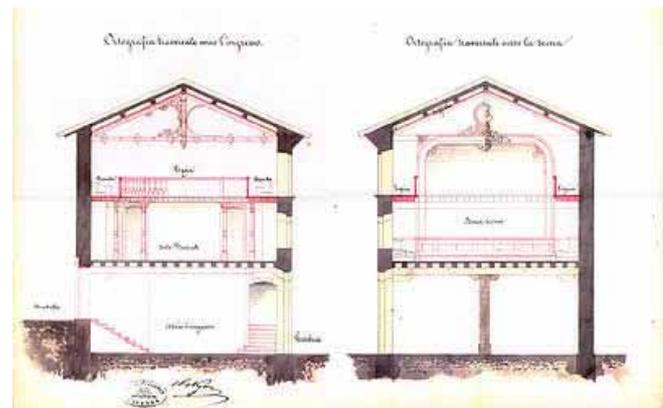


Figura 21: Projeto elaborado para o Teatro Jacquard, corte transversal da edificação.
 Fonte: Disponível em: <<http://www.schioindustrialheritage.it>>. Acesso: julho de 2009

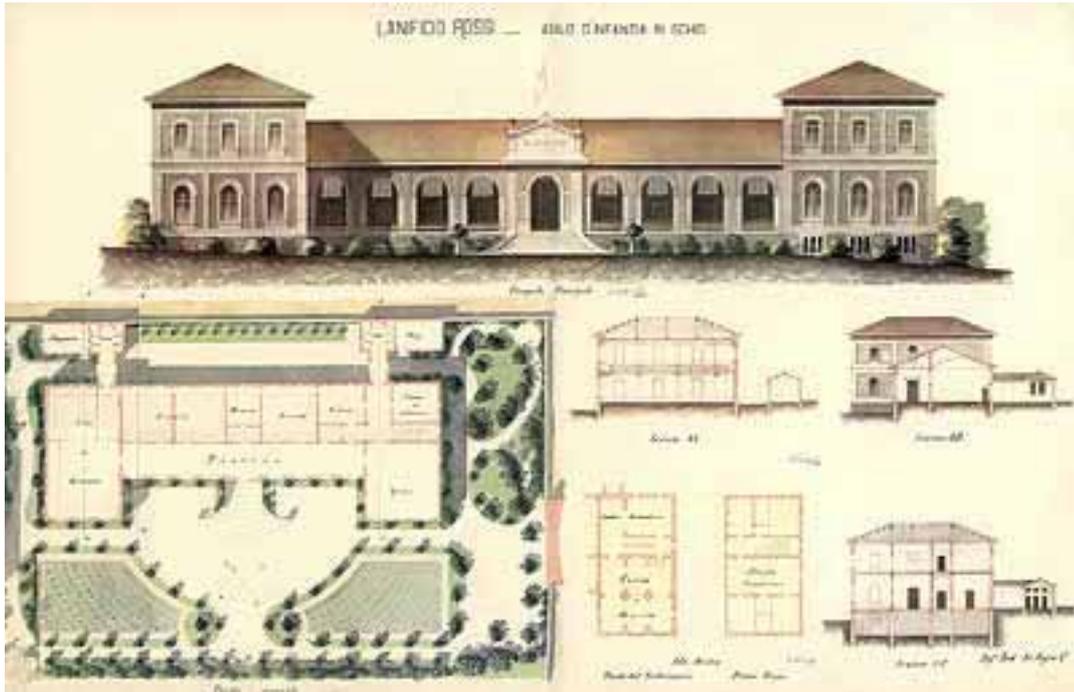


Figura 22: Edifício do jardim de infância do Novo Quarteirão operário de Schio, em estilo neoclássico. Era uma das edificações que fazia parte do complexo fabril.

Fonte: Disponível em: <<http://www.schioindustrialheritage.it>>. Acesso: maio de 2009

Vale referir também que foram realizados, pelo menos, três projetos. O primeiro e mais criativo foi executado parcialmente, sendo concebido para atender a quatro categorias de casas. Cada categoria foi classificada pela hierarquia dos cargos que os trabalhadores ocupavam (Figuras 23 e 24). Esta diferenciação se deu através de algumas variações na tipologia da casa isolada, pela largura e pela importância da rua onde se situaram e pela proximidade da fábrica.

Dentro do novo ideal de vila operária planejada através dos novos modelos urbanísticos, Negrin, neste primeiro projeto, teve a preocupação com a valorização dos espaços livres e com o tecido urbano irregular: “O projeto se resume, em definitivo, em uma grande área verde, na qual os lotes são delimitados pelas ruas e avenidas de desenhos sinuosos⁵³”.

O *Novo Quarteirão* é, então, idealizado dentro dos princípios da *cidade-jardim*, em que “(...) a arborização e a vegetação substituem as relações do edificado com o espaço urbano. A caracterização cuidada do espaço coletivo é substituída pela qualificação do espaço

⁵³ TRAVI, 1979, op. cit., p. 25. Tradução livre da autora.

privado⁵⁴” (Figura 24). Esta afirmativa também é comprovada quando Fontana observa que: “O projeto de Negrin impacta de súbito pela imediata evocação da *cidade jardim*⁵⁵”.

A evocação deste modelo de cidade refere-se apenas à questão do desenho urbano e da implantação dos edifícios no sítio, não levando em consideração os aspectos sociais e econômicos que caracterizam este tipo de proposta.

O projeto idealizado foge completamente do traçado linear e das casas dispostas em fita, como havia sido construída a maior parte das vilas operárias construídas até então. O edifício vai situar-se no meio do lote, é individualizado e envolvido por jardins, deixando de contatar diretamente com a rua⁵⁶.



Figura 23: Planimetria geral, conforme projeto original de Negrin. Fabbrica Alta, na parte superior da figura. Em preto, as edificações da cidade antiga

Fonte: TRAVI, 1979, op. cit., Anexo 63

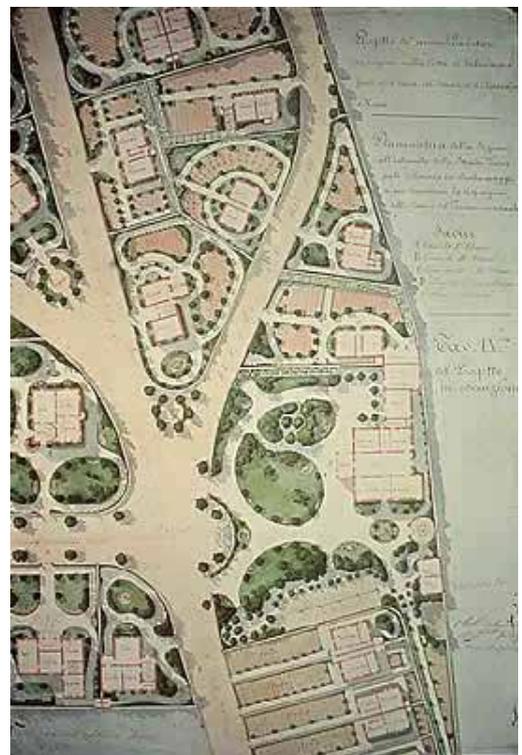


Figura 24: Detalhe da tendência curvilínea do desenho urbano original

Fonte: TRAVI, loc. cit.

⁵⁴ GARCIA LAMAS, José Manuel Ressano. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004. p. 206.

⁵⁵ FONTANA, Giovanni Luigi. **Schio e Alessandro Rossi: imprenditorialità, politica, cultura e paesaggi sociali del Secondo Ottocento**. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1985. p. 341. Tradução livre da autora.

⁵⁶ De acordo com as idéias de Ebenezer Howard, “o problema que lhe parecia essencial era o de descobrir um sistema urbano que permitisse viver perto da indústria de uma maneira saudável (...) na Itália o seu pensamento também é usado parcialmente, ligado basicamente ao uso do verde e ao desenho sinuoso de suas vias. Ver: HOWARD, 2002, op. cit., p. 82.

No primeiro projeto de 1872, as casas eram destinadas aos funcionários de acordo com a hierarquia do posto que ocupassem na empresa. Os profissionais mais graduados ficariam mais perto da fábrica, e ao longo da via Maraschin, principal rua do quarteirão, podendo melhor fiscalizar os demais.

O entorno da praça sul seria contemplado por uma área verde e por outra de serviços. A praça central constituiria não apenas o centro do quarteirão mas também recriaria o tradicional ponto de encontro e recreação. A praça norte seria o cruzamento das vias principais, abrindo perspectiva à entrada do Lanificio Rossi.

O pólo principal de serviços localizar-se-ia em torno da praça central apesar de haver outros pontos de venda e de lazer (Figura 26): “O núcleo compreende restaurante, cervejaria, *café-leitura*, ginástica e venda de comestíveis no total de doze serviços no quarteirão, dentre os serviços de escala urbana são banho e lavanderia, jardim de infância e teatro⁵⁷”. O quarteirão havia, portanto, sido proposto dentro da ideologia de uma verdadeira cidade auto suficiente, em que o trabalhador não precisasse se deslocar para encontrar os bens e os serviços dos quais precisasse.

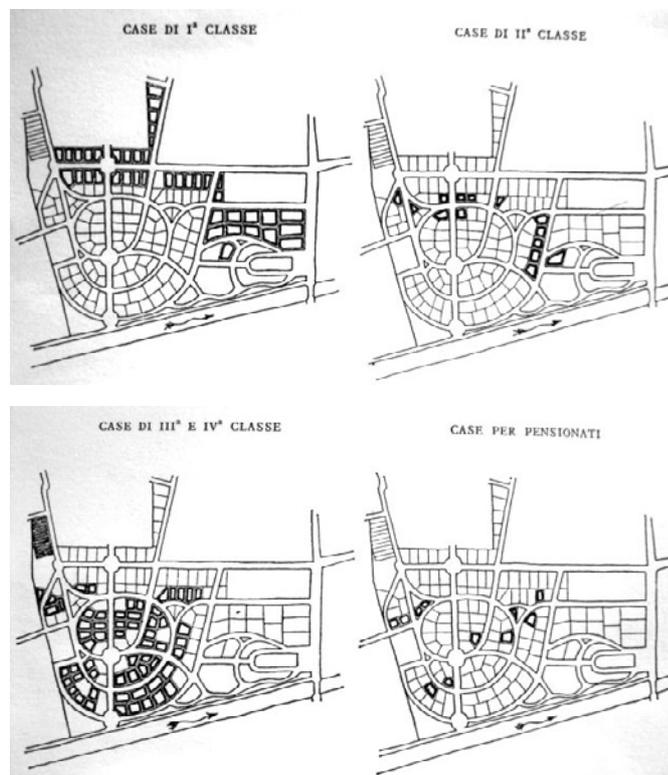


Figura 25: Planta esquemática das habitações por classe
 Fonte: FONTANA, 1985, op. cit., p. 342

⁵⁷ FONTANA, 1985, op. cit., p. 345. Tradução livre da autora.

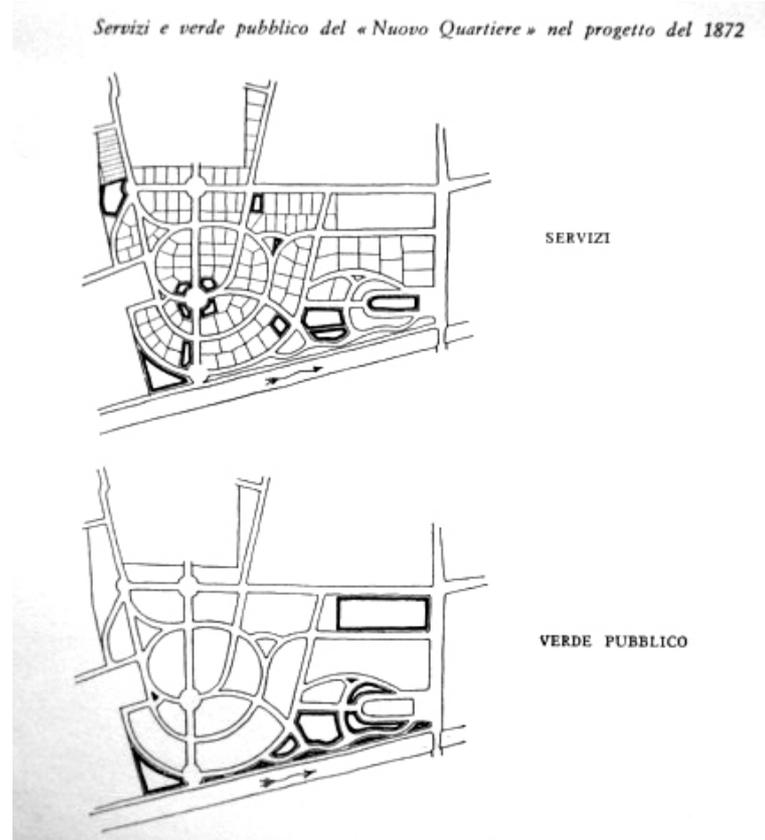


Figura 26: Localização dos serviços e dos verdes públicos
 Fonte: FONTANA, 1985, op. cit., p. 345

Ainda em 1872 são executadas algumas casas do projeto original na Via Tessitori e via Maraschin, comprovando a vontade de Alessandro Rossi em construir dentro da primeira proposta apresentada por Negrin; ainda, fica claro que houve alterações depois do início da obra. Entre as causas para a alteração do projeto, encontra-se o alto custo das habitações que seriam de grandes dimensões e que ficariam isoladas no lote.

Em 1873 o quarteirão passa a ser gerenciado pela sociedade anônima de operários e, para estes, o alto custo das casas excluía a possibilidade de compra. Neste mesmo ano, Negrin inicia uma série de projetos que seriam executados por encomenda de Alessandro Rossi, observando a ideologia de um traçado urbano mais ortogonal. Verona descreve a forma das habitações do novo projeto:

Aos primeiros foram destinadas as casas, construídas como verdadeiros palacetes rodeados por pátios e jardins, segundo o bom gosto da época. Aos operários, porém, foram construídas casas em série, parede-meia umas às outras, em terrenos bem menores em comparação aos primeiros; e com dimensões bem mais modestas⁵⁸.

⁵⁸ VERONA, 2001, op. cit., p. 162.

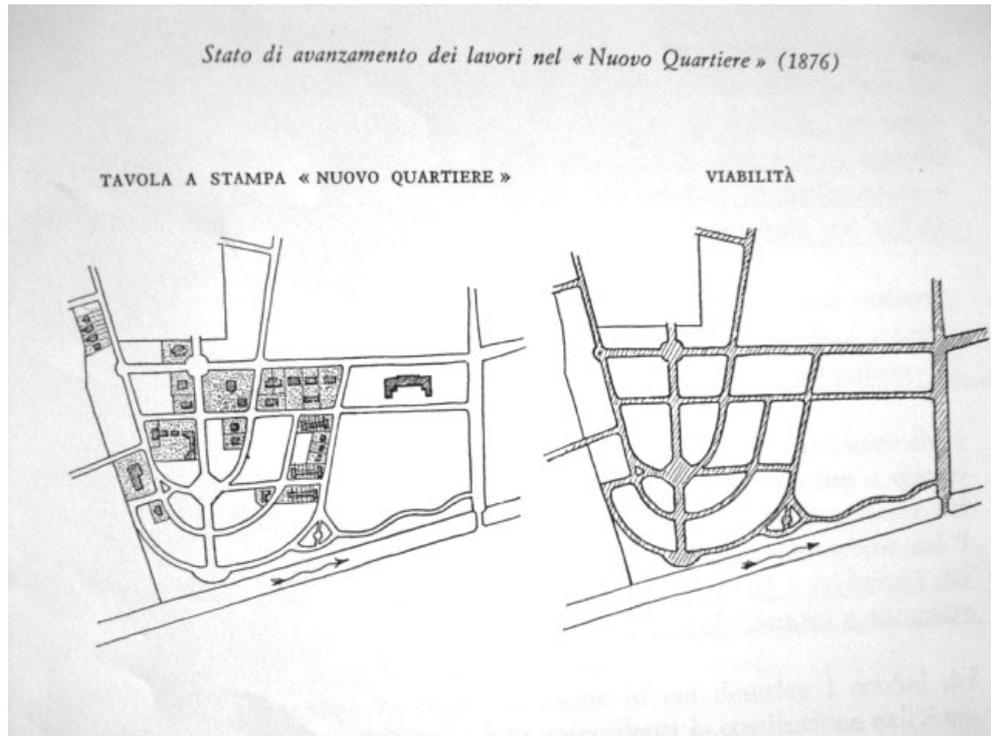


Figura 27: Planta do projeto construída até 1876. É possível notar a construção de casas em fita ao lado direito da primeira figura. Há, ainda, alguns palacetes na parte superior, próximos à entrada da fábrica.
 Fonte: FONTANA, 1985, op. cit., p. 349

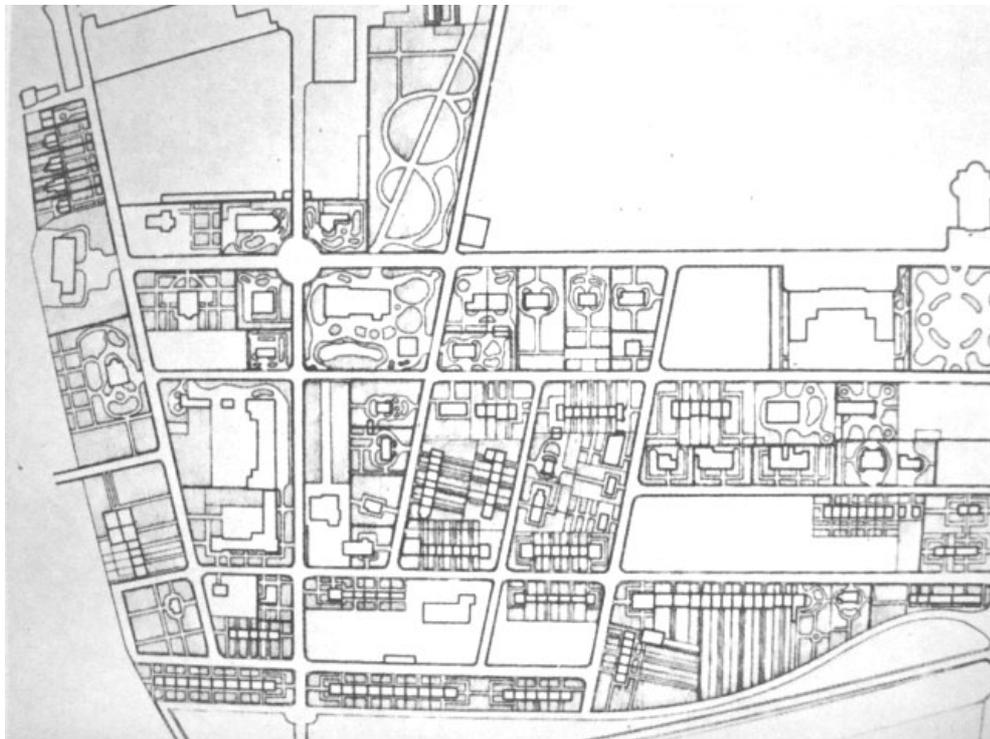


Figura 28: Projeto realizado
 Fonte: TRAVI, 1979, op. cit., Anexo 132

Cabe ressaltar que os aspectos formais do primeiro projeto ficam bem definidos na fase inicial de sua execução. Assim, o eixo hierárquico marcado pela praça circular e pelo caminho arborizado simetricamente leva à entrada monumental da fábrica.

Os palacetes (Figura 29) foram projetados com plantas distintas, porém enquadravam-se dentro de uma vertente vitoriana, tanto no que diz respeito à linguagem formal quanto à implantação no terreno e ao trabalho rico nos elementos decorativos de fachada. Os jardins que circundam estas residências, característicos das vilas da alta burguesia rural européia, ainda mantêm um traçado orgânico que remete à idéia inicial de Negrin.

As casas apresentavam plantas e formas diferenciadas, no entanto todas tinham em comum uma ótima ventilação e insolação; além disso, juntas, formavam um elemento compositivo formal para a abertura de perspectiva para a fábrica.



Figura 29: Disposição das casas isoladas em seus jardins e a marcação do eixo de entrada ao Lanificio Rossi
Fonte: TRAVI, 1979, op. cit., Anexo 64

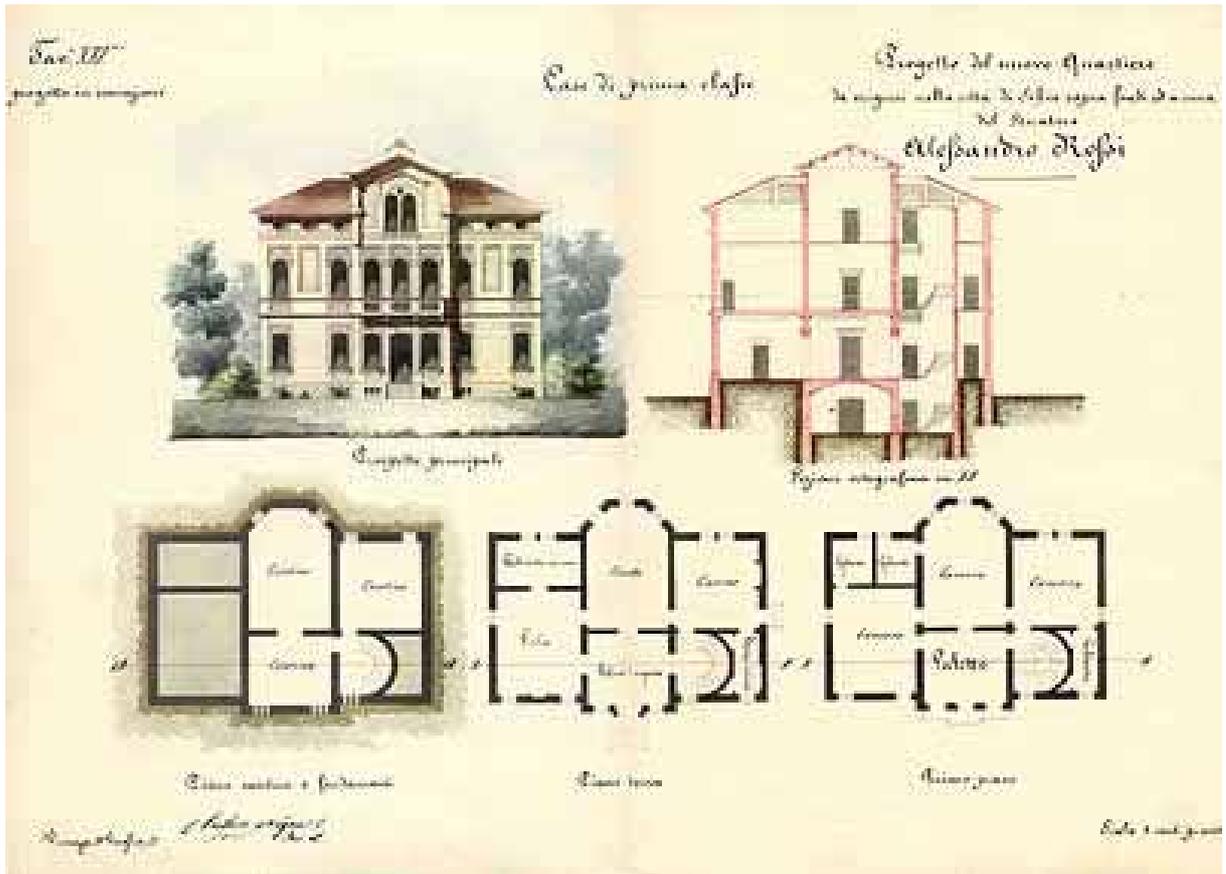


Figura 30: Uma das casas de primeira classe, destinada aos gestores e aos técnicos

Fonte: Disponível em: <<http://www.schioindustrialheritage.it>>. Acesso: maio de 2009

As casas de primeira classe não eram todas iguais: havia, neste sentido, variações de projeto (Figura 30)⁵⁹. Localizadas na maior via do quarteirão, a Pietro Maraschin, eram destinadas aos gestores e aos técnicos estrangeiros que vinham para operar as máquinas. Sua planta apresentava grandes salas, destinadas à vida social local. Dispunham, também, de amplos quartos de dormir e banheiros com acesso na parte interna da casa.

As fachadas, além da grande ornamentação, apresentavam varandas, mansardas, grandes janelas, para enfatizar a comunicação entre o ambiente interno e a natureza externa. Os jardins eram adornados com plantas ornamentais, lagos artificiais e estufas, pavilhões e cabanas construídos com técnicas e com materiais tanto tradicionais como de acordo com as novidades tecnológicas da época⁶⁰.

⁵⁹ Na bibliografia sobre a arquitetura do bairro operário do Lanificio Rossi, as casas para funcionários aparecem classificadas por classes, cujo sistema de nomenclatura foi mantido neste trabalho. Também é importante mencionar que, dentro de uma classe pode haver mais de uma tipologia arquitetônica.

⁶⁰ Tecnologia do uso de materiais como zinco, cobre, ferro fundido e também o uso do vidro e de pedra mole.

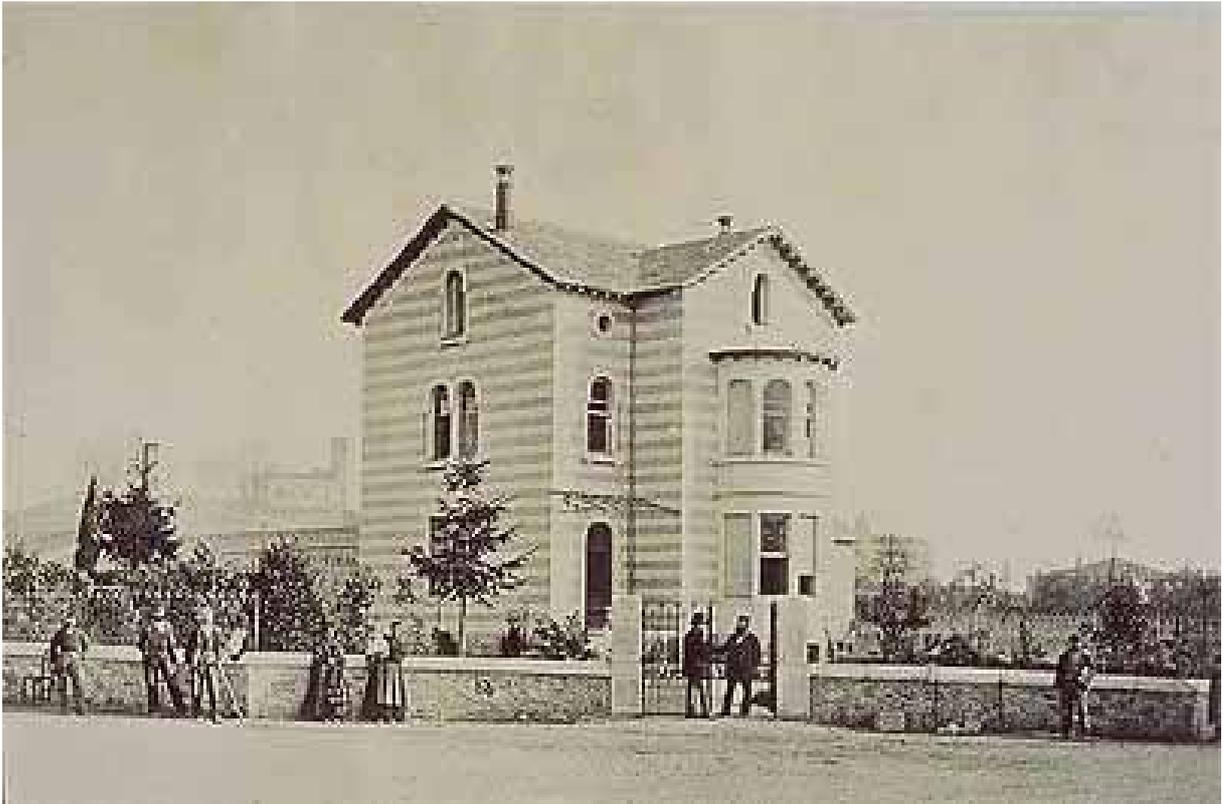


Figura 31: Rica ornamentação da fachada das casas de primeira classe. Elementos renascentistas como o eixo central, com arcadas românicas, marcando a frente da casa, e a marcação dos pavimentos através de diferenciação das esquadrias em cada andar.

Fonte: Disponível em: <<http://www.schioindustrialheritage.it>>. Acesso: maio de 2009

As casas de segunda e de terceira classes (Figura 32) apresentam-se de forma um tanto mais modesta com relação à da primeira classe no que diz respeito às ornamentações e à planta interna. A decoração externa era feita através de elementos rústicos na fachada, a saber, listras horizontais na circunferência da alvenaria ou o uso de materiais locais, como pedras naturais nos cantos da casa.

Nas outras variações se davam nas soluções de plantas e na volumetria, nas reentrâncias e nas saliências de volumes com sacadas ou varandas, e nas diferentes alturas ou inclinações de telhados, lembrando o estilo rústico local.

As casas de terceira classe (Figura 33) no primeiro projeto se apresentaram de forma isolada no terreno, com proporções bem maiores do que as habitações operárias do início da Revolução Industrial, em outros países da Europa. Existia a mesma preocupação com o tratamento de fachadas como nas habitações de primeira e de segunda classe; ainda, a planta era dividida em dois pavimentos, mais o sótão e o porão.

Com as alterações dos projetos, a maioria das habitações (de segunda e de terceira classes) foi construída com um tanto de simplicidade, no que concerne à primeira proposta apresentada pelo arquiteto Negrin, principalmente no que se refere aos adornos das fachadas. As casas para os operários aparecem na forma geminada em duas residências ou em fita, em que o mesmo edifício passa a abrigar até oito famílias. Entretanto a preocupação por parte de Alessandro Rossi é manter certa diferenciação e qualidade das moradias, mesmo que não estejam mais isoladas no lote. Conforme carta a outro industrial, ele propõe o seu novo modelo urbano:

(...) casas econômicas portanto, e não deve chamar de casas operárias. E por isso não deve fazê-las uniformes, como em Moulhouse. Como boa máxima evita qualquer aparência dos falanstérios; e evita quanto antes a uniformidade da classe do inquilino...⁶¹.

As casas⁶² em fita ou geminadas (Figuras 35 e 36), embora partilhassem das paredes laterais, tinham certa privacidade, pois possuíam entrada individual através de um portão que dava acesso a um jardim frontal que, por sua vez, separava a rua da residência.



Figura 34: Grupo de casas para operários
Fonte: TRAVI, 1979, op. cit., Anexo 71

⁶¹ TRAVI, 1979, op. cit., p. 29. Tradução livre da autora.

⁶² Os projetos de alguns exemplos de casas em fita, serão apresentados no quarto capítulo durante a análise comparativa.



Figura 35: Casas em fita, porém com tipologia externa diferenciada
Fonte: TRAVI, 1979, op. cit., Anexo 70



Figura 36: Casas geminadas com jardim frontal
Fonte: TRAVI, 1979, op. cit., Anexo 69

Cabe frisar que a simplificação deste último tipo de projeto não tinha em vista somente a otimização do terreno mas também a economia de material de construção para as fachadas laterais, ao reduzir elementos de ornamentação e de esquadrias e, principalmente, ao apresentar fácil solução de telhado, que passou a ser único e a ter apenas duas águas.

As casas eram de propriedade do Lanificio Rossi; contudo, com o tempo, eram vendidas por um preço inferior ao de mercado aos funcionários da fábrica. Outras casas foram arrendadas, a fim de acomodar os empregados e a fim de atrair os técnicos estrangeiros que eram contratados para atualizar a tecnologia das novas máquinas. Estes assinavam um contrato no qual assumiam o compromisso de não alterar e nem de fazer obras nas habitações.

Sem dúvida, Alessandro Rossi⁶³ criou um programa urbano ambicioso e de vanguarda⁶⁴. Sobre isso, Fontana declara:

(...) aquele na condição máxima da ideologia industrial italiana da segunda metade do século XIX, realizador de um modelo da grande indústria capitalista e de sociedades industriais bem definidas, produto de uma cultura econômica mista, de derivação liberalista e ao mesmo tempo filantrópica, deriva sobretudo a sua especialidade de certa conotação sócio-antropológica daquela região italiana⁶⁵.

O período de construção do projeto de Negrin coincidiu com a transformação da tecelagem em Sociedade Anônima, presidida por Alessandro Rossi. Também, com a primeira greve que ocorreu em 21 de março de 1873, devido à drástica diminuição do salário pela ocasião da compra do novo chassi mecânico, o Lanerossi passa a viver uma grande crise e nem todos os trabalhadores puderam usufruir os benefícios do Novo Quarteirão.

Com a sucessão de greves que passaram a ocorrer, um contingente de trabalhadores da Tecelagem Rossi emigra para outros continentes, em busca de melhores oportunidades de emprego.

⁶³ Fontana descreve sobre a complexa personalidade do Rossi: “(...) empreendedor, político, intelectual, com uma extraordinária atenção ao desenvolvimento da economia fortemente capitalista (...) que combinava, preocupação em conservar e conter o efeito da modernização industrial, com a obra de cunho social”. Ver: FONTANA, 1985, op. cit., apresentação. Tradução livre da autora.

⁶⁴ Ambicioso, no sentido de estar criando um quarteirão operário dentro das novas idéias da cidade jardim. De acordo com Ebenezer Howard, os conceitos da cidade-jardim foram postos em prática pela primeira vez na criação da cidade de Letchwoeth, projetada por Raymond Unwin (1863-1940) e Barry Parker (1867-1947) na primeira década do século XX. Ver: HOWARD, 2002, op. cit., p. 47.

⁶⁵ FONTANA, 1985, op. cit., apresentação. Tradução livre da autora.

CAPÍTULO 2

FORMAÇÃO DE GALÓPOLIS

2.1 MOVIMENTO OPERÁRIO NO VÊNETO E EMIGRAÇÃO PARA O BRASIL

A crise agrícola rural e os protestos operários durante o desenvolvimento capitalista industrial estão intrinsecamente ligados aos fatores de emigração desta região da Itália entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do XX. Os movimentos migratórios internos e externos no Vêneto tomaram várias direções e assumiram características e motivações por vezes diferenciadas; todavia, a procura de maiores oportunidades de trabalho e a busca por melhor qualidade de vida assumiu papel de fundamental importância em ambos os casos.

Os deslocamentos em massa dos camponeses em direção às cidades e o primeiro período das emigrações transoceânicas no Vêneto foram ocasionados primeiramente pela crise agrária gerando a escassez de alimentos e a explosão demográfica. Além dos motivos de “conjunturas climático-ambientais⁶⁶”, Franzina comenta que é preciso referir-se “a condições higiênico-sanitaristas, que em áreas e períodos circunscritos se juntam as razões mais profundas do êxodo como ocorreu, em 1886, com a epidemia de cólera⁶⁷”.

Para agravar estes fatores, os altos impostos, a concorrência no preço do trigo, o atraso tecnológico e em algumas áreas a transformação capitalista aceleraram o processo de transferência de força de trabalho por parte dos pequenos e dos médios proprietários rurais, que passaram a reivindicar melhores condições de trabalho.

Com a expansão do desenvolvimento industrial têxtil nesta área da Itália, que teve um desenvolvimento tardio em relação ao restante da Europa, boa parte da população rural

⁶⁶ Inserem-se no período entre 1877 e 1891 chuvas de granizo, secas, inundações, más colheitas, desmoronamentos, avalanches e terremotos, entre outras eventos climáticos que assolaram as áreas rurais do Vêneto.

⁶⁷ Problema que atingiu além do Vêneto outras partes da Itália. Ver: FRANZINA, Emilio. **A grande emigração: o êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil**. Campinas: Unicamp, 2006. p. 75.

migrou para as indústrias que estavam se formando; como o trabalho agrícola rural vinha quase sempre associado ao da indústria doméstica de tecidos, a proletarização dos camponeses foi viável na região de Schio, pois ali vinha se formando um dos maiores suportes industriais de tecidos e de manufaturas da Itália. Assim sendo, foi possível absorver parte da mão de obra excedente do campo. Conforme comenta Verona: “(...) Schio passou a receber também os trabalhadores agrícolas provenientes das grandes propriedades da vasta planície vêneta, que compreende a própria província de Vicenza, na qual se inserem também as províncias de Pádua, Verona e Treviso⁶⁸”.

A região caracterizou-se por ser um misto de área rural e urbana; portanto, as indústrias ficavam próximas ao campo. Por causa disso, o local não deixava de ser um pólo captador de emprego, fazendo com que o camponês dependesse das fábricas, já que a indústria era uma instituição da própria sociedade rural. Franzina descreve as características da força de trabalho local pela: “(...) figura tipicamente vêneta do operário camponês, empregado na fábrica, mas ideologicamente ligado à terra⁶⁹”. Embora a mão de obra fosse considerada ordenada e submissa, essa condição não era garantia para que não houvesse movimentos de reivindicação tanto no campo quanto na indústria.

Deste modo, para expandir o desenvolvimento da indústria moderna nesta tradicional e conservadora área rural, foi necessária a junção entre a classe patronal agrícola, os homens da burguesia industrial e o clero católico – este último com papel de conter os movimentos socialistas que começavam a surgir. De acordo com Franzina, “em 1873, começou a propaganda socialista no Vêneto, apesar de naquela época o movimento ser quase inocente⁷⁰”.

Tal tendência sempre foi combatida pelo forte movimento católico formado por um clero muito ligado às massas que condenava os “erros” cometidos pelos socialistas, coibindo qualquer prática com fundo revolucionário. Vale acrescentar que expoentes do cenário político vêneta, entre os quais se incluía o Senador Alessandro Rossi – que também era proprietário do Lanificio Rossi de Schio – contribuía com a Igreja neste sentido.

Apesar da oposição aos movimentos trabalhistas, o Lanificio Rossi enfrentou no mesmo ano uma greve, que coincidiu com a grande crise mundial e com o período da Grande Depressão; no entanto, as reivindicações por melhores salários e por melhores condições de trabalho foram amenizadas, em parte, com as medidas sociais. Entre estas, houve a criação e o

⁶⁸ VERONA, 2001, op. cit., p. 139.

⁶⁹ FRANZINA, 2006, op. cit., p. 364.

⁷⁰ Id., **Il Veneto Ribelle: proteste sociali localismo popolare e sindacalizzazione**. Verona: Gaspari Editore, 2001. p. 27. Tradução livre da autora.

projeto do “complexo da instituição operária⁷¹”, ou seja, com o fornecimento por parte da fábrica de habitações para os operários.

Outra solução surgiu como meio de resolver os problemas da alta densidade demográfica no campo e as revoltas dos trabalhadores na indústria: a propaganda emigracionista – que expunha através dos atrativos da vida além-mar o incentivo à busca de terra e de trabalho em outros continentes. Franzina expõe como a forma de pensamento dos industriais era apresentada ao povo vêneta: “O andamento da nossa indústria e portanto do nosso ganho é ameaçado continuamente pelas greves; é preciso emigrar, longe dos centros populosos, para cidades onde a mão de obra não especializada ainda é virgem e conveniente⁷²”.

Desta maneira, desenvolveu-se o programa emigratório. Apesar de o franco desenvolvimento industrial no Vêneto ter-se dado de forma tardia e particular em relação ao restante da Europa, tal avanço acabou sendo, mesmo que indiretamente, uma das portas de saída do continente como modo de resolver o problema da mão de obra excedente:

Para as populações rurais, cuja demanda de trabalho excede muito a oferta de mercado, principalmente no período entre 1870-1913, a emigração se mostra fortíssima, facilitada pela crescente economia, frequência dos transportes e da disponibilidade de grandes espaços; além dos recursos oferecidos nos novos mundos a povoar⁷³.

Vale referir que o programa de emigração foi considerado pelo Partido Socialista vêneta como um recurso utilizado pelos banqueiros e pelos agiotas como meio de exploração aos operários e aos camponeses. Entretanto, as idéias do Partido acabaram perdendo a força quando, a fim de solucionar o problema, os socialistas tomaram decisões apenas no que se refere à questão assistencial para melhorar as condições da classe operária, como, por exemplo, a criação de sociedades cooperativas e de associações de trabalho e a elaboração de contratos que ofereciam aperfeiçoamento de mão-de-obra do trabalho rural, entre outras. Franzina ainda ressalta que:

A opção protecionista feita pelos adversários, principalmente o clero, empurrava os socialistas do fim do século, não somente os vêneta, em direção a uma união pouco natural, difícil e contraditória com os liberais, reforçando, portanto, como

⁷¹ FRANZINA. **La transizione dolce**. Storie del Veneto tra '800 e '900. Verona: Cierre Edizioni, 1990. p. 30. Tradução livre da autora.

⁷² Id., 2006, op. cit., p. 364.

⁷³ BEVILACQUA, Piero; DE CLEMENTE, Andreina; FRANZINA, Emilio (orgs.). **Storia Dell'Emigrazione Italiana**. Roma: Donzelli Editore, 2001. p. 46. Tradução livre da autora.

reação, uma orientação ora fatalista, ora pretenciosa de todos estes em direção ao emigrantismo mais categórico⁷⁴.

Cabe destacar agora que a emigração italiana contou com quatro fases distintas, cada uma com características sociais e demográficas peculiares. A cronologia destas etapas é listada por Amato e Golini como: “a primeira etapa de 1876 a 1900; a segunda etapa de 1900 a I Guerra Mundial (1900-1914); a terceira etapa no período Entre-Guerras (1920-1939) e a quarta e última etapa depois da Guerra Mundial a partir da década de sessenta (1950-1970)⁷⁵”.

A vinda dos imigrantes do Lanerossi de Schio para o Rio Grande do Sul enquadra-se na primeira etapa da citação de Amato e Golini⁷⁶ (1876-1900), visto que a paz só reinou em Schio até 1891, ano em que acontece uma greve com proporções jamais vistas na localidade; esta última teve como consequência a demissão e a “expulsão” de vários revoltosos para o Brasil. De acordo com Franzina:

(...) a emigração de muitos operários do Lanificio Rossi de Schio e arredores em direção ao Brasil (Rio Grande do Sul) e, em seguida, de suas famílias foi facilitada pelo próprio Rossi, o que ocorreu sobretudo após a derrota sofrida pelos têxteis em greve, entre 17 e 20 de fevereiro, em um número realmente considerável (cerca de 4.300) para defender os antigos níveis salariais corroídos por uma notável diminuição decidida pela direção. Alguns núcleos de imigrantes de Schio constituíram no Brasil uma empresa têxtil ainda hoje em plena atividade e que nasceu como uma iniciativa cooperativista⁷⁷.

Assim, o movimento grevista por parte dos operários do Lanificio Rossi culminou no êxodo de vários dos seus integrantes para várias regiões do Brasil, como São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e para a localidade gaúcha — a ênfase deste estudo —, Galópolis.

A consequência deste movimento migratório foi a criação de várias indústrias formadas por operários italianos no Brasil com alto grau de qualificação no ramo têxtil e manufatureiro. Cenni esclarece que “(...) muitos imigrantes que se tinham dirigido ao campo procuravam depois as cidades ou, chegando ao Brasil, empregavam-se diretamente nos estabelecimentos industriais, pois em levas sucessivas vieram da Itália também grandes

⁷⁴ FRANZINA, 2006, op. cit., p. 369.

⁷⁵ AMATO, Flávia; GOLINI, Antonio. Uno sguardo a un Secolo e mezzo di emigrazione italiana. In: DEVILACQUA, Piero (org.). **Storia dell'emigrazione italiana**. v. 1. Partenze. Roma: Donzelli Editore, 2001. p. 48. Tradução livre da autora.

⁷⁶ Amato e Golini ainda explicam que esta etapa é “caracterizada por uma discreta consistência de fluxo, mas sobretudo de uma tendência decisivamente crescente”. Ver: AMATO, GOLINI, 2001, op. cit., p. 48. Tradução livre da autora.

⁷⁷ FRANZINA, 2006, op. cit., p. 197.

grupos de operários⁷⁸”. Entre essas indústrias está o Lanifício São Pedro de Galópolis, em Caxias do Sul.

Para entender como se procedeu à transferência do operário da indústria de Schio para a casa da vila operária de Galópolis, é necessário anteriormente conhecer a História das primeiras formas de morar e os costumes trazidos dos precursores colonizadores italianos para a região e caracterizar como foi a inserção da vila operária em uma colônia italiana.

2.2 IMIGRANTE ITALIANO NO LOTE RURAL

2.2.1 Adaptação ao lote e subsistência

Diferentemente da imigração italiana que ocorreu no restante do Brasil, que visava absorver força de trabalho para as os grandes latifúndios de café, no Rio Grande do Sul ela se desenvolveu não só com o propósito de povoar e de defender as terras da Província, já que estas eram de fronteira, mas também com a intenção de formar núcleos agrícolas diversificados para abastecer o mercado e ter à disposição mão de obra especializada..

Para habitar a região serrana do Estado, foram enviadas populações principalmente do Vêneto em que a crise era mais acentuada por volta de 1875. Esta região da Itália “contribuiu com um contingente maior de imigrantes provenientes sobretudo das províncias de características mistas de Vicenza⁷⁹, Treviso, Verona, e da província montanhosa de Beluno⁸⁰”.

Em 1875 o Governo Imperial brasileiro assumiu a colonização de Conde D’Eu e de Dona Isabel depois das tentativas frustradas de 1870. O Governo Provincial do Rio Grande do Sul “(...) no ano seguinte, iniciara a demarcação dos lotes. Milhares de colonos deveriam ser introduzidos num prazo de dez anos, segundo contrato firmado com as companhias empreiteiras⁸¹”.

⁷⁸ CENNI, Franco. **Italianos no Brasil**. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2003. p. 254.

⁷⁹ A cidade de Schio faz parte da província de Vicenza.

⁸⁰ COSTA, Rovílio; DE BONI, Luis Alberto. **Os italianos no Rio Grande do Sul**. 3. ed. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul; Correio Rio-Grandense, 1984. p. 78.

⁸¹ CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **O italiano da esquina**. 2. ed. Porto Alegre: Edições Est, 2008. p. 52.

No mesmo ano, inicia-se o programa de imigração da primeira e da segunda léguas⁸², do chamado Campo dos Bugres, terras que hoje são Caxias do Sul. As primeiras famílias que aportaram do Rio de Janeiro foram encaminhadas à localidade de Nova Milano⁸³ e foram hospedadas em habitações coletivas provisórias, denominadas de *barracões*⁸⁴, até receberem os seus lotes definitivos na Colônia de Caxias bem como nas demais Colônias.

Cabe expor que estas terras caracterizavam-se pelo difícil acesso traçados por trilhas e por picadas possíveis apenas por meio de mulas, uma vez que não havia estradas na região. Cenni também ressalta que:

(...) cinquenta anos antes, no Rio Grande do Sul, haviam aportado os alemães que, pela prioridade haviam ocupado terras melhores pela localização e indubitavelmente mais férteis, estabelecendo-se nas proximidades do maior centro consumidor, a capital, desfrutando das facilidades do transporte e da uberidade do solo nos vales dos rios principais. Aos italianos foi atribuída a chamada Encosta da Serra ao norte das colônias alemãs de São Sebastião do Caí, Conde d'Eu, Dona Isabel e o antigo Campo dos Bugres. Tais terrenos que ficavam acima dos assentamentos teutos, e em continuação deles nos municípios de São Sebastião e Montenegro⁸⁵.

Em 1876 são distribuídas as terras da quarta e da quinta léguas de Caxias de acordo com a primeira Lei Orgânica de 1867, a qual sofreu poucas modificações e que foi integrada por um conjunto de decretos⁸⁶ que vigoraram até 1914, ano em que cessou a política de colonização. Entre as principais obrigações que o Governo assumia eram a de distribuir uma parcela de terra, como descreve Trento: “Cada lote media, no início, 60 hectares, diminuídos depois para 48 e 25, também por causa das dificuldades e do isolamento em que se encontravam os colonos⁸⁷”.

Assim sendo, o Governo brasileiro criou um sistema de divisão de glebas da Lei Geral n. 601, de 1850, regulamentada em 1854. Desta faz parte o trecho a que Manfroi refere:

A Colônia, com sua sede já designada, era dividida em léguas quadradas, e cada légua em linhas. A linha era um caminho, muito estreito, traçado no meio da floresta virgem, através de todos os acidentes do terreno e que reunia uma montanha a outra, um rio a outro rio ou dois sinais qualquer tomados como ponto

⁸² As duas léguas foram os primeiros centros da colonização italiana no Rio Grande do Sul.

⁸³ Nova Milano era considerado o primeiro pólo irradiador de imigrantes italianos para as Colônias. Devido ao seu distanciamento dos lotes coloniais a serem ocupados, tal pólo foi transferido para os núcleos de Colônia Caxias, Conde D'Eu e Dona Isabel.

⁸⁴ Nome dado às edificações do tipo “galpão”, situadas nas sedes das Colônias e construídas em tábuas de pinho lascada.

⁸⁵ CENNI, 2003, op. cit., p. 149.

⁸⁶ Os decretos foram incorporados à Lei Orgânica de 1867 nos anos de 1876, 1890 e 1891.

⁸⁷ TRENTO, Ângelo. **Do outro lado do Atlântico**. São Paulo: Nobel; Instituto Italiano di Cultura di San Paolo; Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1989. p. 78.

de partida e como ponto de chegada. Tinha extensão de 6 a 7 km à direita e à esquerda deste corredor, que era a linha, dividia-se o terreno em lotes coloniais numerados, de 22 a 25 hectares cada um. O lote tinha a forma de um retângulo alongado, medindo 200 a 250 metros de frente e 1.000 a 1.200 metros de profundidade. Em princípio, todos os lotes deviam ter água, e quando isso não era possível, eram vendidos como lotes secos, mais baratos⁸⁸.

Como medida para minimizar o distanciamento, “os imigrantes construíam suas casas à beira da linha nos dois lados da estrada. Assim ao longo da linha, as casas se sucediam, alinhadas paralelamente umas às outras⁸⁹”. Desta forma, o limite dos fundos de um lote eram os fundos da linha paralela; portanto, a distância entre as duas linhas media um total de dois quilômetros. Isso explica por que razão os contatos se davam mais facilmente entre os habitantes de uma mesma linha.

Para dar início à construção da sua casa provisória (Figura 37), o imigrante recebia do Governo ou das empresas de colonização temporárias o lote, os instrumentos agrícolas, os alimentos e as sementes⁹⁰; contudo, depois do segundo ano em que estivessem instalados no terreno e após a primeira colheita, estes insumos deveriam ser pagos em cinco parcelas anuais. Além destas exigências, Trento declara que:

(...) o colono era obrigado a cumprir uma série de deveres e, particularmente, após seis meses, empenhava-se em deixar desmatada e plantada uma área de pelo menos mil braças quadradas, e construída, como moradia permanente do colono e da família, uma casa de tamanho não inferior a quatrocentos palmos quadrados, conforme rezava o título provisório de propriedade. Além disso, tinha que abrir caminhos que delimitassem o lote e providenciar seu desmatamento periódico. Em caso de inadimplemento perdia os melhoramentos feitos e as parcelas já pagas⁹¹.

Ao receber o lote rural, a primeira providência da família colona era abrir uma clareira para então começar a construção da casa provisória, construída com materiais encontrados no próprio terreno. Seguindo as observações de Bertussi, este tipo de habitação “media normalmente 4,00m x 6,00m, com uma porta, uma janela ou duas, coberta por tábuas lascadas, finas, retangulares, que colocadas escamadas, davam perfeito estanque da chuva. Nesse espaço desenvolviam-se precariamente todas as funções da habitação⁹²”.

⁸⁸ MANFROI, Olívio. **A colonização italiana no Rio Grande do Sul**: implicações econômicas, políticas e culturais. 2. ed. Porto Alegre: Est Edições, 2001. p. 93-94.

⁸⁹ *Ibid.*, p. 94.

⁹⁰ Os lotes eram fornecidos pela Diretoria de Imigração e Colonização primeiramente apenas às famílias de imigrantes, nunca para indivíduos desacompanhados.

⁹¹ TRENTO. 1989, op. cit., p. 78.

⁹² BERTUSSI, Paulo Iroquez. Elementos da Arquitetura da imigração italiana no Rio Grande do Sul. In: WEIMER, Günter (org.). **A Arquitetura no Rio Grande do Sul**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997. p. 124.

Depois de alojados e enquanto esperavam pela colheita das roças de milho, iniciava-se o preparo do lote para receber a casa definitiva que contava agora com cantina e com um complexo complementar para atividades funcionais: “o espaço generoso do lote rural levou ao distanciamento necessário entre a casa e outras atividades cujas características de ordem higiênica ou de segurança tornavam preferível à separação⁹³”.

A cozinha passa a ser uma edificação separada da casa de dormir – em muitos casos, passa a funcionar na antiga casa provisória. Costa descreve que o programa da “casa do imigrante, além da finalidade óbvia da habitação, abriga em si e nos seus anexos as demais atividades que necessitam espaço organizado⁹⁴”. Os setores de atividades separados da casa eram organizados como estábulos, paióis, horta, tanque, forno, latrina, chiqueiro, pomar, parreiral e roça (Figuras 38 e 39).



Figura 37: Casa provisória de taipa de mão

Fonte: POSENATO, Júlio. **Arquitetura da imigração italiana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST/EDUCS, 1983. p. 114

⁹³ WEIMER, 1997. op. cit., p. 125.

⁹⁴ COSTA, Rovílio. **Antropologia visual da imigração italiana**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brides; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1976. p. 17.

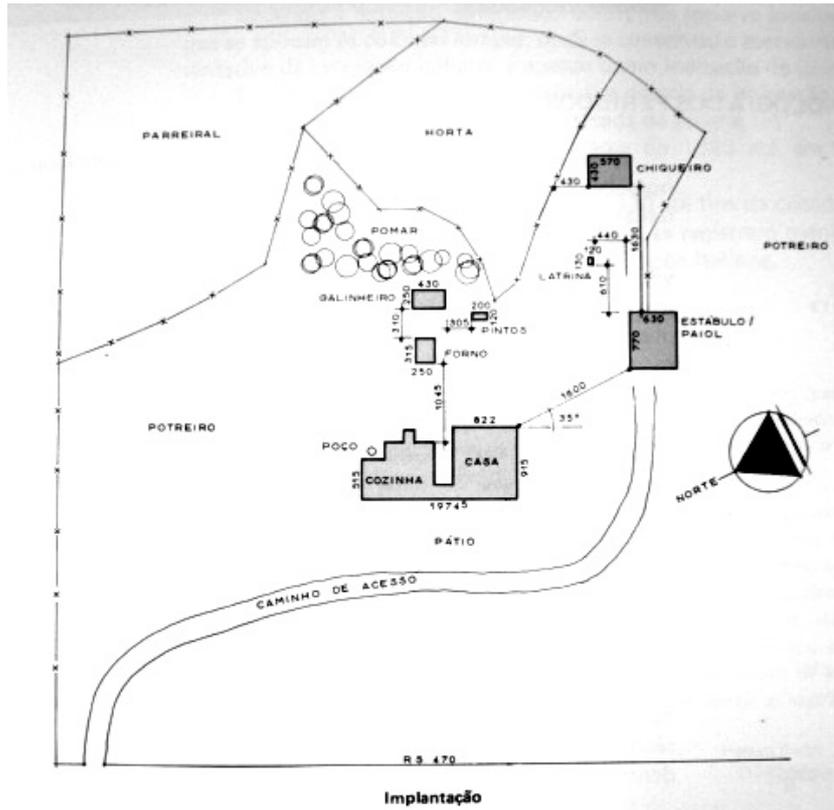


Figura 38: Implantação da casa e das demais construções complementares do lote rural
 Fonte: POSENATO, 1983, op. cit., p. 95



Figura 39: Casa de madeira elevada do solo pelo porão de pedras onde funcionava a cantina e quintal em uma das Colônias Conde D'Eu, Dona Isabel, Alfredo Chaves, Antônio Prado ou Colônia Caxias entre 1875 e 1900. Junto à casa, ocorre a presença da estrutura das diversas atividades desenvolvidas no lote: o pomar, o parreiral, o galpão e a cozinha separada da casa.

Fotógrafo: não identificado

Coleção Família Darsie

Acervo: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami

Alguns autores acreditam que a adaptação inédita da separação das atividades no lote tenha sido em consequência de os italianos terem seguido “(...) as pegadas dos seus predecessores e adotaram seus procedimentos arquitetônicos⁹⁵”, uma vez que os alemães já estavam estabelecidos há meio século no Estado (Figuras 40 a 43). Ainda dentro do aspecto da implantação das edificações no lote, Posenato atesta que:

Em relação à arquitetura rural do norte italiano da época da imigração, guarda uma relação – e não transposição – inequívoca sob o ponto de vista construtivo, porém, quanto à organização dos espaços, verifica-se um antagonismo: na Itália, geralmente todas as funções aglomeravam-se numa só edificação, em aldeias rurais, e no Brasil, a cada atividade corresponde sua própria construção, no próprio lote de cada colono. Além disso, no Brasil, em função da abundância de madeira, criaram-se processos nativos para este material⁹⁶.



Figuras 40 e 41: Casa construída pela família alemã Koppe, atualmente propriedade da família de Dorvalino Mincato, na quarta légua de Galópolis. Este exemplar⁹⁷ evidencia que as características das arquiteturas alemãs e italianas se relacionam na região de colonização italiana.
Fotografia: Daniela Ketzer Milano, 2010

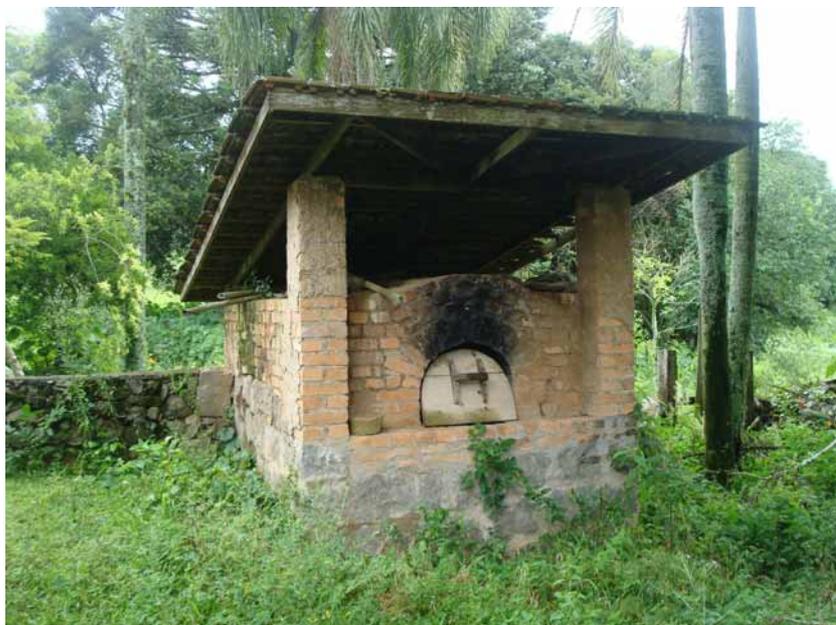
⁹⁵ WEIMER, Günter. **Arquitetura popular brasileira**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 171.

⁹⁶ POSENATO, 1983, op.cit., p. 74.

⁹⁷ A propriedade contava ainda com uma edificação de *secos e molhados*, local onde os tropeiros vinham trocar as suas mercadorias e um cemitério particular onde foram enterrados os antigos proprietários alemães. O motivo da existência deste cemitério familiar dentro do lote da família foi em virtude de os alemães serem luteranos; assim sendo, os italianos não permitiam que fossem sepultados no cemitério católico. Informações fornecidas pelo depoente Dorvalino Mincato.



Figuras 42: Uso de materiais mistos: a ala de madeira sobre o porão de pedra abriga a área de cozinha e a área de jantar da residência. Fica anexa a dois volumes de alvenaria de pedras: um, destinado à área social e íntima; o outro, a uma grande cantina. Também aparecem elementos decorativos como falsos arcos plenos em vergas e as aberturas circulares no porão.
Casa Koppe de Dorvalino Mincato na quarta légua
Fotografia: Daniela Ketzer Milano, janeiro, 2010



Figuras 43: Forno para pão⁹⁸ separado da casa principal
Casa Koppe de Dorvalino Mincato na quarta légua
Fotografia: Daniela Ketzer Milano, janeiro, 2010

⁹⁸ “Elemento usual nas casas dos imigrantes e de seus antecedentes. Os mais comuns são os de tijolos”. Ver: COSTA, 1976, op.cit., p.26.

Com o passar do tempo e com a diminuição do tamanho dos lotes, as distâncias entre as moradias vizinhas foram se aproximando proporcionalmente com a redução ou com a diminuição da escala das funções exercidas na propriedade individual (Figura 44). Esta aproximação foi positiva no sentido de trazer ao colono as origens da vida nos burgos italianos, dando a possibilidade de vida em comunidade com a qual estava acostumado.

Apesar de todas as adversidades encontradas ao chegar ao seu destino, o imigrante italiano encontrava a tão almejada posse da terra, situação vantajosa em relações às condições de vida no país de origem. Neste sentido, “(...) impressionavam fortemente o imaginário do imigrado, como a posse de cavalos de sela, que na Itália era reservada apenas às classes mais abastadas⁹⁹”.

Outra questão importante foi a semelhança do tipo de terreno encontrado nos campos da Serra com os de sua pátria — elemento facilitador na prática da agricultura — já que o terreno era propício para o cultivo do trigo, da uva e do milho — alimentos estes essenciais para a subsistência da família, como, por exemplo, o pão, a polenta e o vinho. Já a criação de pequenos animais, como porcos e galinhas, garantia o consumo de carne, leite, queijo, salame, ovos e banha.

Porque a deficiência dos meios de comunicação e de transporte era grande, a comercialização e o escoamento destes produtos eram quase nulos. De fato, a agricultura ficou limitada por décadas à auto-suficiência dos núcleos coloniais, fator que abriu caminho posteriormente ao desenvolvimento da industrialização, à proletarização de muitos imigrantes e à adaptação da Arquitetura e dos costumes trazidos da Itália ao novo modelo de vida no entorno da fábrica.

2.2.2 Arquitetura vernacular e costumes trazidos da Itália

A Arquitetura vernacular¹⁰⁰ da imigração italiana no Rio Grande do Sul, apesar de ser pouco estudada, é importante para o conhecimento da Arquitetura popular brasileira devido à

⁹⁹ TRENTO, Ângelo. **Os italianos no Brasil**. Caxias do Sul: UCS; Ministério das Relações Exteriores da Itália; Embaixada da Itália e Instituto de Cultura de São Paulo, 2000. p. 44.

¹⁰⁰ Conceito dado à edificação construída com material e com recursos encontrados no próprio ambiente. Deste modo, ela apresenta caráter local ou regional.

sua característica mais marcante: a riqueza de soluções apresentadas na execução das construções, uma vez que não se tratava de uma Arquitetura erudita¹⁰¹.

O primeiro período da colonização foi relativamente longo, cuja edificação das casas foi marcada pela autoprodução dos materiais de construção, devido ao difícil acesso viário para os centros urbanos que impossibilitava o transporte da madeira serrada, de pedras cortadas e de tijolos. Sobre isso, Cenni esclarece: “(...) o emprego predominante da madeira correspondeu, inicialmente, a uma necessidade pela falta de areia para construção e pela extrema dificuldade de transportes, que impedia a chegada de cal naqueles rincões¹⁰²”.

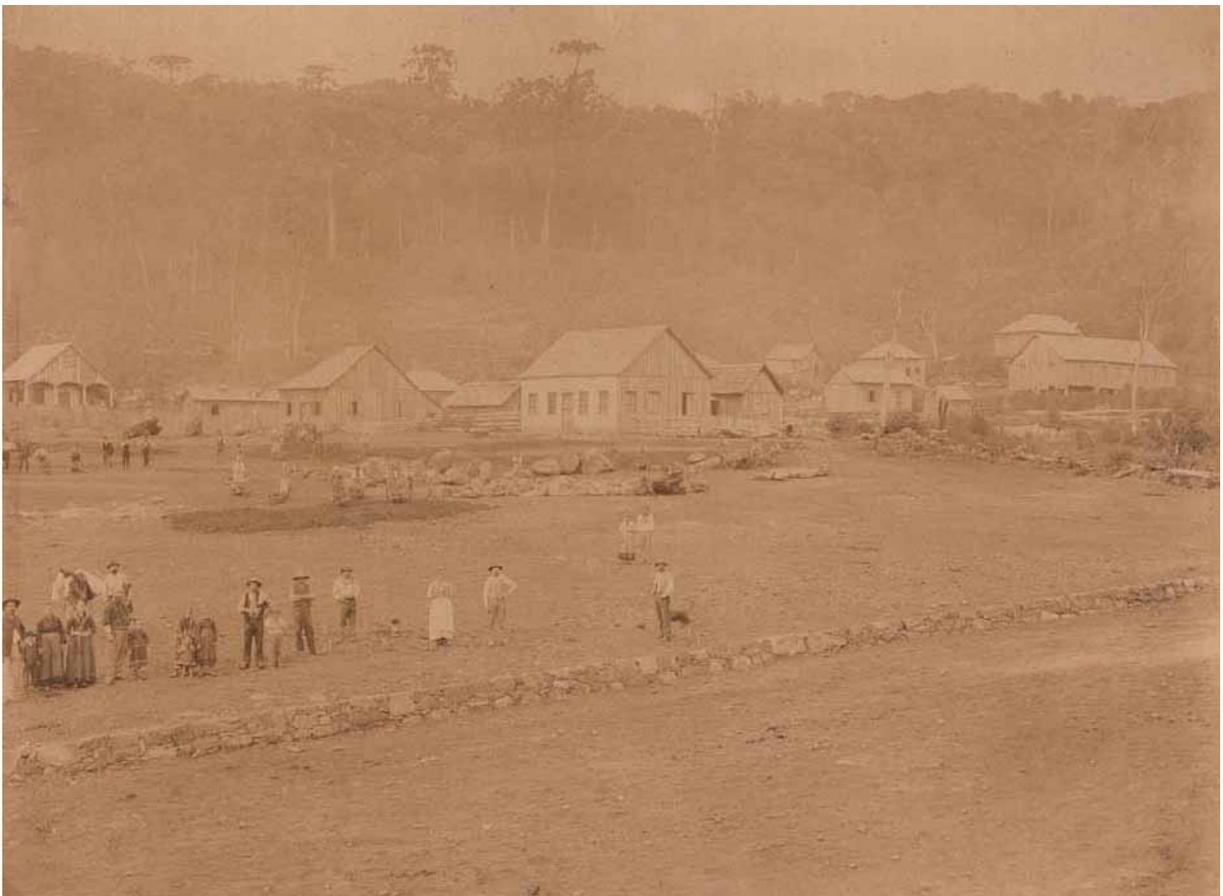


Figura 44: Vista parcial da Colônia Caxias (entre 1875-1900). Demonstra a transformação da Colônia em cidade com a aproximação das propriedades.

Fotógrafo: Gio-Batta Serafini

Coleção: Família Darsie

Acervo: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami

¹⁰¹ A construção não contava com a orientação de um profissional técnico como arquiteto ou engenheiro para a execução de um projeto.

¹⁰² CENNI, 2003, op. cit., p. 155.

Com tais dificuldades, o colono procurava o material mais disponível encontrado na natureza, isto é, a madeira das florestas e o basalto. Embora não dominassem o ofício da construção em madeira, esta foi assimilada de imediato pela abundância da matéria-prima local. Já o trabalho com o uso da pedra foi facilitado (Fotografias 45 e 47), pois “a região da Itália que forneceu um maior número de imigrantes foi o Vêneto¹⁰³, cuja orografia em muito se assemelhava à nossa em que dominam as técnicas construtivas com o uso do basalto¹⁰⁴”. A respeito do assunto, Weimer expõe que:

(...) a existência de uma floresta rica e diversificada em madeiras – dentre as quais se destacava a araucária, que apresentava troncos absolutamente retos e com galhos apenas no topo – oferecia uma matéria-prima insuperável para fins de exploração artesanal e industrial. Por isso muito rapidamente, reservaram as construções de pedra para as fundações, sobre as quais passaram a erguer construções de madeira. No caso da existência de uma cantina, as fundações correspondem às paredes¹⁰⁵.



Figura 45: Implantação da casa de pedras roliças irregulares no lote rural na terceira légua de Galópolis.
Fotografia: Daniela Ketzner Milano, 2008

¹⁰³ FROSI, Vitalina Maria; MIORANZA, Ciro. **Imigração italiana no Noroeste do Rio Grande do Sul:** processos de formação e evolução de uma comunidade ítalo-brasileira. Porto Alegre: Movimento, 1975. p. 37.

¹⁰⁴ BERTUSSI, 1997, op. cit., p. 127.

¹⁰⁵ WEIMER, 2005, op. cit., p. 173.

A prática da utilização da madeira evidencia o poder de adaptação do imigrante ao meio, aos materiais e às formas construtivas, demonstrando criatividade também expressa nas edificações mistas que, segundo Bertussi, “foi a mais freqüente¹⁰⁶”. Em um primeiro momento, a madeira foi empregada como solução de improviso e de emergência em que as toras eram lascadas; muitas vezes, eram usados troncos inteiros (Figura 46) super dimensionados como estruturas dos barrotes. Por causa de sua abundância, ela se prestou para diversos outros fins: como, por exemplo, na vedação de empenas (Figura 49), na estrutura de telhados; na confecção de telhas, de pisos, de paredes internas, de esquadrias como portas e janelas; ainda, em estruturas diversas, tanto nos exemplares mistos como nas construções com predominância da pedra ou do tijolo. Deste modo, Cenni ressalva que:

Com o aumento progressivo da família, as pequenas casas de tábuas de quatro paredes passariam a ser palheiros ou depósitos, sendo substituídas, como habitação, por outras maiores, sempre de madeira, com cobertura de chapas ou de telhas, erguidas sobre uma base de pedra semi-enterrada que funcionava como cantina. Algumas casas foram construídas inteiramente com pedras, dando assim a impressão de verdadeiras fortalezas¹⁰⁷ (Figura 45).



Figura 46: Casa Koppe, hoje de propriedade da família de Dorvalino Mincato, na quarta légua de Galópolis
Os troncos inteiros cumpriram o papel de vigas de sustentação para o andar acima do porão.
Fotografia: Daniela Ketzer Milano, 2010

¹⁰⁶ BERTUSSI, 1997, op. cit., p. 130.

¹⁰⁷ CENNI, 2003, op. cit., p. 155.

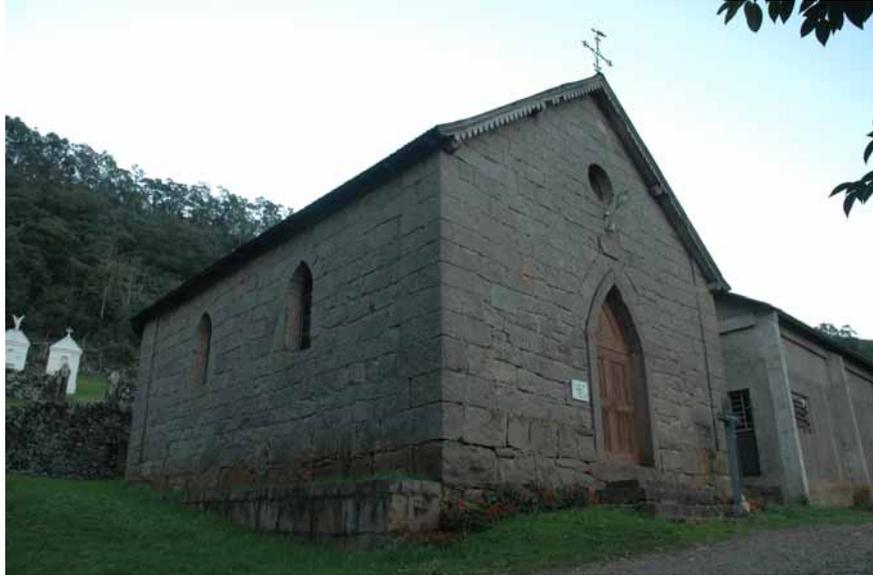


Figura 47: Evolução no elemento pedra, como ilustra a amarração das pedras na quina da Capela, edificada em basalto semi regular, pelos imigrantes italianos na terceira légua de Galópolis em 1892. Fotografia: Daniela Ketzer Milano, 2006.

Devido ao fato de o terreno da região da Serra ser rico em barro, foram construídas edificações tanto residenciais quanto comerciais, em tijolos, inicialmente denominados *adobe*, que eram os tijolos maciços de dimensões avantajadas feitos manualmente e a domicílio. Mais tarde, estes materiais “(...) passaram a ser produzidos em olarias, sempre maciços enquanto perdurou a influência da imigração italiana¹⁰⁸”. Ainda, dentro do mesmo assunto, Posenato completa: “as primeiras olarias, na verdade mais artesanais que industriais, utilizavam processos assemelhados aos da feitura domiciliar¹⁰⁹”.

Assim, em construções com materiais mistos, é possível encontrar exemplares em pedra e madeira – pedra e tijolos e ainda pedra, madeira e tijolos (Figura 49). A execução em tijolos, apesar de ser pouco citada na bibliografia referente à Arquitetura da imigração italiana, foi importante pelo fato de ter possibilitado a execução de mais de dois pavimentos justamente por se tratar de um material autoportante¹¹⁰. Sobre este tema, Posenato esclarece:

(...) quando o porão não constitui alpendre, mas um pavimento semi subsolo, suas paredes são de pedra. Nos demais pavimentos, sobre um total de até quatro, há então o emprego de tijolos, ou domésticos ou industrializados. As empenas, quando existem, podem ser também de tijolos ou, com mais frequência, de madeira¹¹¹.

¹⁰⁸ Conforme Bertussi até a década de 1950. Ver: BERTUSSI, 1997, op. cit.

¹⁰⁹ POSENATO, 1983, op. cit., p. 144.

¹¹⁰ A parede de tijolos maciços serve de elemento de sustentação por se tratar de um material maciço e resistente às tensões da construção, diminuindo ou excluindo, assim, o número de pilares e de vigas.

¹¹¹ Ibid., p. 145.



Figura 48: No caso desta casa construída em Galópolis, no aproveitamento do declive, foi construído o porão; porém, nesta versão, de tijolos ao invés de pedras.
Fotografia: Daniela Ketzner Milano, 2007



Figura 49: Casa na Linha Júlio de Castilhos em Veranópolis, utilizando três materiais na forma mista: pedra, tijolos e madeira.
Fonte: POSENATO, 1983, op. cit., p. 145

As construções em alvenaria de tijolos caracterizaram-se por serem casas construídas com telhados de duas a quatro águas e com fachadas com despojamento de ornamentações. Embora o tijolo tenha aparecido primeiramente nas construções como material de acabamento como vergas, peitoris, pavimentações, a sua maior contribuição foi a possibilidade da inserção da cozinha no corpo da casa de dormir, uma vez que o material oferecia maior segurança em relação às casas de madeira.

As habitações, independentemente dos materiais de construção, apresentavam partido funcional semelhantes entre si apesar da variante de modelos. A diferença mais considerável é a presença da cozinha junto ao corpo principal da casa; porém, na maioria das vezes, como um apêndice fora do telhado principal (Figura 53). Nos casos das casas de madeira, as cozinhas só passaram a aparecer de forma mais constante junto ao corpo da casa principal depois da invenção do fogão de chapa ou do fogão à lenha devido ao perigo do fogo. Esta agregação da cozinha acompanhou a evolução do fogão.

O primeiro sistema de preparo de alimentos era feito na cozinha separada da casa no chamado *focolaro*, que consistia em uma caixa retangular revestida de madeira. Na parte interna era colocada terra batida com leve inclinação para o centro onde era aceso o fogo. Para o preparo do alimento, a panela era pendurada por uma corrente, a qual era regulada em altura de acordo com o tamanho da labareda (Figuras 50 e 51). Weimer descreve:

Este fogo aberto obviamente trazia consigo o perigo de incêndio. Por isso a cozinha era construída a uma distância segura da casa. Esse perigo foi minorado com o surgimento do fogão de chapa, que consistia numa construção de uma canaleta de alvenaria de tijolos fechada na parte superior por uma chapa de ferro fundido provida de argolas, cuja retirada ou junção permitia um cozimento mais ou menos

rápido, conforme a necessidade do momento. Como o fogo desembocava numa chaminé, era considerado seguro, o que facultou a aproximação da cozinha da casa. De início era deixado um simples corredor entre as duas construções, mas logo a seguir, especialmente a partir do surgimento do fogão esmaltado, a cozinha foi integrada à casa¹¹².

Contudo, a aproximação deste compartimento ao corpo principal da casa aconteceu de forma gradual. O primeiro avanço deu-se no sentido de acrescentar uma espécie de “varanda” denominada *tabique*, que ligava o comedor que ficava na casa principal à cozinha propriamente dita, onde se preparava o fogo (Figura 52). Este compartimento também podia ser a antiga casa primitiva.

A seguir, tem-se a evolução gradual que sofreu os tipos de cozinha nas residências dos imigrantes:

Tipo 01



Figura 50: Exemplar de cozinha separada da casa
Travessão Riachuelo, Monte Bérico, Flores da Cunha
Fonte: POSENATO, 1983, op. cit., p. 257

¹¹² WEIMER, 2005, op. cit., p. 176.

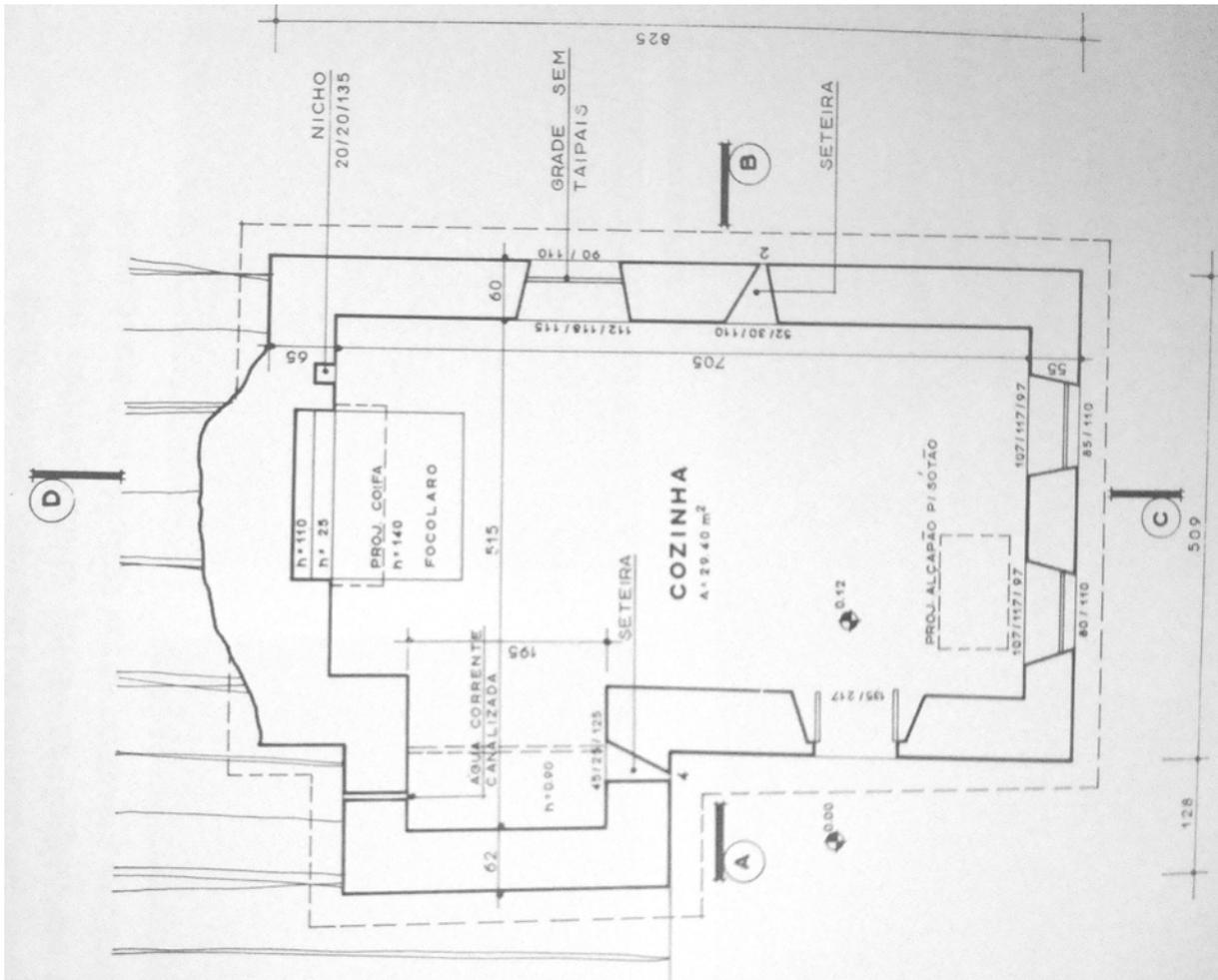


Figura 51: Planta baixa da mesma cozinha com a localização do *focolaro*, este já com chaminé, no mesmo ambiente, área de lavagem de louça
 Fonte: POSENATO, 1983, op. cit., p. 258

Tipo 02



Figura 52: Residência composta por dois volumes: casa principal e cozinha, unidas por varanda coberta também chamada de tabique. Veranópolis
 Fonte: COSTA, 1976, op. cit., p. 35

Tipo 03

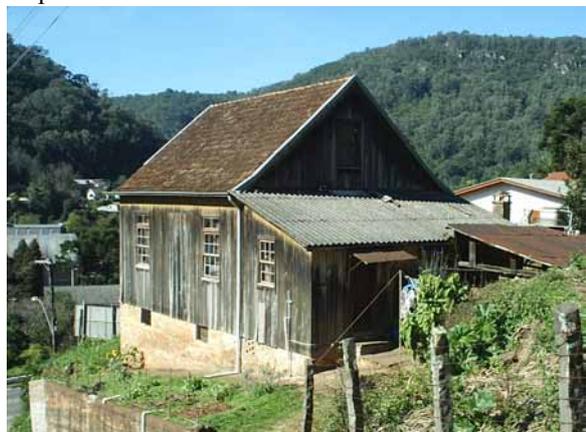


Figura 53: No exemplar de casa de madeira, composta de dois volumes: casa principal e a cozinha anexada, porém, como um apêndice da moradia
 Fotografia: Daniela Ketzner Milano, 2007

É importante caracterizar que a residência típica da imigração italiana era dividida por setores: geralmente era construída em terreno com declividade, cuja parte inferior ficava semi-enterrada e destinada ao porão, o qual tinha acesso ao exterior por uma grande porta localizada na parte mais baixa do terreno. Já o acesso ao primeiro pavimento, que se localizava na parte mais alta do terreno, era feito na maior parte das vezes por uma escada externa de madeira ou de pedra – esta elevação ocorria devido à elevação do porão semi-enterrado (Figura 54).

No porão eram guardadas as ferramentas e eram desenvolvidas todas as atividades de feitura e de armazenagem do vinho e de alimentos derivados da carne e do leite, já que se tratava da área mais fria da casa. Este compartimento da casa denominava-se *cantina* e “(...) nela residia a função industrial doméstica que foi por muitos anos a espinha dorsal de todo o funcionamento da colônia. Era um espaço completamente livre, tendo apenas algumas colunas de madeira que ajudavam a suportar o barroteamento do piso do andar superior¹¹³”.

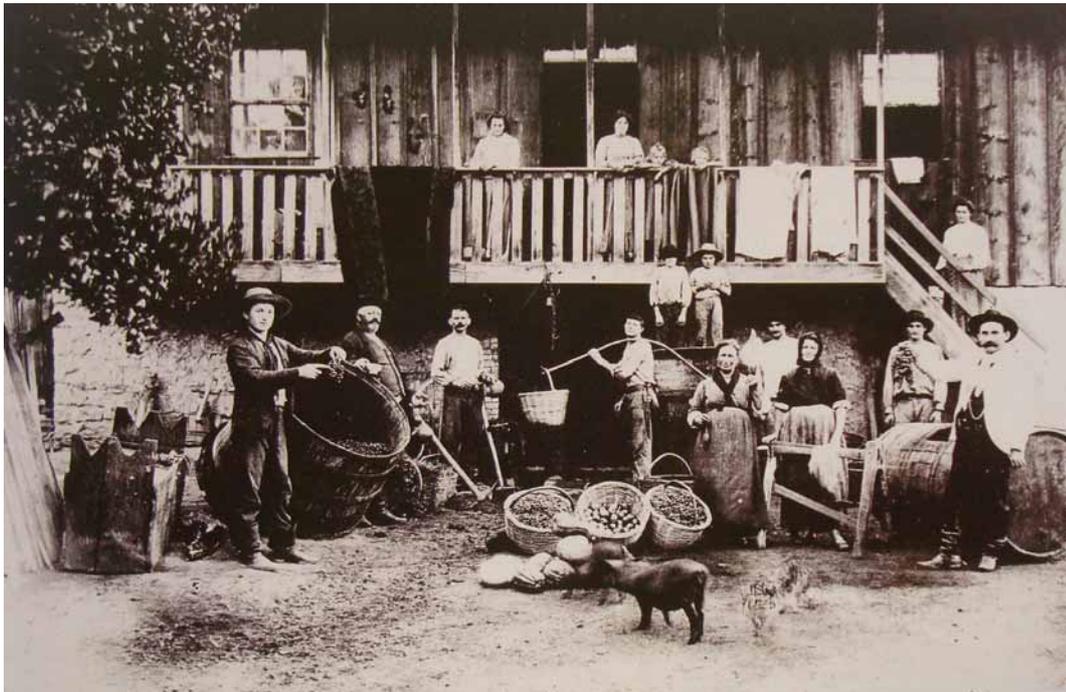


Figura 54: Residência da família Boff, Caxias do Sul, 1904, trazendo a produção da família na casa de madeira sobre o porão de pedras. Como em outros casos quando o porão não possuía a parte enterrada, o acesso principal da habitação era dado através de uma escada que leva a uma varanda também de madeira, que, por sua vez, leva à porta principal. Neste modelo a porta do porão também se localiza na mesma fachada.

Fotógrafo: Domingos Mancuso

Acervo: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami

¹¹³ BERTUSSI, 1997, op. cit., p. 130.

Já o primeiro pavimento recebia a ala social e íntima, apresentava neste andar de um a quatro dormitórios dispostos ao lado da sala. A área social (Figura 58), por sua vez, podia ser desde um salão social que servia para as festas e para os velórios até uma pequena saleta ou apenas um corredor largo de distribuição para os quartos. A escada para o sótão ficava geralmente em um destes quartos, que era transformado em despensa. Em alguns casos existia um andar intermediário entre o térreo e o sótão destinado à área íntima de dormitórios (Figuras 56 à 58). Conforme o relato de Weimer sobre a setorização das residências:

O sótão era um espaço totalmente livre, com ampla ventilação, pois servia para o depósito e secagem de cereais. Assim, muitas vezes, seu piso ficava abaixo do topo das paredes, com o fim de permitir a colocação de pequenas janelas quadradas, retangulares ou redondas que facultavam uma profusa ventilação cruzada (Figura 56). Não raro, o sótão podia ser adaptado para abrigar um ou dois quartos que se destinavam aos filhos homens. Já as filhas dormiam no térreo, mais severamente controladas pelos pais¹¹⁴.

Posteriormente as janelas do sótão passaram a se localizar na empena do telhado da casa – tal condição permitiu a garantia de ventilação cruzada quando a área era um vão livre (Figura 55).



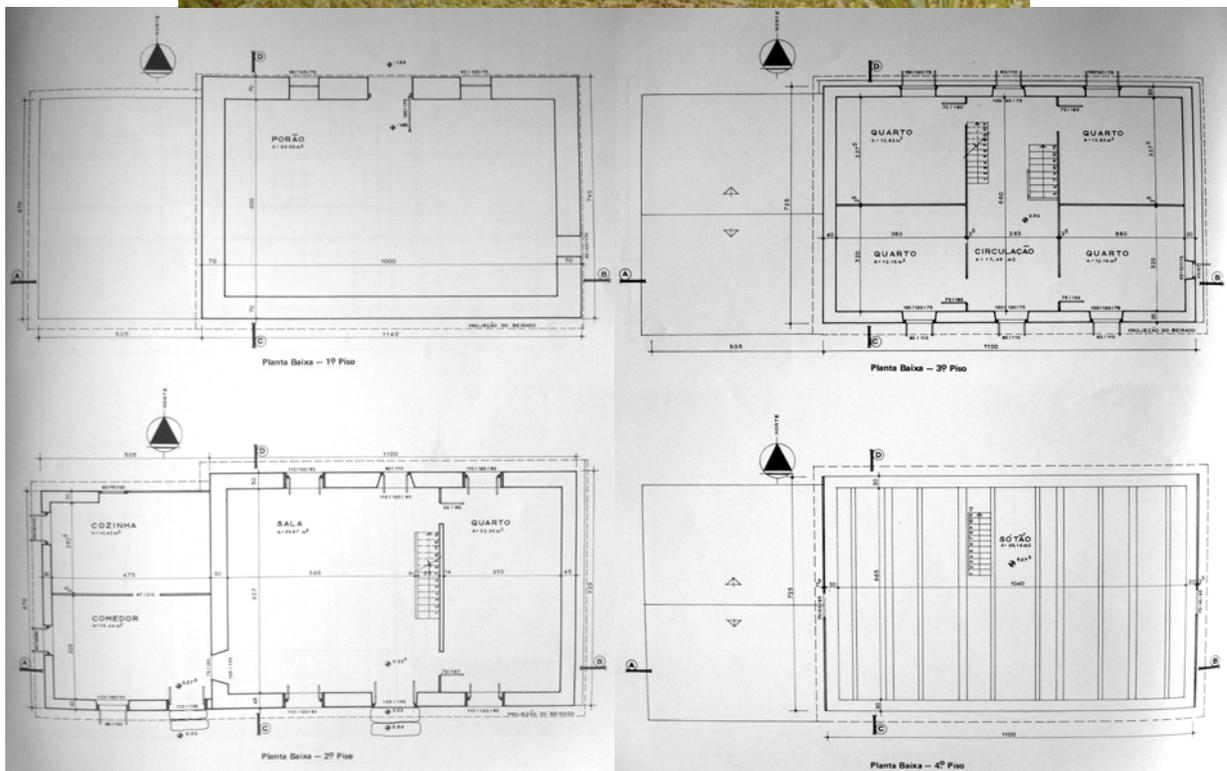
Figura 55: Sótão sem divisórias internas e com janelas nas empenas, o que garantia a ventilação cruzada para secagem dos grãos que ali eram estocados.
Casa Zinani, terceira légua de Galópolis
Fotografia: Daniela Ketzner Milano, 2009



Figura 56: As janelas do sótão nos primeiros tempos, apesar de menores do que as demais, compunham a fachada principal.
Monte Bérico, Farroupilha
Fonte: POSENATO, 1983, op. cit., p. 70

¹¹⁴ WEIMER, 2005, op. cit., p. 177.

Vale referir que os tipos mais comuns de distribuição dos ambientes nas plantas arquitetônicas da casa imigrante italiana podem ser caracterizados da seguinte maneira: quando compostas de dois pavimentos, independentemente de ter porão ou não, o sótão ocupa a função de segundo pavimento, abrigando também um ou mais dormitórios dentro do volume do telhado. Já o primeiro pavimento (além dos ambientes sociais e, por vezes, de serviço) também abriga quartos. Quando possui três pavimentos, nem sempre possui quartos no térreo, deixando-os para o segundo andar – Aqui, o sótão se transforma em um vão livre.

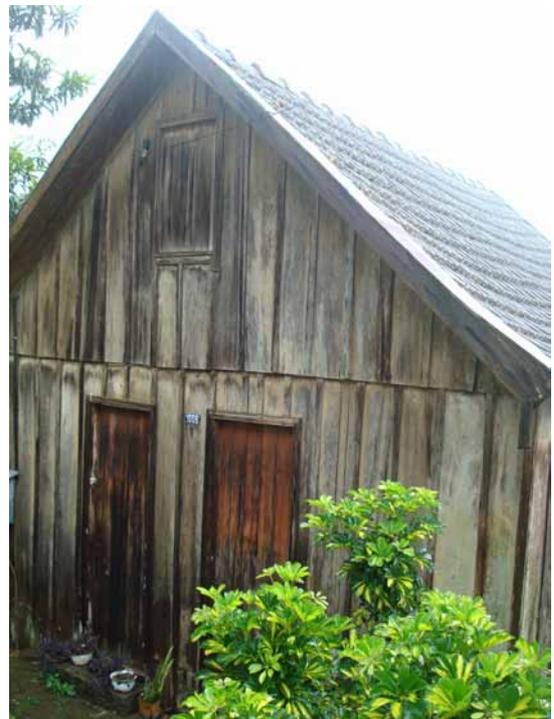


Figuras 57 e 58: Residência de 1901 em Coronel Pilar, Garibaldi. Exemplo de plantas baixas dos pavimentos de uma típica casa da imigração italiana. Neste caso, o volume da cozinha é encostado no corpo da casa principal como é indicado em planta e reconhecido na fachada da edificação.

Fonte: POSENATO, 1983, op. cit., p. 243-244

Fatores como a diminuição do lote rural, devido ao fracionamento e à distribuição de uma parte deste a cada vez que um filho homem casava e a urbanização da população da colônia, motivada pela industrialização da região contribuíram para as modificações e para as adaptações que foram necessárias nas habitações. Assim, houve em alguns casos uma racionalização das atividades no terreno e a aglutinação dos volumes em uma só edificação: “(...) surgiram então novos partidos, sem porões ou muito pequenos, típicos dos centros urbanos, e de um só piso. Quanto ao resto, mantinham as características das casas coloniais¹¹⁵” (Figuras 59 e 60).

Conclui-se, portanto, que a evolução da Arquitetura italiana de Galópolis, passou primeiramente por um processo de construção rural, para, em um segundo momento, fazer parte da malha urbana ao redor da indústria. O aprimoramento desta Arquitetura pode ser definido de três modos: o tamanho dos lotes, o desenvolvimento dos métodos de construção e a evolução nas formas dos materiais; as transformações no modo de cozinhar, fator que aproximou a cozinha da casa.



Figuras 59 e 60: Adaptações que as casas de origem italiana sofreram nas áreas urbanas próximas às Colônias. A casa da Figura 59 é unifamiliar; a da Figura 60 contempla duas moradias. A chaminé do Lanificio São Pedro aparece ao fundo. Rua Antônio Chaves, Galópolis. Fotografia: Daniela Ketzer Milano, 2010

¹¹⁵ WEIMER, 2005, op. cit., p. 177.

2.3 INDÚSTRIA TÊXTIL E PRIMEIRAS HABITAÇÕES DO LANIFÍCIO

Os primeiros imigrantes italianos que se instalaram nos lotes coloniais que constituíam o povoado de Galópolis faziam parte do programa oficial de imigração financiado pelo Governo brasileiro para ocupar e para colonizar aquelas terras. Esses colonos eram proprietários de pequenos lotes e se dedicaram a cultura de subsistência baseadas principalmente no cultivo do milho e da uva, que eram a base de sua alimentação. Como o local era cercado de morros, este não era propício à agricultura extensiva e à criação de gado.

O início da povoação da região de Galópolis data dos primeiros anos da imigração italiana. Na localidade fundaram a Capela da Maternidade, para onde *subiam*¹¹⁶ para rezar a missa e para sepultar seus mortos. “As primeiras famílias que se estabeleceram neste recanto foram as de José Comerlato, José João Bellò, João Tissot, J. Sbabo e José Boffe, que tinham vindo da Itália (dos Municípios de Valle del Signori e Schio, Província de Vicenza) para colonizar esta zona¹¹⁷”.

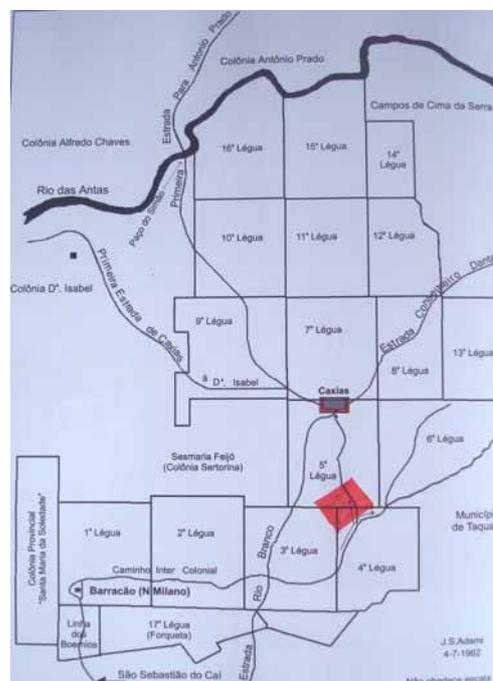


Figura 61: Mapa de localização mostrando Galópolis em vermelho entre as léguas (Imagem editada pela autora)

Fonte: ADAMI, João Spadari Adami. **História de Caxias do Sul** – 1864-1962. Caxias do Sul: São Miguel, s/d. p. 51

¹¹⁶ Foi utilizada a expressão *subiam* que se referia ao deslocamento da população da localidade entre as montanhas, até a capela e o cemitério que ficavam na parte alta do morro.

¹¹⁷ **Livro do Tombo** da Paróquia de Galópolis, 1936. p. 1.

Os limites da vila se situavam na extremidade sul da quinta légua de Caxias, ao nordeste da terceira légua e ao noroeste da quarta légua¹¹⁸. Os lotes que formavam o povoado estavam localizados na quarta légua, nos Travessões de Barata Góes e no Vêneto (Figura 61).

Nos primeiros anos de colonização, o comércio da região de Galópolis tornou-se o grande concentrador de renda das famílias imigrantes; assim sendo, a produção agrícola era comprada e distribuída na própria localidade. Entretanto o isolamento sofrido pelos colonos, pela dificuldade de acesso e pela falta de contato com o restante do País, obrigavam estes a vender as suas mercadorias por valores fora de mercado. Este fator gerou a dependência com os estabelecimentos comerciais da região.

Observa Trento que:

O transporte dos produtos agrícolas era feito exclusivamente em lombo de burro ou em carros puxados por bois, apresentando, porém, dificuldades bem maiores do que o normal por causa das condições das estradas, que continuaram sendo dramáticas pelo menos até a via fluvial e de lá até o mercado consumidor. As dificuldades citadas acarretavam outro tipo de consequência: à medida que aumentava a distância dos centros consumidores, os colonos eram obrigados a vender os produtos ao intermediário a preços gradativamente baixos, de modo que, nas localidades mais isoladas, entregavam todos os excedentes ao vendeiro que, durante o ano, lhes oferecia os artigos de primeira necessidade: sapatos, tecidos, remédios, etc¹¹⁹.

A localização geográfica dos lotes coloniais também não contribuía com o desenvolvimento das atividades do setor primário, já que as terras eram montanhosas como aquelas da região de Schio. Deste modo, tal localização estimulava a organização de atividades secundárias como complementação à agricultura, conduzindo a um sistema semelhante ao deixado na antiga Pátria. Como os imigrantes solteiros não tinham direito à propriedade do lote colonial, precisaram criar uma alternativa de serviços de mão de obra especializada como modo de sobrevivência. Estes dois fatores somados geraram o desenvolvimento em direção à criação da área urbana e da industrialização da região de Galópolis. Sobre este assunto, Cenni relata que:

Nas regiões coloniais, as primeiras modestíssimas oficinas pertenciam, em regra, a imigrantes solteiros, que como tais não tinham direito à concessão de lotes de terras. Desde os primeiros anos do povoamento, esses artífices montaram pequenas sapatarias, marcenarias e funilarias, enquanto os que contavam com maiores possibilidades financeiras iniciavam a produção de banha ou exploravam moinhos e serrarias¹²⁰.

¹¹⁸ De acordo com o **Livro do Tombo** da Paróquia de Galópolis, 1936. p. 1.

¹¹⁹ TRENTO, 1989, op. cit., p. 93.

¹²⁰ CENNI, 2003, op. cit., p. 170-171.

Outra opção nasceu a partir da idéia da compra de alguns teares para a complementação da renda familiar, já que este era um costume trazido da Itália. A iniciativa partiu dos próprios imigrantes de Galópolis: “antigos operários do Lanifício Rossi de Schio¹²¹, devido aos valiosos recursos que lhes proporcionavam as águas do Arroio Pinhal, cogitaram em organizar um pequeno Lanifício. Isto conseguiram, constituindo uma sociedade cooperativista em que entraram também novos colonos¹²²”.

Os ex-grevistas do Lanerossi deportados da Itália no vapor Ádria faziam parte da leva de imigrantes que não eram casados¹²³ e que participaram desta sociedade cooperativa. Adami conta que, antes de sua partida de Schio, “foram reunidos no pátio da fábrica onde o Conde Rossi¹²⁴ havia cercado o local com guardas, perdoando os casados, mas aos solteiros deu-lhes duas alternativas: a prisão ou o Brasil¹²⁵”. A liberdade e o trabalho sem a figura do patrão da fábrica também motivavam no sentido da criação do próprio negócio.

Além dos fundadores mencionados na Figura 62, de acordo com carta enviada por Giuseppe Formolo aos pais na Itália, firmou-se uma sociedade com 22 sócios, entre os quais Giovanni Mincatto. Em tal carta consta que mandaram buscar uma máquina de tecer na Europa para funcionar no empreendimento têxtil de denominação *Società Tevere e Novità*¹²⁶. Também são descritas as características do barracão de madeira¹²⁷ construído para abrigar a nova fábrica que possuía 38 janelas com medidas de 1,20 metros por 1,60 metros (Figura 63). Tal documento enaltecia, em dialeto, a importância de terem o seu próprio negócio, que também contaria com mão-de-obra dos filhos e das filhas¹²⁸.

Segundo o *Livro do Tombo* da Paróquia de Galópolis¹²⁹, “as fábricas do lanifício começaram a funcionar entre os anos 1894 a 1895”. Todavia, na referida carta, consta que o trabalho de tecelagem só iniciaria dois meses após a postagem da dita correspondência, datada em 29 de janeiro de 1897, ano em que já possuíam 13 máquinas. Estes imigrantes procuraram no ofício que conheciam, os meios para resolver as dificuldades encontradas na nova Pátria. Sobre esse tema, Cenni relata que:

¹²¹ A imigração dos antigos operários do Lanifício Rossi de Schio foi retratada no tópico 1.3 do primeiro capítulo desta dissertação.

¹²² **Livro do Tombo** da Paróquia de Galópolis, 1936. p. 1.

¹²³ Muitos imigrantes solteiros casaram, chegando ao Brasil conforme o relato dos depoentes.

¹²⁴ Quando o texto se refere ao Conde Rossi, está aqui, mencionando Alessandro Rossi, proprietário do Lanerossi de Schio.

¹²⁵ ADAMI, João Spadari Adami. **História de Caxias do Sul** – 1864-1962. Caxias do Sul: Editora São Miguel, 1974. p. 377.

¹²⁶ De acordo com o depoimento do Sr. Dorvalino Mincato, o termo *Società* era utilizado na ocasião de sua formação, como referência à Cooperativa.

¹²⁷ O trabalho de tecelagem inicialmente era desenvolvido em casa, principalmente pelas mulheres.

¹²⁸ A carta foi postada de Caxias a 29 de janeiro de 1897.

¹²⁹ **Livro do Tombo** da Paróquia de Galópolis, 1936. p. 1.

A indústria de tecidos de algodão havia tomado grande impulso no Piemonte, utilizando as riquezas hidráulicas locais, e se desenvolvia animadoramente também na Lombardia e no Vêneto, chegando em breve à categoria de grande indústria, ao lado da tradicional produção de lã, a mais antiga das atividades têxteis na Itália. Era natural, portanto, que os operários e artifices italianos, emigrados, quisessem desenvolver sua atividade em setores conhecidos, onde encontrariam campo propício às suas ambições e capacidades de trabalho, transformando, num período de tempo mais ou menos curto, pequenas oficinas em verdadeiras fábricas¹³⁰.



Figura 62: Fundadores da Società Tevere e Novità, em frente às primeiras casas para trabalhadores: 1. José Comerlato; 2. José Berno; 3. José Casa; 4. José Bolfe; 5. Giovanni Mincato. Como pano de fundo, aparecem as primeiras casas dos cooperativados.

Fotógrafo: não identificado

Acervo: Pessoal Dorvalino Mincato, neto de Giovanni Mincato¹³¹

¹³⁰ CENNI, 2003, op. cit., p. 254.

¹³¹ Giovanni Mincato era tecelão de Schio; na Figura 63, é o de n. 5. Tais informações foram comprovadas graças à documentação apresentada pelo neto Dorvalino Mincato na entrevista realizada à autora em outubro de 2009.



Figura 63: Barracão que deu início ao Lanifício que ficava próximo ao Arroio Pinhal, cuja água fornecia energia para as máquinas, março de 1902
 Fotógrafo: não identificado
 Fonte: Banco de dados do **Jornal Pioneiro**, 8 de junho de 2000

Para abrigar os operários da colônia¹³², a pedido principalmente dos trabalhadores oriundos de Fazenda Souza, de Vila Olívia e de Santa Lúcia, foi construído um conjunto de casas de madeira hoje demolidas¹³³. Através da análise das fotografias, de depoimentos com as descrições dos depoentes, reconheceu-se a existência de três partidos arquitetônicos que foram se formando ao redor de um campo de futebol¹³⁴ onde eram realizados todos os eventos da localidade.

As casas que ficavam na mesma fileira foram inicialmente iguais, dispostas linearmente umas às outras (Figuras 64 e 65). O conjunto completo de habitações de madeira para funcionários mais tarde formou um “U” ao redor do campo central (Figura 68). No encontro entre duas linhas perpendiculares encontrava-se a igreja¹³⁵ (Figuras 66 e 70) e o prédio da Cooperativa Operária de Consumo (Figura 69).

¹³² O depoente Dorvalino Mincato em outubro de 2009 relata em entrevista com a autora sobre os trabalhadores que vinham do interior da Colônia para trabalhar no barracão da quinta légua: “Essa gente não morava aqui, um morava 15 minutos a pé, outro, meia hora a pé, outro, uma hora a pé, outro uma hora e meia a pé. Todos eles vinham trabalhar e depois iam pra casa”.

¹³³ Informação fornecida em entrevista feita pela autora em junho de 2008 com o Senhor Renato D’allagnol, atual Presidente do Sindicato da Indústria de Galópolis, ex-morador das casas da vila operária.

¹³⁴ O antigo campinho de futebol era localizado no mesmo terreno onde foi construída a Igreja Matriz e onde atualmente se encontra a praça central.

¹³⁵ “No ano de 1916 foi reedificada em alvenaria a antiga capela de madeira, nas proporções de 15,00x8,00 m, à custa da fábrica, e em seguida foi construída a Casa Canônica com o dinheiro e trabalho de toda a população”. Ver: **Livro do Tombo** da Paróquia de Galópolis, 1936. p. 2.

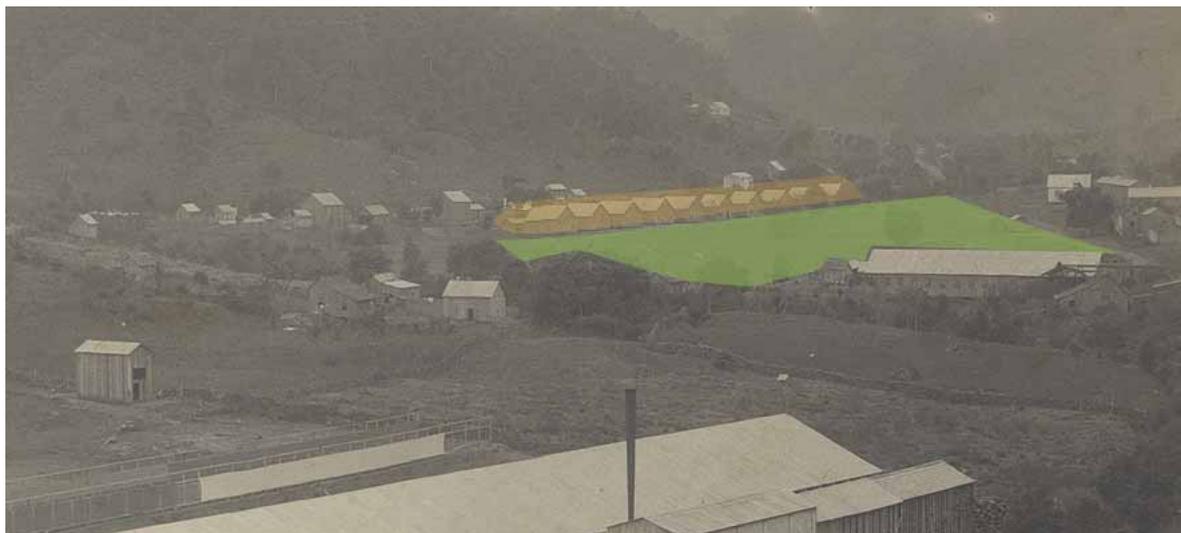


Figura 64: O destaque em amarelo¹³⁶ apresenta a primeira etapa da construção das casas de madeira ao redor do campo de futebol. Em primeiro plano, vê-se um pedaço do conjunto fabril do Lanifício. Galópolis entre 1914/1916 (segundo informação do fotógrafo e morador da localidade) Roni Rigon, em 18/jun./1998)
 Fotógrafo: Giácomo Geremia (imagem editada pela autora)
 Coleção Arquivo Histórico Municipal
 Acervo: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami



Figura 65: As casas operárias do início do Lanifício de Galópolis são as mesmas que estão representadas na cor amarela na Figura 64, localizadas na atual Rua Pedro Chaves. Tipologia de casas duplas (primeira tipologia descrita)
 Fotógrafo não identificado
 Coleção Arquivo Histórico Municipal
 Acervo: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami

¹³⁶ O esquema de cores das próximas fotografias vai funcionar graças a uma legenda. Assim, cada coloração terá sempre a mesma representação.

Esta primeira tipologia de casa de madeira seguiu o partido de casa dupla, isto é, cada unidade possuindo duas residências rebatidas de mesmo projeto para duas famílias. De acordo com a descrição de uma antiga funcionária do Lanifício e ex-moradora de uma destas habitações, a planta tipológica da casa em que morava era assim composta: “no térreo tinha uma salinha, um quarto, cozinha e outro quarto. E dois quartos bem pequenos para filhos na parte de cima, dentro da inclinação do telhado¹³⁷”. Ela também relata que o banheiro¹³⁸ era externo e de madeira; além disso, o banho nos dias frios era realizado dentro de casa com água aquecida em uma tina.

A segunda tipologia de casas¹³⁹ seguia igual princípio das primeiras, alinhadas em fileiras. Todavia, estas eram unifamiliares, mais simples e menores que as relatadas anteriormente (Figuras 66).

Conforme a descrição de outra depoente¹⁴⁰ que morou em uma casa pertencente à segunda tipologia¹⁴¹, a residência possuía sala e quarto com janelas para a frente da casa. O outro quarto tinha janela para os fundos, e a cozinha, para a mesma lateral para onde ficava a porta principal que dava acesso à sala. Existia outra porta na cozinha que levava a um pequeno quintal nos fundos do lote que abrigava a já mencionada casinha¹⁴². As divisões internas eram todas de madeira e não existia porta entre a sala e a cozinha. No forro, de madeira da sala, tinha-se acesso por um alçapão que levava ao sótão.

Com o crescimento do número de funcionários, aumentou a quantidade de casas da fábrica. Ao conjunto foram adicionados os chalés de madeira da atual Rua Ismael Chaves (Figura 67 e 68 marcados em azul), chamado neste estudo de casas de terceira tipologia e localizados ao lado do prédio da Cooperativa Operária de Consumo. Estas habitações eram, pois, maiores que os dois outros exemplares. Possuíam um apêndice para ambas as laterais, indicando que provavelmente a cozinha ficasse neste compartimento de telhado mais baixo que o restante da construção¹⁴³, como as edificações rurais italianas.

¹³⁷ Informação fornecida em entrevista feita pela autora em março de 2009 com Talita Moschen. A referida narrativa é confirmada pela mesma descrição por Walter Marchioro em entrevista à autora em junho de 2009, porém a afirmação deste último, conta com apenas um dormitório no pavimento térreo e dois pequenos no sótão.

¹³⁸ Este banheiro de madeira separado da casa também era chamado de *casinha ou latrina*.

¹³⁹ As referidas casas estão demonstradas na Figura 68 na cor vermelha.

¹⁴⁰ Descrição dada pela senhora Domenica Felicita Trentin Bertolozzo em janeiro de 2010.

¹⁴¹ As casas de segunda tipologia localizavam-se ao lado da antiga igreja.

¹⁴² Banheiro de madeira separado do corpo da residência.

¹⁴³ Chegou-se a descrição das casas de terceira tipologia após análise das ampliações das fotografias e coleta de depoimentos de ex moradores, pois não há mais nenhum exemplar construído e tampouco qualquer levantamento arquitetônico das referidas habitações.

Além da análise da simetria da fachada e da afirmativa de um do depoente Walter Marchioro¹⁴⁴, fica claro que eram casas para duas famílias com planta rebatida. Este último também relata que as casas eram construídas com tábuas largas, possuindo sala, cozinha e um quarto no térreo. Na sala, existia uma escada que dava acesso ao pavimento dentro da inclinação do telhado que abrigava dois outros dormitórios (Figura 67, marcado em azul).



Figura 66: Conjunto habitacional do Lanificio São Pedro, destinado aos operários da fábrica, Rua Antônio Chaves. (marcado em vermelho nas Figuras 68). Galópolis, década de 1920
Fotógrafo não identificado
Coleção Família Saldanha
Acervo: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami



Figura 67: Casas em torno da praça da vila operária de Galópolis. Em primeiro plano vê-se o conjunto de chalés de madeira, em azul; em amarelo, metade da fileira das primeiras casas de madeira que formavam o conjunto. Em rosa forte Prédio da Cooperativa Operária de Consumo; e em rosa claro, a antiga igreja.
Fotógrafo: não identificado (imagem editada pela autora)
Acervo: Arquivo Histórico João Spadari Adami

¹⁴⁴ Descrição de Walter Marchioro foi realizada na entrevista em junho de 2009. Ele e seu pai foram funcionários do Lanificio; também os seus avós moraram em uma das casas de madeira descritas por aquele.



Figura 68: A Figura apresenta as três tipologias de casas de madeira, formando o “U” ao redor do campo central. As habitações de primeiro tipo estão em amarelo; de segundo, em vermelho; de terceiro, em azul. Fechando o entorno da praça, aparecem em verde e em rosa, as casas operárias de tijolos.
 Fotógrafo: Giacomio Geremia (imagem editada pela autora)
 Coleção: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami
 Acervo: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami

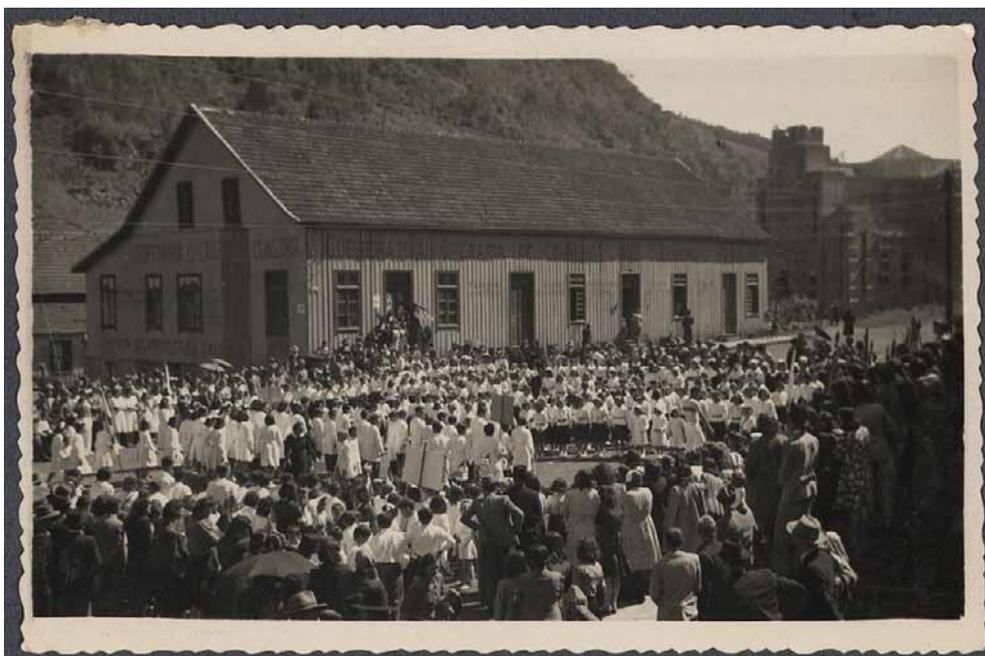


Figura 69: Prédio da Cooperativa Operária de Consumo
 Fotógrafo: não identificado
 Coleção: Paróquia de Galópolis
 Acervo: Paróquia de Galópolis



Figura 70: Antiga igreja de Galópolis, um de seus primeiros prédios de alvenaria¹⁴⁵. À esquerda, também é possível localizar a Cooperativa Operária de Consumo.

Fotógrafo: não identificado

Coleção: Paróquia de Galópolis

Acervo: Paróquia de Galópolis

Como não há nenhum documento que especifique o início da construção das casas de madeira e tampouco se existiu um projeto, é possível estimar uma data a partir de alguns fatores identificados depois da entrada de Galló.

A transição entre a Cooperativa e a administração de Galló se deu devido a inúmeros problemas, principalmente de escoamento e venda dos produtos¹⁴⁶. A Società Tevere e Novità funcionou sob coordenação dos imigrantes até 1906 quando foi adquirida por Hércules Galló¹⁴⁷. Sobre o assunto, Pesavento destaca que:

O lanifício recebeu o primeiro impulso técnico e financeiro com o ingresso na firma, em 1906, de Hércules Galló, químico tintureiro que trabalhava na Fiação Tecidos Porto Alegrense. Foi, contudo, a partir da associação com os comerciantes

¹⁴⁵ “No ano de 1916 foi reedificada em alvenaria a antiga Capela de madeira, às custas da fábrica, e em seguida foi construída a Casa Canônica com o dinheiro de toda a população”. Ver: **Livro do Tombo** da Paróquia de Galópolis. p. 2.

¹⁴⁶ De acordo com o depoimento do senhor Dorvalino Mincatto em outubro de 2009, os primeiros cooperativados não tinham problemas em produzir os artigos de lã, contudo encontraram dificuldades em comercializá-los. Por este motivo, precisaram passar o Lanifício a Hércules Galló que, assim como aqueles era um imigrante, porém era conhecedor da área de vendas.

¹⁴⁷ Hércules Galló nasceu em 1869 na Província de Biela na Itália e faleceu em 9 de maio de 1921 em Porto Alegre. Dados fornecidos pelos depoentes e datas encontram-se no seu túmulo no Cemitério da sexta légua de Galópolis.

de Porto Alegre, irmãos Chaves Barcellos, em 1912, que a empresa expandiu-se em termos de capital e maquinaria¹⁴⁸.

Um dos fatores que indica que as casas foram construídas depois da compra do Lanificio por Galló foi o fato de que em 1910, o Lanificio atinge um crescimento considerável, tornando-se “(...) uma das maiores indústrias têxteis do Estado¹⁴⁹”; cresce, então, a necessidade de maior número de habitações. O outro fator foi sua ida à Europa em 1911 de onde provavelmente poderia ter trazido a idéia da construção das casas; um terceiro fator refere-se à análise da Figura 71.

A referida Figura foi datada pelo Arquivo Histórico João Spadari Adami entre 1914 e 1916 e nela só podem ser vistas as habitações de madeira de primeira tipologia, porque provavelmente foram construídas em tal período. Como a igrejinha e a casa canônica foram edificadas em 1916 – fato que marca o início das construções em alvenaria e que também estão em fotografia de 1920 ao lado das casas de madeira (Figura 66) –, as demais casas que formavam o conjunto em madeira devem ter sido construídas até aproximadamente 1918.

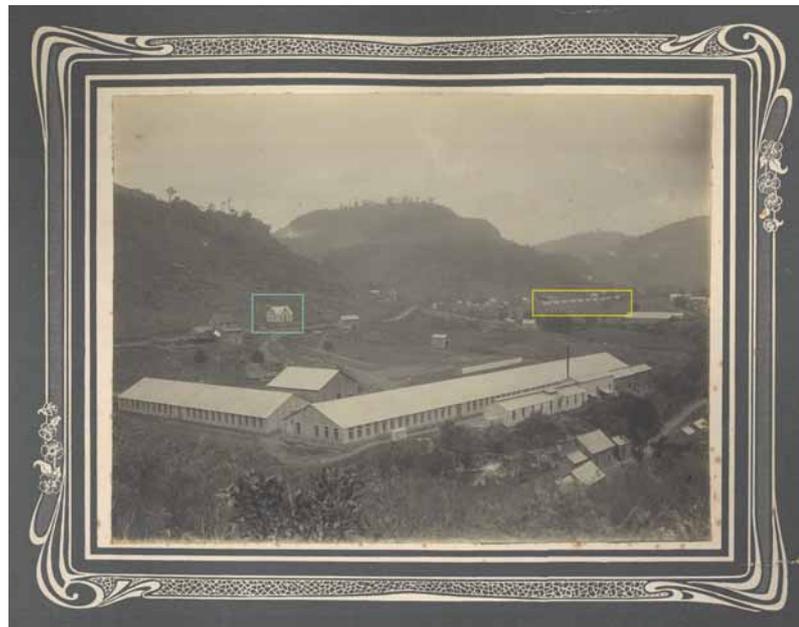


Figura 71: A fábrica edificada em alvenaria de tijolos com alguns galpões em madeira. A primeira etapa da construção das casas de madeira ao redor do campo de futebol foi assinalada na cor amarela; a primeira casa de Hércules Galló foi marcada em azul.

Galópolis, entre 1914-1916 (informação do fotógrafo e morador da localidade Roni Rigon, em 18 jun.1998)

Fotógrafo: Giacomino Geremia (imagem editada pela autora)

Acervo: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami

¹⁴⁸ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História da indústria no sul- rio-grandense**. Guaíba: Riocell, 1985. p. 32.

¹⁴⁹ Relatório da Secretaria do Interior do Estado do Rio Grande do Sul, 1912. In: REICHEL, Heloísa J. **A indústria têxtil no Rio Grande do Sul, 1910-1930**. Porto Alegre: IEL/Mercado Aberto, 1978. p. 26.

Vale ressaltar também que o impulso inicial de implantação das casas para funcionários deu aporte à mão de obra especializada de que a fábrica necessitava. Herédia comenta que “(...) os mestres contratados por Galló na Itália, quando chegavam ao local, já encontravam uma moradia organizada para habitar¹⁵⁰”. Essa idéia evoluiu posteriormente com o investimento dos próximos sócios, ainda que tal visão empreendedora tenha iniciado com Galló “em cuja gestão¹⁵¹, o lanifício construiu 43 casas em madeira, em estilo arquitetônico semelhante ao italiano”.

Poderia também se encaixar no perfil de Galló¹⁵² o ponto de vista de Pesavento, quando observa que: “(...) o burguês imigrante, aquele que trouxe consigo de sua terra de origem, capital e experiência profissional na gestão de alguma empresa¹⁵³”. A referida autora considera este imigrante “um elemento importante nas origens do processo de industrialização no Rio Grande do Sul¹⁵⁴”.



Figura 72: Primeira casa de Hércules Galló, assinalada em azul na Figura 71

Após a construção da segunda casa, a primeira passou a ser utilizada por funcionários da fábrica, como narrou Maria Lourdes Vial Marchioro à autora, em junho de 2009.

Galópolis, 2006

Fotografia: Daniela Ketzer Milano

¹⁵⁰ HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. **Processo de industrialização da zona colonial italiana**. Caxias do Sul: EDUCS, 1997. p. 118.

¹⁵¹ Além de ser filho de proprietário de um lanifício em Crocemosso, Galló estudou na Scuola Professionale di Biela – daí herdou as habilidades econômicas e os conhecimentos sobre o ofício da empresa têxtil. Ver: Id. **Hércules Galló: vida e obra de um empreendedor**. Caxias do Sul: EDUCS, 2003. p. 33.

¹⁵² Assim como Alessandro Rossi de Schio, Galló, além de empresário da indústria têxtil, também era político.

¹⁵³ PESAVENTO, 1985, op. cit., p. 32.

¹⁵⁴ Muitos dos imigrantes italianos tornaram-se grandes industriais tanto no Rio Grande do Sul quanto em outros estados Brasileiros. Ver: PESAVENTO, loc. cit.



Figura 73: Segundo chalé de Hércules Galló, típico exemplar da Arquitetura da imigração italiana no Estado. Como sua construção ainda não aparece na Figura 71, fica claro que deve ter sido edificada no auge da expansão do Lanifício, já que se trata de uma das maiores casas unifamiliares de madeira da localidade.
Galópolis, 2006
Fotografia: Daniela Ketzner Milano

Piscitelli também comenta em sua obra a atuação destes industriais italianos “(...) que apresentavam: os atributos específicos de verdadeiros empresários, diferentes dos outros imigrantes, que os convertia em criadores, pois transformaram a pobreza em riqueza, a miséria em opulência¹⁵⁵”.

O ingresso de Galló na História do Lanifício é marcada, portanto, pela evolução e pela implantação da vila operária na nova malha urbana que estava se configurando bem como pela ampliação da indústria têxtil local. Este avanço representou um rumo em direção à melhoria das habitações para operários, já que o fornecimento de casas era um fator de atração para os trabalhadores oriundos das localidades próximas ou de países como Itália e Alemanha.

¹⁵⁵ PISCITELLI, Adriana. **Jóias de família**: gênero e parentesco em Histórias sobre grupos empresariais brasileiros. v. 1. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2006. p. 321.

CAPÍTULO 3

EVOLUÇÃO DA VILA OPERÁRIA

3.1 CASAS PARA FUNCIONÁRIOS NO CONTEXTO HISTÓRICO DO LANIFÍCIO

O período de transferência da administração da sociedade dos imigrantes para as mãos de Hércules Galló em 1906 e mais tarde a associação com o grupo Chaves & Almeida¹⁵⁶ são os elementos principais que definem a expansão da indústria têxtil de Galópolis e a formação da vila operária. Esta afirmativa se comprova no relato descrito no *Livro do Tombo*, o qual diz que: “No ano de 1912 o senhor Hércules Galló que já tinha dirigido e depois alugado as fábricas da Sociedade Cooperativa, para dar desenvolvimento ao lanifício, formou uma sociedade com os senhores Chaves & Almeida de Porto Alegre¹⁵⁷”.

Em viagem de negócios à capital, conheceu a Casa Comercial dos futuros sócios¹⁵⁸, porém foi indo à Europa, “(...) em busca de novas máquinas, que Galló planejou a fusão com esses clientes, atuantes no comércio varejista e atacadista desde 1866¹⁵⁹”. A nova sociedade funcionou com o nome de Chaves Irmão e Cia até 1928.

Até a entrada do grupo Chaves & Almeida, cada trabalhador tinha uma casa própria; no entanto, após a implementação do capital comercial da nova empresa que se formava, as casas passaram a ser de propriedade da empresa que as construía, com a intenção de abrigar o número suficiente de operários de que necessitava.

Como outras empresas gaúchas, que, desde o final do século XIX, vinham assumindo um perfil produtor manufatureiro agrícola industrial, o Lanifício de Galópolis passa a produzir em maior escala, investindo no setor de maquinaria. Sobre esta questão, Pesavento comenta “(...) o complexo imigração e colonização foi responsável tanto pela importação de máquinas

¹⁵⁶ A casa comercial Chaves & Almeida era uma empresa comercial que atuava desde 1864 no mercado têxtil regional e nacional.

¹⁵⁷ **Livro do Tombo** da Paróquia de Galópolis, 1936. p. 2.

¹⁵⁸ De acordo com o depoimento de Dorvalino Mincato à autora em outubro de 2009, os comerciantes daquela casa que se associaram com Galló já eram seus clientes no ramo de atacado de tecidos.

¹⁵⁹ “No dia 30 de outubro de 1911, no Hotel Deux Mondes, em Paris, Galló articulou com Pedro Chaves Barcellos a fundação de uma sociedade que se concretizou com o Lanifício São Pedro, criado oficialmente em 29 de junho de 1912. Em 1º de agosto do mesmo ano, os teares começaram a funcionar para a nova empresa, mas Galló continuou à frente do negócio, como sócio-gerente. Ver: Fio da História: visionário. **Jornal Pioneiro**, 08 de junho de 2000. Material cedido pelo acervo da Paróquia de Galópolis.

necessárias à instalação de uma unidade fabril quanto pela produção interna das mesmas, além da fabricação de peças e realização de reparos¹⁶⁰”.

A fim de atrair mão de obra estrangeira especializada para operar as máquinas trazidas do exterior, foram oferecidas moradias para funcionários, primeiramente aos mestres e contramestres e, posteriormente, as outras categorias de operários. Dentro do setor da indústria têxtil, uma das precursoras no Estado deste sistema de fornecimento de habitações¹⁶¹ foi a Fábrica Nacional de Tecidos e Panos Rheingantz & Walter, fundada em 1873¹⁶².

Com a transformação e com a expansão da atividade da antiga cooperativa de Galópolis, foi sendo necessária a ampliação e o melhoramento da área urbana que ia se formando ao redor da empresa. A demanda por habitações crescia à medida que a empresa precisava de mais funcionários, principalmente porque empregava, em muitos casos, não só o pai de família mas também todos os seus membros¹⁶³, incluindo mulheres e crianças. Herédia observa que: “Nesta época são contratados vários mestres tecelões italianos para trabalharem na fábrica¹⁶⁴”.

Para demonstrar o crescimento do lanifício, a referida autora relata que: “(...) em 1916 a fábrica já contava com 180 operários, destes 90 estrangeiros e 90 nacionais, sendo 140 homens e 40 mulheres¹⁶⁵”; em fevereiro do ano seguinte, a firma Chaves & Irmãos compra da Sociedade de Tecidos Società Tevere e Novità o acervo social da antiga cooperativa italiana como também os terrenos desta mesma sociedade¹⁶⁶.

Com a aquisição destes e de outros bens, aumenta o patrimônio da empresa e as primeiras casas da vila operária em alvenaria de tijolos surgem como complemento e como melhoramento na qualidade das habitações em relação ao modelo anterior¹⁶⁷. Com efeito, o antigo conjunto de casas de madeira ao redor da atual praça, nas Ruas Pedro Chaves e Ismael Chaves, foi aos poucos sendo substituído pelo novo modelo.

¹⁶⁰ PESAVENTO, 1985, op. cit., p. 36.

¹⁶¹ No Relatório de 1885 da mesma companhia é relatada a construção de moradias para funcionários, as quais passariam a render lucros para a empresa, que cobraria preços módicos: “Após a construção das casas da fábrica a partir de 1884, as demais construções de semelhante tipologia foram edificadas entre 1903 e 1922, constituindo a denominada vila operária”. Ver: PAULITSCH, Vivian S. **Rheigantz**: uma vila operária em Rio Grande. Rio Grande: FURG, 2008. p. 61-63.

¹⁶² Ibid., p. 63.

¹⁶³ Em depoimento feito à autora em março de 2009, Agostino Fontana declara que, como outras famílias, os seus pais vieram da Colônia para trabalhar no Lanifício. Além dos genitores, a família era composta por dez filhos, todos funcionários da empresa.

¹⁶⁴ HERÉDIA, 1997, op. cit., p. 117.

¹⁶⁵ HERÉDIA, loc. cit.

¹⁶⁶ Estas informações constam na cópia do Contrato de Compra e Venda do Lanifício. Ver: HERÉDIA, loc. cit.

¹⁶⁷ Tampouco foi encontrado o projeto original das habitações de alvenaria da vila operária de Galópolis; portanto, a cronologia da construção de tais casas será realizada através do cruzamento de dados de várias fontes documentais e iconográficas.

Com o falecimento de Galló em 09 de maio de 1921, a família assume o seu lugar até a compra de todas suas ações pelos Chaves Barcellos. Em 10 de maio de 1928, estes se tornam os únicos proprietários do Lanifício que passa a chamar-se Sociedade Anônima Companhia Lanifício São Pedro S/A¹⁶⁸.

O conceito da *vila operária* foi sendo assimilado em Galópolis. Além das novas casas de alvenaria de tijolos, foram adquiridas pela empresa algumas casas particulares e, posteriormente, foram construídas para compor o conjunto fabril, casas de madeira ao longo da estrada BR 116, no entanto, sem valor arquitetônico considerável¹⁶⁹.



Figura 74: Imóveis construídos até 1928 (até a compra definitiva pelos Chaves Barcellos) e o patrimônio de madeira existente até então.
 Fotógrafo: não identificado
 (imagem editada pela autora)
 Coleção: Galópolis
 Acervo: Setor de Arquivo do IPHAN, RS

Em maio de 1928 foram registrados em ata os seguintes imóveis residenciais de propriedade do lanifício: 2 casas de moradia de alvenaria (edifícios 13 e 18, em verde na Figura 74); 6 casas de moradia de alvenaria iguais entre si (edifícios 40 a 45, as seis casas de tijolos para duas famílias, em rosa na Figura 74); 10 casas de madeira; 5 casas de madeira iguais entre si (edifícios 30 a 34, medindo 10,50m de frente por 8,40m de fundos); 5 casas de madeira iguais entre si (edifícios 35 a 39, medindo 8,40m de frente por 7,00m de fundos); 4

¹⁶⁸ Acta da Assembléia de constituição definitiva da Companhia Lanifício São Pedro do dia 28 de maio de 1928, porém só foi registrada como Público Instrumento em 1934 no Cartório de Caxias do Sul. Documento do Lanifício encontrado no Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

¹⁶⁹ Devido a este motivo e pelo fato de não fazerem parte do conjunto de casas ao redor da praça – que são o alvo deste estudo –, as casas ao longo da BR-116 serão estudadas de forma superficial.

casas de madeira iguais entre si (edifícios 48 a 50, medindo 14,10m de frente por 8,10m de fundos); 4 casas de madeira iguais entre si (edifícios 52 a 55, medindo 7,00m de frente por 7,00m de fundos); 16 casas de moradia de madeira¹⁷⁰.

Até 1928 prevaleceram na vila operária as habitações de madeira ao redor da praça, como comprova a análise da Figura 74, na qual aparecem 7 casas de madeira para 2 famílias cada (em amarelo), 4 chalés de madeira para 2 famílias cada (em azul), 5 casas de madeira unifamiliares (em vermelho), 2 casas de alvenaria de tijolos triplas para 3 famílias cada e 6 casas de alvenaria de tijolos para 2 famílias cada (em rosa), totalizando 27 unidades de madeira e 18 de alvenaria de tijolos. Este levantamento foi realizado em relação às casas ao redor da praça, não contabilizando as demais habitações de madeira da fábrica dispersas por Galópolis.

Comparando a Figura 74 com as Figuras 78 e 79 percebe-se que o conjunto de casas de alvenaria não estava concluído por completo, faltando um bloco de casas triplas e o edifício de dois andares com quatro casas geminadas que foram construídas em substituição às casas de madeira (em laranja na Figura 75). Isto comprova que elas foram edificadas provavelmente no início da década de 30, pois não constavam na lista de 1928 e aparecem prontas na fotografia da construção das fundações da Igreja Matriz que teve início em 1939¹⁷¹ (Figura 79).

Em 1984 a Prefeitura Municipal de Caxias do Sul realizou juntamente com o MEC/SEC/SPHAN Pró Memória um levantamento arquitetônico e documental com o título: Preservação e valorização da paisagem urbana em núcleos da imigração alemã e italiana no Rio Grande do Sul¹⁷². Nos documentos¹⁷³ foi descoberto um ofício que relata o depoimento do Sr. José Chaves Barcellos, em que afirma: “(...) a vila operária não teve projeto e foi construída por um pedreiro, empregado da fábrica, sob inspiração dos Chaves Barcellos, que

¹⁷⁰ Lista de imóveis que constava junto à Acta da Assembléia de constituição definitiva da Companhia Lanificio São Pedro. Documento do Lanificio encontrado no Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

¹⁷¹ Consta no **Livro do Tombo** que a construção das fundações da Igreja iniciaram em 1939, porém a data oficial de doação do terreno é de 1941. p. 12.

¹⁷² O material será utilizado ao longo deste texto como fonte de pesquisa do objeto em estudo sempre com esta denominação. Documentação fornecida pelo Setor de Arquivo do IPHAN que conta com acervo de historiográfico, iconográfico (mapas e fotografias) e documental. Consta no Relatório da Prefeitura Municipal de Caxias do Sul de 1984: “(...) o bairro de Galópolis foi escolhido, dentre os assentamentos urbanos de colonização italiana, para receber legislação de proteção, já que apresenta acervo representativo desta colonização, trazendo características de paisagem urbana inédita e, por conseguinte, de estimável interesse para preservação”.

¹⁷³ Constam nos Relatórios da Prefeitura Municipal de Caxias do Sul os nomes dos componentes da equipe realizadora do levantamento: Arq. Ana Lúcia Meira, Arq. Beatriz Polydoro, Arq. Marilice Costi, Est. Sérgio Marques e Colaboradores: Gamaplan – PMCS. Supervisão realizado pelo Arq. Júlio N. B. Curtis e Assessoramento da proposta urbanística Arq. Glenda Pereira da Cruz.

sempre se preocupara com a qualidade arquitetônica das residências e sedes comerciais de sua propriedade”. Demonstrando, portanto, a importante participação da família na construção e evolução da vila operária de Galópolis.

Embora exista a hipótese de que conjunto de casas operárias tenham sido construídas sem um projeto registrado, fica evidente pela sua Arquitetura, que as pessoas que o construíram possuíam algum conhecimento em relação à habitação de cunho operário, a saber os operários que vieram do bairro operário do Lanificio Rossi de Schio.

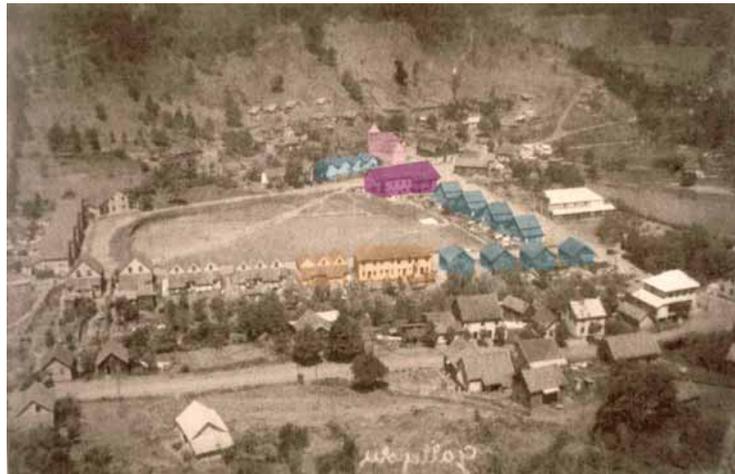


Figura 75: Vista a partir dos fundos das casas de alvenaria da Rua Pedro Chaves. Em laranja, as últimas casas triplas e o edifício com quatro casas geminadas a serem construídas; completando o contorno da praça as demais moradias de tijolos do Lanificio.

Fotógrafo: Sisto Muner (imagem editada pela autora)
Acervo: Arquivo da Família de Antonia Tumelero Sóló
Fonte: HERÉDIA, 2003, op. cit., p. 121.



Figura 76: Fachada frontal do prédio com quatro residências geminadas e o bloco de três casas. Em termos cronológicos foram as últimas unidades residenciais do Lanificio São Pedro ao redor da praça a ficar prontas; construídas entre as datas 1929 e 1939. Aparecem em laranja na Figura 75.

Rua Pedro Chaves Barcelos, Galópolis, 2006
Fotografia: Daniela Ketzer Milano

As Figuras 77, 78 e 79 demonstram a evolução, quadro a quadro, das casas de alvenaria da vila operária de Galópolis.



Figura 77: Primeira etapa da construção de casas de alvenaria. Pelo cruzamento de dados entre 1918 e 1927, metade das casas era de madeira em um total de seis casas duplas (metade esquerda da imagem). Bens que constam na lista da Acta de 1928 do Lanificio São Pedro.
Fotógrafo: Fulo Camerini
Acervo: Cia. Sehbe S.A

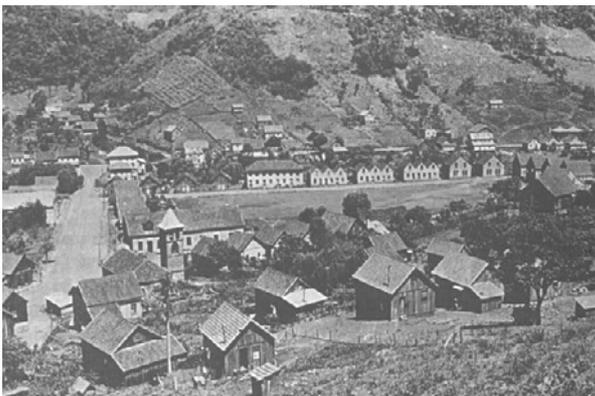


Figura 78: Década de 1930 correspondendo à segunda etapa; a construção do conjunto habitacional ao redor da praça estava concluído, porém três casas duplas de madeira da Rua Pedro Chaves haviam sido demolidas.
Fotógrafo não identificado
(imagem editada pela autora)
Acervo: Setor de Arquivo do IPHAN, RS



Figura 79: Corresponde à terceira etapa, na qual todas as casas de madeira da Rua Pedro Chaves já haviam sido demolidas. Aparece, em primeiro plano, a construção da base da Igreja Matriz, que foi iniciada em 1939 e durou até 1941.
Acervo: Paróquia da Igreja Matriz de Galópolis

Vale frisar que, no período entre 1928 a 1979, a administração era exclusiva da família Chaves Barcellos. Porque os diretores não residiam em Galópolis, decidiram nomear Orestes Manfro como gerente da fábrica, porém a sua administração interrompeu-se em 7 de junho de 1933, quando foi assassinado a caminho de casa após o término do expediente na fábrica¹⁷⁴.

A respeito disso, a reportagem do *Jornal Correio do Povo* esclarece:

O Lanifício, de uma forma ou de outra, terminou associado à construção de escolas, de cooperativas, de estradas e especialmente de casas. Talvez esta seja a experiência mais curiosa. Na década de vinte, Orestes Manfro, personalidade que estava fadada a ter grande destaque na vida de Caxias, entendeu que, para dar melhores condições de trabalho aos operários, era necessário construir casas. Aos poucos aproveitando recursos da empresa, mandou erguer cerca de cinquenta delas, que ainda hoje são aproveitadas pelos trabalhadores, mediante módicos aluguéis, alguns deles, aliás, simbólicos. As casas são de alvenaria sem reboco externo, austeras, mas dotadas de durabilidade e capazes de proporcionar condições de moradia de boa qualidade. Para aumentar a capacidade de habitação, posteriormente João Laner Spinato construiu mais cinquenta casas (Figura 80), estas de madeira, totalizando os prédios possuídos pela empresa na vila, cerca de cem¹⁷⁵.

No ano seguinte, a administração faz com que a coordenação e a política social passassem a ter maior participação na fábrica e na vida dos operários. Tal sistemática foi implantada gradativamente pelo novo gerente de gestão, João Laner Spinato¹⁷⁶, que já era funcionário da fábrica, e passa a ser protagonista de uma série de inovações em Galópolis¹⁷⁷.

Uma das mais importantes inovações foi a formação da Cooperativa de Consumo São Pedro em 1936. Na ata de formação está escrito que: “(...) todo empregado da fábrica de fiação e tecidos da Cia. Lanifício São Pedro pode ser um associado. O número mínimo é ilimitado, porém nunca inferiores a sete¹⁷⁸”. Já nesta época a maioria dos associados eram

¹⁷⁴ O fato foi atribuído a um possível ato de racismo, por Orestes Manfro ter possivelmente negado uma vaga de emprego a um homem negro. Ver: Fio da História. **Jornal Pioneiro**, 08 de junho de 2000. Além do artigo publicado no Jornal, todos os depoentes contaram com bastante ênfase o mesmo relato; assim sendo, esta data ficou marcante na História do Lanifício, já que a figura de Orestes Manfro era; também um funcionário da fábrica, ao qual recorriam para todos assuntos, principalmente para a obtenção de empregos e de moradias nas casas da firma.

¹⁷⁵ Reportagem de autoria de Mário Gardelin publicada no **Jornal Correio do Povo**, em 26 de julho de 1978.

¹⁷⁶ “Spinato nasceu em 17 de dezembro de 1899 em Caxias, desenvolveu atividades na fábrica por quase 50 anos, trabalhou no lanifício primeiro como sub-gerente, desde 1921, e como gerente, de 1934 a 1965”. Ver: SPINATO, João Laner. **E assim eles contavam...** Porto Alegre: Nova Dimensão, 1998. p. 67-101.

¹⁷⁷ Muitas destas inovações estavam ligadas à religiosidade e à educação, como expõe Agostino Fontana em entrevista à autora em março de 2009.

¹⁷⁸ Conforme Acto Constitutivo da “Cooperativa de Consumo São Pedro”, como assim passa a ser denominada. p. 1-2. Arquivo Cia. Sehbe S.A.

brasileiros descendentes de italianos; ainda, na lista de fundadores da Cooperativa, foram encontrados três italianos e dois alemães¹⁷⁹.

Para entender melhor o período de evolução urbana de Galópolis, é preciso compreender as transformações econômicas vividas no Brasil. Após a crise de 1929, que atingira o País, e com o fim da República Velha em 1930, a indústria nacional passa por uma série de mudanças. As medidas no controle das importações para a proteção do café no Sudeste do País acabaram privilegiando a indústria e os produtos manufaturados. Sobre isso, Pesavento escreve: “(...) na realidade, esta situação favoreceu justamente aquelas indústrias que beneficiavam a matéria-prima local, como a têxtil¹⁸⁰”.

Especificamente, a década de trinta no Rio Grande do Sul caracterizou-se por uma produção voltada ao abastecimento interno do País, ao favorecer o crescimento da indústria e ao gerar divisas para a ampliação das grandes empresas. Este período de desenvolvimento continuou no período da Segunda Guerra, quando o Lanifício de Galópolis passou a fornecer panos para as fardas e para os cobertores do Exército, como observa Dal-Ri:

Considerado de interesse nacional durante a Segunda Guerra Mundial, o Lanifício São Pedro não só aumentou consideravelmente o número de empregados como a produção e o capital social. Também conseguiu comprar maquinário estrangeiro em um período em que as exportações estavam vetadas¹⁸¹.

Esta fase justifica o período de grande expansão da indústria têxtil na região colonial e, por conseqüência, em Galópolis. Segundo um dos depoentes, “(...) a fábrica chegou a ter 900 funcionários e haviam épocas em que trabalhavam dia e noite¹⁸²”.

Na meta de crescimento da fábrica, entre os anos de 1933 até 1969¹⁸³, fazendo parte das inovações da gerência de João Laner Spinato, foram finalizadas as construções ao redor da praça, assim como houve a participação do Lanifício na construção da Igreja Matriz¹⁸⁴ (Figura 81). Fora do núcleo, no mesmo ano em que foi doado o terreno pelos Chaves Barcellos para a construção da Igreja Matriz¹⁸⁵, Spinato mandou construir as cinquenta casas

¹⁷⁹ Originários da Itália, foram encontrados os nomes de Luiza Bighi (viúva, 57 anos) e Luiz Beber (solteiro, 17 anos) Paulo Vial (casado de 59 anos). Originários da Alemanha, Martim Schenk (casado, 33 anos) e Willy Sengerling (casado, 47 anos). Acto Constitutivo da Cooperativa de Consumo São Pedro. p. 8-10.

¹⁸⁰ PESAVENTO, 1985, op. cit., p. 73.

¹⁸¹ DAL-RI, Fabiane. Mão que tecem uma comunidade. Ver: **Jornal Pioneiro**, Caxias do Sul, 8 de janeiro de 2000. Acervo Paroquial da Igreja Nossa Senhora do Rosário de Galópolis.

¹⁸² Depoimento dado à autora por Agostino Fontana em março de 2009

¹⁸³ Conforme quadro cronológico da Figura 74

¹⁸⁴ **Livro do Tombo** da paróquia da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário de Galópolis. p. 14.

¹⁸⁵ **Livro do Tombo** da paróquia da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário de Galópolis. p. 14.

de madeira já mencionadas conforme atesta o *Livro do Tombo* em 1941¹⁸⁶: “Desde que começaram os trabalhos da Rodovia Getúlio Vargas, que ligará Porto Alegre ao Rio de Janeiro, estabeleceram-se ao longo do traçado da mesma, numerosas turmas de operários, muitíssimos dos quais acompanhados de suas famílias¹⁸⁷” (Figura 80).



Figura 80: Edificações em madeira para a moradia de operários conforme a localização indicada na Figura 91
Coleção Setor de Arquivo do IPHAN, RS
Acervo: Setor de Arquivo do IPHAN, RS



Figura 81: Conjunto completo de edificações ao redor da praça cuja finalização foi realizada por Spinato.
Fonte: Trabalho de Preservação e Valorização da Paisagem Urbana em Núcleos de Colonização Italiana e Alemã (imagem editada pela autora)
Acervo: Setor de Arquivo do IPHAN, RS

¹⁸⁶ No decorrer da leitura do **Livro do Tombo**, foi identificado várias vezes o nome de João Laner Spinato, sempre como elemento de ligação entre a igreja e a fábrica, denotando que a sua grande devoção católica talvez tenha contribuído para os feitos ligados à igreja. Agostino Fontana em entrevista à autora relata que, para fornecer moradia aos operários, Spinato exigia como condição de concessão da casa que o futuro morador fosse católico praticante e que se comprometesse a participar dos eventos religiosos da paróquia de Galópolis.

¹⁸⁷ **Livro do Tombo** da paróquia da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário de Galópolis. p. 18.

No ano de 1969 foi enviado pelo Lanifício São Pedro¹⁸⁸ um documento ao Prefeito Municipal de Caxias do Sul, contendo uma lista de prédios que constituíam a vila operária situada em Galópolis. O ofício possuía, como informação principal, o número de famílias que alugavam a preços módicos as habitações da fábrica: 30 residências na Avenida Presidente Vargas; 6 residências e a casa canônica na Rua Antônio Chaves; 8 residências na Rua Dr. Félix Spinato; 8 residências na Rua José Berno; 17 residências e a farmácia do Círculo Operário na Rua Pedro Chaves; 3 residências, a Cooperativa São Pedro Ltda, Sede Social do Círculo Operário e Sede Esportiva do Círculo Operário, todos no mesmo prédio da Rua Ismael Chaves; 14 residências na Rua Nova; sede e pavilhão da Escola Irmãos Chaves no prolongamento da Rua Pedro Chaves e 6 residências nos caminhos sem denominação.

Como reflexo da crise econômica sofrida por muitas indústrias no Rio Grande do Sul na década de 70, foram necessárias medidas drásticas por parte dos Chaves Barcellos, que procuraram vender as ações do Lanifício. Conforme reportagem do *Jornal Pioneiro*:

(...) em dezembro de 1979, o Lanifício São Pedro passou a fazer parte do grupo Sehbe. O Lanifício contava com 400 colaboradores e uma produção mensal de 1300 peças. Hoje, após a fusão com a tecelagem Sperb¹⁸⁹ de Novo Hamburgo, em 1984, tem 800 colaboradores, ocupando uma área construída de 18 mil metros quadrados¹⁹⁰.

Para saldar as dívidas anteriores e as que vinham se constituindo, a nova incorporação que comprou o Lanifício vendeu vários lotes em Galópolis e as moradias da vila operária – estas últimas foram oferecidas em primeiro lugar aos funcionários moradores¹⁹¹.

Em 07 de junho de 1999, empregados do Lanifício Sehbe S/A Indústria e Exportação reuniram-se na Sede do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de Galópolis com a finalidade de transformar a empresa em cooperativa, visto que esta se

¹⁸⁸ Este ofício datava de 14 de agosto de 1964, com finalidade de manter a isenção de imposto predial. A justificativa consta na citação do ofício: “Lembramos que todas as anteriores administrações do Município, ao processarem o lançamento do Imposto Predial sob tais construções, sempre atentaram para o aspecto social que caracteriza a Vila Operária do Lanifício São Pedro. Esperando que tal critério continue a ser observado”.

¹⁸⁹ Conforme ata da fábrica datada em 26 de novembro de 1983, o grupo Sperb S.A é incorporado à sociedade.

¹⁹⁰ “O lanifício contava com 400 colaboradores e uma produção mensal de 1.300 peças. Hoje, após a fusão com a tecelagem Sehbe, de Novo Hamburgo, em 1984, tem 800 colaboradores, ocupando uma área construída de 18 mil metros quadrados. Matéria-prima e mão-de-obra especializada, somadas a modernos equipamentos e design avançados fazem o Lanifício Sehbe, em Galópolis”. *Jornal Pioneiro*, 29 de agosto de 1987. Caderno comemorativo: Kalil Sehbe 60 anos: o grupo Alfred e sua História, 1927-1987.

Material do arquivo do grupo Sehbe cedido por Cootegal, Galópolis.

¹⁹¹ Esta afirmativa pode ser comprovada em dois documentos: Contrato Particular de Compra e Venda de duas residências, ambos registrados em 1982. O vendedor é a Companhia Lanifício São Pedro; no primeiro caso, a proeminente compradora é Regina Farner Bonatto de uma casa geminada da Rua Pedro Chaves, 84; no segundo caso o vendedor também é a Companhia Lanifício São Pedro e o proeminente comprador é, Waldemar Sirena da casa geminada da Rua Félix Spinato s/n. Acervo: Cia Sehbe S.A.

encontrava em sérias dificuldades. Nesta ocasião foram aprovados os novos Estatutos Sociais e escolhidos os membros do Conselho Administrativo¹⁹².

Inicialmente a Cootegal Cooperativa Têxtil de Galópolis LTDA, como passou a se chamar, “(...) firmou contrato de arrendamento com os proprietários do Lanifício Sehbe, até 03 de dezembro de 2001, quando adquiriu o parque fabril¹⁹³”.

Para dar início às atividades, “Quarenta funcionários do Lanifício assumiram a proposta de manter as atividades da empresa, que hoje conta com 57 sócios e 68 empregados e uma produção em média de 40 mil metros de tecidos por mês”.

Com a implantação da Cooperativa, o Lanifício, depois de muitas décadas, volta à idéia de sua origem, quando o trabalhador também é proprietário. Dentre estes cooperativados estão muitos dos descendentes dos primeiros imigrantes que fundaram Galópolis que trabalharam e que moraram nas casas da vila operária, mantendo os seus usos e costumes.

3.2 ADAPTAÇÕES NA CASA OPERÁRIA

A forma como os habitantes de determinado lugar, ao se deslocarem para outro ambiente, conservam os seus costumes é a maneira de manter a identidade, perpetuando aspectos da cultura e das tradições de um povo. Assim fizeram os habitantes da Colônia quando passaram a viver nas casas da vila operária. Os primeiros trouxeram de Schio alguns costumes para Galópolis.

Os reflexos da Revolução Industrial na Itália foram marcados: pelas migrações transoceânicas, pelas emigrações internas e pela tradição da atividade agrícola aliada à atividade manufatureira artesanal da tecelagem; características estas perpetuadas até a formação da Società Tevere e Novità. A transformação do Lanifício em indústria e a transição do campo para a vila operária não impediram a repetição dos passos dos antepassados que de camponeses se transformaram em artesãos e que de artesãos passaram a operários.

O imigrante italiano nunca conseguiu viver isolado, talvez tenha sido essa a característica fundamental que direcionou os colonos para as áreas urbanas. Como escreveu Costa, “(...) o profundo espírito de solidariedade entre famílias, particularmente entre vizinhos

¹⁹² Ata das reuniões do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de Galópolis. Ata 57, p. 66.

¹⁹³ Histórico fornecido por Cootegal, 2010. A História da fundação da Cooperativa também foi narrada com entusiasmo pelos depoentes Renato Dall’Agnol, Agostino Fontana e Dorvalino Mincato nas entrevistas à autora nos anos de 2008 e 2009.

(...) foi, no início, uma forma de libertação pessoal da situação de solidão e privação de recursos, principalmente materiais¹⁹⁴”.

Entretanto, as transformações que mais interessam a este estudo ocorreram nos hábitos diários de cada família e no modo como a Arquitetura está diretamente ligada a estes hábitos. É preciso falar de Arquitetura no sentido mais amplo da palavra, desde a implantação da casa no sítio urbano até as funções mais elementares do dia a dia do morador no interior da sua casa.

A setorização das funções da planta arquitetônica, a quantidade de pavimentos, a utilização de certos materiais construtivos, a evolução da cozinha, a presença do banheiro junto ao corpo da casa, a presença ou não de terreno livre ao seu redor, o fornecimento de energia elétrica e de recursos hídricos, entre outros fatores, vão influenciar na manutenção e no seguimento das tradições populares e nas vivências diárias nas casas da vila operária em relação às casas da Colônia italiana.

As semelhanças na tipologia arquitetônica entre a casa colonial italiana, a casa nos núcleos urbanos de Galópolis e as primeiras casas de madeira da vila operária, nada mais eram do que uma evolução da primeira. A atividade de produção alimentar e da fabricação do vinho bem como a estocagem de ferramentas utilizadas no porão da casa da Colônia (Figura 82) tiveram a sua função reduzida na casa urbana (Figura 83) e a sua extinção na maioria das casas da vila operária (Figuras 84 e 85).

Posteriormente, com o advento dos automóveis, o porão passou a ser utilizado mais freqüentemente como garagem. O fator da diminuição das atividades no lote está diretamente ligado à redução do tamanho do terreno, que anteriormente propiciava a criação de animais e a plantação para a auto-suficiência da família.

Cabe destacar aqui que a criação de animais e o cultivo da horta não foram abandonados nas casas da vila operária. Tais hábitos puderam ser mantidos porque a habitação para trabalhadores possuía, como raro exemplar, pátio de tamanho considerável nos fundos e recuo lateral, na maioria dos casos.

No depoimento de Renato Dall’Agnol, são narradas as diferenças dos hábitos alimentares da vida na Colônia e da vida do operário da fábrica:

Na colônia se consumia os produtos rurais, soja, milho, feijão, a gente criava as galinhas, porcos, vacas de leite, produzia aquilo que a gente se alimentava, e então se produzia a mais para vender. Só comprava aquilo que não se conseguia produzir naquela região, que eram lotes rurais que a gente chamava terrenos. Um cavaleiro

¹⁹⁴ COSTA, 1976, op. cit., p. 43.

para ir ao mercado, então a gente sobrevivia dessa forma. Tinha o moinho, para moagem do milho que se fazia a polenta, tirava a casca do arroz, para fazer farinha de trigo. (...) como trabalhador fabril a alimentação não era mais aquela alimentação natural, a gente tinha outro tipo de alimentação. Então, modificaram totalmente os nossos costumes¹⁹⁵.



Figura 82: Casa da família Diligenti na sexta légua de Galópolis. O porão, com função original, é típico da casa rural da imigração italiana.
Fotografia: Rosa Diligenti, 2009



Figura 83: Porão de casa urbana, localizada no seguimento da calçada.
Fotógrafo não identificado
Coleção: Galópolis
Acervo: Setor de Arquivo do IPHAN, RS



Figura 84: Casas para operários em madeira, cujo porão se apresenta simplificado.
Fotógrafo: não identificado
Coleção: Galópolis
Acervo: Setor de Arquivo do IPHAN, RS



Figura 85: Porão suprimido nestas tipologia de casa de madeira da vila operária de Galópolis.
Fotógrafo: não identificado
Coleção: Galópolis
Acervo: Setor de Arquivo do IPHAN, RS

¹⁹⁵ Após dificuldades para vender a produção agrícola do terreno rural, Dall’Agnol, em 1968, então com 16 anos, o irmão de 18 e a irmã de 20 anos, conseguiram uma habitação na vila operária, conforme o primeiro declara: “que a empresa estava cedendo, aquelas casas, de modelo italiano, para morar e trabalhar no Lanificio São Pedro”. Em 1978, ele e os irmãos trouxeram os pais para também morar com eles. Entrevista concedida à autora em junho de 2008.

Tais adaptações nos hábitos também contribuíram para a evolução da cozinha que foi incorporada à casa operária – assim como na casa da Colônia-, de acordo com o aperfeiçoamento do fogão. Sobre este assunto, Dall’Agnol contribui, dizendo que:

Começamos a fazer o pão no forminho, no fogão à gás ou no fogão à lenha, mas não é aquele pão de colônia feito no forno de barro. Trouxemos o costume de fazer o pão caseiro no do fogão à lenha¹⁹⁶. O terreno que a gente tinha ao redor de casa¹⁹⁷, a gente acabava plantando todos os temperinhos que a gente tinha na colônia. Plantava árvores frutíferas, batata doce, batata inglesa. Como o terreno era pequeno, a gente também plantava em terrenos de outras pessoas que não estava cultivando. Então, foram costumes que a gente trouxe para a casa operária, (...) a nossa atividade agora é outra, nos ocupamos muito dentro da empresa e como vai criar um porquinho na cidade¹⁹⁸? Tem a questão do cheiro e dá muito trabalho para limpar. Então, esse costume não deu para trazer para a cidade. Quando vamos para a colônia, trazemos muitos produtos queijo, salame, lingüiça e banha dos parentes que ainda vivem lá. Senão se compra no mercado os produtos que são feitos dentro da modalidade da colônia¹⁹⁹.

Nos primeiros tempos, nas primeiras casas de madeira da vila operária, a água precisava ser buscada de balde em um poço que se localizava na praça central e não mais em um rio ou fonte distante. As habitações também não tinham banheiro junto à casa²⁰⁰. Esse processo apesar de difícil era mais simplificado do que o exercido na Colônia.

Entretanto os moradores da casa operária de alvenaria egressos das Colônias já puderam usufruir de certos confortos aos quais não tinham acesso, como o fornecimento de água e de luz pela fábrica. O depoente Agostino Fontana relata: “a água e a luz eram da firma, só que na época de verão, apagava às dez horas da noite e vinha só às quatro horas da manhã, porque era luz própria naquela época, da Cascata Véu de Noiva, tinha um gerador²⁰¹”. Assim sendo, junto à cozinha, como um apêndice da casa, foi construído um banheiro munido de chuveiro e de aparelhos sanitários, ambos os ambientes recebendo água corrente.

¹⁹⁶ O referido depoente também comenta que foi difícil a adaptação ao pão de padaria que não saciava a fome, ao lanche e ao café levados para a fábrica, à comida feita com óleo de cozinha e não mais com a banha do porco criado em casa.

¹⁹⁷ Renato Dall’Agnol conta que o terreno ao redor da casa da vila operária era aproveitado para os mesmos cultivos do lote Colonial, porém em menor escala.

¹⁹⁸ Outros depoentes declararam que criaram algum tipo de pequeno animal como, por exemplo, leitão ou galinhas para o consumo da família.

¹⁹⁹ Entrevista de Renato Dall’Agnol à autora em junho de 2008.

²⁰⁰ Em relação ao modelo de casa da Colônia, Dorvalino Mincato conta que: “A estrebaria nos dias de chuva servia como banheiro. No terreno tinha uma fonte com água que descia do morro que abastecia a estrebaria, e onde minha avó se ajoelhava para lavar as roupas, de onde também puxavam a água para beber. Para buscar água era preciso carregar baldes com cerca de cinco quilos sem contar o peso da água”. Depoimento dado à autora em outubro de 2009.

²⁰¹ Depoimento dado à autora em março de 2009.



Figura 86 e 87: Casa urbana unifamiliar e casa da vila operária, ambas em Galópolis, que possuem igual uso funcional do apêndice para cozinha e para banheiro.
Fotografias: Daniela Ketzer Milano, 2007

O surgimento do gerador para o fornecimento da luz representava para a vila operária de Galópolis um grande avanço com relação aos métodos utilizados nas casas da Colônia para se obter luz. Segundo Mincato, essa evolução foi muito importante:

A evolução da iluminação foi uma coisa extraordinária, lampeãozinho interno usando querosene. Depois, surgiu o lampião externo. Aquele que podia acender e andar no pátio sem apagar e posteriormente o liquinho à gás. Mas no tempo da Guerra faltou querosene, e nós precisávamos de iluminação, no mínimo uma hora por dia, porque quando a família vinha da roça tinha que lavar os pés, no mínimo, para depois sentar à mesa para jantar, para essa hora precisávamos de iluminação. A minha avó então pegava um prato esmaltado e botava banha dentro, enrolava um tecido tipo um pavio embebido na banha e colocava fogo. Assim se faziam velas²⁰².

Além de tais avanços em relação ao fornecimento de água e iluminação, o colono, quando foi morar nas casas da vila operária, passou a desfrutar do encurtamento das distâncias percorridas para visitar os vizinhos, para vender os seus produtos ou para participar das atividades sociais e religiosas da paróquia. Muitas vezes, as atividades na Colônia eram realizadas na própria casa, pela dificuldade de deslocamento. É o caso dos “bailezinhos, realizados em uma sala improvisada no paiol que tinha ao lado da casa. Era neste lugar também que se preparavam as festas de aniversário²⁰³”.

O costume de os colonos se reunirem para, em comunidade, desenvolver atividades com os seus vizinhos, era algo importante que se perpetuou depois da construção da vila operária de Galópolis. Para tanto, foi necessária a construção de espaços, como o da praça e

²⁰² Depoimento dado à autora em outubro de 2009.

²⁰³ Dall’Agonoll descreve que faziam serenata quando alguém estava de aniversário: “a gente se reunia de surpresa e chegava na casa do aniversariante com uma gaita de boca, um violão e fazia aquela surpresa, e pegava a casa toda desarrumada”. Depois prosseguiam com o bailezinho. Depoimento deste à autora em 2008.

edifícios, que cumprissem a função de realizar esses eventos²⁰⁴, funcionando, pois, como um suporte à vida social dos moradores das casas operárias.

Além destes prédios de cunho social como cinema, círculo operário para esportes e para lazer e praça, com parque infantil, também foram construídos outros, porém, com cunho religioso, educacional e de saúde, a saber, como escolas, creche, igreja e ambulatório médico.

3.3 CONFORMAÇÃO URBANA: FÁBRICA, SERVIÇOS E HABITAÇÕES

3.3.1 Implantação do conjunto

O conceito de vila operária engloba, além das casas para funcionários, todo um aporte de serviços para contemplar estes moradores inseridos na nova malha urbana organizada dentro dos preceitos de interesses da população e da fábrica. A vida individual de cada trabalhador passa a fazer parte da rotina da indústria e de uma organização espacial em torno dela. Dentro dessa concepção o Lanificio São Pedro forneceu, além das casas, as edificações complementares que deram suporte à vida social dos operários.

O sítio em estudo formou-se em Galópolis, a 10 km de Caxias do Sul. A sua conformação geográfica é marcada por uma estreita faixa plana entre dois morros, pela densa vegetação e pela presença do Rio Pirai do qual se origina a cascata denominada *Véu de Noiva*²⁰⁵.

O traçado urbano de Galópolis surgiu, possivelmente, de forma espontânea e caracterizou-se pelo desenho de forma irregular devido à topografia acidentada (Figuras 88, 89 e 90). Segundo o levantamento realizado pelo IPHAN, “(...) sua localização proporciona visuais diferenciados no decorrer dos caminhos, onde se vislumbram várias edificações representativas da cultura da imigração italiana²⁰⁶”.

²⁰⁴ As atividades sociais em grupo, segundo depoimento de Dall’Agnoll fornecido à autora em junho de 2008, eram: jogos de carta, reza do terço, contos de anedota, rodas de conversa, jogo de bola, serenatas, jogo de bocha e truco, festejos e procissões.

²⁰⁵ A Cascata teve papel fundamental como geradora de energia elétrica para o Lanificio São Pedro.

²⁰⁶ Trabalho de Preservação e Valorização da Paisagem Urbana em Núcleos de Colonização Italiana e Alemã. Setor de Arquivo do IPHAN, RS.

Nesta faixa estreita de terra entre morros (Figura 90), desenvolveu-se o perímetro urbano da vila operária, embora atualmente estes morros estão sendo ocupados por inúmeras residências. No sentido longitudinal, existem dois elementos divisores do povoado: o Rio Pirai²⁰⁷ e a estrada BR 116 que liga Caxias a Nova Petrópolis.

Vale referir agora que a análise da implantação dos prédios que compunham o Lanificio São Pedro bem como os que davam aporte aos moradores da vila operária seguirá o critério da visão *macro* passando a *micro* (Figura 91). Primeiramente serão demonstrados os edifícios a partir da implantação geral do povoado e logo após as casas ao redor da praça, que são o objetivo principal deste estudo.



Figura 88: Posição geográfica de Galópolis, morros e a Cascata Vêu de Noiva em primeiro Plano. Casas de madeira ao longo do Rio
Fotógrafo não identificado
Arquivo: particular da Família Pedron

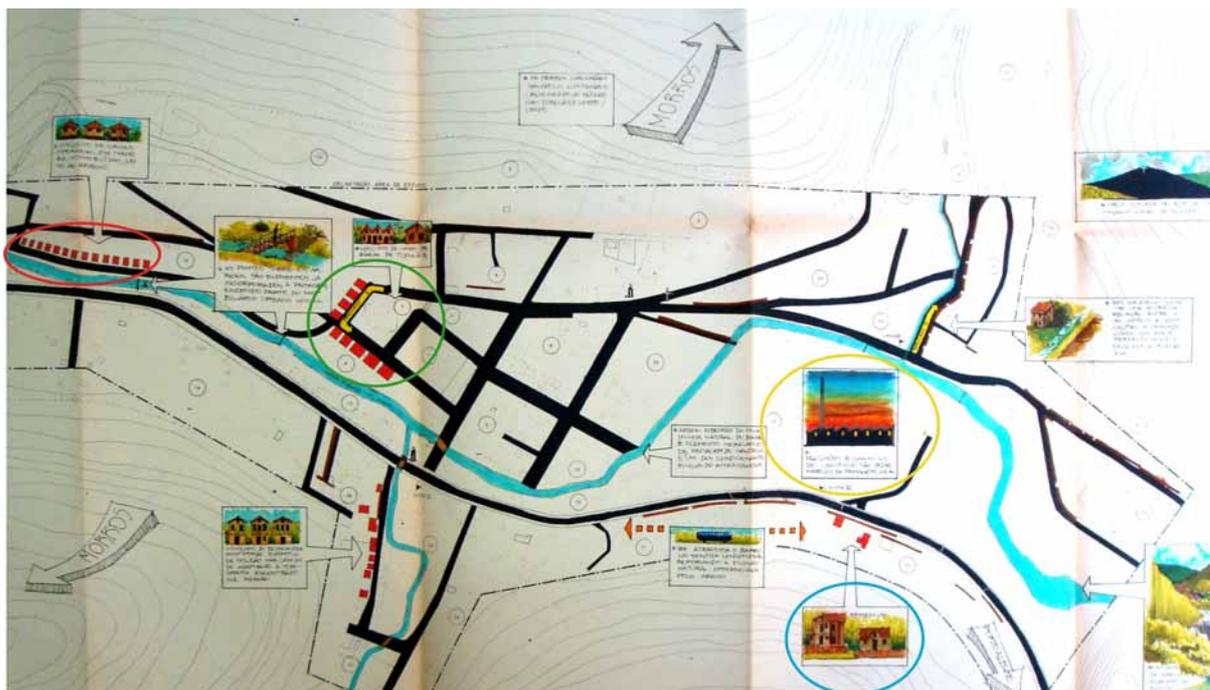


Figura 89: Crescimento de Galópolis à beira do Rio Pirai e Cascata Vêu de Noiva entre a densa vegetação
Fotografia: Daniela Ketzer Milano, 2006



Figura 90: Vista panorâmica de Galópolis; no centro, o Lanificio São Pedro, 1953
Fotógrafo: Ulisses Geremia
Fundo Studio Fotográfico Geremia
Acervo: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami

²⁰⁷ O Rio Pirai tem estreita ligação com o povoado, uma vez que passa nos fundos de várias casas, inclusive das casas operárias de tijolos do Lanificio e rente ao edifício da fábrica.



LEGENDA:

- sistema viário
- rios
- pontes
- edifícios significativos na paisagem urbana
conforme pesquisa: Trabalho de preservação da
paisagem urbana em núcleos de colonização
italiana e alemã - Acervo: IPHAN
- casas de Hércules Galló
- casas operárias de madeira
- Lanifício São Pedro
- casas operárias ao redor da praça

Figura 91: Implantação de Galópolis

(Figura editada pela autora)

Fonte: Trabalho de Preservação e Valorização da Paisagem Urbana em Núcleos de Colonização Italiana e Alemã

Coleção: Galópolis

Acervo: Setor de Arquivo do IPHAN, RS

3.3.2 Desenvolvimento do Lanifício

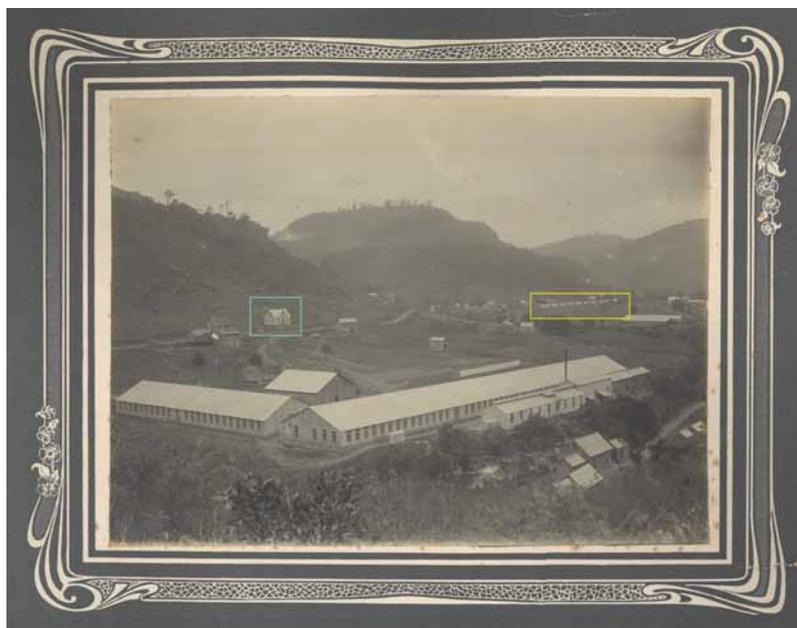


Figura 92: Conjunto fabril do Lanifício São Pedro
Galópolis, 1914/1916 (data informada pelo Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami)
Em amarelo, as primeiras casas de madeira da vila operária; em azul, a primeira casa de Hércules Galló
Fotógrafo: Giácomo Geremia (Fotografia editada pela autora)
Coleção Arquivo Histórico Municipal
Acervo: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami

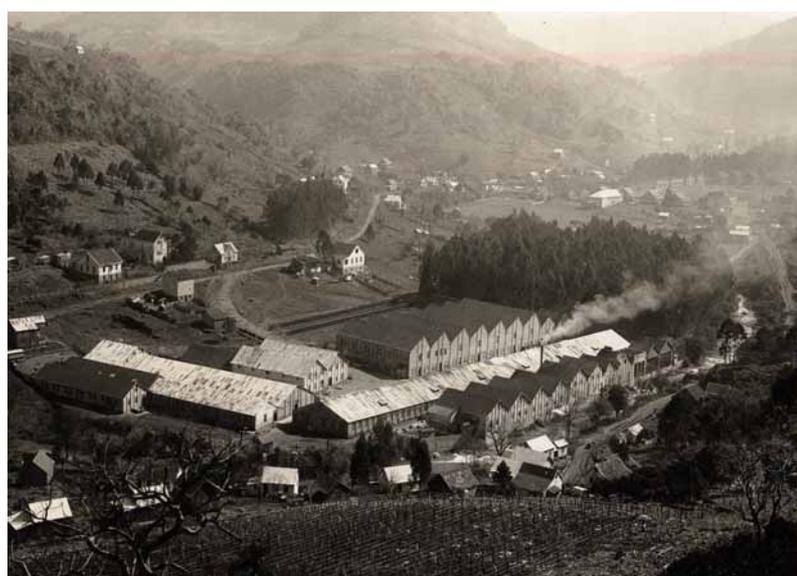


Figura 93: Evolução do conjunto fabril do Lanifício São Pedro de Galópolis, com a construção de um prédio grande de alvenaria
Fotógrafo: não identificado
Coleção Arquivo Histórico Municipal
Acervo: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami

A Figura 92 traz os dois edifícios principais do conjunto da fábrica construídos em alvenaria de tijolos à vista e um galpão central em madeira. A estrutura dos prédios de tijolos foi resolvida na própria parede externa, que se apresenta de forma nervurada, cumprindo a função de pilar (Figura 95).



Figura 94: Grupo reunido em frente a um dos edifícios do Lanificio São Pedro, construído em alvenaria onde as nervuras em saliência cumprem a função estrutural. Na extrema direita da foto de terno preto, está Orestes Manfro. Fotografia realizada entre 1925 e 1933. Acervo Particular Talita Moschen



Figura 95: Detalhe da estrutura das paredes da maioria dos prédios da fábrica Galópolis, 2010
Fotografia: Daniela Ketzer Milano

Na Figura 93 é possível reconhecer a construção de uma nova edificação mais próxima ao Rio. Construído com as mesmas técnicas do primeiro pavilhão, o prédio foi assentado sobre uma grande base de pedras que tinha a finalidade de contenção as águas do Rio (Figura 95).

Ainda analisando a Figura 93, é possível identificar o desenvolvimento tanto do povoado quanto da fábrica. Neste sentido, a fotografia pode ter sido feita durante a hegemonia dos Chaves Barcellos no final da década de 1920 e início da década de 1930, pois ainda não haviam sido construídas todas as casas de tijolos para operários que aparecem ao fundo; tampouco existia a igreja que foi construída de 1939 a 1947.

Cabe frisar que a Figura 96 configura a terceira etapa do processo de crescimento do conjunto fabril e a construção da nova Igreja Matriz. Aparecem à esquerda da imagem outros pavilhões construídos com materiais distintos aos anteriores. A observação da fotografia elucida que os telhados dos antigos prédios sofreram alterações; contudo, a mais considerável foi a do pavilhão rente ao Rio (comparar a Figura 93 com a Figura 95).

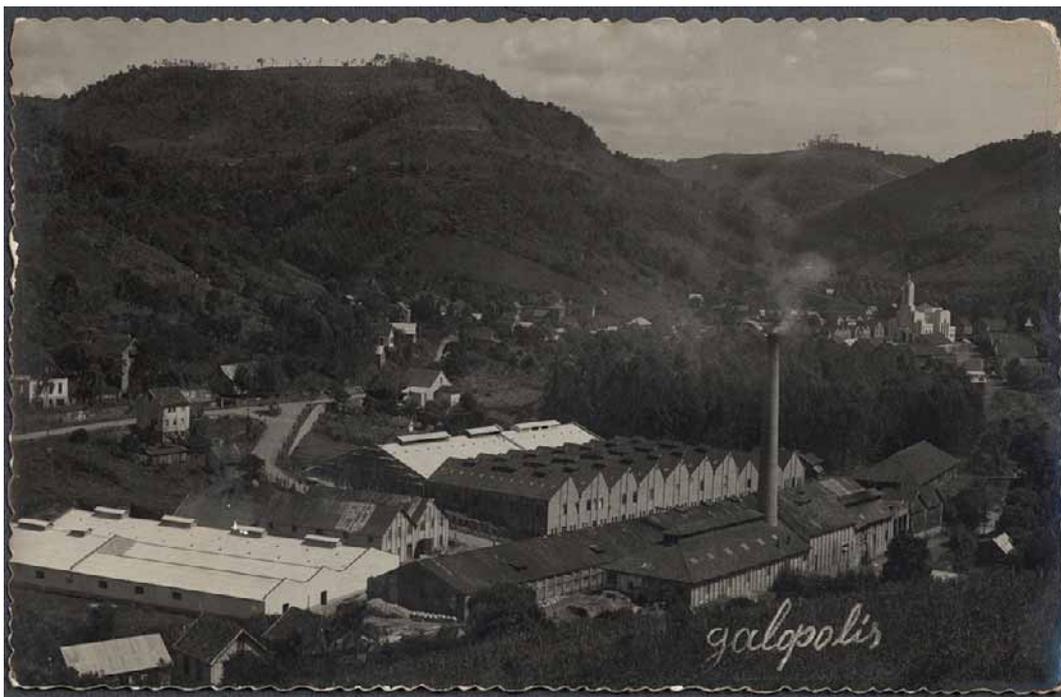


Figura 96: Vista geral da localidade de Galópolis
Em primeiro plano, o conjunto fabril do Lanificio São Pedro
Ao fundo, à direita na foto, a nova Igreja Matriz da localidade
Galópolis (década de 1950)
Fotógrafo: não identificado
Coleção Família Gianella
Acervo: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami



Figura 97: Implantação urbana de Galópolis, provavelmente na década de 1970, com grande crescimento da malha urbana
Acervo: Cia Sehbe S.A

3.3.3 Casas de Hércules Galló

A primeira casa de madeira pertencente à família de Hércules Galló foi edificada em madeira, localizada à atual BR 116, que era naquele tempo uma rua de chão batido (à direita da Figura 98). A época provável de sua construção foi quando Galló se estabeleceu na localidade, entre 1906 e 1912, como comprova a Figura 92²⁰⁸, na qual aparece a residência assinalada por um retângulo azul.

Além da implantação da casa (Figura 92, marcada em azul), foi construído no terreno um forno de barro, uma casinha²⁰⁹ e um tanque de lavagem. A planta da habitação se assemelhava à casa da Colônia, pois contava com a sala e com o quarto do casal dispostos à frente da casa; havia, ainda, a cozinha, um quarto destinado às moças e um outro quarto, com janela para os fundos. Todos os ambientes eram distribuídos ao longo de um corredor central que iniciava o percurso por uma porta também na área central na fachada da frente e terminava em uma outra porta aos fundos. Na cozinha havia uma escada íngreme que dava acesso ao sótão que abrigava um quarto para rapazes, e a área restante funcionava como uma despensa²¹⁰.

Formalmente a Arquitetura das casas de Galló assume uma tipologia intermediária entre a simplicidade das casas típicas da região e a composição do chalé de madeira, tal declaração se justifica nas palavras de Posenato:

(...) nos núcleos urbanos de imigração italiana, o chalé foi o paradigma das edificações requintadas em madeira (...) apresentando duas linguagens de expressão: concepção espacial funcional segundo as características da imigração italiana, e, aspectos formais do chalé, com lambrequins amenizados²¹¹.

A ausência do porão de pedra, a presença do telhado em quatro águas (formando uma grande empena frontal, que fornecia um caráter de segundo pavimento ao sótão) e a presença de *lambrequins*²¹² no beiral do telhado, justificam esta comparação.

²⁰⁸ Conforme informação do Acervo Municipal João Spadari Adami, a fotografia foi realizada entre 1914 e 1916.

²⁰⁹ Quando refere-se à casinha, está mencionando o banheiro de madeira sem água encanada que se localizava aos fundos do lote, conforme foi comentado anteriormente.

²¹⁰ A descrição da habitação é baseada nas narrativas das irmãs Maria Lourdes Vial e Milá Mincato; ambas nasceram e moraram na primeira casa de Galló. A primeira é casada com Walter Marchioro e a segunda com Dorvalino Mincato, no entanto as descrições fazem parte das entrevistas realizadas com os maridos.

²¹¹ POSENATO, 1983, op. cit., p. 520.

²¹² Os lambrequins, também chamados de sianinhas, são enfeites recortados em madeira rendilhada, usados como arremate nas extremidades dos beirados dos chalés que entraram em voga no Brasil, a partir do final do século XIX. In: MASCARELLO, Sônia Nara P. **Arquitetura brasileira: elementos, materiais e técnicas construtivas**. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 1982. p. 52.

A segunda casa, o grande chalé, à esquerda da Figura 98, demonstra o prestígio e a ascensão da fábrica durante a sua administração, porque foi a casa em madeira mais monumental do povoado. Foi construído entre 1912 e 1920²¹³ com dois pavimentos, além do sótão. Além disso, a sua composição formal em “L” exhibe uma forma mais complexa de planta e de telhado em relação a outras casas da região. Outra característica marcante e distinta do restante das casas ao seu redor é a sacada no segundo pavimento no encontro dos dois blocos do edifício; sob essa última formou-se uma varanda que serve de acesso como uma espécie de *hall* externo à porta principal.

Depois do falecimento de Galló, a casa passou a fazer parte do patrimônio do Lanifício; também, “foi cedida à Herbert Martin Schenke e sua família, um químico alemão que veio trabalhar na fábrica²¹⁴”.



Figura 98: Casas de Hércules Galló à beira da BR 116, rodovia que também é a rua principal do povoado. Elas estão marcadas na planta de localização na Figura 91, assinaladas pelo círculo azul.

Coleção: Galópolis

Acervo: Setor de Arquivo do IPHAN, RS

²¹³ Como Hércules Galló faleceu em 1921, sabe-se que a casa foi construída antes desta data.

²¹⁴ Maria Lourdes Vial contou à autora durante entrevista do marido Walter Marchioro realizada em junho de 2009, que, os estrangeiros ocupavam as maiores casas de Galópolis; a exemplo da residência em frente às casas de Galló e a casa canônica, atual casa paroquial. Este fato foi atribuído ao cargo de mestres que os referidos ocupavam, entre eles estavam: os alemães William Zenderling, Elmo Hupppe e o austríaco José Canalli.

3.3.4 Prédios construídos a partir dos Chaves Barcellos

A partir do momento em que os Chaves Barcellos assumiram a direção do Lanifício, Galópolis passou por mudanças no sentido de avançar em direção ao progresso no que diz respeito à inserção de prédios de alvenaria ao distrito. A construção da nova estrada BR 116, ligando Galópolis a outras cidades, também representou um marco nos avanços urbanos da localidade, pois facilitou o deslocamento do material de construção vindos de outras cidades.

O primeiro passo do desenvolvimento havia sido dado por Hércules Galló que transformou a Cooperativa em Lanifício. Logo após criou o conjunto de habitações de madeira para os trabalhadores e iniciou com a sociedade dos Chaves e Almeida a construção das casas de alvenaria de tijolos. Com a entrada definitiva dos Chaves Barcellos, foi introduzido capital, capaz de transformar o Lanifício em fábrica e de melhorar a estrutura urbana.

Após falecimento de Galló, duas pessoas foram importantes no processo de ligação entre os operários e os proprietários da fábrica: foram os gerentes, Orestes Manfro – que seguiu até 1933 o processo de construção das casas de alvenaria da vila operária –, seguido por João Laner Spinato, que as concluiu e que construiu as outras edificações de aporte ao conjunto operário.

Além da implantação dos edifícios de cunho social e educacional, “foram realizadas diversas ações de assistência social: caixa de socorro mútuo²¹⁵, Banda de Música João Spinato, administração do fornecimento de moradia aos operários²¹⁶, Círculo Operário Ismael Chaves Barcelos”, entre outros que serão citados na apresentação dos edifícios.

No período entre 1933 a 1965, Galópolis adquiriu maior autonomia em relação à Caxias, porém foi nesse período que “Spinato estreitou a dependência dos operários em relação à fábrica²¹⁷”. Sobre a expansão de Galópolis durante a vigência desse gerente, a reportagem do *Jornal Pioneiro* relata:

²¹⁵ “(...) para empregados e às custas do Lanifício, com atendimento médico, hospitalar, farmacêutico, partos e despesas funerárias”. Ver: SPINATO, 1998, op. cit., 71.

²¹⁶ Agostino Fontana conta que: “para ser contratado pela empresa e alugar uma das casas da fábrica situada à BR 116 quando casou em 1958, Spinato, mesmo tendo estreita relação de serviço com seu pai, fez uma série de exigências quanto à participação de Fontana na igreja, como condição para fornecer a ele emprego e habitação”.

²¹⁷ Reportagem: Fio da História. **Jornal Pioneiro**, 08 de junho de 2000. Material cedido pelo acervo da Paróquia de Galópolis.

No período em que ele esteve à frente da empresa, foram fundados a Cooperativa de Consumo, o Círculo Operário Ismael Chaves Barcellos, a Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário, o Colégio Irmãos Chaves, o ambulatório, a farmácia, a cancha de bochas, a Escola Particular Dona Manoela Chaves, além da manutenção e construção de novas moradias²¹⁸.

Dentre os edifícios que não eram de propriedade da fábrica, mas que fizeram parte do conjunto ao redor da praça e foram importantes ao conjunto, está o Cine Operário Galópolis (figura 99). Embora tenha sido edificado em 1929 para a finalidade de exibição de filmes, o edifício emprestava as suas instalações para outras duas atividades: círculo de leitura e eventos sociais dos quais a comunidade necessitasse. O prédio existe até hoje; no entanto, encerrou suas atividades em 1983.



Figura 99: Cine Operário Galópolis, Rua Ismael Chaves esquina Rua Hércules Galló

Foi construído com o mesmo sistema de alvenaria de tijolos à vista da fábrica e casas de operários. A atual fachada provavelmente foi depois construída, porque está de acordo com a linguagem arquitetônica dos outros prédios construídos a partir de 1940 (igreja e a sede social do Lanificio).

Galópolis, 2010

Fotografia: Daniela Ketzer Milano

A importância da inserção do cinema na região de Galópolis está expressa nas palavras de Pozenato:

Foi o primeiro cinema instalado no interior de Caxias e seu fundador e proprietário era um operário, Victório Diligenti. O cinema foi instalado em um prédio de madeira, construído pelo proprietário para este fim. Anos mais tarde, o prédio foi

²¹⁸ Reportagem: Fio da História. **Jornal Pioneiro**, 08 de junho de 2000. Material cedido pelo acervo da Paróquia de Galópolis.

reconstruído em alvenaria e os camarotes que existiam substituídos por um mezanino. Este prédio foi construído aos poucos, em função de poucos recursos financeiros e também para não ocasionar a interrupção nas sessões cinematográficas²¹⁹.

Os Colégios, “Irmão Chaves e Manoela Chaves, foram fundados em 1934²²⁰”, criados para atender principalmente aos filhos dos operários, sob a direção das Irmãs da Congregação do Coração de Maria – nestes, foram educadas crianças dos 7 aos 14 anos²²¹. O Colégio Irmão Chaves (Figura 100) apresentava traços da Arquitetura alemã, principalmente na resolução da cobertura, bem distinta dos outros edifícios que estavam sendo construídos no local no mesmo período. De autoria desconhecida, o projeto pode ter sido encomendado a um arquiteto ou a um construtor de origem germânica, já que vários destes também habitavam a região.



Figura 100: Colégio Irmão Chaves de Galópolis
Fotografia: Daniela Ketzer Milano, 2008

Dentre as ações realizadas por João Laner Spinato, citadas anteriormente, estão a construção em 1941 de cinquenta casas para operários em madeira ao longo da BR 116²²². As duas casas, que aparecem em destaque à direita da Figura 101, provavelmente tenham sido as primeiras a serem construídas, visto que apresentam linguagem arquitetônica semelhante às antigas casas de madeira ao redor da praça. Possuíam uma configuração semelhante à casa imigrante italiana, no entanto comportavam duas unidades habitacionais.

²¹⁹GIRON, Loraine Slomp; POZENATO, Kenia Menegotto. **Cinemas: lembranças**. Porto Alegre: EST/Suliani, 2007. p. 48. Material cedido pela neta do fundador do cinema Rosa Diligenti.

²²⁰Reportagem: Fio da História: tramas de um século. **Jornal Pioneiro**, Caxias do Sul, 08 de junho de 2000. Material cedido pelo acervo da Paróquia de Galópolis.

²²¹ SPINATO, 1998, op. cit., p. 70.

²²² Na Figura 91, é assinalada com um círculo vermelho a localização dos exemplares ainda existentes em 1984.

O acesso de tais casas era realizado por uma escada lateral que levava a uma varanda coberta, que, por sua vez, dava acesso à porta principal. Possuía em baixo do pavimento térreo um porão de madeira e um sótão utilizável no vão da empena, que por sua vez era voltada para a rua e para o Rio. A sua cobertura era formada por duas águas cujos caimentos eram voltados para o recuo lateral da habitação.

As habitações à esquerda da referida imagem e as das Figuras 102 e 103 também fazem parte do mesmo programa habitacional de Spinato, contudo não têm valor arquitetônico. O seu sistema funcional é semelhante ao das duas casas descritas anteriormente, porém a solução de telhado era em quatro águas, não possuía sótão e tampouco varanda lateral para acesso à porta principal. O porão também era reduzido a um espaço de ventilação da casa.



Figura 101: Plano habitacional de Spinato que contou com a construção de cinquenta casas de madeira para operários do Lanifício São Pedro. Apresentação de duas tipologias
 Coleção: Galópolis
 Acervo: Setor de Arquivo do IPHAN, RS



Figuras 102 e 103: Plano habitacional de Spinato que contou com a construção de cinquenta casas de madeira para operários do Lanifício São Pedro.
 Tipologia sem valor arquitetônico
 Coleção: Galópolis
 Acervo: Setor de Arquivo do IPHAN, RS

3.3.5 Edificações ao redor da praça

A praça central sempre foi um cenário essencial: sempre foi o elemento centralizador que se formou no núcleo do conjunto das casas operárias. De fato, desde a construção destas habitações, foi o elemento estruturador do espaço e pólo de eventos e de festividades da comunidade.

Inicialmente abrigou diversas finalidades: a primeira, como campo de futebol; a segunda, como lugar que era destinado à coleta de água através de um poço. Portanto, o local foi marcado pelo encontro dos habitantes que todos os dias buscavam água para as suas necessidades diárias; também foi palco das manifestações populares como festas da padroeira, de onde saíam as procissões. Ainda, no local eram realizados os churrascos de domingo, em que as crianças brincavam, enfim, onde ocorriam os eventos ao ar livre (Figura 104).

Tamanha era importância deste espaço que, no dia 8 de outubro de 1941, conforme informação do *Livro do Tombo*, “(...) a Cia. Lanificio São Pedro representada pelo gerente Sr. João Laner Spinato, fez a doação à Mitra Arquidiocese de Galópolis do terreno onde foi construída a nova Igreja Matriz²²³”.

Embora parte do chamado *campinho*²²⁴ tenha sido doado formalmente para a construção da Igreja em 1941, esta já vinha sendo construída desde 1939. De acordo como o relato no *Livro do Tombo*: “No projeto da Igreja constava uma praça que ia até a rua²²⁵, devendo, portanto, desaparecer as casas existentes²²⁶”.

O local foi escolhido depois de várias tentativas de negociação de outros terrenos, conforme escrito no *Livro do Tombo*, “(...) não restava outra solução senão fazê-la no centro do antigo campo de futebol²²⁷”. A escolha do projeto da Igreja também passou pela análise de diversos projetos.

²²³ Nesta mesma data foi registrada a escritura do terreno. Este foi doado formalmente em 1941. Ver: **Livro do Tombo**.

²²⁴ *Campinho* era o nome dado pelos moradores ao espaço que deu lugar à atual praça e terreno da Igreja Matriz.

²²⁵ As casas que foram demolidas para a construção da praça eram os chalés de madeira da Rua Ismael Chaves que se localizavam em uma das extremidades da praça, contudo, no terreno das habitações, foi construída a sede social e de esportes do Círculo Operário Ismael Chaves; a praça foi feita no restante do campo, que compreende a distância entre o Círculo Operário e a Igreja Matriz. Ver: Figura 82.

²²⁶ **Livro do Tombo** da Paróquia da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário de Galópolis. p. 12.

²²⁷ *Ibid.* p. 12.

O ano de 1941 também foi marcado pela “(...) inauguração de um parque de diversão para crianças, oferecido pela direção da fábrica e colocado, talvez ostensivamente, de frente à nova matriz em construção²²⁸”.



Figura 104: Festividade de Natal no antigo campo de futebol, o chamado *campinho*. Ao fundo, aparecem as casas de madeira para funcionários de segunda tipologia. Galópolis, década de 30. Acervo: pessoal de Talita Moschen

Outro elemento que compôs o entorno da praça foi o prédio construído para a Cooperativa Operária de Consumo (Figura 110). Foi no referido edifício, que no dia 13 de agosto de 1939, ocorreu a primeira reunião da Associação Profissional dos Trabalhadores na Indústria de Fiação e Tecelagem²²⁹, entidade que em 1942 deu origem ao Sindicato dos trabalhadores na Indústria e Tecelagem de Galópolis²³⁰. O prédio da Cooperativa complementava as edificações em madeira, situadas ao lado dos chalés da Rua Ismael Chaves – este último foi demolido para a construção da sede social e esportiva do Círculo Operário.

²²⁸ A citação faz referência aos brinquedos da atual pracinha, localizados na praça central de Galópolis. **Livro do Tombo** da Paróquia da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário de Galópolis. p. 18.

²²⁹ Atas do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria e Tecelagem de Galópolis. Livro 1. p. 23.

²³⁰ Atas do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria e Tecelagem de Galópolis. Livro 1. p. 1.



Figura 105: Igreja antiga, demolida devido ao tamanho diminuto.
Acervo: Paróquia da Igreja Matriz de Galópolis



Figura 106: Igreja Matriz de Galópolis inserida junto à praça.
Fotografia: Daniela Ketzner Milano, 2010



Figura 107: Inauguração da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário em 1947 entre as casas de madeira e alvenaria de tijolos da vila operária de Galópolis
Jornal Zero Hora, 18 de janeiro de 2001
Fotografia: Roni Rigon
Coleção: Fotografias da Igreja Matriz de Galópolis
Acervo: Paróquia da Igreja Matriz de Galópolis



Figura 108: Vista do conjunto das casas da vila operária de Galópolis, da praça e da igreja
Fotografia: Daniela Ketzer Milano, 2006



Figura 109: Sede Social do Círculo Operário e praça central vistas a partir das casas operárias de Galópolis.
Fotografia: Daniela Ketzer Milano, 2006

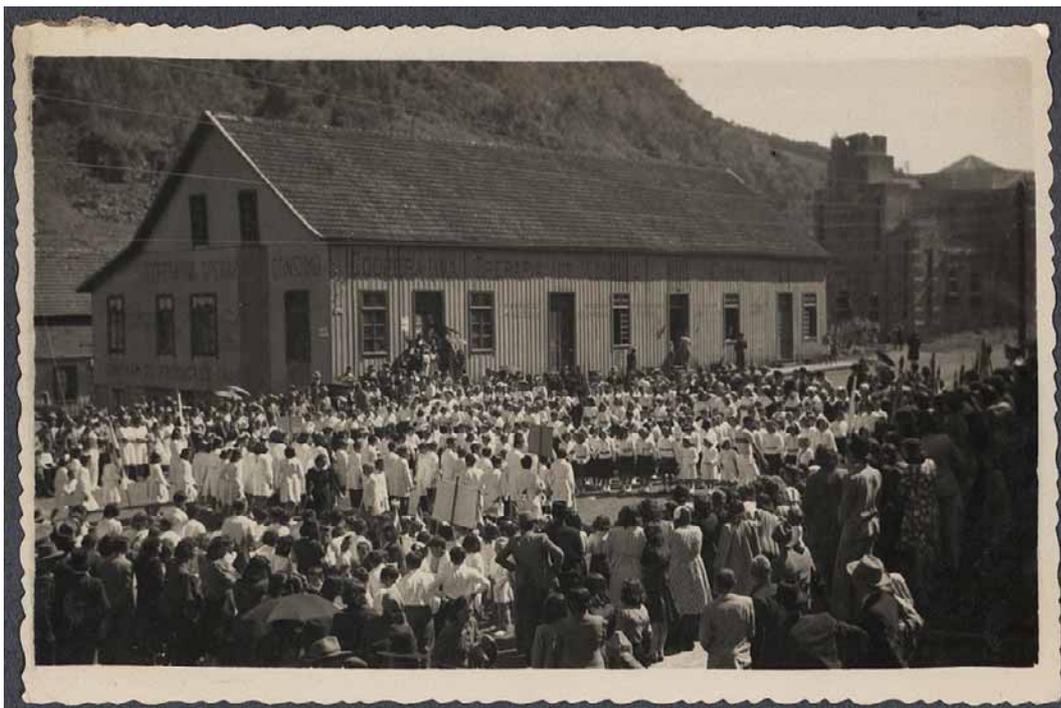


Figura 110: Antigo prédio da Cooperativa Operária de Consumo, demolido para a construção do Círculo Operário Ismael Chaves Barcellos. Perdurou após a construção da nova igreja, inaugurada em 02 de março de 1947.

Galópolis, 07 de setembro de 1945

Fotógrafo : não identificado

Coleção: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami

Acervo: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami

Para inaugurar a iniciativa inovadora de Spinato, o novo Círculo Operário passou, “a funcionar em dois novos prédios construídos pelo Lanifício São Pedro²³¹”. O primeiro²³², de cunho mais institucional, abrigava atividades como jardim de infância, ambulatório, creche, oficina de corte e costura (Figura 111). No segundo, desenvolviam-se atividades sociais e esportivas, tais como o salão de baile, o restaurante, a biblioteca, a barbearia e a sala de jogos – entre estes, os mais tradicionais dos imigrantes italianos, como a bocha e o bolão (Figura 109 e 112).

Além de todas essas atividades, o prédio possuía um terceiro pavimento com parte dentro da inclinação do telhado, porém com janelas diminutas nas fachadas, assim como as primeiras casas de pedra da Colônia. Este compartimento era destinado a apartamentos de aluguel e ao do zelador.

A presença destas duas edificações destinadas ao Círculo Operário marcou um período de ascensão social e de grandes realizações em prol da comunidade de Galópolis.

²³¹ SPINATO, 1998, op. cit., p. 71

²³² Conforme depoimento de Dorvalino Mincato, que atualmente é proprietário da maior parte do prédio, segundo ele este foi edificado na década de 1960. Entrevista à autora em outubro de 2009.



Figura 111: Sede institucional do Círculo Operário na Rua Pedro Chaves. Fotógrafo: Sisto Muner .
Fonte: HERÉDIA, 1997, op. cit., p. 215.



Figura 112: Sede social e esportiva do Círculo Operário na Rua Ismael Chaves²³³
Telhado que abriga parte do terceiro pavimento está escondido pela platibanda.
Galópolis, 2006
Fotografia: Daniela Ketzer Milano

Entretanto, o elemento principal em torno da praça é o conjunto de casas para operários que formou o núcleo principal da vila operária de Galópolis. As habitações de tijolos foram consideradas pelo levantamento *Trabalho de preservação e valorização da paisagem urbana em núcleos de colonização italiana e alemã* como um “núcleo significativo na paisagem urbana²³⁴”.

A tipologia escolhida foi o de casas em fita, ordenadas de forma linear. As moradias são geminadas em grupos de duas ou de três habitações cada, espaçadas por um recuo de jardim lateral, com exceção das casas centrais triplas e do bloco de quatro unidades.

O conjunto de habitações e os demais edifícios ao redor da praça formam quase um triângulo (Figura 113), de modo que as fileiras de casas assumem a função de um muro, cujas fachadas frontais se voltam para uma espécie de pátio interno, o terreno da praça.

Cabe ressaltar também que três momentos marcaram a formação das edificações ao redor da praça. O primeiro período define-se pelas habitações operárias em madeira, ainda com características da Arquitetura da imigração italiana, as quais foram todas demolidas.

O segundo caracteriza-se pelas casas para trabalhadores, que apesar de terem sido construídas em alvenaria, possuem certas características da imigração italiana. Austeras no sentido da simplicidade das formas e desprovidas de ornamentação, como expõe Bonduki, “(...) a utilização do tijolo reforça a paisagem industrial²³⁵”.

²³³ Referindo-se ao movimento e à visibilidade que o Círculo Operário atingia, Agostino Fontana em entrevista à autora conta: “No domingo o pessoal de Caxias vinha todo para o restaurante do Círculo Operário, às quatro horas da tarde tinha pessoas almoçando ainda”.

²³⁴ Levantamento realizado em 1984. Setor de Arquivo do IPHAN, RS

²³⁵ BONDUKI, Nabil. **Origens da habitação social no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Liberdade, 2004. p. 63.

O terceiro compõe-se pela presença da Arquitetura eclética dentro da vertente Art Deco nos prédios institucionais do Círculo Operário e Cinema e pelo estilo monumental moderno da Igreja Matriz

Portanto, ao redor da praça, juntamente com as habitações mais significativas do conjunto, formou-se um grupo de edifícios de Arquiteturas variadas que vieram a compor o núcleo principal da vila operária de Galópolis.

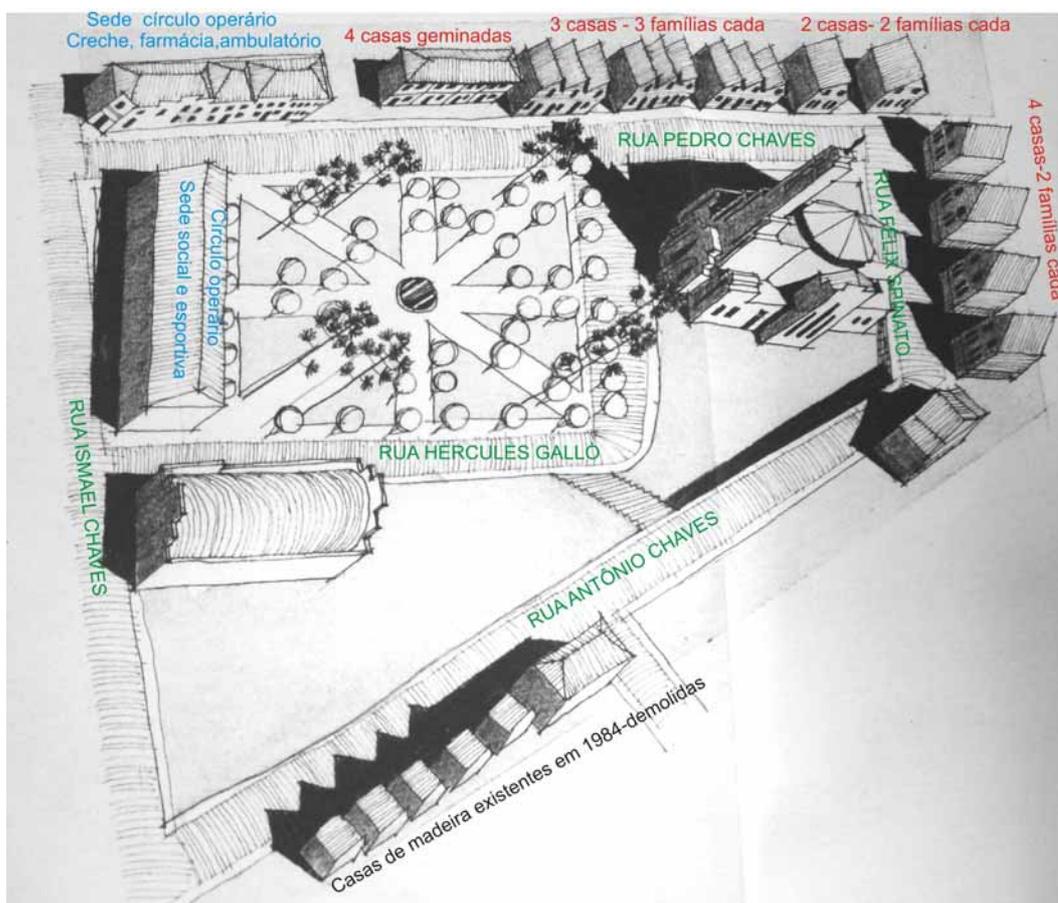


Figura 113: Implantação do conjunto ao redor da praça

Fonte: Trabalho de Preservação e Valorização da Paisagem Urbana em Núcleos de Colonização Italiana e Alemã

(imagem editada pela autora)

Acervo: Setor de Arquivo do IPHAN, RS

CAPÍTULO 4

A VILA OPERÁRIA E SUA ARQUITETURA

4.1 PARTIDOS FORMAIS DAS CASAS OPERÁRIAS DE ALVENARIA

4.1.1 Características gerais

A análise dos partidos formais do conjunto de casas de alvenaria da vila operária de Galópolis está baseada não somente em elementos gráficos como plantas arquitetônicas, fotografias e documentos mas também engloba o sentido cultural da apropriação do espaço pelo morador.

A escolha do modo como as casas operárias foram dispostas ocorreu em linhas de habitações configurando um conjunto em *fita*, porém apresentando espaçamentos entre os blocos de casas geminadas. Elas foram, pois, distribuídas em dois quarteirões, formando um “L” ao redor da praça central. Cabe à praça, portanto, a função de elemento distribuidor e concentrador tanto da seqüência de casas quanto dos edifícios que abrigavam as atividades comunitárias de seus habitantes.

Cada conjunto de moradias constitui um bloco de habitações geminadas²³⁶, que abriga duas, três ou quatro destas. O volume de habitações é interrompido por um corredor de acesso lateral, utilizado como passagem para o pátio dos fundos de cada casa, com exceção da unidade centrais dos blocos de três e quatro unidades.

Um grupo de habitações de mesma tipologia forma um *ritmo* seqüenciado, que só é quebrado pela mudança do modelo de casas. Iniciando a análise da direita para a esquerda, pela Rua Pedro Chaves (Figura 114); percebe-se um bloco de quatro moradias geminadas, que tem o ritmo interrompido pela início do conjunto de três casas triplas que compõe o segundo ritmo; o terceiro ritmo é formado por duas casas duplas que vem à seguir. Inicia-se um novo ritmo na Rua Dr. Félix Spinato com um conjunto de mais quatro casas duplas.

Conforme conceitua Ching:

²³⁶ Casas de mesma tipologia rebatidas ao lado como um espelho. As casas geminadas caracterizam-se por dividirem a mesma parede que as separa.

O ritmo se refere a qualquer movimento caracterizado por uma recorrência padronizada de elementos ou motivos a intervalos regulares ou irregulares. O movimento pode ser o de nossos olhos à medida que acompanhamos os elementos recorrentes em uma composição, ou de nossos corpos à medida que avançamos através de uma seqüência de espaços. Em qualquer dos casos, o ritmo incorpora a noção fundamental da repetição como um percurso para organizar formas e espaços na Arquitetura²³⁷.

Também se deve referir que a forma de apresentação das tipologias das habitações operárias em estudo é analisada de acordo com a importância e com a hierarquia do conjunto. O critério deste estudo para a classificação será expresso de maneira cronológica, da mais antiga à mais nova, seguindo a nomenclatura adotada de primeira ordem à quarta ordem (proposta do esquema de nomenclatura expressa na Figura 114).

Embora, à primeira vista, o grupo de casas pareça estabelecer semelhanças profundas entre si, logo que se faz um olhar mais apurado, vão-se desvendando, aos poucos, diferenças quase imperceptíveis, com exceção do bloco de quatro casas geminadas ao lado da sede institucional do Círculo Operário (denominado casas de quarta ordem na Figura 116). Este caso será analisado após a observação do conjunto de habitações de tijolos.

4.1.2 Habitações de tijolos

As duas fileiras de casas de tijolos apresentam-se distribuídas em fita perpendicularmente uma em relação à outra. Cada fileira se encontra disposta junto à calçada; porque não apresentam recuo frontal de jardim, assim sendo, a fachada é o limite do terreno²³⁸.

Existindo o despojamento de ornamentos de fachada, que poderia ser o agente marcador da hierarquia, a classificação hierárquica de um grupo de casas foi dada pela posição que ocupou no conjunto. Quem adentra ao espaço da praça, o olhar do observador localiza primeiramente as casas situadas à Rua Félix Spinato, ocupando assim lugar de destaque. Contudo com a construção da igreja, o panorama das casas ficou prejudicado, fator que destacou mais a construção religiosa do que o grupo de habitações.

Outro elemento que define a hierarquia de um conjunto e aqui o caso se aplica diz respeito ao tamanho da edificação. As casas de primeira ordem, além de serem maiores e mais

²³⁷ CHING, Francis D. K. **Arquitetura**: forma, espaço e ordem. 3. tir. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 356.

²³⁸ Esta colocação diz respeito aos dias atuais, pois quando as casas foram construídas não havia calçada e tampouco arruamento, apenas caminhos traçados de chão batido.

altas, estão em um ponto mais elevado do terreno e possuem um espaçamento maior entre elas (Figuras 114 e 116). Ching ainda define que uma *linearidade* pode agrupar objetos com ou sem hierarquia, com corpos iguais ou distintos. O referido autor salienta que:

Uma organização linear normalmente consiste em espaços repetitivos, semelhantes em termos de tamanho, forma e função. Pode também consistir em um espaço linear único que organiza, ao longo de seu comprimento, uma série de espaços que diferem em termos de tamanho, forma e função. Em ambos os casos, cada espaço ao longo da sequência está exposto para o exterior²³⁹.

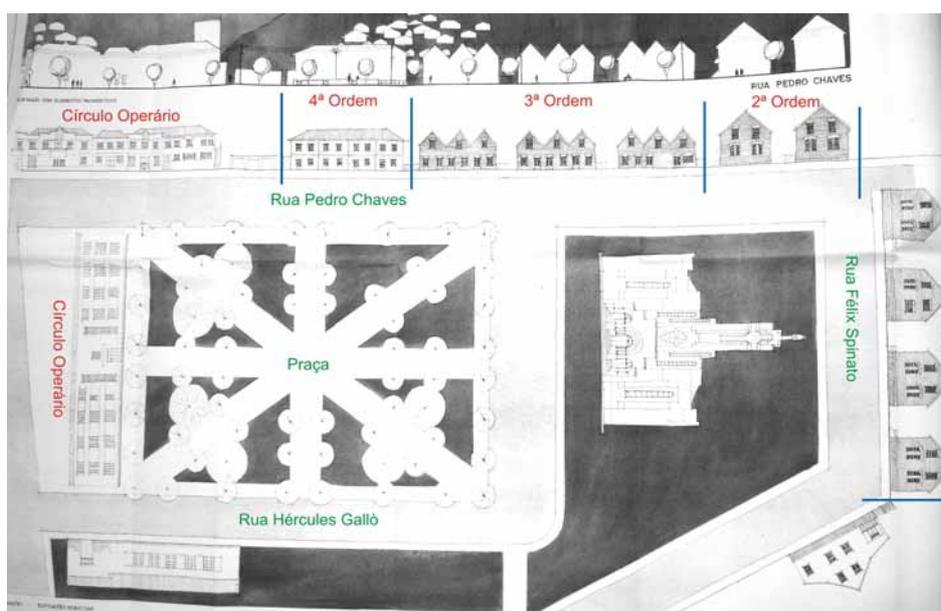


Figura 114: Planta de implantação esquemática

Fonte: Trabalho de Preservação e Valorização da Paisagem Urbana em Núcleos de Colonização Italiana e Alemã (imagem editada pela autora)
Acervo: Setor de Arquivo do IPHAN, RS



Figura 115: Ritmo sequencial de casas de terceira ordem, quebrado pelo ritmo das moradias de segunda ordem.
Fotografia: Daniela Ketzer Milano, 2009

²³⁹ CHING, 2002, op. cit., p. 198.

Os repetidos planos de fachadas das casas de tijolos que caracterizam-se pela forma de volumes maciços com telhados em duas águas. Nas fachadas os cheios predominam sobre os vazios em uma Arquitetura de formas simplificadas. A plástica formal de cada moradia apresenta-se como um quadrado encimado por um volume em triangulação; além disso, a sequencia das empenas desenvolve ritmo às fachadas (Figuras 115 e 117).



Figura 116 : Marcação da hierarquia das casas de primeira ordem, com espaçamento maior entre estas em relação às casas de terceira ordem
Rua Félix Spinato, vila operária de Galópolis, outubro de 2009
Fotografia: Daniela Ketzner Milano



Figuras 117: Casa de segunda ordem, com recuo lateral da esquerda menor do que a da unidade da direita
Na casa ao lado, o processo é inverso: o recuo da direita é maior do que o da esquerda.
Galópolis, 2009
Fotografia: Daniela Ketzner Milano

4.1.3 Casas de primeira e de segunda ordem

As casas da Rua Félix Spinato foram as primeiras casas de tijolos a serem construídas para os mestres estrangeiros. Elas são compostas por quatro blocos, cada um dividido por uma parede que as separa em duas unidades familiares de planta rebatida (Figura 116).

A distribuição de cada bloco dessa tipologia de casas significa que estas se localizam em meio ao terreno, ficando uma faixa lateral para cada unidade. O acesso à porta principal se dá por esse recuo lateral de jardim que também conduz aos fundos do lote²⁴⁰. Esse recuo garantia uma ótima ventilação e insolação ao dormitório do casal e à cozinha, situados no andar térreo das habitações (Figura 121 e 122).

A exceção fica por conta da primeira unidade à esquerda da fileira de casas da Rua Dr. Félix Spinato, pelo motivo de estar situada na esquina²⁴¹ com a Rua Pedro Chaves e por não ter recuo lateral; assim sendo, a parede externa da casa é o limite do terreno e seu ingresso é feito pela calçada (Figura 118).

As casas de segunda ordem (Figura 117) são quase idênticas às casas de primeira ordem (Figura 116). A diferença está na sua posição menos favorecida hierarquicamente, porque estão localizadas na Rua Pedro Chaves, ao lado do conjunto de casas triplas. Um fator que dá mais monumentalidade às habitações de primeira ordem (Figura 118) em relação as de segunda ordem é que as paredes estão assentadas sobre uma base de pedras mais alta que as elevam do solo.

Através da Figura 117 é possível reconhecer que o lote, mesmo dividido em duas unidades, possui um bom tamanho em relação a outras vilas operárias e em relação ao lote urbano. O padrão de medida da maioria dos terrenos é: testada²⁴² e fundos 14,20m; comprimento do lado esquerdo 39,00m e 41,00m do lado direito. Com exceção das casas no encontro das Ruas Félix Spinato e Pedro Chaves (Figuras 119 e 121), a saber, pela primeira citada por não ter recuo lateral e a segunda por ter recuo com largura inferior as demais moradias, que ficaram em situação desfavorecida em relação ao conjunto.

²⁴⁰ O recuo lateral tem espaço suficiente para, nos dias de hoje, estacionar o automóvel da família.

²⁴¹ Esta condição passou a vigorar após a construção do prolongamento do logradouro da Rua Pedro Chaves.

²⁴² O termo refere-se à frente do terreno, ao lado que fica voltado para o logradouro.



Figura 118: Casa de primeira ordem na esquina da Rua Félix Spinato. As esquadrias abrem diretamente para a calçada. Vila operária de Galópolis, 2009
Fotografia: Daniela Ketzner Milano

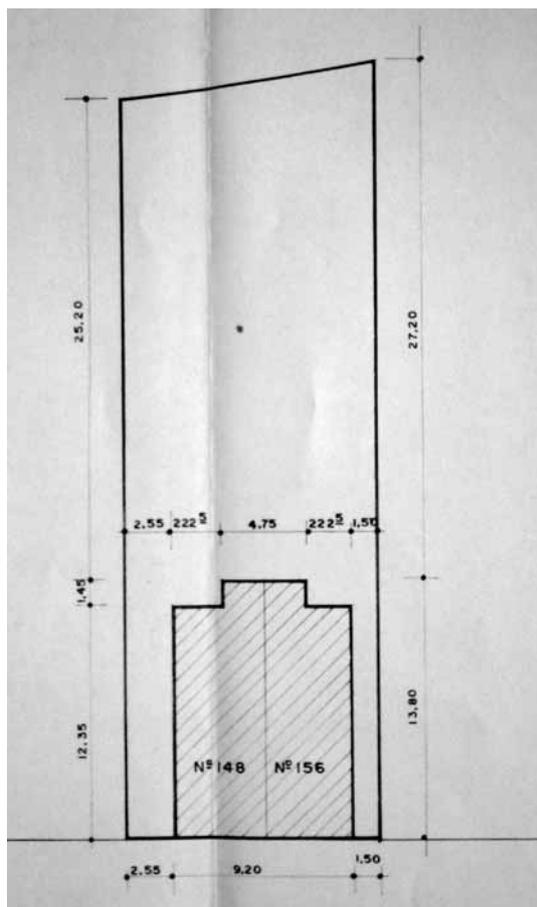


Figura 119: À direita casa de segunda ordem com recuo lateral menor do que as demais. À esquerda casa de primeira ordem com acesso para o logradouro, situação prejudicada em relação as demais. Vila operária de Galópolis, 2009
Fotografia: Daniela Ketzner Milano



Figura 120: À direita da imagem, casas de segunda ordem. Vila operária de Galópolis, 2009
Fotografia: Daniela Ketzner Milano

Figura 121: Planta de implantação, casas de segunda ordem. Vila operária de Galópolis, agosto de 1980. Fonte: Levantamento do Conjunto Residencial Cia. São Pedro. Responsável Técnico: Eng. Civil Juarez N. Settin. Acervo: Arquivo da Cia. Sehbe S.A



Para um melhor entendimento do programa espacial interno, foi realizado um esquema de setorização em uma das casas, no qual foi marcado: social em azul, íntimo em vermelho, circulação em amarelo e serviço em verde. O projeto é igual para as casas de primeira e de segunda ordem (Figuras 122 e 123).

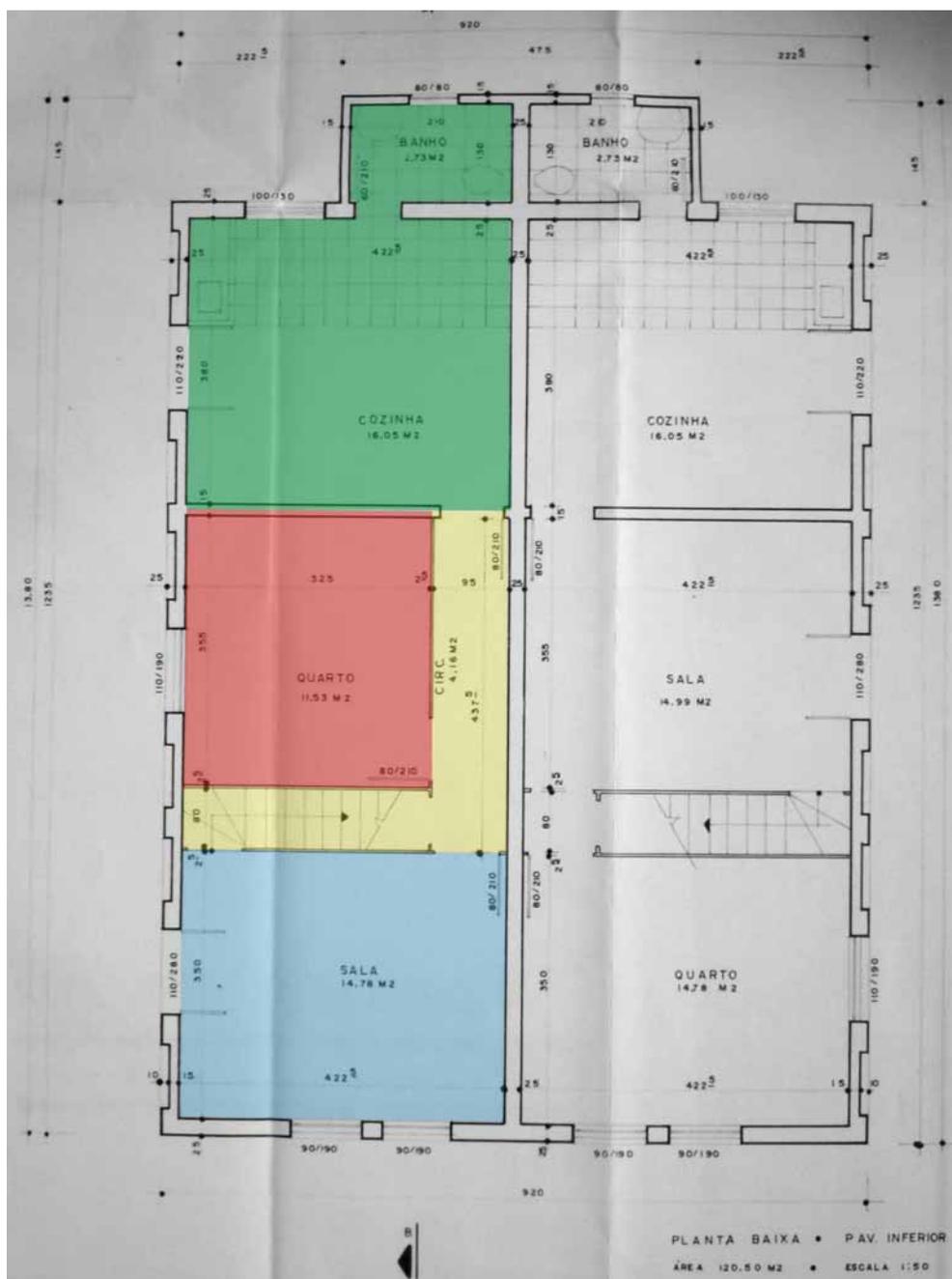


Figura 122: Planta baixa térreo das casas de segunda ordem
 Levantamento do Conjunto Residencial Cia. São Pedro
 Responsável Técnico: Eng. Civil Juarez N. Settin.
 (imagem editada pela autora)
 Vila operária de Galópolis, agosto de 1980
 Acervo: Arquivo Cia. Sehbe S.A

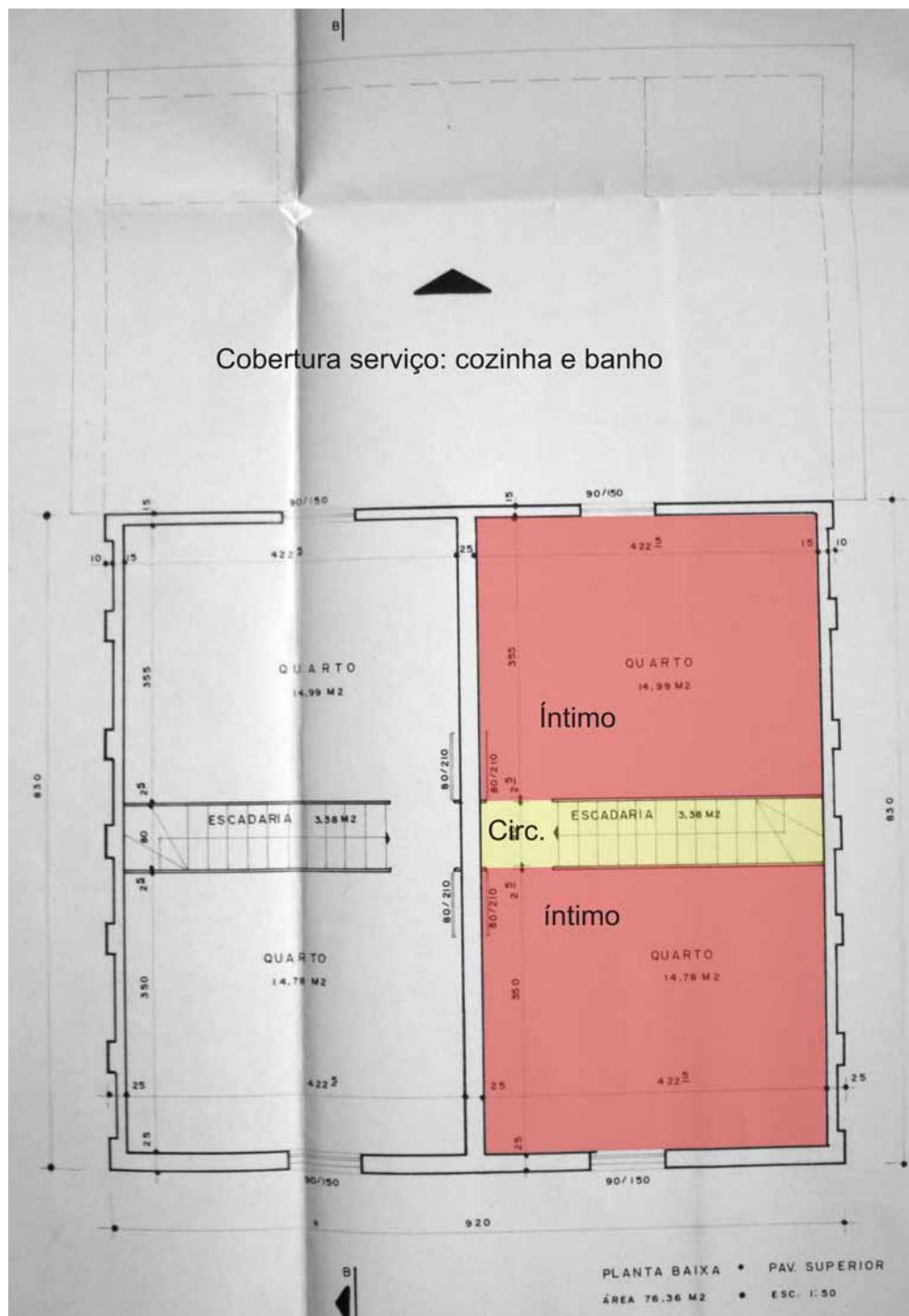


Figura 123: Planta baixa do pavimento superior

Fonte: Levantamento do Conjunto Residencial Cia. São Pedro

Responsável Técnico: Eng. Civil Juarez N. Settin

(imagem editada pela autora)

Vila operária de Galópolis, agosto de 1980

Acervo: Arquivo Cia. Sehbe S.A

A estrutura do telhado apresenta tesouras de madeira paralelas à fachada, com caimento em duas águas. A individualização do espaço foi definida através deste sistema que garantiu que a casa fosse dividida por uma parede interna logo abaixo da cumeeira, de modo a

criar duas unidades, acompanham cada qual o caimento da água do telhado que corresponde ao seu lado (Figura 124).

O corpo principal do andar térreo abriga as funções sociais; o setor íntimo, destina-se ao dormitório de casal e à circulação; já a ala de serviço fica unida à casa, mas em um compartimento com telhado independente, de uma só água (Figura 125). O pavimento superior está situado no aproveitamento da inclinação do telhado, no sistema de sótão, abrigando dois amplos dormitórios para filhos, com acesso por uma escada de madeira íngreme. Como fechamento lateral das empenas, aparece o prolongamento em altura das duas paredes externas, que ultrapassam 1,50 m a partir do piso do último pavimento até encontrem o caimento do telhado; proporcionando, assim, maior aproveitamento da altura na área do sótão (Figura 124).

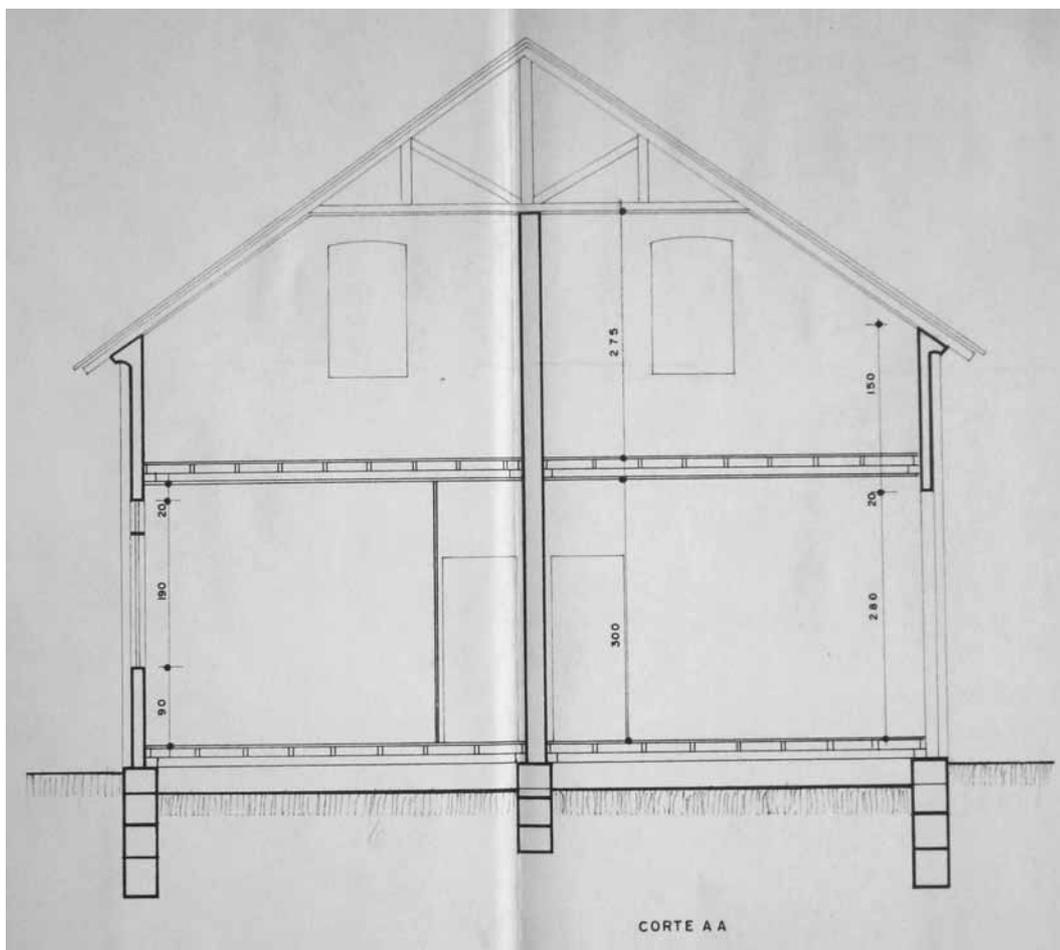


Figura 124: Corte transversal das casas de primeira e segunda ordem
 Fonte: Levantamento do Conjunto Residencial Cia. São Pedro
 Responsável Técnico: Eng. Civil Juarez N. Settin
 Vila operária de Galópolis, agosto de 1980
 Acervo: Arquivo Cia. Sehbe S.A

Vale frisar que o material construtivo das casas é composto por um alicerce de pedras, por paredes de tijolos maciços à vista, estruturados por saliências verticais feitas com o mesmo material das paredes. Este sistema cria, pois, um mecanismo de apoio nervurado como em uma sequência de pilares. Tal forma construtiva visa criar paredes que possam receber a carga do telhado, que é descarregada, aqui, nas paredes laterais, deixando assim a fachada frontal e posterior livre de elementos estruturais²⁴³ (Figuras 126 a 128).

Nesta tipologia de casas, as aberturas externas das paredes laterais estão dispostas entre uma nervura e outra. Entre tais elementos estruturais está disposta a porta principal que é composta de duas folhas de madeira, sendo que a metade de cima da porta possui caixilhos, vidro fixo e postigo, encimada por bandeira fixa com o mesmo sistema de caixilhos e vidros.

Cabe ressaltar ainda, que, há uma exceção quanto ao sistema de fechamento da janela da cozinha, que é do tipo guilhotina (Figura 130). As demais funcionam com um sistema de abertura em uma ou duas folhas móveis, com bandeira, com caixilhos de madeira e vidros fixos (Figura 128). No que concerne as vergas sobre as esquadrias, estas se apresentam na forma de arco abatido²⁴⁴.

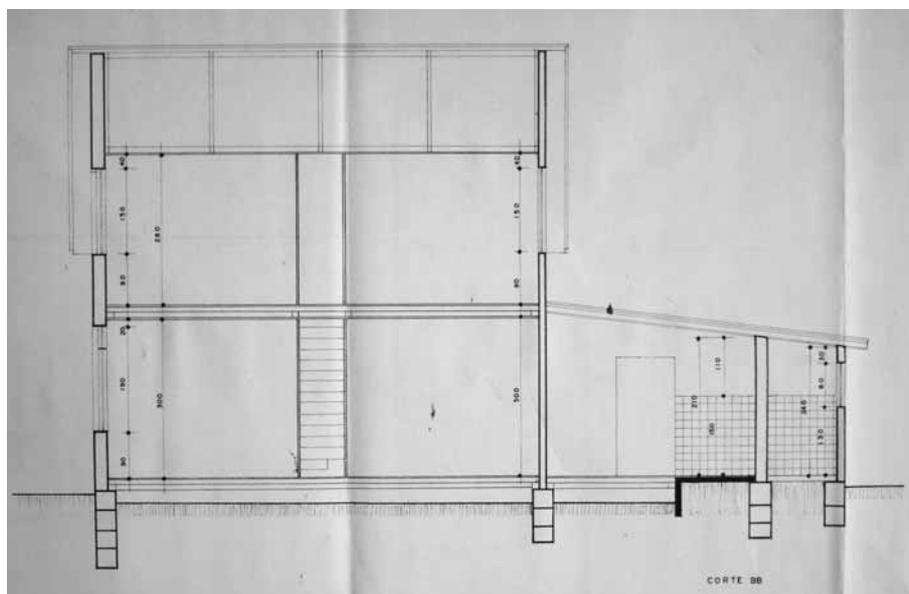


Figura 125: Corte longitudinal, trazendo a parte de serviço com telhado independente do corpo da casa.

Fonte: Levantamento do Conjunto Residencial Cia. São Pedro
 Responsável Técnico: Eng. Civil Juarez N. Settin
 Vila Operária de Galópolis, agosto de 1980
 Acervo: Arquivo Cia. Sehbe S.A

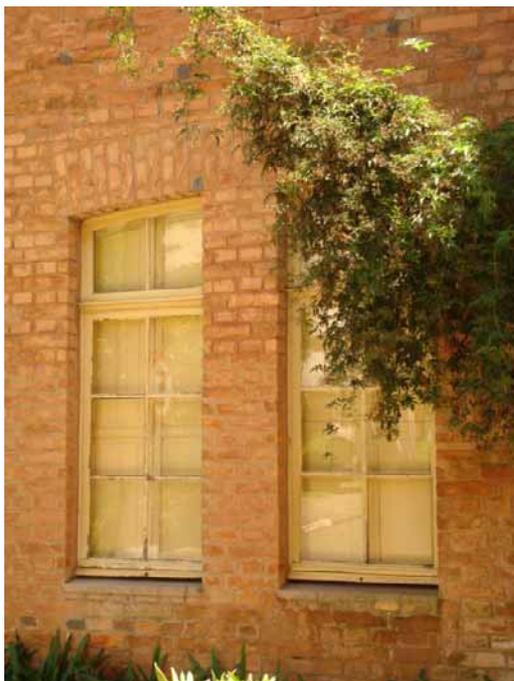
²⁴³ Este sistema construtivo foi o mesmo utilizado para a construção do primeiro edifício fabril do Lanificio São Pedro e para a construção do prédio do cinema.

²⁴⁴ Verga de arco abatido é uma espécie de viga levemente curvada acima das esquadrias, cuja finalidade é amenizar as cargas das paredes dispostas sobre ela.

No térreo da fachada frontal, as janelas são compostas de dois jogos de esquadrias estreitas e verticais com verga única e com sistema de fechamento igual às demais (Figura 129). As esquadrias do andar superior são voltadas para a fachada frontal e posterior e o seu fechamento não é do tipo tampão como as demais. Devido à inclinação do telhado, são dispostas na empena. Pelo fato de que as portas de acesso principal às moradias foram dispostas nas fachadas laterais e nas fachadas posteriores, não é possível identificar à primeira vista - para quem observa o conjunto - que se trata de mais de uma habitação no mesmo volume.



Figuras 126, 127 e 128: Sistema estrutural aparente das casas da vila operária de Galópolis
A primeira e terceira fotografias são de outubro de 2009; a segunda, de 2007.
Fotografia: Daniela Ketzner Milano



Figuras 129: Janelas térreas da fachada frontal
Vila operária de Galópolis, outubro, 2009
Fotografia: Daniela Ketzer Milano



Figuras 130: Janelas da cozinha
Vila operária Galópolis, outubro, 2009
Fotografia: Daniela Ketzer Milano

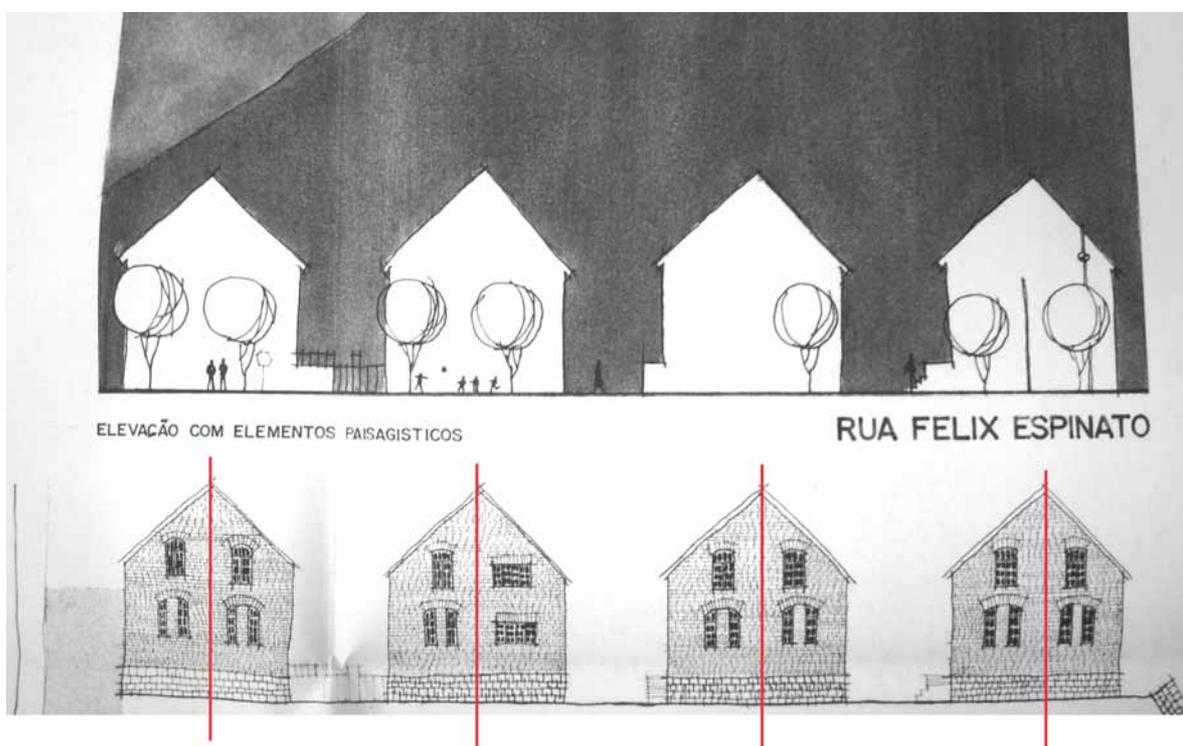


Figura 131: Elevações das casas de primeira ordem, com algumas modificações realizadas pelos moradores até 1984.

As barras vermelhas marcam a divisão das unidades.

Fonte: Trabalho de Preservação e Valorização da Paisagem Urbana em Núcleos de Colonização Italiana e Alemã

(imagem editada pela autora)

Acervo: Setor de Arquivo do IPHAN, RS



Figura 132: Elevações das casas: à esquerda, as de terceira ordem; à direita, as de segunda ordem
 As barras vermelhas marcam a individualização de cada unidade habitacional. São visíveis as modificações realizadas por moradores até 1984.
 Fonte: Trabalho de Preservação e Valorização da Paisagem Urbana em Núcleos de Colonização Italiana e Alemã
 (imagem editada pela autora)
 Acervo: Setor de Arquivo do Iphan, RS

4.1.4 Casas de terceira ordem

Estas habitações se caracterizam por formar três blocos edificados, com três unidades em cada um deles. Entretanto, deve-se ressaltar que existem algumas diferenças consideráveis em relação aos dois grupos anteriores que eram quase idênticos.

A linha de moradias segue o princípio de habitações geminadas em que o conjunto dos blocos unidos forma uma fita dispostas junto ao alinhamento da rua e sem recuo frontal de jardim. Tem, ainda, a mesma linguagem e tipologia formal das casas de primeira e segunda ordem, porém em proporção diminuta.

Cada unidade habitacional ocupa no conjunto o espaço em baixo de duas águas de telhado (Figura 132), diferentemente das casas de primeira e segunda ordem, que apresentam a cumeeira do telhado como eixo divisor entre as duas moradias (Figura 131).

Outra diferença diz respeito quanto à implantação no lote: cada bloco de três unidades ocupa um terreno com 19,65m de testada. A habitação da esquerda tem um recuo lateral de jardim de 1,50m e a da direita, de 3,10m. A unidade do meio, por sua vez, não possui recuo,

pois divide as duas paredes com as moradias vizinhas; todavia, traz um recuo semi lateral na parte posterior da casa com medida de 1,00m de largura em relação à casa da direita. A finalidade deste espaçamento é a de arejar o dormitório do casal (Figura 133).

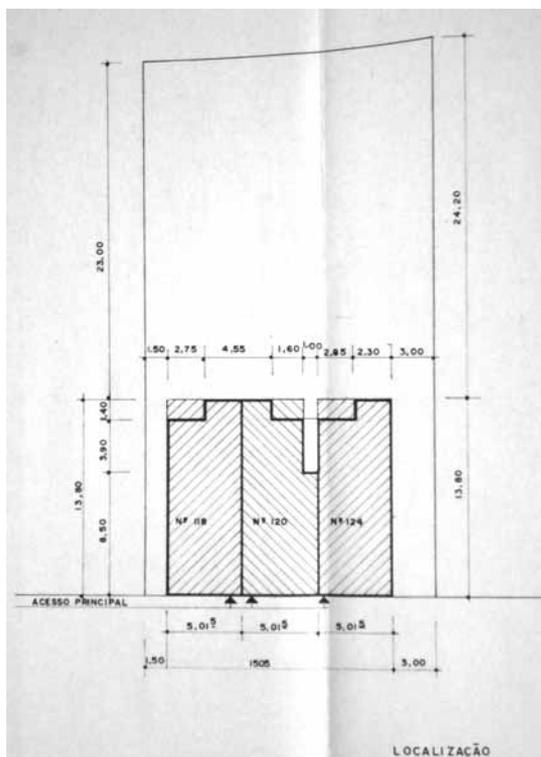


Figura 133: Implantação das casas de terceira ordem Vila operária de Galópolis, agosto de 1980
Levantamento Conjunto Residencial Cia. São Pedro
Responsável Técnico: Eng. Civil Juarez N. Settin
Acervo: Arquivo Cia. Sehbe S.A

Figuras 134: Em primeiro plano, grupo de casas de terceira ordem; ao fundo, casas de primeira e segunda ordem. Pelos espaços que os portões ocupam, constata-se a diferença de tamanho entre os recuos laterais dos conjuntos: o lado direito é maior que o da esquerda. Visível também na Figura 133
Vila operária de Galópolis, 2007
Fotografia: Daniela Ketzer Milano

A simplicidade das casas desta tipologia, no que diz respeito às casas de primeira e de segunda ordem, não concerne apenas ao tamanho e à proporção mas também quanto ao sistema construtivo e ao uso dos materiais de construção. Como foram construídas posteriormente em relação às primeiras, seguem o esquema de parede portante²⁴⁵, porém sem as nervuras nas paredes de tijolos aparentes como as casas de ordens anteriores.

²⁴⁵ “Parede autoportante, também chamada de parede estrutural: é capaz de suportar uma carga imposta, como aquela proveniente de um piso ou telhado de uma edificação”. Nas paredes autoportantes de tijolos maciços não há a necessidade de pilares de concreto. Ver: CHING, Francis D. K. **Dicionário visual de Arquitetura**. 3. tir. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 213.

Sobre a sua configuração no espaço, elas estão em nível três na cadeia hierárquica do conjunto, por isso a nomenclatura de terceira ordem. Ching explica que: “Dentro desses padrões repetitivos, a importância de um espaço é enfatizada por seu tamanho e localização²⁴⁶”(Figuras 132 e 134).

A simplicidade dialoga também com o sistema de aberturas tanto na sua disposição quanto no desenho arquitetônico. As portas principais de acesso à habitação foram locadas na fachada frontal, talvez pelo fato de a casa de meio não ter outra opção; para manter a mesma linguagem, as moradias das pontas seguem o mesmo princípio. Sobre as esquadrias, tanto das portas quanto das janelas, apresentam vergas retas (Figuras 138 e 139), diferentemente das duas tipologias anteriores. O sistema de fechamento das esquadrias é igual aos do exemplares de primeira e de segunda ordem.

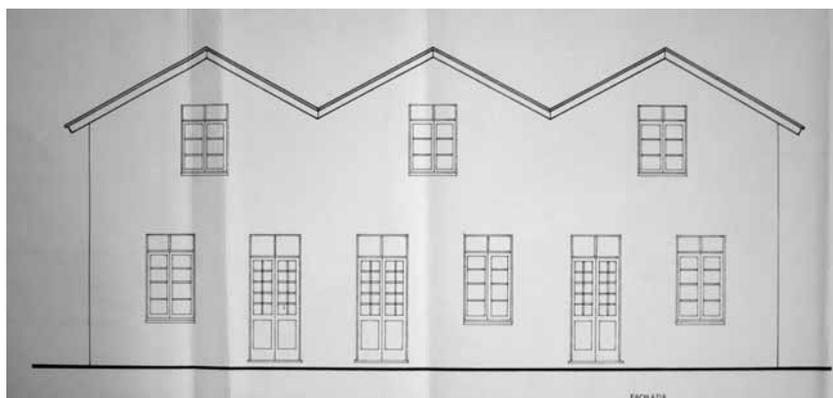


Figura 135: Fachada frontal do projeto original das casas de terceira ordem
Vila operária de Galópolis, agosto de 1980
Fonte: Levantamento do Conjunto Residencial Cia. São Pedro
Responsável Técnico: Eng. Civil Juarez Settin
Acervo: Arquivo Cia. Sehbe S.A



Figuras 136 e 137: Casas de terceira ordem com atuais descaracterizações de fachada, principalmente nas esquadrias
Fotografia: Daniela Ketzer Milano, 2006 e 2007

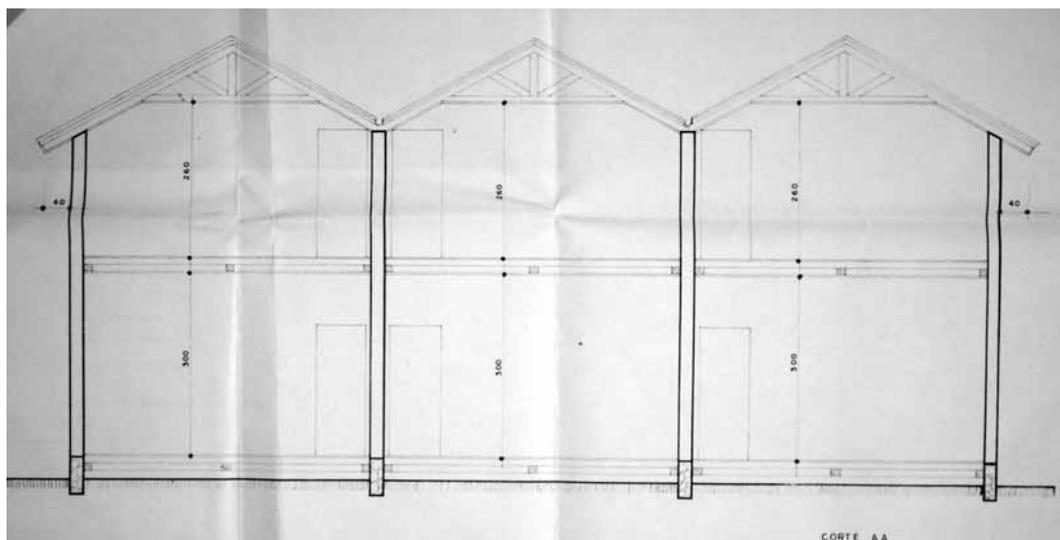
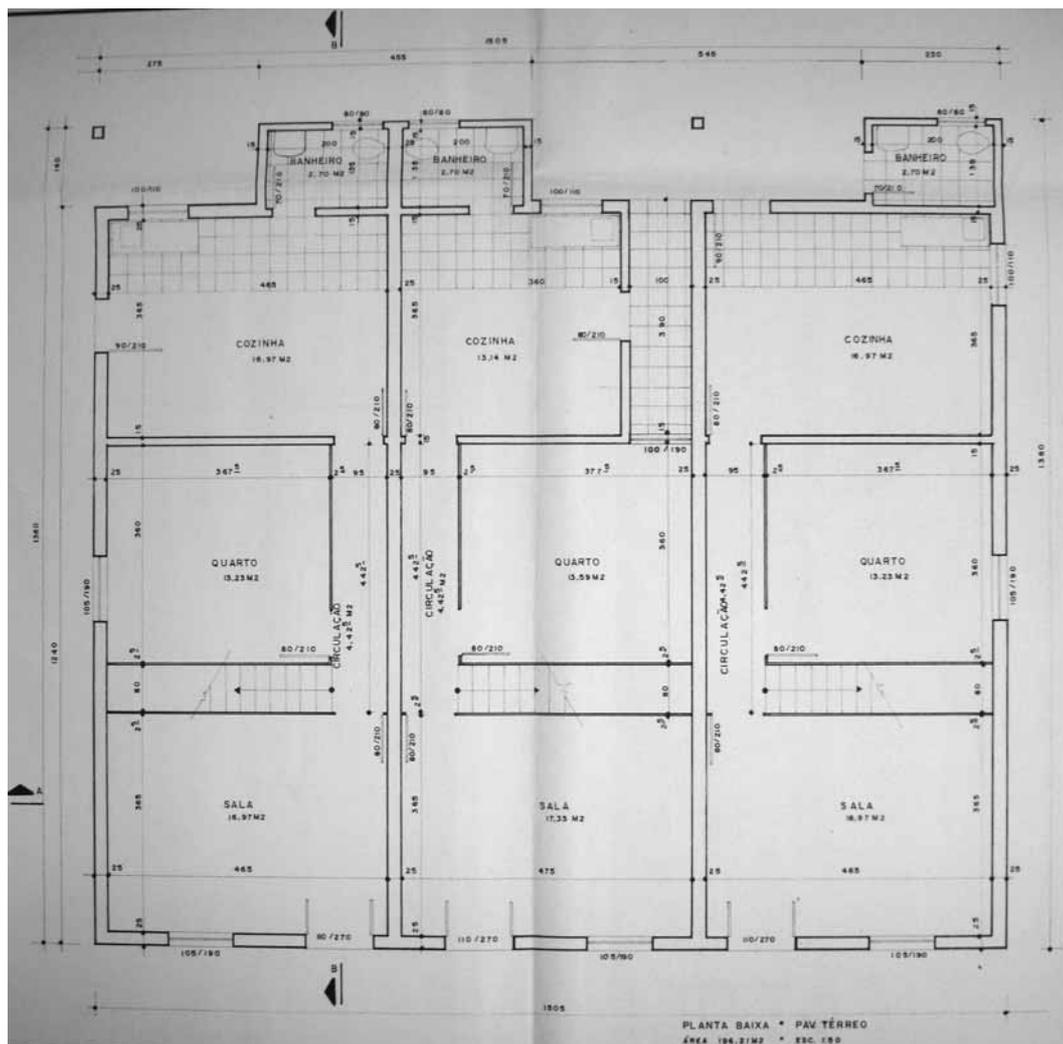
²⁴⁶ CHING, 2002, op.cit., p. 358.



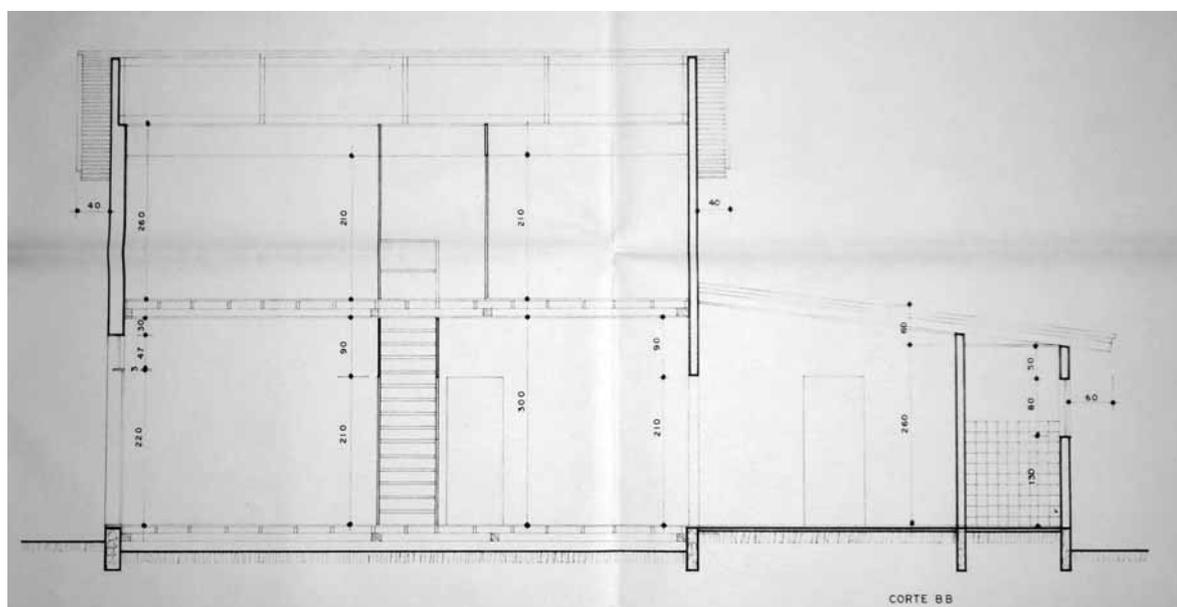
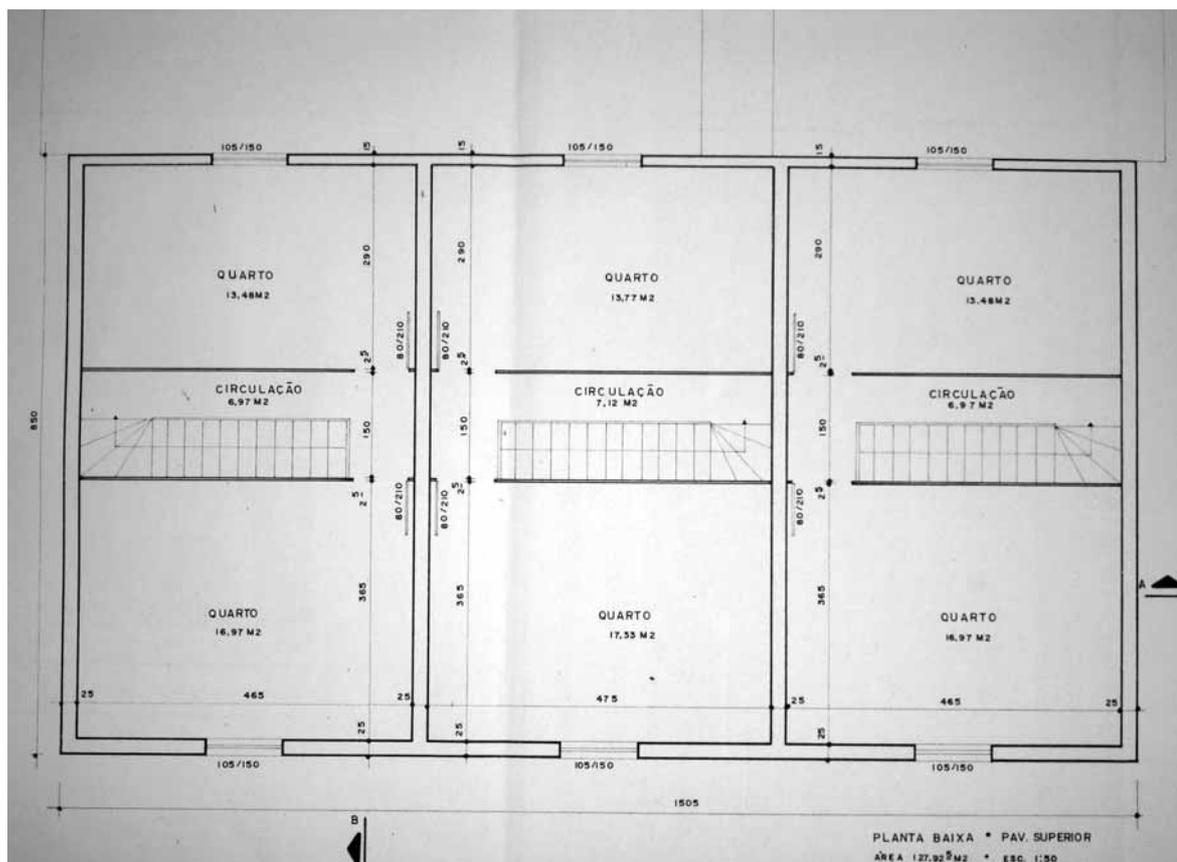
Figuras 138 e 139: Detalhe das esquadrias originais e verga reta de tijolos na fachada frontal das casas de terceira ordem. Ao contrário das moradias de primeira e segunda ordem, têm a porta frontal voltada para o logradouro.
 Vila operária de Galópolis 2009
 Fotografia: Daniela Ketzer Milano

No que se refere à individualização do espaço, a parede divisória de cada unidade está localizada em baixo do rincão de cada telhado. O programa das habitações, em relação ao tamanho de cada ambiente, se apresenta de modo mais reduzido em comparação aos modelos anteriores, devido à escala dos edifícios. A alteração mais visível na análise dos cortes das plantas foi que o pavimento superior possui maior aproveitamento no que concerne à altura das paredes laterais. Chegam a medir 2,10m até encontrarem o telhado, fator que minimiza a sensação de sótão (Figura 141).

As unidades de cada bloco apresentam leves alterações entre si, como foi citado anteriormente, graças ao recuo de jardim lateral posterior da casa de meio. O outro diferencial encontra-se na porta e na janela da cozinha: na casa da esquerda, a porta é lateral e a janela se abre para o quintal; na da direita, isso ocorre de maneira oposta (Figura 140).



Figuras 140 e 141: Planta baixa do pavimento térreo e corte transversal das casas de terceira ordem
 Fonte: Levantamento do Conjunto Residencial Cia. São Pedro, Galópolis, 1980
 Responsável Técnico: Eng. Civil Juarez Settin
 Acervo: Arquivo Cia. Sehbe S.A



Figuras 142 e 143: Planta baixa do pavimento superior e corte longitudinal das casas de terceira ordem
 Fonte: Levantamento do Conjunto Residencial Cia. São Pedro, Galópolis 1980
 Responsável Técnico: Eng. Civil Juarez Settin
 Acervo: Arquivo Cia. Sehbe S.A.

4.1.5 Materiais de acabamento interno das casas de tijolos

Os materiais internos que compõem as três tipologias das casas de tijolos – primeira, segunda e terceira ordem – apresentaram-se de forma simplificada e desprovidos de ornamentação. Contudo, o nível de acabamento é superior às casas de madeira que compunham o conjunto e às das moradias da Colônia.

O principal material de acabamento utilizado internamente foi a madeira, com exceção das paredes externas, das divisas entre casas e das paredes da cozinha e do banheiro que são em alvenaria de tijolos rebocados. Além das divisórias de madeira, a casa possui vários itens do material, tais como, os pisos das áreas secas do térreo em ripas corridas, os roda tetos e os roda forros, os forros, a escada, o corrimão e todo o assoalho do andar superior²⁴⁷ (Figuras 144 e 145).

No levantamento arquitetônico de 1980²⁴⁸, foram apresentados como materiais originais de projeto das áreas de serviço o piso cerâmico no banheiro e na parte molhada da cozinha, o revestimento cerâmico tipo azulejo à meia parede no banheiro e na cozinha (plantas baixas e cortes) .



Figura 144: Sótão da casa de primeira ordem, com exceção das paredes externas os demais materiais são em madeira. Casa da vila operária de Galópolis, 2009
Fotografia: Daniela Ketzner Milano



Figura 145: Acesso ao sótão e paredes internas em madeira na casa de primeira ordem Casa da vila operária de Galópolis, 2009
Fotografia: Daniela Ketzner Milano

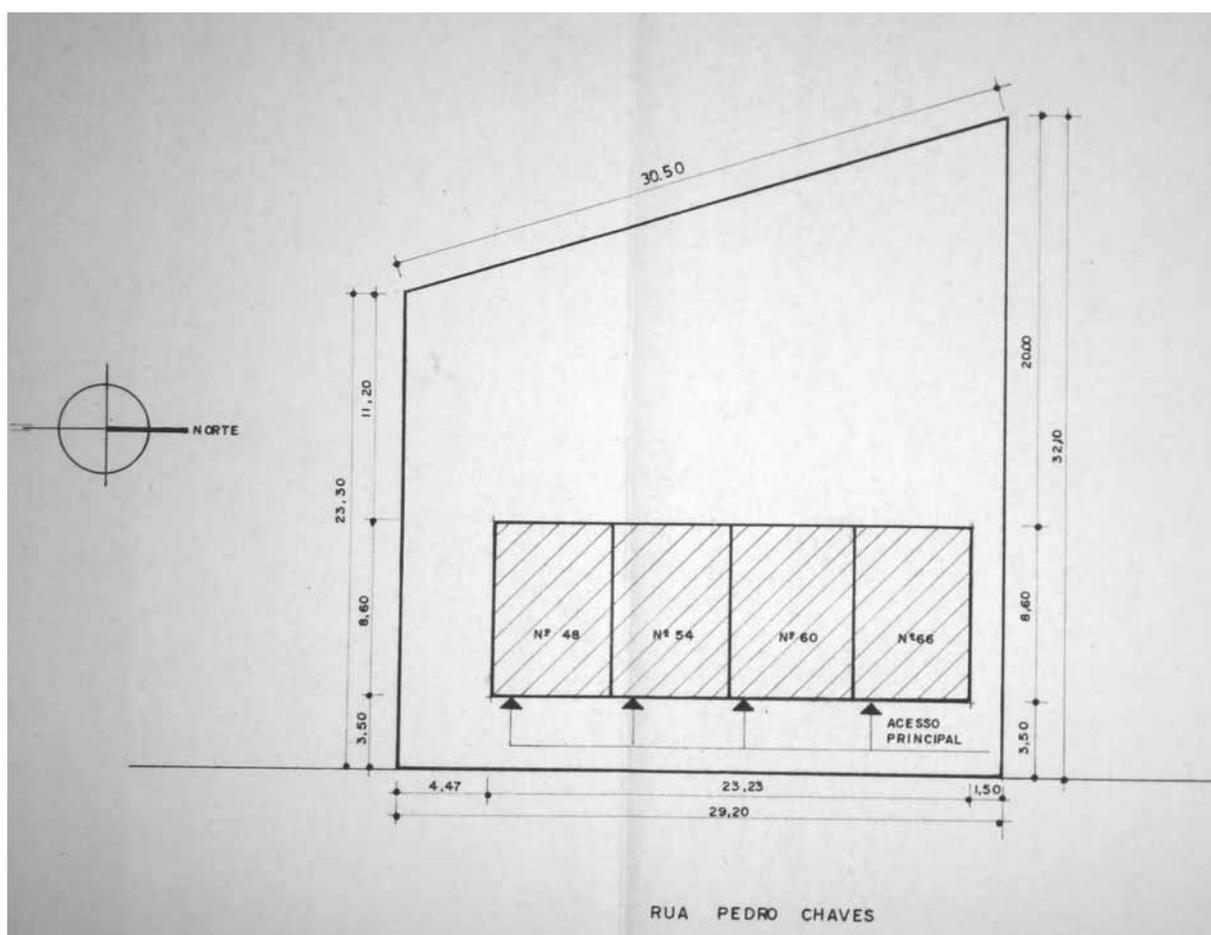
²⁴⁷ Nas casas da vila operária, não existe laje entre os pavimentos, assim sendo o assoalho do sótão também cumpre o papel de forro do térreo.

²⁴⁸ Levantamento do Conjunto Residencial Cia. São Pedro. Responsável Técnico: Eng. Civil Juarez Settin. Acervo: Cia. Sehbe S.A

4.1.6 Casas de quarta ordem

As casas desta tipologia não possuem um significado relevante em termos de projeto arquitetônico; no entanto, por fazerem parte das casas operárias da praça, por apresentarem elementos inéditos em relação ao restante do conjunto e por possuírem algumas características em comum com as casas econômicas de Schio, elas se encaixam neste estudo.

Situadas em um lote de proporções avantajadas (Figura 146), entre a sede institucional do Círculo Operário e as casas de terceira ordem na Rua Pedro Chaves, as quatro moradias se caracterizam por serem geminadas em um bloco de alvenaria rebocado de telhado único em quatro águas. Apesar de as duas casas centrais do edifício não terem recuo lateral, todas apresentam uma inovação no que diz respeito às casas populares do interior do Estado e no que se refere ao restante das vilas operárias: o recuo frontal de jardim.



Figuras 146: Planta da situação das casas de quarta ordem
Galópolis, 1980

Fonte: Levantamento do Conjunto Residencial Cia. São Pedro
Responsável Técnico: Eng. Civil Juarez Settin
Acervo: Arquivo Cia. Sehbe S.A



Figura 147: Vista panorâmica das casas da praça
No canto esquerdo, há uma parte do edifício
de quarta ordem.
Rua Pedro Chaves, vila operária de Galópolis, 2006.
Fotografia: Daniela Ketzner Milano



Figura 148: Edifício de quarta ordem com recuo
frontal de jardim
À direita, recuo lateral de jardim descaracterizado
pela construção de garagem
Rua Pedro Chaves, vila operária de Galópolis, 2006
Fotografia: Daniela Ketzner Milano

Além da simplicidade do volume das quatro moradias e do despojamento de ornamentação nas fachadas, o seu volume se reduz a um retângulo puro com dois pavimentos bem definidos. A linguagem arquitetônica do bloco é diversa do restante do conjunto de habitações operárias e também dos prédios comunitários da Igreja Matriz e Círculo Operário, pois aquele foi construído em um período intermediário entre estas últimas construções e as casas de terceira ordem.

É necessário destacar também que a repetição de portas e de janelas em um sistema sequenciado organizadamente dentro de faixas salientes na fachada facilita a leitura sobre a função para a qual o edifício foi construído.

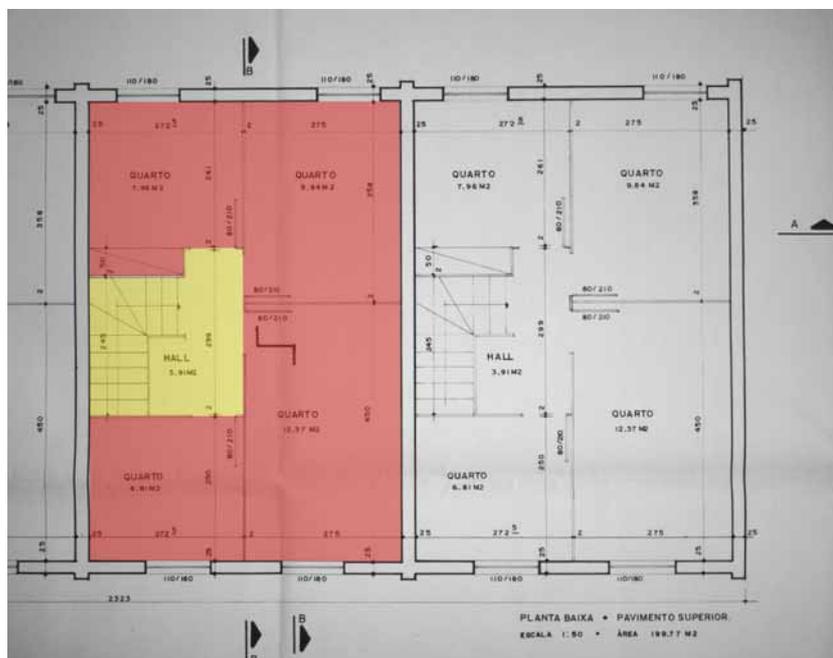
Ainda, as esquadrias da fachada frontal são os únicos elementos que dialogam com o conjunto de casas de tijolos de terceira ordem, pois o desenho das portas e janelas é idêntico aos modelos construídos anteriormente.

O elemento diferencial mais significativo, deste conjunto em relação aos demais, é quanto à tipologia do telhado, que, possui quatro águas, com caimentos para as quatro fachadas do volume do edifício. Outra diferença em relação às casas de primeira e segunda ordem é que não dispõe do aproveitamento do pavimento dentro do volume do telhado.

Para uma melhor compreensão da distribuição interna das casas, foi feita uma divisão esquemática por cores nas plantas, dividindo aquelas em quatro setores: social em azul, íntimo em vermelho, circulação em amarelo e serviço em verde (Figuras 149 e 150).



Figuras 149: Esquema de setorização na planta baixa do pavimento térreo das casas de quarta ordem. Nesta Figura, aparecem apenas duas moradias das quatro que fazem parte do conjunto. Fonte: Levantamento do Conjunto Residencial Cia. São Pedro. Responsável Técnico: Eng. Civil Juarez Settin (imagem editada pela autora). Galópolis, 1980. Acervo: Arquivo Cia. Sehbe S.A.



Figuras 150: Planta baixa do segundo pavimento das casas de quarta ordem. Nesta Figura, aparecem apenas duas moradias das quatro que fazem parte do conjunto. Fonte: Levantamento do Conjunto Residencial Cia. São Pedro. Responsável Técnico: Eng. Civil Juarez Settin (imagem editada pela autora). Galópolis, 1980. Acervo: Arquivo Cia. Sehbe S.A.

A questão que valoriza o conjunto refere-se à disposição interna, que indicou um possível avanço em relação aos modelos anteriores. Com plantas idênticas entre si, a cozinha e o banheiro, passaram a fazer parte do volume principal da casa, não mais como um anexo com telhado independente. O banheiro, mesmo possuindo acesso direto pela cozinha, ganhou medidas mais amplas com a adição de um compartimento para o chuveiro e de um novo aparelho sanitário, o bidê. A cozinha recebeu o elemento cerâmico em toda sua extensão (Figura 149).

O acesso à porta principal deixou de ser efetuado diretamente pela sala. A esta tipologia de habitação, foi adicionado um *hall* de entrada onde se localiza a escada que leva ao segundo andar. Uma parede de madeira divide a sala deste novo compartimento; assim sendo, o hall encaminha o visitante diretamente à cozinha sem que haja a necessidade de passar por dentro do ambiente de estar. Criaram-se, deste modo, dois elementos intermediários entre, a calçada e a sala de estar: o visitante precisa, pois, percorrer o jardim de entrada e o hall para adentrar na área social da residência.

A escada que conduz ao segundo andar, diferentemente das outras residências operárias do mesmo conjunto, possui dois lances em “L”.

A área íntima está toda localizada no segundo andar. É composta por uma circulação e por quatro dormitórios, separados por divisórias de madeira, – sendo dois destes, com uma janela cada, com acesso para a fachada da frente e dois, para os fundos do lote –, acompanhando a prumada das esquadrias do andar inferior. O térreo ficou destinado apenas à área social, à circulação e aos serviços – estes últimos abrindo-se para os fundos do lote.

Com a finalização da análise arquitetônica dos quatro modelos de casas operárias de Galópolis, que foram divididas em quatro categorias de primeira, segunda, terceira e quarta ordens, é possível realizar um estudo comparativo entre estas casas e outros modelos, com a finalidade de estabelecer o critério de escolha do projeto proposto para a vila operária de Galópolis e com o objetivo de determinar as possíveis origens de sua tipologia.

4.2 ANÁLISE DA ARQUITETURA DA VILA OPERÁRIA EM RELÇÃO A OUTROS MODELOS

A construção das casas e das demais edificações que vieram a compor o conjunto edificado da vila operária de Galópolis nasceu de forma espontânea devido à necessidade de

habitação para trabalhadores em um meio semi-rural de acordo com o crescimento do Lanificio.

Como foi visto anteriormente nesta pesquisa, não foi encontrada a fonte principal que forneceria a origem e a data de construção das casas para trabalhadores e que seria o projeto original do conjunto. Este fato se justifica pela hipótese de não haver um projeto executivo elaborado por um profissional da área e sim por ter partido de um conjunto de idéias absorvidas pela vivência, pela observação das necessidades e das idéias de outros exemplares da região e de modelos europeus observados pelo grupo que as construiu.

Se a concepção das casas foi uma adaptação a partir das necessidades e dos materiais disponíveis do local, somada à experiência vivida dos antigos fundadores da Cooperativa Società Tevere e Novità vindos de Schio e à observação de outros modelos durante a viagem de Hércules Galló à Europa, é então necessário traçar um comparativo entre o modelo da vila operária em estudo, a Arquitetura popular da imigração italiana da região de Galópolis e o modelo de vila operária de Schio. Não se deve esquecer de sempre estabelecer um paralelo com as habitações para os trabalhadores da indústria têxtil européia, uma vez que o modelo do Lanificio Rossi foi uma evolução dos anteriores.

O primeiro comparativo escolhido foi a relação entre a Arquitetura popular da imigração italiana da região e a casa de madeira, posteriormente seguida pela moradia de alvenaria da vila operária de Galópolis. Para tanto, será apresentado um quadro evolutivo das principais características arquitetônicas comuns entre as construções.

Embora se tenha conhecimento sobre a abundância da utilização do elemento pedra nas edificações típicas da imigração italiana, foi o uso da madeira que prevaleceu na região de Galópolis. A aplicação da pedra ficou restrita, na maioria dos casos, à construção de porões, que aos poucos perdeu a funcionalidade original e diminuiu, assim, a sua incidência no programa da habitação.

Sobre a utilização do porão na região colonial que estava urbanizando-se, Weimer relata:

Durante muito tempo, a produção do vinho foi a espinha dorsal de sua economia. Uma campanha feita sob a alegação de promover a qualidade dos vinhos, mas que veio a favorecer as grandes cantinas, acabou com boa parte delas. Isso coincidiu com uma ampla urbanização dessa população, motivada pela industrialização da região. Surgiram então novos partidos, sem porões ou muito pequenos, típicos dos centros urbanos, e de um só piso. Quanto ao resto, mantinham as características das casas coloniais²⁴⁹.

²⁴⁹ WEIMER, 2005, op. cit., p. 177.

Para a construção das primeiras casas de madeira para funcionários do lanifício, foi necessário buscar as mesmas alternativas de materiais e de métodos construtivos das casas da Colônia. Este fato ocorreu devido à dificuldade de acesso e ao isolamento no qual os imigrantes italianos se encontravam naquela época.

Como os ex operários do Lanifício Rossi que migraram para a região de Galópolis já haviam tido a experiência do convívio no ambiente da vila operária de Schio e sabiam da necessidade de se construir moradias próximas ao lanifício que se formava, juntamente com Hércules Galló, optaram pela construção seqüenciada de casas iguais linearmente agrupadas com os materiais, com a técnica construtiva e com as ferramentas disponíveis para tanto. De fato, adaptaram a moradia semelhante ao padrão que estavam construindo na região Noroeste do Estado, porém de forma seqüencial (Figura 153).



Figura 151: Padrão de casa urbana de madeira da imigração italiana da região Galópolis, 2007
Fotografia: Daniela Ketzer Milano

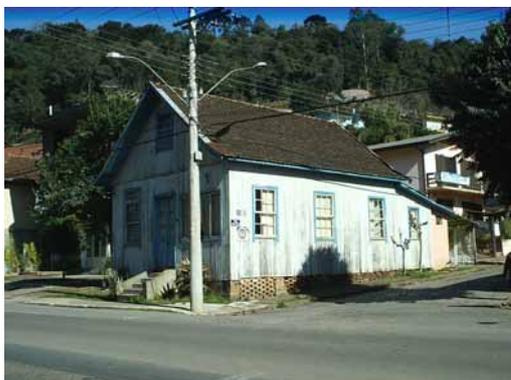


Figura 152: Seqüência de casas urbanas particulares rentes ao alinhamento predial, na mesma linguagem das casas operárias.
Fotógrafo: não identificado
Coleção: Arquivo Histórico Municipal
Acervo: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami



Figura 153: Conjunto habitacional do Lanifício São Pedro, localizado à Rua Antônio Chaves, Galópolis, década de 1920 (informação do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami).
Moradias semelhantes às casas das Figuras 151 e 152
Fotógrafo: não identificado
Coleção Família Saldanha
Acervo: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami

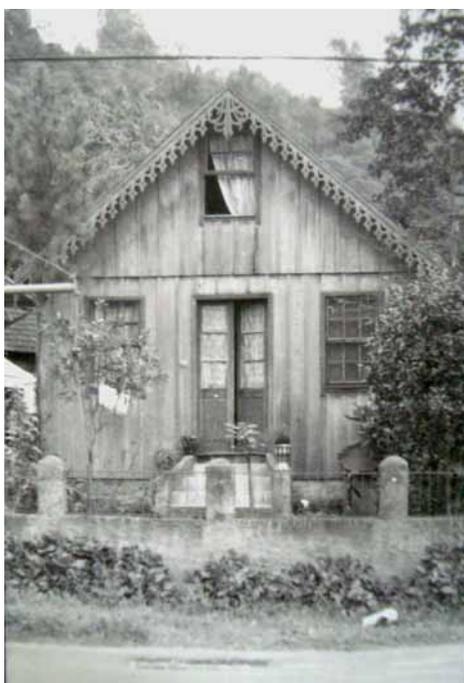
Na comparação entre as Figuras 151, 152 e 153, é possível estabelecer as semelhanças tipológicas entre a habitação de madeira da vila operária e das casas urbanas da imigração italiana da região. Eram, pois, rentes ao alinhamento predial sem recuo frontal de jardim, porém com espaçamento nas laterais para permitir o escoamento da chuva e para evitar o fogo na casa contígua que era bem comum neste tipo de habitação. O espaçamento lateral proporcionava conforto térmico uma vez que garantia ventilação e insolação dos ambientes e ao assegurar a possibilidade de entrada de pessoas pela lateral, garantia também a privacidade dos ambientes internos em relação à rua.



Figuras 154 e 155: Aspectos comparativos volumétricos entre a casa imigrante urbana e a casa em alvenaria de tijolos do Lanifício Galópolis, 2007
Fotografias: Daniela Ketzer Milano

Outro aspecto comum entre as casas da vila operária e as casas particulares da imigração italiana diz respeito à volumetria. Neste sentido, eram compostas por um retângulo encimado por um volume triangular correspondente ao espaço do telhado de duas águas onde está disposto o sótão, com a janela nas empenas voltadas para a fachada frontal. Em muitos casos existe anexado ao corpo principal da casa um outro volume menor com telhado independente em uma água de telhado, correspondente à cozinha. Contudo, esta característica relaciona as casas particulares da imigração italiana (tanto as da Colônia quanto as da área urbana) com as casas de alvenaria de tijolos da fábrica (Figuras 154 e 155). Bertussi expõe sobre a evolução desta mudança na casa imigrante: “(...) mais tarde a cozinha grudou na casa de dormir em forma de meia água ou de corpo baixo menor²⁵⁰”.

As fachadas principais de ambas as tipologias de casas estão divididas horizontalmente. Deste modo, a primeira faixa corresponde à base, geralmente de pedra; a segunda, ao corpo propriamente dito, onde estão distribuídas as esquadrias; o terceiro corresponde ao coroamento, à empena do telhado onde está disposto o pavimento do sótão. Esta característica está assim presente em todos os exemplares das Figuras 156 a 159.



Figuras 156: Casa particular de madeira com recuo frontal de jardim
Fotógrafo: não identificado
Coleção: Galópolis
Acervo: Setor de Arquivo do IPHAN, RS



Figuras 157: Casa particular de madeira construída no alinhamento predial.
Galópolis, fevereiro de 2010
Fotografia: Daniela Ketzner Milano

²⁵⁰ BERTUSSI, 1997, op. cit., p. 126.



Figura 158: Casa operária dupla da época início do Lanifício
Fotografo: não identificado
(imagem editada pela autora)
Acervo: Arquivo Histórico Municipal João
Spadari Adami



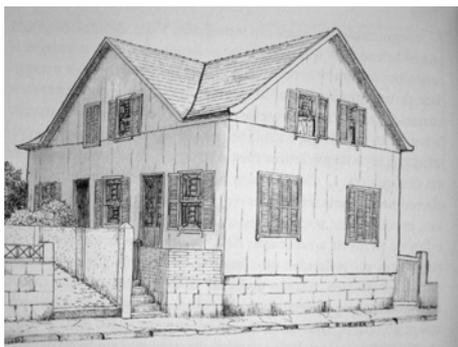
Figura 159: Casa operária do Lanifício
Rua Pedro Chaves
Galópolis, 2007
Fotografia: Daniela Ketzer Milano

Ainda acompanhando as tipologias arquitetônicas das Figuras 156 a 159, observa-se uma evolução gradual entre a casa de madeira da área urbana de imigração italiana e a casa operária de tijolos. A Figura 156 expõe uma residência unifamiliar com recuos laterais e frontais de jardim; na Figura 157, também aparece uma residência unifamiliar, no entanto, com recuo lateral em apenas um dos lados e sem recuo frontal de jardim; a casa da Figura 158 é bem semelhante às figuras anteriores, porém é dividida em duas unidades habitacionais; a habitação da Figura 159 também abriga duas moradias com o mesmo esquema volumétrico, porém, construída em alvenaria de tijolos e sem recuo frontal.

O número de esquadrias na fachada, nas casas operárias, aparece duplicado, se comparado com o modelo urbano, fato que se deve à nova funcionalidade, isto é, de abrigar duas famílias, separadas por uma parede interna que percorre toda a extensão da casa (Figuras 158 e 159). A disposição da porta de acesso principal (tanto na casa italiana colonial ou urbana como nas casas da vila operária) aparece por vezes na fachada frontal, acompanhando as empenas; outras vezes, nas fachadas laterais. De acordo com Goulart Filho, esta última disposição acompanhou as novas implantações pelas quais a casa popular brasileira passou no final do século XIX e no início do XX (Figuras 160 e 161). Como relata o referido autor:

As primeiras transformações verificadas estão nas soluções de implantação, ligavam-se aos esforços de libertação das construções em relação aos limites dos lotes. O esquema consistia em recuar o edifício dos limites laterais, conservando-o freqüentemente sobre o alinhamento da via pública. Comumente o recuo era apenas de um dos lados²⁵¹.

²⁵¹ GOULART FILHO, 1970, op. cit., p. 44.



Figuras 160: Casa urbana na região de colonização

Fonte: WEIMER, 2005, op.cit., p. 178

Em ambas existem características em comum, como, por exemplo, a casa é composta por base de pedra, corpo e coroaamento, este último representado pela empena; as esquadrias são simetricamente dispostas; há, ainda, um recuo lateral para acesso ao pátio e à porta principal.



Figuras 161: Casa da vila operária de Galópolis

Fotografia: Daniela Ketzner Milano, 2009

É possível também relacionar características semelhantes no que concerne às esquadrias e às vergas entre as casas imigrantes italianas e a casas da vila operária de Galópolis, tanto no que diz respeito ao seu desenho quanto à sua disposição na fachada. Sobre as esquadrias da casa da colônia italiana, Posenato afirma que: “A disposição geralmente apresenta equilíbrio entre os cheios e os vazios, ou por vezes predominam os cheios, sobretudo em elevações secundárias²⁵²”. Vale ressaltar aqui que o esquema rígido de ritmo e de disposição seqüenciada das esquadrias também é identificado no modelo arquitetônico do Lanerossi de Schio (Figuras 167 a 169).



Figura 162: Porta frontal de casa urbana

Galópolis, 2010

Fotografia: Daniela K. Milano



Figura 163: Porta frontal da casa da Rua Pedro Chaves

Vila Operária Galópolis, 2007

Fotografia: Daniela Ketzner Milano

²⁵² POSENATO, 1983, op. cit., p. 503.



Figura 164: quarta légua, 2010
Esquadria e verga

Fotografia: Daniela K. Milano

Semelhança no desenho das esquadrias, hora em folhas móveis, hora em guilhotina. As vergas dos três exemplares são em tijolos, porém apresentam-se por vezes em arco abatido ou reto.

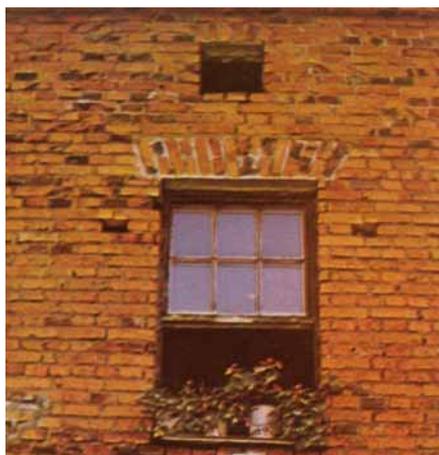


Figura 165: Esquadria e verga
Casa da Colônia de Farroupilha

Fonte: POSENATO, 1983, op.cit., p. 157



Figura 166: Esquadria e verga
Vila operária de Galópolis, 2007

Fotografia: Daniela K. Milano



Figura 167: Galópolis

Fotografia: Daniela K. Milano



Figura 168: *Fábbrica Alta*, Schio.

Fonte: Disponível em: <<http://www.panoramio.com/photo/6136342>>
Acesso: janeiro de 2010.



Figura 169: *Fábbrica Alta*, Schio.

Fonte: TRAVI, 1979, op. cit., anexo 143

Ritmo seqüenciado e rígida simetria na disposição das esquadrias dos exemplares comparados.

Em uma análise comparativa entre as casas operárias de Galópolis com os modelos europeus, tanto ingleses quanto com o conjunto de casas econômicas do Lanificio Rossi (Figura 207), identifica-se uma semelhança quanto à disposição das habitações em fitas seqüenciadas e rentes ao alinhamento predial²⁵³, isto é, de casas iguais e de plantas rebatidas; concepção largamente utilizada na Europa. Contudo, as habitações operárias do Lanificio italiano e as casas do Lanificio São Pedro foram construídas em um período tardio, pós Revolução Industrial, época em que já se sabia e procurava-se não repetir os problemas mais

²⁵³ Como dito anteriormente, as habitações operárias de Galópolis quando construídas não apresentavam a configuração atual de casas rentes ao alinhamento predial, uma vez que este ainda não existia.

recorrentes deste tipo de moradia dos modelos anteriores; procuraram remediar a situação criando um pátio nos fundos do lote e recuos de jardim laterais ou frontais .

Como os fundadores da vila operária de Galópolis eram originários da região mais industrializada da Itália, de um dos maiores Lanifícios do Vêneto, carregaram consigo a experiência da implantação do bairro operário de Schio que havia sido implantado dentro da nova filosofia da cidade-jardim com ênfase nas questões de higiene e de conforto térmico.

O conjunto de habitações para trabalhadores de Galópolis, como foi visto no capítulo anterior, desenvolveu-se espontaneamente a partir de uma fileira de casas de madeira em uma região que estava sendo colonizada para atender às necessidades dos trabalhadores locais, enquanto que o Novo Quarteirão de Schio foi construído pelo mesmo motivo em uma comunidade semi rural, porém após sucessivas propostas de projeto de um renomado arquiteto italiano.

A característica que mais diferencia as habitações do Lanifício Rossi das do Lanifício São Pedro – e aí talvez ao primeiro olhar se crie uma identificação com as casas operárias de tijolos inglesas – diz respeito à complexidade e à riqueza na ornamentação das primeiras unidades de estilo eclético do projeto de Schio²⁵⁴. Apesar desta diferença, mesmo que tenham um grau de composição mais complexo do que o conjunto de Galópolis, todas as edificações do Novo Quarteirão apresentam uma relação com as casas do Lanifício São Pedro, ou seja, um volume composto de frontão representado por empena e da utilização deste espaço como sótão (Figuras 170 a 175).



Figuras 170 a 172: Edificações do Novo Quarteirão, bairro operário do Lanifício Rossi de Schio

Fonte: Disponível em: <http://www.schioindustrialheritage.com>>. Acesso: novembro de 2009

²⁵⁴ Chamadas de *casas de primeira classe*, conforme tópico 1.3 desta dissertação, foram destinadas aos gestores da família Rossi e aos mestres estrangeiros.



Figuras 173 e 174: Apartamentos e casas do bairro operário do Lanificio Rossi de Schio
 Fonte: Disponível em: <http://www.schioindustrialheritage.com>>. Acesso: fevereiro de 2010

As casas de segunda e de terceira classe do Lanificio Rossi²⁵⁵ (Figura 175) apresentavam soluções bem mais simples e menos suntuosas do que as de primeira classe, com plantas rebatidas de modo que o volume atendesse a duas residências, assim como as das casas da Rua Félix Spinato de Galópolis. Em alguns casos as tipologias das habitações dos dois Lanifícios apresentam resolução de fachadas e de volumetria semelhantes, inclusive com esquadrias nas empenas – situação que denota a utilização de sótão. Com efeito, a fachada da casa de Galópolis apresenta despojamento total de ornatos (Figura 176) .



Figura 175: Projeto de duas habitações do Arquiteto Negrin no Novo Quarteirão de Schio
 Fonte: Disponível em: <http://www.euromusees2001.org/eseemplari/Po/Schio.pdf>>. Acesso: maio de 2009

Figura 176: Casa de segunda ordem²⁵⁶
 Vila operária de Galópolis, 2009
 Fotografia Daniela Ketzner Milano

²⁵⁵ As habitações do bairro operário de Schio foram classificadas por classes conforme autores da bibliografia sobre o assunto (ver tópico 1.3 do primeiro capítulo). Neste trabalho foram mantidas as mesmas nomenclaturas convencionadas por aqueles.

²⁵⁶ Nomenclatura elaborada neste estudo para classificar as tipologias das casas da vila operária de Galópolis (conforme explicação apresentada no início deste capítulo).

A ideologia de um volume que abrigasse três unidades habitacionais foi implantada tanto pelo Lanifício São Pedro quanto pelo Lanerossi. Em ambos os casos, a unidade central não tem recuo lateral de jardim, e o último pavimento fica reservado ao sótão (Figuras 177 e 178). A diferença fica, de fato, por conta do número de andares. Além disso, a residência de Schio apresenta quatro pavimentos: social no térreo, cozinha no subsolo, quartos no segundo andar e sótão, desenvolvendo-se assim verticalmente (Figuras 179 e 180); em contrapartida, a de Galópolis apresenta apenas dois: térreo e sótão (Figuras 178 e 181). A volumetria da primeira é representada por um retângulo sólido com telhado também em duas águas, porém caindo em direção às fachadas frontal e posterior — distinto, pois, do Lanifício São Pedro que tem as empenas voltadas para a fachada frontal. A solução das janelas do sótão também é totalmente distinta, apesar de ambos terem abertura para a fachada frontal (Figuras 177 a 179).

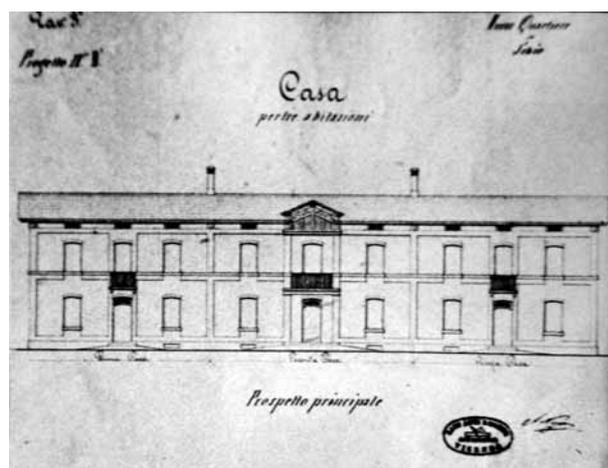


Figura 177: Fachada de casa tripla do Lanerossi. Projeto Antonio Caregato Negrin.
Fonte: TRAVI, 1979, op. cit., Anexo 101



Figura 178: Fachada de casa tripla, Lanifício São Pedro. Galópolis, 2009
Fotografia: Daniela Ketzner Milano

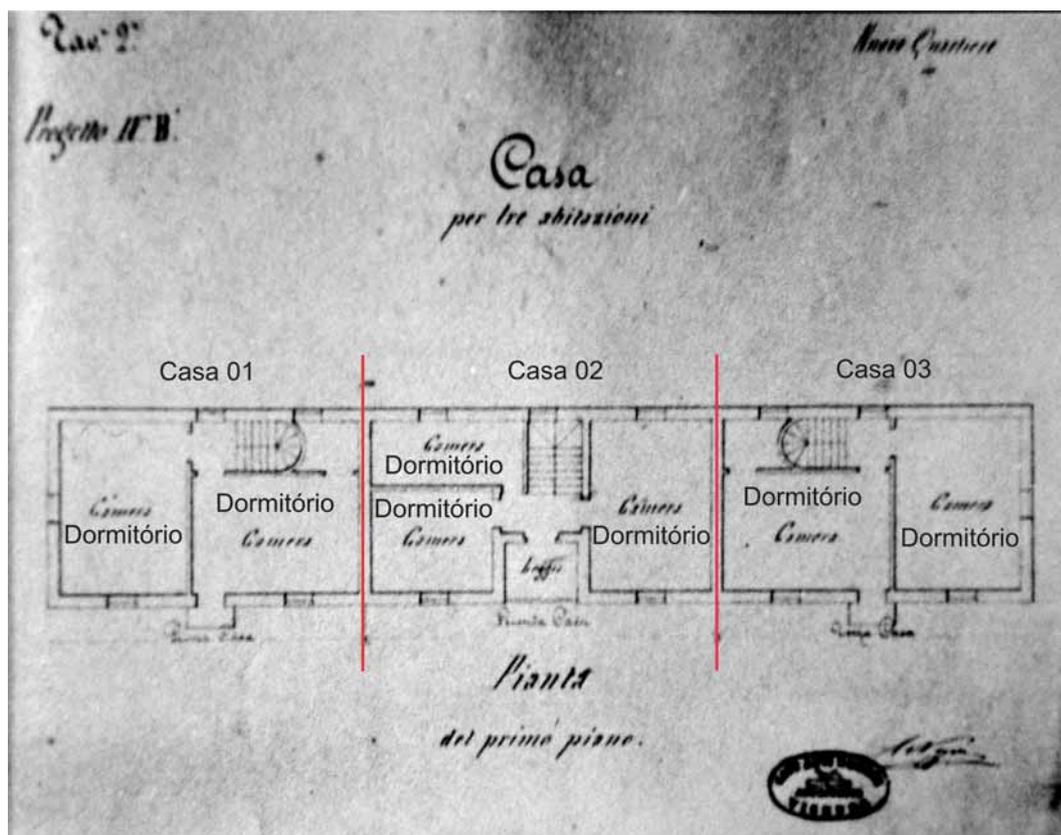


Figura 179: Planta baixa do segundo pavimento da casa tripla do Lanerossi
 Habitação central com três dormitórios; as casas das extremidades com apenas dois quartos
 (imagem editada pela autora)
 Fonte: TRAVI, 1979, op. cit., Anexo 102

Outro aspecto de diferenciação entre as duas tipologias analisadas diz respeito às disposições internas do projeto. Nas habitações para trabalhadores de Galópolis, as três casas geminadas possuem alterações mínimas entre si; já na habitação de Schio, há uma diferenciação considerável entre a casa central e a das extremidades (Figura 179). Nos cortes longitudinais, também é possível reconhecer que o exemplar italiano tem pouca profundidade já que se desenvolve verticalmente (Figura 180); o brasileiro, ao contrário, possui apenas dois pavimentos e segue longitudinalmente em direção ao pátio dos fundos (Figura 181).

O programa arquitetônico da casa de Schio concentra cada setor em um pavimento; por sua vez, a casa brasileira mistura três setores no térreo: o social, o de serviço e parte da área íntima, enquanto a circulação e os outros dormitórios concentram-se no pavimento do sótão.

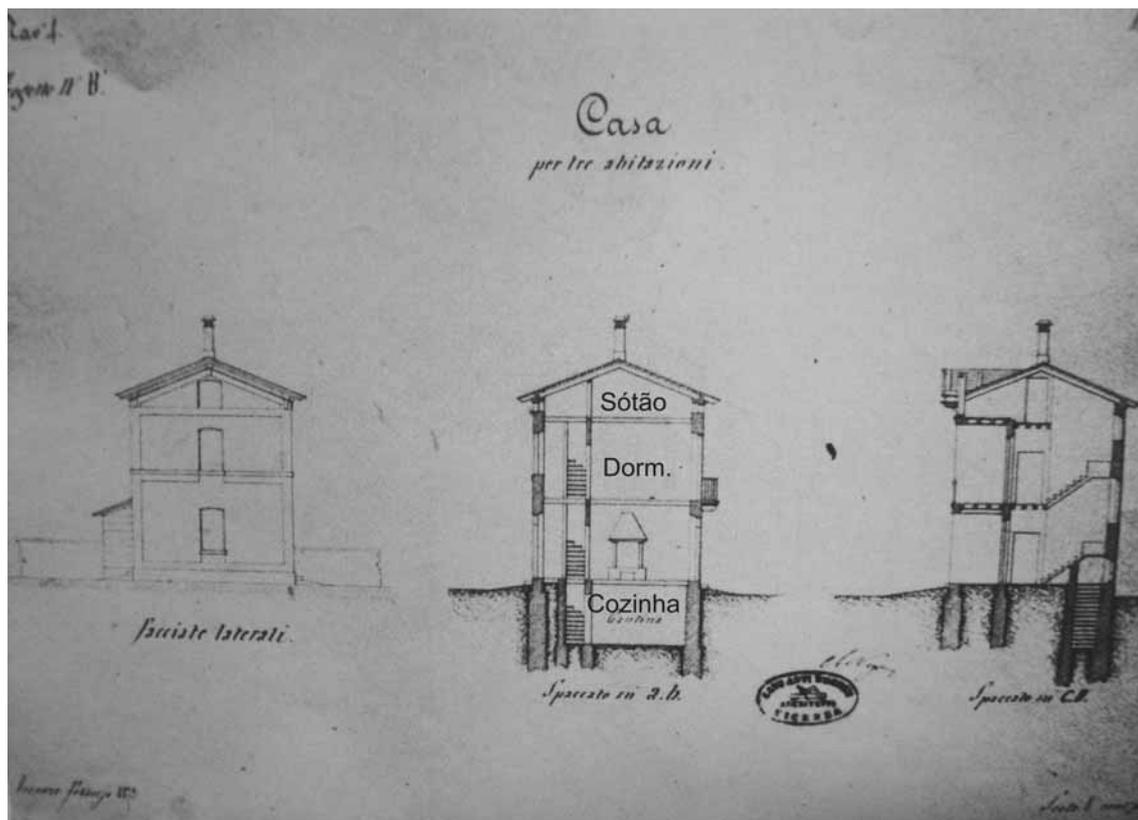
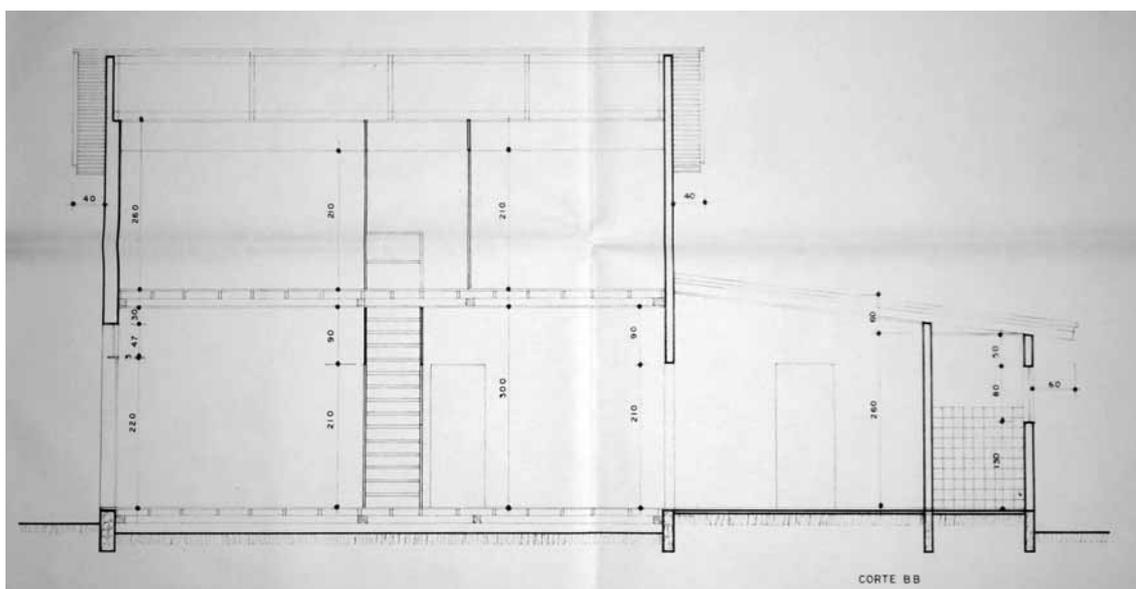


Figura 180: Corte longitudinal do bloco de três unidades habitacionais do Lanerossi
 Disposição interna verticalizada, mas com aproveitamento do sótão como em Galópolis
 (imagem editada pela autora)
 Fonte: TRAVI, 1979, op. cit., Anexo 103



Figuras 181: Corte longitudinal de casas operárias triplas
 Galópolis, 1980
 Fonte: Levantamento do Conjunto Residencial Cia. São Pedro
 Responsável Técnico: Eng. Civil Juarez Settin
 Acervo: Arquivo Cia. Sehbe S.A

Cabe ainda referir sobre a utilização do sótão e o desenvolvimento do programa arquitetônico da casa da imigração italiana do Rio Grande do Sul, que necessitou passar por uma adaptação ao novo lote urbano. A referida tipologia na cidade necessitou diminuir o número de cômodos²⁵⁷. Como foi visto anteriormente, a utilização do porão foi sendo reduzida ou extinta na nova conformação de casa. Na cidade, o sótão que antes abrigava, por vezes, um ou dois quartos para os filhos homens e o restante do espaço livre destinado para secagem de cereais continua a ser um pavimento dentro da empena, porém com função restrita à área íntima. Quanto à localização da cozinha, Posenato afirma que:

O costume da cozinha separada da casa ou ligada a ela por um corredor coberto desapareceu nas novas edificações. Ao invés a cozinha está incorporada ao volume da casa, porém de tal forma que se percebe não sua total assimilação, mas sua agregação²⁵⁸.



Figura 182: Casa em lote semi-rural na área de colonização italiana, com a mesma tipologia das casas urbanas de Galópolis. Casa térrea com a utilização do sótão como segundo pavimento, dentro do volume da empena
Fonte: POSENATO, 1983, op. cit., p. 445



Figura: 183: Casa imigrante no lote urbano, com um pavimento e sótão no volume da empena
Galópolis, janeiro de 2010
Fotografia: Daniela Ketzner Milano

É necessário ressaltar também que as casas de tijolos e as de madeira da vila operária de Galópolis apresentam um programa espacial setorizado por andar de forma semelhante à casa urbana da imigração italiana, no térreo do volume principal, isto é, sala, dormitório do casal e escada íngreme de acesso ao sótão; no volume anexo, também no térreo, cozinha e banheiro²⁵⁹; no sótão, a saber, a escada divide o pavimento em dois dormitórios para os filhos.

²⁵⁷ A maioria das casas da imigração italiana, encontradas em Galópolis possuía um pavimento e um sótão.

²⁵⁸ POSENATO, 1983, op. cit., p. 305.

²⁵⁹ O banheiro anexo à casa é um elemento de inovação em relação às demais casas da região.



Figura 184: Quarto na área de sótão
Rua Félix Spinato
Vila operária de Galópolis, 2006
Fotografia: Daniela Ketzner Milano

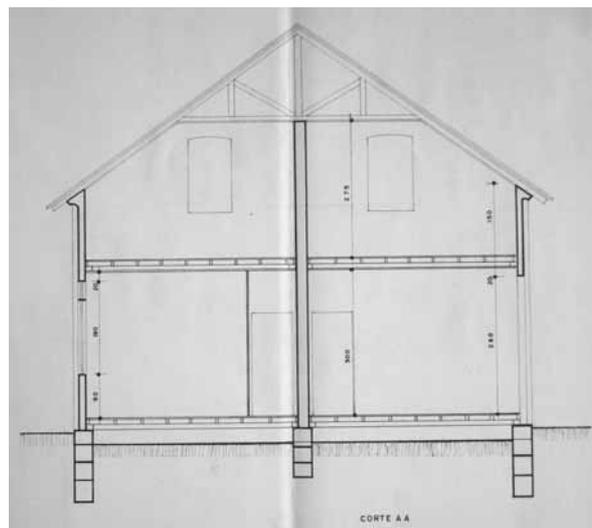


Figura 185: Corte que evidencia o sótão como segundo pavimento na casa de segunda ordem
Vila operária de Galópolis
Fonte: Levantamento do Conjunto Residencial Cia São Pedro
Resp. Téc.: Eng. Juarez Settin
Acervo: Arquivo Sehbe S.A de Galópolis



Figura 186: Quarto na área de sótão
da casa de Dorvalino Mincato
Quarta légua de Galópolis, fevereiro, 2010
Fotografia: Daniela K. Milano

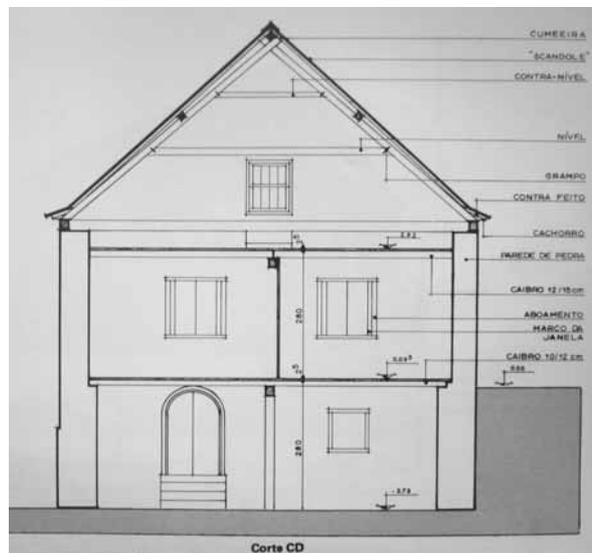


Figura 187: Corte que traz o sótão da casa da Colônia
Fonte: POSENATO, 1983, op. cit., p. 207

A diferença nas plantas baixas entre as duas casas é que na moradia da vila operária de Galópolis foram extintos no térreo os demais dormitórios com exceção do quarto do casal; além disso, o banheiro foi anexado ao volume da cozinha e ao comedor (Figuras 188 e 189).

Assim sendo, a moradia operária transferiu os setores do segundo pavimento da casa da Colônia para dentro do vão do telhado, ou seja, o sótão passou a ter função de pavimento superior (Figuras 190 e 191).

Para o entendimento da setorização, convencionou-se um sistema de classificação para as figuras abaixo, seguindo a classificação por cores: o vermelho representa a área íntima; o amarelo, a circulação; o azul, o setor social e o verde, os serviços e o banheiro (Figuras 188 a 193).

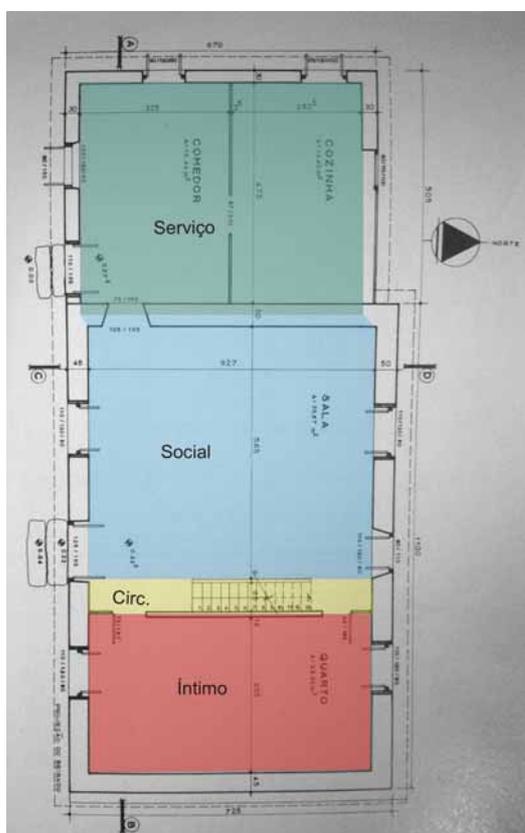


Figura 188: Planta baixa setorizada: pavimento térreo da casa rural da Colônia italiana²⁶⁰ Garibaldi
(Imagem editada pela autora)
Fonte: POSENATO, 1983, op. cit., p. 243



Figura 189: Planta baixa setorizada: pavimento térreo da casa operária de segunda ordem, Galópolis (Imagem editada pela autora)
Fonte: Levantamento do Conjunto Residencial Cia São Pedro
Resp.Téc.: Eng. Juarez Settin. Lanifício São Pedro
Acervo: Arquivo Cia. Sehbe S.A

²⁶⁰ Casa rural composta de quatro pavimentos, porão semi enterrado, térreo, segundo pavimento e sótão. Construção datada de 1901.

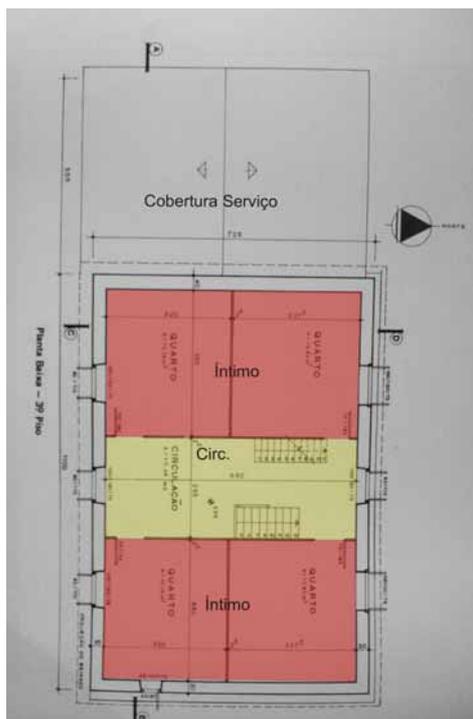


Figura 190: Planta baixa setorizada: segundo pavimento da casa rural da Colônia italiana Garibaldi (Imagem editada pela autora)
Fonte: POSENATO, 1983, op. cit., p. 244

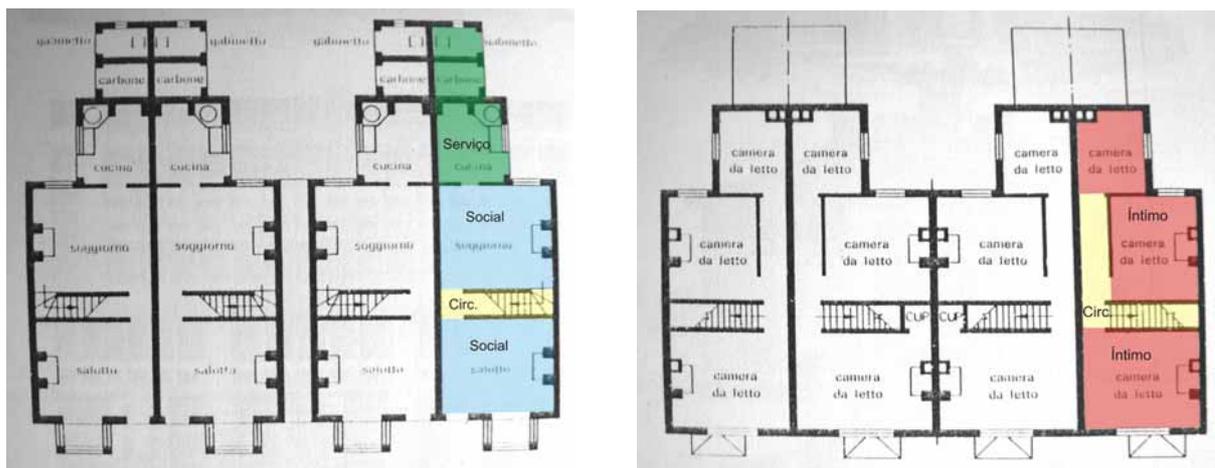


Figura 191: Planta baixa setorizada: segundo pavimento localizada no espaço do sótão Casa de segunda ordem da vila operária de Galópolis (Imagem editada pela autora)
Fonte: Levantamento do Conjunto Residencial Cia São Pedro
Resp.Téc.: Eng. Juarez Settin. Lanifício São Pedro
Acervo: Arquivo Cia. Sehbe S.A

As casas da vila operária de Galópolis também estabelecem alguma relação com a ideologia de casas propostas pela Lei Complementar de 1875, que normatiza o padrão a ser seguido pelos construtores a partir das novas medidas sanitárias impostas na Europa. Esta relação entre o modelo proposto na Inglaterra e a tipologia da habitação do Lanifício São Pedro refere-se à disposição interna, porém está um pouco distante no que diz respeito à ala íntima que se concentra no segundo pavimento.

As plantas das residências da vila operária de Galópolis também poderiam ser interpretadas como um modelo de casa popular brasileira que vinha sendo seguido na passagem do século XIX para o XX, como comenta Goulart Filho: “(...) a parte fronteira abrindo para a rua, era reservada para as salas de visitas. Dispunham-se os quartos em torno de um corredor ou sala de almoço na parte central, ficando cozinha e banheiro ao fundo²⁶¹”. Contudo, a utilização dos quartos dos filhos no espaço do sótão é uma característica tipicamente da Arquitetura italiana no Rio Grande do Sul que as difere de outros exemplares.

²⁶¹ GOULART FILHO, 1970, op. cit., p. 46.



Figuras 192 e 193: Plantas baixas do primeiro e do segundo pavimentos de casas em fileira inglesa, conforme os regulamentos de 1875²⁶²

(Imagens editadas pela autora)

Fonte: BENEVOLO, 1995, op. cit., p. 57

Ainda, a utilização do tijolo aparente como material de construção externo nas casas do Lanificio de Galópolis permeia as duas referências (Figura 198 a 201). Se, por um lado, o emprego do tijolo à vista marcou profundamente a Arquitetura industrial desde as suas origens, “principalmente pelo seu caráter austero e de pouca ornamentação²⁶³”, por outro, representou, apesar de pouco estudado, um material característico da Arquitetura da imigração italiana no Estado (Figura 198), como disserta Bertussi sobre o uso deste elemento nas edificações imigrantes:

Foi freqüente o uso de tijolos domésticos feitos à mão e queimados em fornos improvisados com os próprios tijolos a serem queimados. O tijolo apareceu primeiramente como acabamento dos vãos das aberturas tanto nas laterais como nas vergas e peitoris. Em algumas situações, talvez pela segurança que oferecia, a casa feita de tijolos tinha a cozinha junto ao corpo principal da casa de dormir. (...) A industrialização do material em olarias trouxe as casas de alvenaria de tijolos até o início da década de 1950 ainda com características específicas da região da imigração²⁶⁴.

Por sua vez, a Fabbrica Alta de Schio foi construída inteiramente em tijolos aparentes dentro da linguagem de Arquitetura fabril. Entretanto, as casas do complexo do Novo Quarteirão foram edificadas dentro das exigências do historicismo eclético vigente à época, que, segundo Patetta, representava “uma cultura arquitetônica própria de uma classe burguesa

²⁶² Lei complementar reguladora criada na Inglaterra como método de controle de construção de casas e dos espaços entre elas. São, pois, as leis sanitárias os primeiros instrumentos práticos do Urbanismo moderno.

²⁶³ BONDUKI, 2004, op. cit., p. 63.

²⁶⁴ BERTUSSI, 1977, op. cit., p.131.

que dava primazia ao conforto²⁶⁵”. Sem sombra de dúvida, as casas da vila operária e a fábrica de Galópolis partiram do conceito de uma Arquitetura de formas puras, racionalista e livre de ornamentações – isso, de certo modo, permeia a tipologia arquitetônica da fábrica do Lanificio Rossi (Figuras 194 a 197). A ausência de elementos decorativos na Arquitetura das casas operárias do Lanificio São Pedro não as coloca em posição inferior, pois, como ainda ressalta Patetta, “Foi a clientela burguesa que exigiu (e obteve) os grandes progressos nas instalações técnicas, nos serviços sanitários da casa e na sua distribuição interna²⁶⁶”.



Figura 194: Fabbrica Alta, Lanificio Rossi
Formalismo racional da Arquitetura fabril
Volume retangular encimado por empena
Schio, 1978
Fonte: TRAVI, 1970, op. cit., Anexo 143

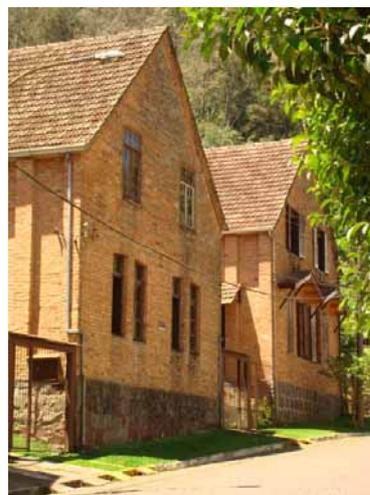


Figura 195: Casa operária de Galópolis
Mantém um diálogo formal com a Arquitetura fabril de Schio
Fotografia: Daniela Ketzer Milano, 2008



Figura 196: Fabbrica Alta, um dos edifícios
Formas ritmadas e equilíbrio da forma
Fonte: TRAVI, 1970, op. cit., Anexo 147



Figura 197: Casas operárias de Galópolis
O mesmo ritmo formal que o exemplar da Figura 196
Fotografia: Daniela Ketzer Milano, 2006

²⁶⁵ PATETTA, Luciano. Considerações sobre o ecletismo na Europa. Milão, 1935. In: FABRIS, Annateresa (org.). **Ecletismo na Arquitetura brasileira**. São Paulo: Nobel, 1987. p. 13.

²⁶⁶ *Ibid.*, p. 13.



Figura 198: Casa da imigração italiana em Linha Machado Deodoro, Veranópolis
POSENATO, 1983, op. cit., p. 273.



Figura 199: Casas de tijolos aparentes Vila Operária de Galópolis, 2009
Fotografia: Daniela Ketzner Milano



Figuras 200 e 201: Casas operárias construídas em fita com tijolos aparentes, em Saltaire na Inglaterra
Principais diferenças das casas operárias de Galópolis:
A Figura 200 expõe uma seqüência de fachadas frontais sem recuo lateral de jardim.
A Figura 201 traz a fachada posterior das mesmas residências sem quintal.
Fonte: Disponível em: < <http://nzgypsyrover.blogspot.com/2009/09/saltaire-world-heritage-site.html>>

Além do uso do tijolo, outros materiais típicos da região do início da colonização foram mantidos no conjunto da vila operária de Galópolis. A base das casas em pedra e o material interno quase que absolutamente em madeira (Figuras 203 a 205) foram características atípicas em outros conjuntos de habitações de trabalhadores da indústria têxtil. As esquadrias e o tipo de telhado também eram pertinentes à Arquitetura da região de imigração italiana. Esse fato é justificado pela dificuldade de acesso a outros materiais e à mão de obra de outras localidades.

Outro elemento marcante típico da Arquitetura da Colônia é a escada íngreme de madeira de um lance só para acesso ao sótão, também presente nas casas operárias em estudo (Figuras 202 e 203). Costa descreve a escada, característica desta imigração:

Uma estreita e íngreme escada de madeira, situada num dos quartos e às vezes na sala, dá acesso ao terceiro pavimento, o sótão, de pé direito reduzido junto às paredes externas mas ampliado pela água-furtada, ou somente formado por esta²⁶⁷.

Embora o projeto tenha absorvido influências externas europeias, foi possível manter a cultura dos materiais locais e o modo de fazer típicos da região.



Figura 202: Escada íngreme de acesso ao sótão do chalé na Colônia Família Zinani, terceira légua, Galópolis
Fotografia: Daniela Ketzer Milano, 2009



Figura 203: Escada íngreme que dá acesso aos dormitórios que se localizam no sótão. Demais materiais de acabamento em madeira
Casa de primeira ordem, vila operária de Galópolis
Fotografia: Daniela Ketzer Milano, 2009



Figura 204: Paredes e teto em madeira
Família Zinani, terceira légua, Galópolis
Fotografia: Daniela Ketzer Milano, 2009



Figura 205: Revestimentos internos em madeira
Casa de primeira ordem, vila operária de Galópolis
Fotografia: Daniela Ketzer Milano, 2009

²⁶⁷COSTA, 1976, op. cit., p. 17.

Apesar de manter vários elementos da Arquitetura da imigração italiana do Estado, o conjunto da vila operária de Galópolis guarda ainda características que em alguns aspectos merecem comparação com os seus antecessores de Schio. A primeira é quanto ao conjunto de casas de quarta ordem, que mantém características mais próximas ao modelo de *casas econômicas* dispostas em fita do Lanifício Rossi²⁶⁸ do que com o próprio conjunto de moradias de tijolos de Galópolis .

Uma destas semelhanças é quanto a morfologia externa dos dois edifícios, que aparece de modo semelhante em bloco único de forma retangular, com esquadrias simetricamente distribuídas. O detalhe das muxetas²⁶⁹ também aparecem em ambas as fachadas, nas direções verticais e horizontais delimitando o espaço e o pavimento que cada unidade habitacional ocupa. O primeiro exemplar apresenta telhado em quatro águas e o segundo em apenas duas; contudo, nos dois casos, as águas caem em direção às fachadas frontal e posterior. Outra semelhança importante e diversa do restante do conjunto das casas de Galópolis é a presença do recuo frontal de jardim, criando uma zona intermediária entre o exterior e o interior (Figuras 206 e 207).



Figura 206: Conjunto com quatro unidades habitacionais, casas de quarta ordem
Vila operária de Galópolis
Fotógrafo: não identificado.
Coleção: Galópolis
Acervo: Setor de Arquivo do IPHAN, RS



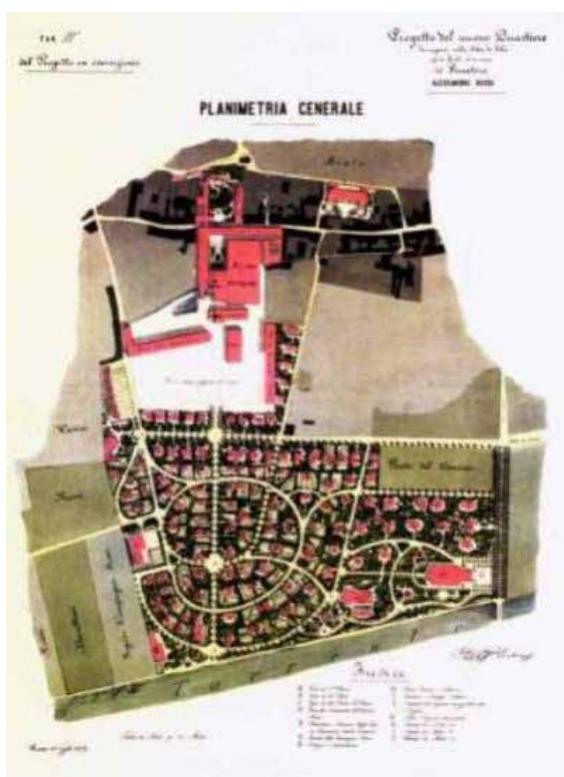
Figura 207: Conjunto com cinco unidades habitacionais denominadas de casas econômicas do Novo Quarteirão, Lanirossi, Schio
Fonte: Disponível em:
<<http://www.schioindustrialheritage.it>> Acesso: maio de 2009.

²⁶⁸ O conjunto de habitações chamadas econômicas do Novo Quarteirão apresenta várias tipologias; contudo, estão sendo apresentadas nesta pesquisa as habitações que possuem elementos que se identificam com as casas da vila operária de Galópolis.

²⁶⁹ Elemento saliente nas fachadas, comumente utilizado ao redor das esquadrias para evitar que a água das chuvas escorra pelas paredes, evitando sua entrada no interior da edificação; assim sendo, também exerce a função de pingadeira. Também tem função de cobrir juntas de dilatação e como marcação e definição de espaços.

Uma outra característica diz respeito à implantação das casas e à importância do meio físico nos dois exemplares. Tanto a vila operária de Galópolis quanto o Novo Quarteirão de Schio foram implantados em uma zona montanhosa rica em vegetação e em uma localidade semi-rural. Ambas atraíram mão-de-obra camponesa oriunda de imigrações. Também, os dois Lanifícios foram introduzidos à beira de rios que vieram a gerar energia eletromotriz para as fábricas e cuja conformação urbana se desenvolveu a partir do crescimento da fábrica.

Vale salientar agora que as casas operárias de Schio foram projetadas dentro do conceito urbanístico da cidade-jardim. Mesmo que o seu projeto original não tenha sido construído de forma integral, vários aspectos formais do partido inicial foram respeitados: as moradias construídas ao longo de uma avenida principal com uma sucessão de praças, as ruas transversais de forma orgânica e diversas casas construídas em meio a um grande jardim (Figuras 208 e 209). Ainda que tenham anexado ao projeto casas econômicas alinhadas em fita, foi possível através dos recursos como recuo frontal e pátio posterior respeitar a implantação de áreas verdes e os aspectos que vinham sendo reivindicados em toda a Europa industrial, como, por exemplo, o sanitarismo, a insolação e a ventilação de todos os ambientes da moradia.



Figuras 208 e 209: Planimetria geral e casas ao redor da praça circundadas por jardins.

Conjunto operário do Lanificio Rossi de Schio

Fonte: TRAVI, 1979, op. cit., Anexos 63-64



Figura 210: Implantação urbana do Lanificio São Pedro, em amarelo; conjunto das casas da fábrica e edifícios complementares que formavam a vila operária, em verde.

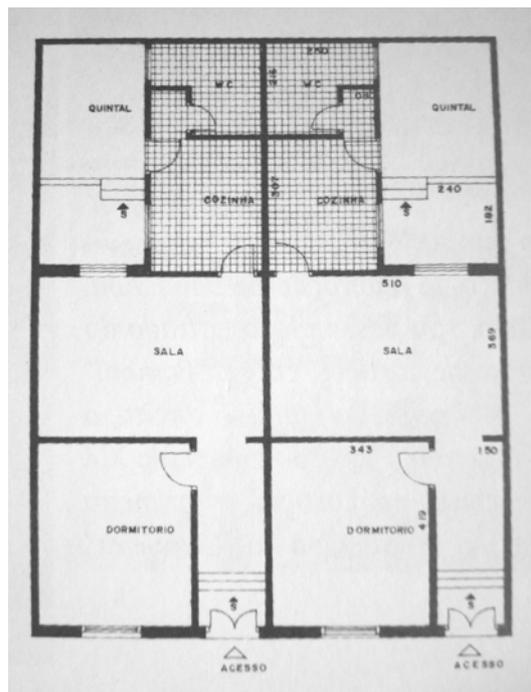
Integração do objeto de estudo com o entorno

Fotógrafo não identificado

Fonte: Acervo Cia. Sehbe S.A

É necessário observar agora que o conceito de *villa*, composta de residências confortáveis para os empregados em uma malha urbana permeada por áreas verdes próximas às fábricas, difundiu-se por toda a Itália em contrapartida ao modelo praticado, principalmente na Inglaterra, de casas organizadas em uma malha urbana densa dentro de um reticulado com extrema regularidade e com o maior índice de aproveitamento do terreno, que visava ao lucro máximo.

Embora no período pós-Revolução Industrial este último modelo de vila operária tenha se difundido largamente no Brasil e principalmente no Estado de São Paulo (Figuras 211, 212 e 213), foi em Galópolis que surgiu a forma diferenciada em relação a maioria dos conjuntos operários do País, mais próxima ao modelo de *cidade verde* implantada na Itália (Figura 210).



Figuras 211, 212 e 213: Vila Economizadora em São Paulo, casas térreas para operários, “cujo aluguel visava lucro”. Apesar do recuo lateral, há o máximo aproveitamento do terreno, um quintal mínimo e apenas um dormitório. Malha urbana extremamente regular e mínima presença de áreas verdes BONDUKI, 2004, op. cit., p. 66-67.

Em menor escala, a vila operária de Galópolis em sua concepção manteve o conceito mais próximo ao modelo italiano do que o construído principalmente no centro do Brasil, no que diz respeito à integração com o entorno (Figura 211). Neste sentido, a criação de uma praça central de convívio trazendo área verde para o meio do conjunto, a utilização de um amplo quintal, o espaçamento entre os blocos de casas e o entorno com ruas de traçado irregular e circundado de mata nativa complementam este panorama.

O ineditismo de um núcleo operário em uma localidade semi-rural com forte cultura da imigração italiana, que absorveu as inovações da habitação industrial européia e ainda manteve os costumes e tradições da região²⁷⁰ em perfeita harmonia, faz de Galópolis um lugar atípico e diferencial, com todos os atributos para se tornar um bem de patrimônio histórico que merece ser preservado.

²⁷⁰ A implantação das casas operárias visou ao fornecimento de habitações amplas, ventiladas, com Arquitetura de qualidade, em que o operário camponês pode através da utilização do “quintal” e de outros elementos de sua cultura cultivar os costumes trazidos dos lugares de origem. Além do módico aluguel, os moradores puderam contar com casas com números de ambientes e tamanhos maiores que os outros exemplares difundidos no Brasil e internacionalmente. As casas de alvenaria ainda contaram com as inovações da época em relação às instalações sanitárias e ao fornecimento de água e de energia custeados pelo Lanifício.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto levou em consideração o problema central que norteou esta pesquisa: os motivos que levaram à formação da vila operária de Galópolis, melhor dizendo, quais foram os modelos arquitetônicos seguidos para a construção das habitações operárias em uma região rural de colonização italiana no interior do Rio Grande do Sul.

Para tanto, o trabalho foi embasado nos conceitos da História da longa duração, o qual teve como princípio a análise dos problemas e das soluções para a moradia operária desde a Revolução industrial, bem como o acompanhamento do movimento imigratório e dos trabalhadores e o estudo de caso da Arquitetura do bairro operário do Lanificio Rossi de Schio, até a implantação e a evolução das casas para trabalhadores do Lanificio São Pedro de Galópolis para que se chegassem aos resultados das diferenças e das semelhanças entre elas.

Quanto aos resultados atingidos, a maior consideração a fazer é sobre a importância que o conjunto arquitetônico representa como parte da História das vilas operárias e da Arquitetura popular no Estado.

O estudo do surgimento da cidade industrial que culminou na formação das vilas operárias, como meio de solucionar o problema da habitação para trabalhadores durante a Revolução Industrial, foi de fundamental importância para elucidar o tema aqui exposto.

Além das inúmeras medidas urbanas e sanitárias, foram realizadas mudanças arquitetônicas para sanar o crescente problema habitacional daqueles habitantes. A análise da evolução das soluções implantadas nas moradias operárias européias no início do século XIX foi, pois, um dos parâmetros para a posterior comparação entre o modelo implantado, principalmente na Inglaterra, com o modelo de Galópolis. Mesmo que algumas vilas operárias tenham sido construídas com a intenção de visar ao lucro mediante o pagamento de aluguel, elas apresentaram ao longo do tempo uma evolução positiva em relação às soluções arquitetônicas dos primeiros modelos.

A preocupação com aspectos de ventilação, de insolação e de individualização dos espaços internos foi, entre outras preocupações, um dos meios de melhoramento das moradias operárias. Dentro desta ideologia, foi projetado o Novo Quarteirão, bairro operário do Lanificio italiano, de onde partiram os primeiros imigrantes que ocuparam os lotes coloniais de Galópolis. A construção das casas para os trabalhadores do Lanificio de Schio foi, de certa forma, o resultado da qualidade que as vilas operárias italianas atingiram. Além de ter sido construída pelo renomado arquiteto Antonio Caregaro Negrin, que seguiu os moldes da

cidade-jardim, isto é, de casas com pátio que apresentavam um nível arquitetônico e ornamental pouco visto em vilas operárias.

Como os moradores das primeiras vilas operárias inglesas do setor têxtil, o operário do Lanerossi também era um ex camponês que exercia o trabalho de tecelão como atividade de renda extra à produção agrícola. Assim sendo, em ambos os casos, a mudança de atividade econômica de que este trabalhador sofreu também representou mudanças nos hábitos e nos modos de morar na nova habitação fabril.

Devido à situação de greve com que se encontravam os operários do Lanificio Rossi, muitos dos que partiram para o Brasil no programa de emigração financiado pelo Governo migraram para Galópolis em 1891. Trouxeram na bagagem a experiência da moradia tanto do bairro operário quanto da moradia camponesa.

Ao fixaram-se nos lotes rurais de Galópolis, buscaram construir as suas casas com as soluções de materiais, de ferramentas e de técnicas construtivas a que tinham acesso. Apesar de não terem encontrado na região a mesma abundância de pedra, elemento construtivo usual tanto na Itália quanto em outras regiões da Serra do Estado, desenvolveram a técnica do uso de outros materiais, como a madeira e o tijolo. Estes fatores contribuíram para a formação de uma Arquitetura com características próprias da imigração italiana local.

A vila operária de Galópolis surgiu a partir do programa de necessidades locais: a dificuldade de escoamento da produção agrícola dos lotes rurais fez com que estes imigrantes tomassem a iniciativa de montar uma cooperativa têxtil, voltada ao antigo ofício da tecelagem. Para a fixação da mão de obra, construíram as primeiras casas para trabalhadores, utilizando as técnicas, materiais a que tinham acesso na Colônia, ou seja, construíram as casas em madeira com tipologia arquitetônica semelhante àquela a que habitavam no lote rural, embora mais compactas.

Ainda que construídas em série, as habitações em madeira perpetuaram alguns usos que os imigrantes trouxeram da Itália para as casas da Colônia, como a utilização de dormitórios para os filhos no sótão. O cultivo da horta e a criação de pequenos animais, estes e outros costumes foram adaptados à nova moradia.

Com a transformação da Cooperativa em Lanificio, houve inúmeras mudanças rumo ao crescimento da fábrica e da vila operária. A inserção da vila operária no contexto histórico do Lanificio foi essencial para o entendimento sobre a evolução das casas operárias, que passaram ao longo do tempo de madeira à alvenaria. Mesmo com a mudança do material construtivo com que as casas passaram a ser construídas, configurando a vila com um caráter

mais urbano, os seus habitantes mantiveram alguns dos costumes da pequena produção de subsistência.

Com a construção das casas de alvenaria de tijolos, a cozinha passou a ser contígua à habitação, porém em um volume de escala menor e com o telhado independente do corpo principal da casa. Este compartimento acompanhou a evolução do fogão, passando a abrigar, mais tarde, além do fogão à lenha, o fogão à gás. Outro compartimento que passou a fazer parte do corpo da casa, neste volume anexo, foi o banheiro. Estas modificações significaram um grande avanço para a época e para uma região que estava recém se urbanizando.

À primeira vista, as casas de tijolos do Lanificio São Pedro parecem ter sido construídas com a finalidade de substituírem as antigas habitações de madeira; contudo, esta imagem se desfaz quando elas são analisadas internamente. Com exceção das paredes das áreas molhadas e da parede que divide as unidades habitacionais, quase todos os materiais de acabamento internos são de madeira. A sensação causada ao observador dentro da habitação é de continuar na antiga casa de madeira da Colônia, principalmente se observada do sótão, devido à inclinação do telhado.

Além do conjunto de casas operárias que compunham a vila operária, outros edifícios contribuíram para a sua formação, que serviram de aporte ao núcleo fabril. Como a prática das atividades em grupo é considerada importante para esta etnia, no caso de Galópolis estas edificações foram criadas, mesmo que indiretamente, para dar continuidade às atividades sociais e esportivas realizadas pelos imigrantes italianos e seus descendentes. A manutenção das tradições formou os elementos articuladores que inseriram o povoado não só no contexto urbano da vila operária como também emprestou um viés comunitário a Galópolis, formada justamente pela ação cooperativista.

Considerando que os moradores de Caxias se deslocavam para assistirem às exhibições de filmes no cinema do Círculo Operário e que o restaurante de sua sede social reunia aos domingos um grande número de pessoas, pode-se concluir que o deslocamento de pessoas do centro urbano para a nova conformação da vila operária de Galópolis representava que a localidade vinha atingindo um grau de desenvolvimento crescente para a época.

Deve-se destacar agora que as primeiras casas de alvenaria para operários que compunham a vila operária de Galópolis foram construídas para abrigar e atrair a mão de obra de mestres estrangeiros. Com o aprendizado do ofício pelos trabalhadores da fábrica, a oferta passou a ser estendida aos demais funcionários; para tanto, foram construídas mais de cinquenta unidades em madeira como complementação às habitações de tijolos, porém sem valor arquitetônico. De um modo geral, as casas da vila operária de Galópolis cumpriram a

função a que foram propostas, isto é, fornecer habitação dentro dos preceitos de conforto ambiental à classe trabalhadora, que precisava morar próxima ao lanifício.

Com a finalização da análise arquitetônica dos quatro modelos de casas operárias de Galópolis, divididos nas categorias de primeira, segunda, terceira e quarta ordem²⁷¹, foi possível concluir que houve um processo evolutivo crescente, no que diz respeito à qualidade dos materiais e ao conforto se comparadas as casas de madeira. Entretanto, ao realizar a análise comparativa entre as habitações de primeira e segunda ordem em relação às de terceira ordem, é possível reconhecer a qualidade decrescente ao que se refere ao tamanho das ambientes e a altura das edificações. Este último exemplar também apresentou maior simplicidade para a solução estrutural em relação aos anteriores.

No entanto, a diferença mais significativa foi em relação às unidades de quarta ordem em relação às demais: apesar de apresentar uma complexidade formal menos elaborada em termos de fachadas, expôs plantas com soluções evolutivas em relação ao número de cômodos quanto ao tamanho dos mesmos. Apresentou recuo de jardim frontal, *hall*, melhoramento na inclinação do telhado, os dormitórios passaram a ser localizados no segundo pavimento, suprimindo-se assim o sótão e com inovações na área do banheiro.

Em relação à tipologia da casa, sob os aspectos formais do edifício, este é composto por um volume retangular encimado por uma empena voltada para o espaço frontal externo, em cujo compartimento está disposto o sótão destinado a dois dormitórios para os filhos. Esta disposição também foi encontrada nas casas da Colônia italiana bem como em alguns exemplares das casas operárias do Lanerossi. Apesar de o porão ter sido suprimido, a distribuição e a setorização dos ambientes por andar das casas da vila aproximam-se do programa de necessidades das casas da Colônia, cujo andar térreo comporta sala de visitas, dormitório de casal e cozinha com comedor²⁷².

Assim como as casas urbanas da imigração italiana, as habitações em estudo precisaram reduzir o programa habitacional para se adaptar ao tamanho do lote urbano. Se comparada com outras vilas operárias, é possível constatar que o número de dormitórios das moradias – três a quatro dormitórios – é superior àquelas. Enquanto as habitações de Galópolis possuíam de três a quatro quartos, as moradias do bairro operário de Schio

²⁷¹ Como assim foram denominadas as casas operárias do Lanifício São Pedro, de acordo com a tipologia a que pertenciam.

²⁷² Nomenclatura dada na bibliografia sobre a Arquitetura italiana no Rio Grande do Sul para o espaço destinado à mesa de refeições, atualmente denominado de jantar. Este ambiente da residência pode estar integrado com a cozinha ou pode ser um compartimento independente desta última.

apresentavam de dois, a três dormitórios; em contrapartida, na região Sudeste do Brasil, eram comuns unidades de apenas um aposento de dormir.

Na análise comparativa quanto ao uso dos materiais construtivos, chegou-se às seguintes conclusões: uma delas é o uso do tijolo aparente que foi utilizado desde as primeiras habitações da Revolução Industrial, como material característico da Arquitetura industrial racionalista. Apesar de aquele ter sido empregado em outras vilas operárias da Itália, no Lanificio Rossi, a sua utilização ficou restrita ao prédio da fábrica. Na Arquitetura da imigração italiana do Rio Grande do Sul, o material, ainda que aparecendo com menos frequência, é considerado típico desta colonização. Em contrapartida, um dos fatores que torna o conjunto das casas operárias de Galópolis atípico está relacionado à utilização da madeira, pois, durante o desenvolvimento da pesquisa, não foi encontrado nenhum exemplar de vila operária em que as casas fossem construídas com este material e tampouco que tivessem sido edificadas em tijolos com o material interno em madeira.

O modelo formal e ritmado com que as casas operárias de Galópolis foram dispostas nos lotes, alinhados ao eixo da rua, sem recuo frontal, tem estreita relação com as casas operárias inglesas do século XIX; no entanto, o sistema também foi utilizado na implantação de casas unifamiliares, em cidades de imigração italiana, como, por exemplo, Antônio Prado. O diferencial do modelo em estudo em relação ao modelo inglês refere-se aos recuos laterais e ao pátio. Este sistema é próximo ao conceito de casas com jardim – princípio utilizado na construção das casas econômicas do Lanificio Rossi –, metodologia de implantação que possibilitou a criação de pequenos animais e o cultivo de horta.

Entendendo que o modelo de vila operária de Schio é uma evolução das habitações para trabalhadores do setor têxtil da Inglaterra no período pós Revolução Industrial e que a vila operária de Galópolis, ao ser implantada – provavelmente sem registro de um projeto arquitetônico formal –, adaptou algumas destas características à construção e à cultura local da Colônia, pode-se concluir que o objeto em estudo demonstra uma Arquitetura com características próprias, identificada como Arquitetura fabril da imigração italiana do Rio Grande do Sul.

Vale dizer também que esta análise não se configurou em uma pesquisa exaustiva. Por se tratar de um estudo multidisciplinar, suscita outras investigações tanto no campo da Arquitetura e do Urbanismo quanto na História e em outras áreas do conhecimento. A presente dissertação também poderá auxiliar em outros trabalhos com uma reflexão sobre a utilização para a pesquisa na Arquitetura.

Entre estas, a História Oral abriu um campo novo nesta área, comumente limitada à análise do conjunto arquitetônico do edifício “vazio”. Essa metodologia multidisciplinar descortina um novo olhar para uma Arquitetura humanizada, inserida na História e no meio social. Ela passa a ser vivenciada através da fala e das emoções implícitas tanto no momento da entrevista quanto nas palavras transcritas.

Em Galópolis está situado o único e expressivo Lanifício com vila operária da zona colonial italiana do Rio Grande do Sul, importante para o entendimento acerca das vilas operárias que compõem o patrimônio industrial²⁷³ do Brasil. O aprofundamento do estudo em relação às questões de patrimônio ou uma pesquisa comparativa com outros exemplares de vilas operárias no Estado poderiam ser de grande valia para o conhecimento a respeito do tema.

²⁷³ Embora não seja o tema em questão, é importante salientar que esta é uma área relativamente nova e ainda pouco abordada no Brasil, porém é importante para o conhecimento da Arquitetura industrial de nosso País. O assunto vem sendo alvo de vários estudos e ações principalmente nos países europeus. De acordo com os estudos de Küll: “O interesse pela preservação do patrimônio industrial é relativamente recente, se comparado com a preocupação por outros tipos de manifestação cultural, e deve ser entendido do contexto da ampliação daquilo que é considerado bem cultural. Apesar de haver manifestações incipientes e isoladas voltadas ao legado da industrialização desde o finais do século XVIII, um debate mais amplo e fundamentado sobre o tema se iniciou nos anos 1950 – época em que foi utilizada a expressão *arqueologia industrial* no país – despertado por várias vertentes de Historiografia (social, do trabalho, econômica, das ciências, da técnica, da arquitetura, etc.), com vinculações à Antropologia e Sociologia”. Ver: KÜLL, Beatriz Mugayar. *Preservação do patrimônio arquitetônico da industrialização: problemas teóricos de restauro*. Cotia; São Paulo: Ateliê Editorial, 2008. p. 37-38.

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRAFIA CITADA

ADAMI, João Spadari. **História de Caxias do Sul – 1864-1962**. Caxias do Sul: Editora São Miguel, 1974.

AMATO, Flavia; GOLINI, Antonio. Uno sguardo a un secolo e mezzo di emigrazione italiana. In: DEVILACQUA, Piero (org.). **Storia dell'emigrazione italiana**. v. 1. Partenze. Roma: Donzelli Editore, 2001.

BENEVOLO, Leonardo. **A cidade na História da Europa**. Lisboa: Editorial Presença, 1995.

_____. **Diseño de la ciudad** – el ambiente de la revolución industrial. 3. ed. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1982.

_____. **História da cidade**. 3. ed. 2. reimp. São Paulo: Perspectiva, 2003.

BERTUSSI, Paulo Iroquez. Elementos de Arquitetura da imigração italiana. In: WEIMER, Günter (org.). **A Arquitetura no Rio Grande do Sul**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

BEVILACQUA, Piero; DE CLEMENTE, Andreina; FRANZINA, Emilio (orgs.). **Storia Dell'Emigrazione Italiana**. Roma: Donzelli Editore, 2001.

BONDUKI, Nabil. **Origens da habitação social no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Liberdade, 2004.

BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da Historiografia**: a Escola dos Annales (1929-1989). 3. ed. 2. reimp. São Paulo: Editora da Unesp, 1991.

CENNI, Franco. **Italianos no Brasil**. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

CHEVALIER, Louis. **Labouring classes and dangerous classes in Paris during the first half of the nineteenth century**. Trad. de F. Jellinek. New Jersey: Princeton University Press, 1973.

CHING, Francis D. K. **Dicionário visual de Arquitetura**. 3. tir. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Arquitetura**: forma, espaço e ordem. 3. tir. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

CHOAY, Françoise. **O Urbanismo**: utopias e realidades, uma antologia. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Nas entrelinhas da narrativa: vozes de mulheres imigrantes. **Estudos Ibero Americanos**, Revista do Pós-Graduação em História da PUCRS. Porto Alegre, v. 32, n. 1, 2006.

_____. **O italiano da esquina**. 2. ed. Porto Alegre: Edições Est, 2008.

COSTA, Rovílio. **Antropologia visual da imigração italiana**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brides; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1976.

_____; DE BONI, Luis Alberto. **Os italianos no Rio Grande do Sul**. 3. ed. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul; Correio Rio-Grandense, 1984.

ENGELS, Friedrich. **A questão da habitação**. Belo Horizonte: Aldeia Global, 1979.

_____. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Global, 1985.

FONTANA, Giovanni Luigi. **Paesaggi e patrimoni dell'industria del Veneto**. Padova: Dipartimento di Storia dell'Università di Padova, 2008.

_____. **Schio e Alessandro Rossi**: impreendedorialità, política, cultura e paesaggi sociali del Secondo Ottocento. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1985.

FRANZINA, Emilio. **A grande emigração**: o êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil. Campinas: Unicamp, 2006.

_____. **Il Veneto Ribelle**: proteste sociali localismo popolare e sindacalizzazione. Verona: Gaspari Editore, 2001.

_____. **La transizione dolce**. Storie del Veneto tra '800 e '900. Verona: Cierre Edizioni, 1990.

FROSI, Vitalina Maria; MIORANZA, Ciro. **Imigração italiana no Noroeste do Rio Grande do Sul**: processos de formação e evolução de uma comunidade ítalo-brasileira. Porto Alegre: Movimento, 1975.

GARCIA LAMAS, José Manuel Ressano. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

GIRON, Loraine Slomp; POZENATO, Kenia Menegotto. **Cinemas**: lembranças. Porto Alegre: EST/Suliani, 2007.

GOITIA, Fernando Chueca. **Breve História do Urbanismo**. 7. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1982.

GOULART FILHO, Nestor R. **O quadro da Arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1970. (Debates).

Grande Atlas Universal Ilustrado Reader's Digest. Trad. de Helena Mollo. Rio de Janeiro: Reader's Digest Brasil, 1999.

HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. **Hércules Galló: vida e obra de um empreendedor.** Caxias do Sul: EDUCS, 2003.

_____. **Processo de industrialização da zona colonial italiana.** Caxias do Sul: EDUCS, 1997.

HOWARD, Ebenezer. **Cidades-jardins de amanhã.** 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

KÜLL, Beatriz Mugayar. **Preservação do patrimônio arquitetônico da industrialização: problemas teóricos de restauro.** Cotia; São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

LE GOFF, Jacques. **A História nova.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MANFROI, Olívio. **A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais.** 2. ed. Porto Alegre: Est Edições, 2001.

MASCARELLO, Sônia Nara P. Rego. **Arquitetura brasileira: elementos, materiais e técnicas construtivas.** São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 1982.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral.** 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na História - suas origens, transformações e perspectivas.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

PATETTA, Luciano. Considerações sobre o ecletismo na Europa. Milão, 1935. In: FABRIS, Annateresa (org.). **Ecletismo na Arquitetura brasileira.** São Paulo: Nobel, 1987.

PAULITSCH, Vivian S. **Rheigantz: uma vila operária em Rio Grande.** Rio Grande: FURG, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História da indústria no sul-rio-grandense.** Guaíba: Riocell, 1985.

PEVSNER, Nikolaus. **Origens da Arquitetura moderna e do Design.** 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PISCITELLI, Adriana. **Jóias de família: gênero e parentesco em histórias sobre grupos empresariais brasileiros.** v.1. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2006.

POSENATO, Júlio. **Arquitetura da imigração italiana no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: EST/EDUCS, 1983.

REICHEL, Heloísa J. **A indústria têxtil no Rio Grande do Sul, 1910-1930.** Porto Alegre: IEL/Mercado Aberto, 1978.

SPINATO, João Laner. **E assim eles contavam...** Porto Alegre: Nova Dimensão, 1998.

TAGG, John. **El peso de la representación.** Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2005.

TRAVI, Elisa Mariani; TRAVI, Leonardo Mariani. **Il paesaggio italiano della Rivoluzione Industriale**: Crespi d'Adda e Schio. Bari: Dédalo Libri; Universale di Architettura Diretta da Bruno Zevi, 1979.

TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico**. São Paulo: Nobel; Instituto Italiano di Cultura di San Paolo; Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1989.

_____. **Os italianos no Brasil**. Caxias do Sul: UCS; Ministério das Relações Exteriores da Itália, Embaixada da Itália e Instituto Italiano de Cultura de São Paulo, 2000.

VERONA, Antônio Folquito. A indústria têxtil de Schio e a emigração operária: a quebra do contrato social pelos operários do Lanificio Rossi, de Schio (Itália), numa leitura crítica dos fatos ocorridos entre 1873 e 1891. In: SULIVAN, Antônio (org.). **Etnias e carismas**: poliantéia em homenagem a Rovílio Costa. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 133-195.

WEIMER, Günter. **Arquitetura popular brasileira**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **Arquitetura popular da imigração alemã**: um estudo sobre a adaptação da Arquitetura centro-européia ao meio rural do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado do Curso de Pós-Graduação em História da Cultura do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da PUCRS, 1980.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BATTISTEL, Arlindo Itacir; COSTA, Rovílio. **Assim vivem os italianos**: vida, História, cantos, comidas e estórias. v. 1. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes e Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1982.

_____. **Assim vivem os italianos**: religião, música, trabalho e lazer. v. 2. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes e Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1983.

_____. **Assim vivem os italianos**: a vida italiana em fotografia. v. 3. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes e Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1983.

BILHÃO, Isabel. **Rivalidades e solidariedades do movimento operário**: Porto Alegre 1906-1911. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

BLAY, Eva A. **Eu não tenho onde morar**: vilas operárias na cidade de São Paulo. São Paulo: Nobel, 1985.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Unesp, 2001.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Imigração italiana e História: tendências historiográficas no Rio Grande do Sul. In: Loraine Slomp Giron; Roberto Radünz. (org.). **Imigração e Cultura**. Caxias do Sul: EDUCS, 2007. p. 61-71.

_____; RIBEIRO, Cleodes Piazza Julio (orgs.). **De pioneiros a cidadãos: imagens da imigração italiana no Rio Grande do Sul (1875-1960)**. Porto Alegre: Consulado Geral da Itália no Rio Grande do Sul, 2005.

CORBUSIER, Le. **La ciudad del futuro**. 5. ed. Buenos Aires: Ediciones Infinito, 2003.

CORREIA, Telma de Barros. De vila operária a cidade-companhia: aglomerações criadas por empresas no vocabulário especializado vernacular. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**. Publicação da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, São Paulo, v. 4, p. 83-96, 2001.

_____; GHOUBAR, Khaled. MAUTNER; Yvone. Brasil, suas fábricas e vilas operárias. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP**, São Paulo, n.20, p. 10-32, 2006.

COSTA, Rovílio; GARDELIN, Mário. **Colônia Caxias: origens**. Porto Alegre: Edições Est, 1993.

DE BONI, Luis A.; COSTA, Rovílio. **Far la Mérica**. Porto Alegre: Riocell, 1991.

DUBOIS, Phelippe. Da semelhança ao índice. In: ___. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Papyrus, 1993.

ENGELS, Friedrich. **Sobre el problema de la vivienda**. Buenos Aires: Editora Anteo, 1986.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis; Rio de Janeiro: Vozes, 1991.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

FRANZINA, Emilio. **Storia Dell'Emigrazione Veneto: dall'unità al facismo**. Verona: Cierre Edizioni, 1991.

GIRON, Loraine; HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. **Rovílio Costa: homem, obra e acervo**. Porto Alegre: EST/Suliani, 2005.

_____. **História da imigração italiana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST, 2007.

GOBATO, Celeste. Il colono italiano ed il suo contributo nello sviluppo dell'industria riograndense. In: ___. **Italiani in Rio Grande – Testimonianze di storia umana e civile**. Stampato in RioGrande do Sul, Brasile: Instituto Veneto per i Raapporti con l'America Latina, 1997.

GUIGOU NORRO, Júlio Ariel. **A vila operária na República Velha: o caso Rheigantz - conceito e materialidade**. Dissertação de Mestrado, área de concentração em Arquitetura do Curso de Mestrado em Arquitetura da UFRGS, Porto Alegre, 1997.

GUTIERREZ, Ester; GUTIERREZ, Rogério. **Arquitetura e assentamentos ítalo-gaúchos 1875-1914**. Passo Fundo: UPF e ACIRS, 2000.

KIRSCHENMANN, Jörg C. **Vivienda y espacio público: rehabilitación urbana y crecimiento de la ciudad**. Barcelona: Gustavo Gili, 1985.

KOCH, Wilfried. **Dicionário dos estilos arquitetônicos**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOSSOY, Boris. Construção e desmontagem do signo fotográfico. In: __ **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

LEMOS, Carlos A. C. **O que é o patrimônio**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Fotografia e cidade: da razão urbana lógica do consumo: álbum da cidade de São Paulo, 1887-1954**. Campinas; São Paulo: Mercado das Letras; FAPESP, 1997.

MARCON, Itálico; COSTA, Rovílio. **Imigração italiana no Rio Grande do Sul: fontes históricas**. Porto Alegre/ Caxias do Sul: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana; Editora da Universidade de Caxias do Sul; Apoio: Fondazione Giovanni Agnelli, 1988.

MARTINS, José de Souza. **A aparição do demônio na fábrica: origens sociais do eu dividido no subúrbio operário**. São Paulo: Editora 34, 2008.

MEIRA, Ana Lúcia. **O passado no futuro da cidade**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

MILANO, Daniela Ketzer. **Vilas operárias: o caso de Galópolis**. Monografia de Especialização do Pós-Graduação em Arquitetura Brasileira e Patrimônio Histórico no Brasil. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo PUCRS. Porto Alegre, 2007.

MONDENARD, Anne de. A emergência de um novo olhar sobre a cidade: as fotografias urbanas de 1870 a 1918. **Projeto História: espaço e cultura**. n. 18, 1999.

MONTEIRO, Charles. Imagens sedutoras da modernidade urbana: reflexões sobre a construção de um novo padrão de visualidade urbana nos anos de 1950. **Revista Brasileira de História**, ANPUH, n. 53, v. 27, p. 159-176, 2007.

MORRIS, A. E. J. **História de la forma urbana**. 5. ed. Barcelona: Gustavo Gili, 1995.

MOURA, Rosa Maria Garcia. **Habitação popular em Pelotas (1880-1950): entre políticas públicas e investimentos privados**. Dissertação de Mestrado, área de concentração: História das Sociedades Ibéricas e Americanas do curso de Mestrado em História da PUCRS, Porto Alegre, 2006.

PEREIRA, Luiza Helena. **Habitação popular no Rio Grande do Sul 1890-1930**. Dissertação de Mestrado, área de concentração em Sociologia do curso de Mestrado em Antropologia, Ciências Políticas e Sociologia da UFRGS, mimeo, Porto Alegre, 1980.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades: cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, n. 53, jun. 2007.

ROLIM DE MOURA, Rosa Maria Garcia. **Habitação popular em Pelotas (1880-1950):** entre políticas públicas e investimentos privados. Dissertação de Mestrado, área de Concentração: História das Sociedades Ibéricas e Americanas do curso de Mestrado em História da PUCRS, Porto Alegre, 2006.

ROSSI, Aldo. **A Arquitetura da cidade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VERONA, Antônio Folquito. Pacto social e luta em Schio. **Revista Brasileira de História**, n. 34, v. 17, 1997.

VIANNA, Mônica Peixoto. **Habitação e modos de vida em vilas operárias**. Dissertação de Mestrado, USP, São Paulo, 2004.

WEIMER, Günter. **Arquitetura popular da imigração alemã**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

DOCUMENTOS E JORNAIS

Acervo documental da Paróquia da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário de Galópolis

Ata da Assembléia de constituição definitiva da Companhia Lanificio São Pedro que foi registrada em 28 de maio de 1928 de Cartório de Caxias do Sul, como Público Instrumento registrado em 1934

Acervo: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami

Carta de Guiuseppe Formolo Dalla Vecchia aos pais.

Acervo: Arquivo pessoal de Dorvalino Mincato

Carta do Lanificio São Pedro ao Prefeito de Caxias do Sul de 14 de agosto de 1964, contendo listagem de prédios que constituíam até então a vila operária de Galópolis

Acervo: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami

Contratos Particulares de Compra e Venda de duas residências do Lanificio São Pedro, registrados em 1982

Acervo: Cia. Sehbe S.A.

Levantamento Arquitetônico do Conjunto Residencial de Galópolis de Juarez Settin em 1980.

Acervo: Cia. Sehbe S.A.

Levantamento Arquitetônico do Trabalho de Preservação e Valorização da Paisagem Urbana em Núcleos de Colonização Italiana e Alemã. Executores: MEC; SEC; SPHAN; Fundação Nacional Pró-Memória; Secretaria do Interior; Desenvolvimento Regional e Obras Públicas –

SDO/ Superintendência do Desenvolvimento Urbano e Administrativo Municipal – Surbam; Instituto Gaúcho de Tradições – IGTF. Colaboradores: Prefeitura Municipal de Caxias do Sul/ Gabinete Municipal de Administração e Planejamento – Gamaplan/ Setor de Patrimônio Histórico. Supervisão: Arq. Julio N. B. Curtis. Responsáveis Técnicos: Ana Lúcia Meira, Beatriz Polidoro, Marilice Costi. Assessoramento da proposta urbanística: Arq. Glenda Pereira da Luz. Colaboração: Acad. Maria Cristina Hofer e Sérgio Mojen Marques. 1984
Acervo: Setor de arquivo do IPHAN

Levantamento do Conjunto Residencial Cia. São Pedro. Responsável Técnico: Eng. Civil Juarez Settin de 1980
Acervo: Cia. Sehbe S.A.

Livros das Atas das reuniões do Lanifício São Pedro.
Acervo: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami

Livro das Atas do grupo Sperb S.A.
Acervo: Cia. Sehbe S.A.

Livros de Atas do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de Galópolis
Acervo: Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de Galópolis

Livros Ponto do Lanifício São Pedro
Acervo: Arquivo Histórico João Spadari Adami.

Livros do Tombo da Paróquia da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário de Galópolis.
Acervo: Paróquia da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário de Galópolis

Registro do documento: Acto Constitutivo da “Cooperativa de Consumo São Pedro.
Acervo: Cia. Sehbe S.A.

Reportagem **Jornal Correio do Povo**, Porto Alegre
Autoria de Mário Gardelin publicada em 26 de julho de 1978
Acervo particular de Walter Marchioro.

Reportagens do **Jornal Pioneiro**, Caxias do Sul
Caderno especial, 29 de agosto de 1987.
Caderno comemorativo: Kalil Sehbe 60 anos: o grupo Alfred e sua História, 1927-1987.
Acervo: Cia. Sehbe S.A.

Reportagem do **Jornal Pioneiro**, Caxias do Sul
08 de junho de 2000.
Fio da História
Acervo Paroquial da Igreja Nossa Senhora do Rosário de Galópolis

Reportagem **Jornal Zero Hora**
18 de janeiro de 2001. Fotografia: Roni Rigon
Mão que tecem uma comunidade. Escrita por Fabiane Dal-Ri.
Acervo Paroquial da Igreja Nossa Senhora do Rosário de Galópolis.

ACERVOS FOTOGRÁFICOS

Acervo fotográfico do Arquivo Histórico João Spadari Adami, Caxias do Sul

Acervo fotográfico de Galópolis: Setor de Arquivo do IPHAN. Porto Alegre

Acervo documental da Paróquia da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário de Galópolis

Acervo Cia. Sehbe S.A

Acervo pessoal de Dorvalino Mincato. Galópolis

Acervo pessoal: Rosa Diligenti. Galópolis

Arquivo pessoal Talita Moschen. Galópolis

Arquivo pessoal Wlatter Marchioro. Galópolis

Levantamento fotográfico da autora: fotografias da Terceira e da Quarta Léguas de Galópolis, área urbana de Galópolis, fábrica e casas do conjunto operário do Lanifício São Pedro

FONTES ORAIS

Entrevistados pela autora

Entrevistado: DALL'AGNOLL, Renato. Presidente Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de Galópolis e ex-morador das casas da vila operária.

Entrevistadora: Daniela Ketzer Milano

Local: Galópolis

Data: junho de 2008

Entrevistado: FONTANA, Agostino. Ex-operário do Lanifício São Pedro e ex-morador das casas da vila operária de Galópolis.

Entrevistadora: Daniela Ketzer Milano

Local: Galópolis

Data: março de 2009

Visitas às casas da fábrica com o entrevistado

Entrevistados: MARCHIORO, Walter; MARCHIORO, Maria Lourdes Vial. Ex-moradores das casas da vila operária de Galópolis e trabalhadores do Lanificio Rossi. Neto de imigrante de Schio

Local: Caxias do Sul

Data: junho de 2009

Entrevistado: MINCATO, Dorvalino. Neto de um dos cinco primeiros imigrantes vindos de Schio que fundaram a Società Tevere e Novità.

Local: Galópolis

Data: outubro de 2009

Entrevistado: MOSCHEN, Talita. Ex-moradora das casas da vila operária de Galópolis. Esposa e filha de ex-operário e líder grevista da década de 1930 do Lanificio São Pedro

Local: Galópolis

Data: março de 2009

Entrevistado: PINTO, Edelfina Furlanetto. Ex-moradora das casas da vila operária Rheigantz. Filha de imigrantes italianos, viveu na Itália dos dois aos treze anos de idade; e morou nas casas da fábrica, entre os treze e os vinte e quatro anos de idade.

Local: Rio Grande

Data: maio de 2009

Entrevistados informalmente

Entrevistado: BERTOLOZZO, Domenica Felicita Trentin. Ex-moradora das primeiras casas de madeira para operários do Lanificio de Galópolis. Descrição sobre a casa da Fábrica onde morou.

Local: Galópolis

Data: janeiro de 2010

Entrevista: DELIGENTI, Rosa. Funcionária da Cootegal, neta do fundador do Cinema Operário de Galópolis

Local: prédio da Cia. Sehbe S.A, Galópolis

Data: fevereiro de 2010

Entrevista: RIGON, Ivone N. Rigon. Ex-funcionária da fábrica e moradora das casas de madeira da vila operária, na BR-116

Local: casa operária de Galópolis

Data: março de 2009

Entrevista: SIRENA, Elzira Maria. Atual moradora de uma das habitações de tijolos da vila operária, na Rua Dr. Ismael Chaves

Local: casa operária de Galópolis

Data: março de 2009

Banco de Memória do Arquivo Histórico João Spadari Adami

Entrevistado: MOSCHEN, Antônio Marcelino
Entrevistadores: Gilmar Marcílio, Sônia Storchi e Jovita Galeão
Tema: Indústria – Lanifício São Pedro
Local: Galópolis - Caxias do Sul/ RS
Data: 17 de julho de 1990

Entrevistado: BANBRILLA, Vera
Entrevistadores: Denise Pellini e Sônia Storchi Fries
Tema: Antropologia – História familiar – Giovanni Dal Bosco
Local: Arquivo Histórico João Spadari Adami- Caxias do Sul/ RS.
Data: 01 de outubro de 2007

Entrevistado: FONTANA, Agostino
Entrevistadores: Sônia Storchi e Denise Pellini
Tema: Indústria – Lanifício São Pedro – Lanifício Sehbe – Cooperativa Têxtil de Galópolis
Local: Arquivo Histórico João Spadari Adami- Caxias do Sul/ RS
Data: 20 de agosto de 2008

Entrevistado: MINCATO, Dorvalino
Entrevistadores: Sônia Storchi e Denise Pellini
Tema: Indústria – Lanifício São Pedro
Local: Caxias do Sul/ RS
Data: 19 e 25 de setembro de 2007